

Arquitetura Escolar Paulista

Restau



Capa

Fundo: Prospecção de pintura decorativa da EESG Álvaro Guião, São Carlos
Foto de Carlos Kipnis.

Elevação: EEPG José Inocência da Costa, Matão.

Projeto de Ricoy Torres e Colonelli Consultoria e Projetos S/C Ltda.

Governador do Estado de São Paulo
Mário Covas

Secretária de Estado da Educação
Rose Neubauer

Secretário-adjunto
Hubert Alquéres

Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE

Diretor Executivo/Diretor Técnico
Sami Bussab

Chefe de Gabinete
Maria Teresa Pires Véspoli

Diretor Administrativo-Financeiro
Luiz Carlos Quadrelli (Diretor substituto)

Diretor de Obras e Serviços
Luiz Laurent Bloch

Diretora de Projetos Especiais
Mônica Maia Bonel Maluf

© 1998

Fundação para o Desenvolvimento da Educação
Rua Rodolfo Miranda, 636 Bom Retiro
01121 900 São Paulo SP
PABX (011) 3327 4000 FAX (011) 230 7314
www.fde.sp.gov.br

Arquitetura Escolar Paulista

Restauo

Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE

Organização e Edição

Avany De Francisco Ferreira
Maria Elizabeth Peirão Corrêa
Mirela Geiger de Mello

Colaboração

Hélia Maria Vendramini Neves

Projeto Gráfico e Produção

Victor Nosek

Assistente de Arte

Danilo Henrique Carvalho

Arte Final

Patricia Buglian

Pedro Harris

Produtores Associados Comunicação Visual

Preparação

Beatriz Calderari de Miranda

Revisão de Textos

Márcia Pereira Borges
Ana Cristina Granado Pereira de Almeida

Elaboração e Revisão final dos desenhos

Katia Sano
Renata Carla de Oliveira Vilardi

Apoio Técnico

Antonio Sergio R. B. Naia dos Santos

Secretaria

Maria Cristina Fiume
Maria Cristina de Castilho

Revisão Bibliográfica

Amélia Yaeko Tanaka
Maria Mieko H. Kano

Auxiliar Técnico

Cibele Scutti Santos
Carlos Eduardo Freitas Nunes
Alberto Duque Rosa
Manoel Carlos Jurado

Fotolito e Impressão

Imprensa Oficial do Estado S. A. IMESP

Arquitetura Escolar Paulista

Restauro

organização e edição

Avany De Francisco Ferreira
Maria Elizabeth Peirão Corrêa
Mirela Geiger de Mello

Para lembrar

Manter, preservar e restaurar os prédios escolares são ações que não podem ser dissociadas da política de novas construções, quando o objetivo maior é prover a rede estadual de Educação de condições materiais efetivas para um ensino de qualidade.

Mas o restauro de prédios significativos, do ponto de vista histórico e artístico, extrapola esta obrigação básica e contribui, também, para a preservação da memória das ações governamentais nesta área e para o registro dos caminhos pedagógicos escolhidos.

Num sentido mais amplo, portanto, a preservação integral destes prédios é referência valiosa para se levantar as características reais do sistema educacional paulista, ao longo do tempo. Isto, evidentemente, para não falarmos da óbvia importância estética destas edificações, testemunhos da nossa melhor arquitetura.

A ação da Fundação para o Desenvolvimento da Educação, FDE, neste sentido tem sido afirmativa e muito bem-vinda.

Parte deste trabalho consta do presente volume, com certeza documento e referência não apenas para os profissionais do setor, mas para os interessados em geral.

Que todos possam tirar o melhor proveito desta valiosa experiência.

Mário Covas

Governador do Estado de São Paulo



O começo da história

Um governo exclusivamente de obras novas reflete imaturidade administrativa e descaso com a coisa pública. Infelizmente, na ânsia por resultados eleitorais, muitos administradores deixam-se seduzir por este caminho fácil, embora efêmero, rumo à popularidade.

No entanto, os governantes que têm compromissos concretos com o bem estar e o desenvolvimento da população que representam sabem aliar às obras novas imprescindíveis uma política de manutenção dos prédios públicos e o respeito pelos seus marcos históricos, arqueológicos e artísticos.

Estas obras de prevenção e conservação sempre acabam significando economias substanciais com consertos de emergência, deteriorações e substituições de construções existentes. E refletem a preocupação com o registro do passado e com a memória coletiva, sem os quais pouco se pode edificar corretamente, no presente e no futuro.

A Fundação para o Desenvolvimento da Educação, FDE, tem-se empenhado, nesta administração, em implantar e consolidar uma política conseqüente de manutenção dos prédios escolares. Ao fim dos quatro anos de governo Mário Covas, por exemplo, terá realizado obras de manutenção em cerca de 90% das escolas da rede pública estadual de ensino.

Paralelamente, tem feito um levantamento detalhado dos marcos arquitetônicos e históricos da arquitetura escolar paulista e iniciado restauros capazes de devolver às respectivas comunidades alguns de seus importantes bens culturais.

Esta edição mostra um pouco deste trabalho de restauração do nosso patrimônio imobiliário escolar, inserido num panorama histórico dos períodos mais relevantes da arquitetura paulista neste setor, a partir das últimas décadas do século passado.

Esperamos que estes levantamentos e registros continuem sendo executados, sem interrupções, daqui para a frente, consolidando de vez uma prática que já deveria ser permanente, há muito tempo.

Rose Neubauer
Secretária de Estado da Educação



De onde partir

A arquitetura paulista é referência nacional e desfruta de justo prestígio no exterior. Merece, portanto, atenção e respeito permanentes.

A parte que se refere aos prédios escolares é particularmente bonita e significativa para o nosso patrimônio histórico, artístico e cultural. Desenha os caminhos e as exigências educacionais, no Estado, e registra as diversas tendências arquitetônicas, específicas e genéricas, ao longo dos anos. Um espetáculo para os olhos e uma contribuição valiosa para a história.

Neste contexto, a Fundação para o Desenvolvimento da Educação, FDE, responsável pela construção escolar em São Paulo, não pode estar apenas preocupada com as novas edificações e a simples manutenção do que já existe. Deve se empenhar, igualmente, no levantamento, na restauração e na preservação destes prédios singulares, que revelam a arte e a criatividade dos nossos arquitetos.

É o que faz.

E, agora, registra nesse volume algumas dessas experiências e desses projetos, sobretudo os construídos até o primeiro quarto deste século.

A documentação da evolução da arquitetura escolar, como a que estamos propondo aqui e que, esperamos, seja permanente, é quase inexistente entre nós, mas imprescindível. Ela nos ajuda a construir as futuras escolas e serve de referencial para nossos estudantes de arquitetura.

Faz, ainda, com que acompanhem e entendamos a dinâmica do desenvolvimento das nossas cidades, com as gradativas modificações das localizações das escolas e de seus desenhos, no tecido urbano.

Essa trajetória certamente não foi gratuita e reflete movimentos sociais, econômicos, demográficos e políticos.

Mostra, também, a relevância e a prioridade dada à educação pelas sucessivas administrações públicas, claramente refletidas na arquitetura e na localização dos prédios escolares.

Como se vê, este é um documento valioso, para guardarmos na memória.

Arquiteto Sami Bussab
Diretor Executivo



Sumário

Introdução	15
Histórico	17
Avany De Francisco Ferreira	
Maria Elizabeth Peirão Corrêa	
Mirela Geiger de Mello	

Ramos de Azevedo

Conjunto de Escolas de Itapetininga	36
EEPSG Adherbal de Paula Ferreira / Itapetininga	45
Hélia Maria Vendramini Neves	
EEPSG Peixoto Gomide / Itapetininga	51
Avany De Francisco Ferreira	
Maria Elizabeth Peirão Corrêa	
EEPSG Coronel Fernando Prestes / Itapetininga	55
Hélia Maria Vendramini Neves	
EEPG Marechal Floriano / Vila Mariana	58
Hélia Maria Vendramini Neves	

Victor Dubugras

EEPG Dr. Cardoso de Almeida / Botucatu	62
Claudia Amorim Lacerda Pinto	
José Rollemberg Mello Filho	
Wanderlei Ariza	
EEPG Dr. Júlio Mesquita / Itapira	74
Paulo de Mello Bastos	
EEPSG Coronel Venâncio / Mogi Mirim	78
Antenor Tadeu Bertarelli	

José Van Humbeeck

EEPSG Dr. Alfredo Pujol / Pindamonhangaba	86
Hélia Maria Vendramini Neves	
Rui Tsuyoshi Hara	
EEPG Coronel Joaquim José / São João da Boa Vista	92
Francisco de Paiva Fanuchi	
Marcelo Carvalho Ferraz	
Marcelo Suzuki	
EEPG Dr. Jorge Tibiriçá / Bragança Paulista	100
Antonio das Neves Gameiro	
Helena Saia	
EEPG Ataliba Leonel / Piraju	110
Lêda Maria Brandão de Oliveira	
EEPG José Inocêncio da Costa / Matão	116
Eduardo Argenton Colonelli	
Weliton Ricoy Torres	
EEPG Abílio Manoel / Bebedouro	124
Henrique Bianchini Filho	

G. B. Maroni

EEPG Coronel Francisco Orlando / Orlândia	132
Ernesto Theodor Walter	
Helena Aparecida Ayoub Silva	
Maria de Lourdes Carvalho	

Manuel Sabater

EEPG Vaz Caminha / Iguape	142
Avany De Francisco Ferreira	
Maria Elizabeth Peirão Corrêa	
EEPG Barão de Monte Santo / Mococa	148
Samuel Kruchin	
EEPG Conselheiro Antonio Prado / Barra Funda	158
José Condé Lamparelli	
Pedro Mendes da Rocha	
EEPG Dr. Cesário Bastos / Santos	162
José Eduardo de Assis Lefèvre	
Léa Vitória Lefèvre	

João Bianchi

EEPSG Dr. Flaminio Lessa / Guaratinguetá	170
José Rollemberg Mello Filho	
Wanderlei Ariza	
EEPSG Cardoso de Almeida / Botucatu	180
Luiz Antonio Cambiaghi Magnani	

Carlos Rosencrantz

EESG Dr. Álvaro Guião / São Carlos	188
Anália Maria Marinho de Carvalho Amorim	

Cesar Marchisio

EEPSG Dr. Francisco Thomaz de Carvalho / Casa Branca	202
Mirela Geiger de Mello	

Vilanova Artigas Carlos Cascaldi

EEPG Prof. Jon Teodoresco / Itanhaém	210
Alvaro Puntoni	
Júlio Camargo Artigas	
EEPSG Conselheiro Crispiniano / Guarulhos	216
Abrahão Sanovicz	
Fichas Técnicas	227
Escolas Citadas	231
Bibliografia	232
Créditos das Fotografias	233
Agradecimentos	233

Introdução

A Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE –, subordinada à Secretaria de Estado da Educação, é responsável, entre outras atribuições, pela construção de novas escolas e pela manutenção da rede física escolar do Estado de São Paulo composta, aproximadamente, de sete mil prédios.

Inúmeros edifícios desse patrimônio, produzidos no decorrer dos últimos cem anos, se destacam como significativos e representativos da história da arquitetura escolar paulista, por seu valor histórico, arquitetônico e cultural.

Esta publicação apresenta uma seleção de projetos e obras de restauro de alguns desses prédios realizados pela FDE. Os projetos apresentados são de escolas construídas até 1920, pertencentes à fase pioneira da República, com exceção dos dois últimos, da década de 60, de autoria dos arquitetos Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi.

Vários escritórios de arquitetura foram contratados para elaborar os projetos e aqui apresentam seus respectivos trabalhos. Outros projetos foram realizados na própria FDE.

As obras de restauro foram executadas na maioria dessas escolas, exceto nas da Vila Mariana e da Barra Funda, nesta capital, na de Itapira e na de Itanhaém. Sobre essas é apresentada apenas a documentação de projeto, aguardando momento oportuno de realização das obras.

Apesar de não serem expostos projetos e obras de todos os períodos da construção escolar, é feito um panorama dessa história até meados dos anos 60, destacando os períodos considerados mais representativos. Visando também facilitar a leitura desse conjunto arquitetônico, os projetos de restauro estão agrupados segundo a autoria do projeto original.

Ao longo deste século a produção de edifícios escolares tem sido uma constante, com períodos de maior ou menor intensidade, em função de fatores econômicos ou de demanda, condicionantes dessa produção.

Segundo Vilanova Artigas, “...em cada fase da luta pela educação nacional, constrõem-se escolas cuja arquitetura reflete, talvez melhor que qualquer outra categoria de edifícios, as passagens mais empolgantes de nossa cultura artística; os recursos técnicos que tivemos à disposição; tudo condicionado a um programa nacional de desenvolvimento. Conhecendo estas passagens pode, a arquitetura brasileira, não só valorizar corretamente os sucessos dos pontos nodais de sua história, como escolher caminhos novos”.¹

O estudo sobre a arquitetura escolar, ao identificar os edifícios mais representativos, permite também a iniciativa para a sua preservação possibilitando, às crianças e jovens que ali estudam, a compreensão de nossa história.

Mesmo após a obra de restauro é importante que o prédio permaneça funcionando como escola, ainda que correndo riscos de sofrer depredações. A permanência do seu uso original a conservou até hoje, e é essa mesma permanência que propiciará a educação de seus usuários para o valor desse bem cultural. Diga-se a propósito, trata-se justamente do edifício que permite esse aprendizado: a escola.

Sua conservação foi garantida também por tratar-se de patrimônio público. São edifícios que, apesar do crescimento acelerado de nossas cidades, mantiveram-se intactos se comparados a outros prédios de igual importância cultural já desaparecidos.

Verifica-se que boa parte dos habitantes locais ali estudaram, mantendo com essas escolas grande relação afetiva. A recuperação desses edifícios significa, portanto, não só a possibilidade de conscientização de seu valor para os atuais usuários, como

contribui para a recuperação da memória da própria cidade.

Nesse sentido, a arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima revela que “o prédio escolar se confunde com o próprio serviço escolar e com o direito à educação. Embora colocado no rol dos itens secundários dos programas educativos, é o prédio da escola que estabelece concretamente os limites e as características do atendimento. E é ainda esse objeto concreto que a população identifica e dá significado”.²

É em função do apelo popular contra a demolição da antiga Escola Normal Caetano de Campos situada na praça da República em São Paulo, para as obras de construção da nova estação do metrô, que se realiza a primeira obra de restauro de escola na década de 70, pela já extinta Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo – Conesp –, responsável na época pela manutenção das escolas. Depois, outras iniciativas isoladas ocorreram, permitindo ampliar a necessidade de conhecimento e restauro dessas escolas e estabelecer, paulatinamente, condições para sua realização.

Desde sua criação, a FDE vem desenvolvendo estudos, reunindo importante acervo sobre esses prédios e implantando uma metodologia relativa ao desenvolvimento de projetos e obras de restauro. Pretende garantir com isso que as intervenções nas escolas de interesse histórico e arquitetônico sejam executadas de forma criteriosa, prevalecendo o respeito às suas características originais. Um dos resultados da pesquisa desse acervo foi a publicação do livro *Arquitetura Escolar Paulista: 1890-1920*. A FDE acredita que a divulgação dos projetos e obras de restauro através desta nova publicação – *Arquitetura Escolar Paulista: Restauro* – contribuirá, certamente, para a consolidação dessa sistemática de trabalho.

As escolas mais significativas de cada período da construção escolar são ricos exemplos da cultura e técnica de sua época. A maioria dos prédios construídos durante a Primeira República, por seu valor histórico e arquitetônico, já é considerada bem cultural a ser preservado e protegido por lei, ou seja, foi ou está em processo de tombamento pelo Condephaat – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo. Escolas importantes de outros períodos estão seguindo o mesmo caminho, a medida que é feito o trabalho de identificação e seleção das mesmas.

A Carta de Veneza, um dos documentos que normaliza os procedimentos relativos à preservação de monumentos históricos, expõe que a restauração “visa a conservar e a revelar o valor estético e histórico do monumento. Apoia-se no respeito à substância da coisa antiga ou sobre documentos autênticos e deverá deter-se onde começa a conjectura. Além disso, todo trabalho complementar, verificado indispensável, deverá se destacar da composição arquitetônica e levará a marca de nosso tempo.” Ao referir-se a trabalhos complementares, o documento diz respeito às obras indispensáveis ao atendimento às novas necessidades – introduzidas no espaço interno do edifício ou em ampliações externas –, de forma a atender ao bom funcionamento atual. São obras que deverão, ainda segundo a Carta de Veneza, “integrar-se harmoniosamente no conjunto, embora distinguindo-se dos elementos originais, a fim de que a restauração não

1. ARTIGAS, João Batista Vilanova. “Sobre Escolas...”, in Revista Acrópole nº. 377, São Paulo, 1970, p.10.
2. SOUZA LIMA, Mayumi Watanabe de. “Estado e Movimentos Populares na Construção do Prédio Escolar: Confronto ou Colaboração”, in *Arquitetura e Educação*, Studio Nobel, p.75.

falsifique o documento de arte e de história”. Isto significa que a nova construção deverá mostrar sua contemporaneidade e jamais utilizar recursos de imitações, pois estes seriam falsificações e competiriam com o edifício antigo, este sim objeto de valorização.

Quanto ao uso do edifício, o documento diz que a conservação do monumento “é favorecida quando se atribui a ele função útil à sociedade, utilização essa que não pode alterar a disposição dos elementos que o compõem, nem seu ambiente. É, pois, dentro desses limites que devem ser concebidas e podem ser autorizadas as reformas exigidas pela evolução dos usos e costumes”.

Como já foi dito anteriormente, as escolas gozam de uma situação peculiar, se comparadas a outros edifícios de igual importância, por ter sido mantida a sua função original até nossos dias. Na verdade, elas apresentam característica bastante favorável à sua conservação já que a sala de aula, principal ambiente da escola, praticamente não se alterou nesse quase um século de funcionamento, permitindo seu uso contínuo na forma original.

Geralmente a restauração de edifícios pode ser feita com orientações fornecidas diretamente nas obras, mas para o caso dessas escolas é indispensável a elaboração de projetos. Isto para que os imprevistos sejam reduzidos ao mínimo, tendo em vista que a FDE, como órgão público, deve prever com exatidão os recursos financeiros, ainda na fase de planejamento e contratação das obras. Ainda assim, é inevitável que muitas decisões acabem sendo tomadas no decorrer das mesmas.

Além disso, a demanda por novas salas de aula e os ambientes que devem ser criados nas escolas para o desempenho de atividades que foram sendo incorporadas ao longo dos anos, pela alteração dos modelos educacionais, acarretam muitas vezes intervenções de grande porte e que exigem projetos bastante elaborados.

Além das peças gráficas que normalmente compõem os projetos constam dos mesmos os elementos que subsidiaram a proposta apresentada: o histórico do edifício original; o inventário, isto é, levantamento, identificação, documentação gráfica e fotográfica de todos os elementos construtivos do prédio e as especificações técnicas para recuperá-los.

Na etapa de projeto é feita a prospecção das paredes com a finalidade de detectar possíveis pinturas artísticas e decorativas encobertas. Estas últimas, executadas de modo repetitivo a partir de moldes padronizados, são descobertas em todas as escolas construídas até o início dos anos 30. As prospecções devem ser executadas, sempre por profissionais especializados, independente da decisão de refazê-las.

Após ser devidamente documentada e protegida, a área decapada deverá ser deixada como testemunho das pinturas encontradas. Ainda que existente num pequeno trecho, sob a forma de prospecção, as pinturas decorativas informam ao usuário a ornamentação usual de seu período e que permite, se reconstituída, a recuperação da ambiência original desses espaços.

Com raras exceções, o edifício conserva suas principais

características construtivas e espaciais. Algumas dessas características, entretanto, vão sendo destruídas ao longo dos anos. Já na década de 50 a maioria dos prédios perdeu suas janelas de madeira, substituídas por caixilhos basculantes de ferro. Outros elementos de madeira mais vulneráveis como o forro e o assoalho, também foram sendo substituídos ao longo do tempo e hoje são poucas as escolas que guardam os modelos originais. Mais esporadicamente são vistas situações de perda dos ornamentos de fachada, de fechamento de vãos com alvenaria, ou até de substituição de escadas de madeira sem o devido cuidado. Nesse rol de descaracterizações pode-se citar, inclusive, pequenas intervenções julgadas necessárias para o bom funcionamento da escola e que acabam danificando elementos cuja recuperação torna-se bastante difícil. São exemplos disso a colocação de traves metálicas e cadeados nos batentes e portas, danificando o pinho de riga; a colocação de divisórias e grades, cortando detalhes de rodapé e de cimbalhas do forro; a colocação de fios e tubulações interrompendo ornamentos.

No entanto, o que vêm provocando maior dano à leitura e compreensão da volumetria do edifício antigo são os anexos construídos durante sua história. Na maioria das vezes, essas construções agregadas ao prédio original são de qualidade menor e o comprometem seriamente.

Dependendo do estado de conservação e após uma análise criteriosa dessas construções decide-se, algumas vezes, pela sua demolição e edificação de um novo bloco. Essa nova construção, ao se integrar harmoniosamente com o edifício antigo, manterá relações volumétricas com o mesmo, sem concorrer com ele e valorizando-o na paisagem. Haverá também a necessária relação espacial entre ambos, que se impõe para o funcionamento da escola. As soluções dadas nos projetos de restauro, muitas vezes são emprestadas do antigo galpão de recreio, isto é, são volumes independentes ligados ao prédio antigo por circulações cobertas, funcionando às vezes como cenário para o mesmo.

No edifício propriamente dito, é comum a utilização do porão através do rebaixamento de seu piso. Com isso, a escola ganha mais um pavimento. São introduzidos, então, novos elementos no prédio antigo, como a escada de acesso a esse piso, a ampliação das aberturas existentes, a substituição de pilares intermediários por outras soluções estruturais que impliquem num melhor aproveitamento dos ambientes, o fechamento leve de vãos etc. Todos eles marcados por sua modernidade e destacados dos elementos originais existentes.

Dependendo dos recursos disponíveis a cada momento, serão feitas intervenções de grande porte ou pequenas reformas nessas escolas de interesse histórico e arquitetônico. O importante é que sejam sempre criteriosas, garantindo a permanência de elementos que possam servir de documentos ou modelos para futuros restauros. Quando for possível a escola será totalmente restaurada e devolvida à comunidade a altura do seu significado histórico.

Histórico

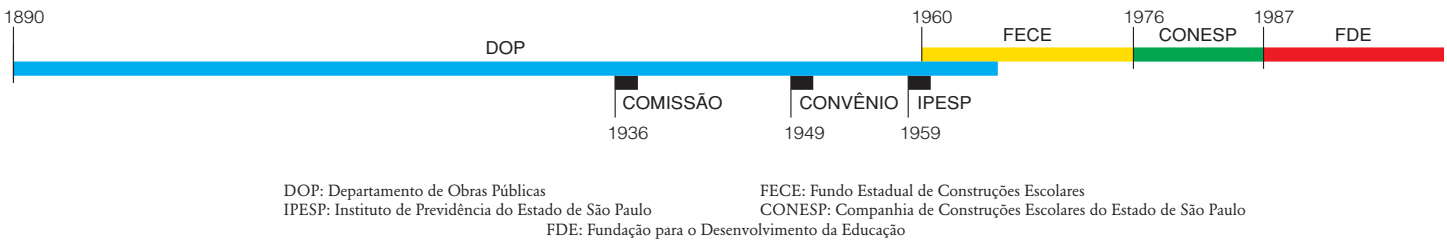
Ao longo desse século, vários órgãos são responsáveis pela construção de escolas públicas no Estado de São Paulo. No gráfico estão indicados os principais deles, quer pela importância de sua produção, quer pelo tempo de atuação do órgão.

O DOP responde por essa atividade entre 1890 e meados dos anos 60.

Nesse período, destacam-se quatro momentos significativos da arquitetura escolar, do ponto de vista da qualidade das obras produzidas e do avanço das propostas arquitetônicas.

Com exceção do período 1890-1920, os demais destacados aqui – da Comissão Permanente nos anos 30, do “Convênio Escolar” no início dos anos 50 e do IPESP na década de 60 –, correspondem a iniciativas pontuais que ocorrem paralelas à produção do DOP.

A leitura da produção desses períodos possibilita uma ampla visão da história da arquitetura escolar.



1890-1920: As escolas pioneiras da República

Com os republicanos no poder, a instrução primária passa a ser defendida como obrigatória, universal e gratuita. Na bandeira dos novos governantes a educação popular e o combate ao analfabetismo são considerados fatores preponderantes de progresso individual e coletivo.

A viabilização do ideal republicano de instrução pública no Estado é possível graças à prosperidade e riqueza produzidas pela cafeicultura paulista, que permitem a intensificação do processo de urbanização e de industrialização. “É quando começam a destacar-se os nossos grandes centros urbanos. A escola é consequência da vida urbana — equipamento da cidade industrial.”³

No quadro da construção civil, a riqueza proveniente do café gera uma intensa importação de materiais e estilos arquitetônicos europeus, assim como atrai mão-de-obra especializada de arquitetos e mestres-de-obra que vem suprir a carência local. Os edifícios construídos para escolas públicas vão refletir essas transformações políticas, econômicas e sociais.

As escolas são construídas na capital e nas cidades do interior que apresentavam um ritmo de crescimento mais acelerado, acompanhando as áreas ocupadas pela cultura do café e pelo sistema ferroviário. Nas cidades elas vão se localizar em pontos destacados, constituindo um marco de referência na paisagem urbana. Segundo Artigas, “...a Escola e o Relógio como que se transformaram em símbolos do ardoroso ideário republicano aparecendo nas praças mais novas em substituição da Igreja e do Cruzeiro”.⁴

A administração do Estado se reestrutura para responder à demanda de escolas e de outras obras públicas. Profissionais em sua maioria estrangeiros são contratados desde os primeiros anos da República para desenvolver os projetos e a construção dessas obras, que ficam à cargo da Superintendência de Obras Públicas, mais tarde denominada Diretoria de Obras Públicas.

No entanto, até o final da primeira década desse século, grande parte dos grupos escolares criados funcionavam ainda em prédios adaptados. Por volta de 1910, ocorre um verdadeiro surto de construções escolares devido a um aumento significativo de verba concedido para esse fim. Além dos municípios do interior, onde havia sido executada a maioria das escolas, a capital do Estado é também beneficiada com a construção de alguns edifícios. Para se ter uma idéia sobre o que esse investimento significou, somente entre os anos de 1910 e 1913, projetam-se mais escolas que nos vinte anos de atividades anteriores. Essa intensidade de produção, no entanto, fica restrita a estes primeiros anos da década sendo retomada somente em 1917, após o final da Primeira Guerra Mundial. De 1914 a 1917 apenas alguns projetos e obras de escolas normais continuam a ser desenvolvidos. Apesar do pequeno número, representaram alto valor de investimento.

Com a mesma ênfase que o governo estadual assumiu a divulgação do ensino primário, preocupou-se também com a formação de professores: em 1920, nove escolas normais haviam sido construídas ou estavam com sua obra em andamento.

Predominará nesse período a utilização de projetos-tipo. A adoção dessa prática de repetição do mesmo projeto em diversas cidades deve-se, sem dúvida, à construção de grande número de escolas em prazos relativamente curtos para o pequeno número de profissionais atuando na Superintendência de Obras Públicas. O uso de porão alto, característica das edificações da época, também contribuía favoravelmente para essa prática, na medida que a altura do mesmo se adaptava às diferentes topografias de cada lote. Independente da padronização das plantas, na maioria dos casos, havia a preocupação em variar o tratamento formal, imprimindo a cada edifício uma identidade própria. Quando o ritmo das

3. ARTIGAS, João Batista Vilanova, op. cit.
4. Ibid.

construções torna-se mais intenso, repete-se a planta do projeto-tipo de autoria de um arquiteto, com fachadas diferentes assinadas por outros profissionais. A simplificação do projeto chega a ponto de ser a altura do porão a única variação de uma escola para a outra, em função do desnível do terreno. Como pode ser visto, a questão da autoria dos projetos nesse momento na Superintendência é bastante relativa.

São edifícios em sua maioria térreos, nos quais a rígida separação dos alunos por sexo – exigida pelo regimento dos grupos escolares – obriga a divisão do prédio em duas alas, uma para meninos e outra para meninas, com acessos independentes e muros que se prolongam até o fundo do lote, separando também os recreios. Para as escolas em dois andares, como é o caso dos edifícios projetados até 1902 e os grandes grupos escolares localizados na capital e nas cidades de maior porte do interior, essa divisão dos alunos é feita por pavimento.

As edificações caracterizam-se, sobretudo, pela simetria da composição, com um programa arquitetônico, no caso dos grupos escolares, composto basicamente de oito salas de aula – quatro para cada sexo – e um reduzido número de ambientes administrativos. O galpão, destinado ao recreio coberto e à ginástica, é uma construção isolada situada no fundo ou nas laterais do terreno, dependendo do formato do lote, ligado ao prédio principal por meio de passadiços cobertos. Os sanitários também são instalados isoladamente, sempre em parceria com o galpão.

O retrato dessas escolas é o mesmo das construções da época, com suas paredes de tijolos autoportantes, o porão alto para ventilar e proteger o piso de assoalho, e a cobertura de telhas de barro tipo francesas, guarnecidas por calhas e platibandas. As paredes se apoiam em sapatas corridas de pedra ou mesmo de tijolos, dependendo da região. No trecho correspondente ao porão alto, a alvenaria de embasamento das paredes internas é em arcos e tijolos aparentes.

A cobertura possui várias águas em função dos recortes da planta e é apoiada em tesouras de madeira. Estas, quando estão à vista como nos galpões, apresentam soluções mais aprimoradas do ponto de vista formal e técnico, inclusive com a introdução de tirantes metálicos. O forro é de madeira, na maior parte dos casos de tábuas superpostas, do tipo saia e camisa, com aeríferos contornando as abas e cimbalhas. Forros de estuque e de madeira tipo macho e fêmea formando desenhos aparecem nas escolas de maior porte.

O espaço das salas de aula é amplo, iluminado e ventilado por janelas colocadas à esquerda dos alunos. Essa correta posição da lousa em relação às aberturas, porém, não se reflete no aspecto da orientação do prédio, que nunca é considerada. As circulações abertas tem pisos de ladrilhos hidráulicos, apoiados em abobadilhas de tijolos e trilhos metálicos, guarda-corpos em ferro trabalhado e cobertura arrematada por lambrequins de madeira rendilhados, conferindo a esse espaço grande leveza.

Ao contrário dos grupos escolares, os projetos das escolas normais são mais elaborados, apresentando maior número de pranchas de detalhamento e maior requinte no cuidado dos acabamentos. Esses edifícios, como já havia ocorrido com a Escola Normal Caetano de Campos da capital, hoje ocupada pela Secretaria Estadual da Educação, e com a de Itapetininga, destacam-se por sua grandiosidade, certamente associada a um programa mais complexo e ao desejo de torná-los marcantes nas paisagens locais. Além dos ambientes comuns aos grupos escolares, possuíam também biblioteca, anfiteatro e laboratórios.

Esses edifícios apresentam uma excelente qualidade construtiva, tendo contribuído para isso os materiais de acabamento utilizados, a maioria deles importado, e a mão-de-obra estrangeira disponível, altamente qualificada. Mesmo os grupos escolares mais simples apresentam bom nível construtivo, se considerarmos que para esses prédios os projetos eram pouco detalhados, sendo a

maioria dos pormenores resolvida diretamente na obra.

Quanto ao aspecto formal, há uma predominância de cheios sobre os vazios, cujas aberturas – verticais e estreitas – são decorrentes da técnica construtiva. Com exceção dos primeiros edifícios construídos até meados da primeira década deste século, todos os outros se enquadram na arquitetura eclética, característica do período. Os primeiros apresentam estilos mais definidos como o neoclássico, o neogótico ou o neoromânico. De maneira geral, a utilização da ornamentação é moderada, propiciando uma aparência bastante sóbria ao prédio.

Certamente os arquitetos que deram início à atividade de projeto de escolas em São Paulo, se valeram dos manuais e publicações técnicas especializadas sobre arquitetura escolar produzidas principalmente nos países europeus. Seus projetos, no entanto, resultaram numa arquitetura própria e adequada às nossas condições locais.

O prédio que inaugura a construção escolar no período republicano, em 1894, é a Escola Normal Caetano de Campos. Constitui o marco inicial dessa nova fase e não por acaso o edifício é implantado em vasta praça, local onde originalmente estava prevista a construção da nova catedral. É um dos primeiros projetos de Ramos de Azevedo para a cidade.

Dois arquitetos dominam a construção escolar pública na última década do século XIX: Ramos de Azevedo (1851-1928) e Victor Dubugras (1868-1933), que vão exprimir sua visão sobre o edifício escolar nos primeiros projetos elaborados no Estado.

Ramos de Azevedo é nesse final de século, o arquiteto de maior notoriedade em São Paulo, respondendo pela autoria dos projetos e construções de importantes obras públicas, nas quais imprime uma escala monumental e a orientação acadêmica recebida em sua formação na Universidade de Gand, na Bélgica. Ser chamado para projetar as primeiras escolas públicas do período republicano reforça o interesse do governo em destacá-las para divulgar sua ação política.

Além da Escola Normal da Capital, Ramos projeta o conjunto de escolas de Itapetininga, a Escola Modelo da Luz e o Grupo Escolar do Brás entre outras escolas. Posteriormente, em 1917, será novamente chamado para projetar um grupo escolar, implantado em quatro bairros da capital, entre eles o da Vila Mariana.

A partir de 1895, Victor Dubugras começa a trabalhar na Superintendência de Obras Públicas. Nascido na França, ele faz seus estudos de arquitetura na Argentina, mas termina por se instalar em São Paulo, em 1891. Contrariamente à opção formal adotada por Ramos de Azevedo, de quem foi colaborador algum tempo, ele é inicialmente partidário dos estilos medievais, cujas características aparecem nas obras de 1895 para as escolas de Botucatu, Piracicaba e Espírito Santo do Pinhal.

Dois projetos de 1896 – Itapira e São Manoel – demonstram a originalidade desse arquiteto, rompendo com parâmetros pré-estabelecidos: opõe-se à regra da simetria da composição, incorpora o galpão no interior do edifício principal em uma das escolas, propõe novas soluções estruturais com tirantes metálicos e trabalha de forma diferente os materiais, pondo-os à vista e tirando partido plástico dessa exposição.

Sua linguagem é revelada pela limpeza dos panos de alvenaria, por valorizar a relação dos mesmos com as aberturas e por evidenciar a posição dos ornamentos. Em Itapira, a exemplo de seus colegas franceses, localiza âncoras metálicas em pontos significativos da estrutura e demonstra a função interna dos ambientes através de formas diferenciadas das aberturas.

Na virada do século Dubugras não estará mais fazendo parte do quadro de funcionários da Superintendência. Os projetos que deixou constituem experiências sempre inovadoras e exemplos únicos de rompimento com as regras vigentes naquele momento.



Escola Normal Caetano de Campos/Ramos de Azevedo.



Grupo Escolar do Brás/Ramos de Azevedo.



Grupo Escolar de Piracicaba/Victor Dubugras.



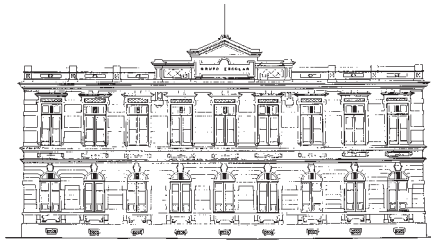
Grupo Escolar de Itapira/Victor Dubugras.



Grupo Escolar de Piracicaba/Victor Dubugras.



Grupo Escolar de São Manoel/Victor Dubugras.



Grupo Escolar de Limeira/José Van Humbeeck.



Grupo Escolar de Lorena/Manuel Sabater.



Escola do Brás/Manuel Sabater.



Escola Normal de Piracicaba/João Bianchi.



Escola Normal de Pirassununga/Carlos Rosencrantz.



Grupo Escolar de Itu/Mauro Alvaro.



Grupo Escolar de Analândia/Mauro Alvaro.

José Van Humbeeck o sucede nos trabalhos da Superintendência e inicia sua atividade adaptando o projeto-tipo utilizado por Dubugras em Botucatu: o edifício em dois pavimentos torna-se mais compacto, perde a leveza e adquire uma vestimenta neoclássica, coroada por platibandas e um frontão central.

Seu nome está associado a uma significativa quantidade de projetos e à autoria das primeiras escolas térreas, cujos partidos, por terem atendido satisfatoriamente ao programa e por terem resultado em construções mais econômicas, serão repetidos com pequenas variações ao longo deste período, tanto pelo próprio autor como por outros arquitetos.

É de sua autoria o projeto para Pindamonhangaba, com pátio interno em torno do qual se desenvolve a circulação coberta avarandada, e outros projetos com plantas mais compactas, que permitiram sua reimplantação diversas vezes em terrenos mais desfavoráveis. O espaço desses últimos se empobrece, perde a amplitude que o pátio lhe proporcionava e a fachada também se simplifica mantendo características ecléticas.

No final da primeira década do século começa a trabalhar na Diretoria de Obras Públicas o arquiteto Manuel Sabater que terá uma produção arquitetônica notável por sua qualidade plástica e espacial. Em 1909 retoma o projeto de pátio interno de Van Humbeeck, ao qual dá outro tratamento volumétrico e o implanta em Mococa e Iguape, entre outras cidades. Em 1911 elabora o belo projeto para a cidade de Lorena, no qual ele aprimora com grande criatividade a solução das circulações abertas. O concreto armado é introduzido nos pilares e nas lajes de cobertura dessas circulações e das varandas de acesso, propostas como terraços. Trata-se da primeira utilização, em escolas, de laje de piso em cobertura.

Nesse mesmo ano elabora o projeto do primeiro grande grupo escolar em dois pavimentos da capital: a Escola do Brás que também é implantado em Santos. Ele adota um partido muito semelhante àquele utilizado em Lorena, mas nesse caso com o pátio interno em dois pavimentos emoldurado por tapagens onduladas de vidros coloridos.

Em projetos como o da Barra Funda e o de Amparo verifica-se uma de suas características: a circulação horizontal do edifício como destaque da composição. O centro ou as extremidades da composição são abertos generosamente na forma de varandas, permitindo a transparência do edifício ao longo de seu eixo. Este espaço é tratado com extrema delicadeza de ornamentos e cuidado com os detalhes, o que demonstra a qualidade de atuação desse arquiteto.

O italiano João Bianchi (1885-1942) formou-se na Escola de Belas Artes de Milão. Após exercer atividade profissional em seu país de origem, chega ao Brasil em 1911 e logo é contratado pela Diretoria. Nesse mesmo ano elabora o projeto para três grandes escolas, nas quais utiliza o *hall* da escada como centro da composição. Esse espaço amplo e de pé direito duplo ganha monumentalidade e transparência que se traduzem numa maior relação entre os pavimentos. Embora adotando o mesmo partido arquitetônico, dá a cada uma delas tratamento formal bastante diferenciado. Na Liberdade utiliza ornamentos da arte floreal, na Lapa moderniza a fachada abolindo platibandas e ornamentações e em Guaratinguetá utiliza elementos da arquitetura historicista.

Em 1913, Bianchi elabora o projeto da Escola Normal de Piracicaba, também implantado em Botucatu. Esse projeto apresenta semelhanças com o grupo escolar de Guaratinguetá, quanto à forma e disposição das envazaduras, e com o da Liberdade na utilização de recursos formais. Em Botucatu, a Escola Normal foi implantada ao lado do grupo escolar projetado por Dubugras em 1895, resultando num conjunto

expressivo na cidade.

Carlos Rosencrantz (1875-1951), nascido e formado na Alemanha, inicia suas atividades na Diretoria em 1911 como desenhista, em 1913 é nomeado arquiteto e lá se aposenta, dedicando toda sua carreira à função pública. Seus trabalhos se destacam pela forma criteriosa no trato dos projetos, desde a implantação até os detalhes de forro e guarda-corpos metálicos, presente nas inúmeras pranchas de detalhamento – incomum aos arquitetos da Diretoria. Suas escolas se sobressaem, ainda, das produzidas no período, demonstrando a qualidade de atuação desse arquiteto.

Entre suas obras destacam-se a Escola Normal de Pirassununga de 1912, cujo aspecto é grandioso e denota a importância atribuída a essa obra pública, e a Escola Normal de São Carlos, de 1913, um dos exemplares mais belos de todo esse século. Esta última não tem a escala grandiosa da escola de Pirassununga, mas preserva sua monumentalidade. A posição da escadaria marcando o eixo de simetria da implantação, o jogo de volumes, a dignidade no trato de seu espaço interno, entre outros recursos sabiamente utilizados, proporcionam essa monumentalidade.

As demais escolas normais projetadas até 1920 são de autoria de Cesar Marchisio para as cidades de Guaratinguetá e Campinas, sendo esta última implantada também em Casa Branca. A planta não se diferencia muito das produções anteriores da Diretoria. Os detalhes de acabamento, no entanto, tornam-se mais simplificados e austeros.

A curiosidade desse período pós-guerra fica por conta do retorno de Ramos de Azevedo em 1917, como autor de um projeto de grupo escolar implantado em quatro locais da capital: Vila Mariana, Perdizes, Bom Retiro e na Avenida Paulista. Os três primeiros têm aparência bastante simplificada, pressupondo a influência das idéias de Ricardo Severo, seu sócio nesse momento, propagador do neocolonial na arquitetura brasileira. Na Avenida Paulista, porém, cartão postal da cidade, ostenta toda uma vestimenta eclética.

Na década de 20 poucas escolas são construídas. São utilizados apenas os projetos-tipo de autoria de Mauro Álvaro de Souza Camargo, implantados em aproximadamente vinte municípios. Formado pela Escola Politécnica na passagem do século, Mauro Álvaro publica em 1920 sete projetos no livro *Projetos de Grupos, Escolas Reunidas e Ruraes* como chefe da Seção de Engenharia do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo. Esse livro demonstra a preocupação com a higiene no Estado, além de inserir padrões sanitários europeus e americanos na concepção do edifício escolar, confrontados com as especificidades de nosso clima.

Os projetos de Mauro Álvaro expressam uma continuidade das técnicas construtivas e das soluções espaciais utilizadas no começo do século. No aspecto formal o edifício se simplifica e se aproxima da linguagem neocolonial. Aparecem os beirais, e os ornamentos se restringem a um pequeno frontão marcando a entrada da escola.

Apesar do arrefecimento da construção escolar nesta década, vivencia-se nesse momento um grande entusiasmo pela educação no país. Movimentos procuram debelar o analfabetismo e difundir a escola primária, transformada em objeto de discussão nacional. Alarga-se o grupo de profissionais interessados nos problemas educacionais, multiplicam-se as publicações sobre o assunto e crescem os congressos, inquéritos e conferências sobre educação.

Do ponto de vista da construção escolar, os prédios executados até 1920 formam um conjunto excepcional: representam até hoje espaços dignos para o ensino e demonstram que os arquitetos que os projetaram – praticamente anônimos –, conseguiram firmar a imagem da escola pública para várias gerações futuras.

1936: A introdução da modernidade nas escolas da capital

Onze edifícios construídos na capital por volta de 1936 se destacam das demais escolas públicas executadas no Estado de São Paulo, pelo avanço e modernidade que apresentam. Esse resultado é consequência da realização de estudos e da adoção de critérios específicos para a construção escolar, após mudanças ocorridas na política nacional a partir de 1930.

O ensino, antes vinculado à outras secretarias e ministérios, passa a ter pasta própria. É de 1930 a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública e, a construção de sua sede própria impulsionada pelo ministro Capanema demonstra a força que ganha a educação no cenário nacional. No Estado de São Paulo, a Diretoria de Ensino, criada nessa época, designa uma Comissão Permanente com profissionais de diversas áreas que será responsável pela elaboração do plano de ação governamental na área da construção escolar.

Para a execução desse plano, a Comissão introduz pela primeira vez no Estado procedimentos de planejamento como a realização de um recenseamento prévio, reestuda critérios ideais e possíveis de funcionamento da escola, elabora diretrizes para os prédios e realiza os projetos em parceria com a Diretoria de Obras Públicas. Os estudos efetuados são publicados, em 1936, no livro *Novos Prédios para Grupo Escolar*, de autoria da Diretoria de Ensino e da Diretoria de Obras Públicas.

A preocupação com a higiene e a desinformação dos alunos a respeito do assunto, já levantada desde o período anterior em função das doenças infecciosas que se alastravam pelo Estado, se concretizam nesse momento no edifício escolar. Ambientes próprios para esse fim são incluídos nos programas: a sala para educadora sanitária, o gabinete dentário e, na capital, os vestiários para o banho diário.

As inovações de programa nos novos prédios não se resumem à questão higiênica. Consideram também a nova perspectiva da educação. As salas de leitura passam a fazer parte de todos os grupos escolares e, com intuito de uma participação maior dos alunos na escola, inclui-se no prédio o auditório-ginásio para abrigar as atividades musicais, teatrais, esportivas e assembléias. Este último ambiente, porém, não é proposto para os grupos escolares do interior, aparecendo apenas nos ginásios, escolas normais e nos grupos escolares da capital. A inclusão desses ambientes no programa indica uma revisão crítica do que se fazia em construção escolar e uma grande investida na criação de meios para a realização das atividades propostas nos novos programas pedagógicos.

A Comissão Permanente estuda rigorosamente o problema da construção escolar produzindo resultados de grande abrangência, com determinações que vão desde a escolha do terreno à fixação das dimensões das janelas da sala de aula.

São projetados onze grupos escolares na capital pela Comissão de Prédios Escolares no final da década de 30, entre eles o Marina Cintra na Consolação, o Godofredo Furtado em Pinheiros e as escolas da Freguesia do Ó e do Tatuapé. Apesar de serem uma minoria diante da produção do DOP para todo o Estado nesse mesmo período, esses projetos apresentam as novas orientações impostas à construção escolar assim como a aplicação das idéias modernas da arquitetura que foram possíveis graças à evolução das técnicas construtivas. Do ponto de vista formal são semelhantes às escolas feitas na mesma época no Rio de Janeiro e em alguns países europeus.

Esses prédios adotam a estrutura de concreto armado para pilares, vigas e lajes nas salas de aula. A laje de concreto já vinha sendo utilizada timidamente nos sanitários e circulações. O avanço da mesma para as salas de aula libera o nível do solo, facilita o

arranjo interno e possibilita o uso de terraços. É assim que alguns projetos vão trazer uma das grandes evoluções no espaço da construção escolar em São Paulo: a liberação do térreo através do uso de *pilotis*. O galpão, que sempre constituiu um volume à parte do prédio escolar, passa a ser incorporado ao mesmo. Até então, todos os edifícios tinham porão alto para proteger os assoalhos de piso da umidade do solo. Com o desenvolvimento da técnica da impermeabilização o piso dos ambientes chega ao solo e passa a existir nos projetos o aproveitamento da declividade do terreno. O terraço descoberto também aparece em algumas escolas, porém, ainda bastante acanhado. A fachada se altera com a utilização do concreto armado: as vergas vencem vãos maiores, as janelas das salas de aula se ampliam e tornam-se horizontais.

No entanto, a utilização do concreto armado é ainda bastante limitada. Aparece nas lajes de piso mas não nas de cobertura e em muitos projetos a alvenaria se mantém autoportante. Além disso, dependendo do tipo de terreno, cada projeto possibilita um partido mais ou menos arrojado do ponto de vista estrutural. Segundo a publicação de 1936, o concreto armado é uma opção cara e necessita mão-de-obra especializada, apesar de apresentar maior durabilidade que a madeira. Esta última, quando utilizada para estruturar o piso é mais conhecida e mais barata para a época.

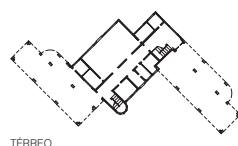
Outro símbolo de mudança será a unanimidade na utilização das esquadrias metálicas, consideradas na época de maior durabilidade.

Prestes Maia elabora um intenso estudo sobre a orientação dos prédios que norteia os projetos de escolas públicas. De acordo com os estudos de Prestes Maia, um dos fatores que passam a definir o partido e a implantação do prédio é a boa orientação das salas de aula. Com isto, o edifício deixa de ser um volume compacto, de salas de aula dispostas com circulação central, para se caracterizar por uma planta estruturada por eixos ortogonais onde a circulação possui salas em apenas um de seus lados. No entanto, não são todos os casos que levam à risca essa orientação devido à restrição econômica imposta à construção da escola pública. O seu uso correto aumentava em 20% o preço da construção, segundo o livro *Novos Prédios para Grupos Escolares*. A maioria das escolas projetadas para a capital por volta de 1936 considera a boa orientação para todas as salas em seu partido arquitetônico, ocasionando uma grande transformação em suas plantas. O mesmo não ocorre no interior.

A escola Congonhas do Campo no Tatuapé é um exemplo da modificação ocorrida nos prédios. O projeto é de José Maria da Silva Neves que, em 1936, implanta o edifício solto dos limites do terreno. As salas de aula voltam-se para nordeste e estão sobre pilotis, deixando o térreo livre para o uso dos galpões.

As plantas, em geral, em forma de “L” ou “U”, agrupam os conjuntos de salas de aula, administrativo e auditório. As escadas, situadas na articulação dos eixos ortogonais de circulação, são amplas e claras. Funcionam como verdadeiros elos de ligação entre os pavimentos.

A função direciona e organiza a composição plástica desses edifícios. O ensino constitui o volume principal, caracterizado pelas aberturas horizontais e regulares das salas de aula, contrastando com as formas verticais das escadas. Frequentemente esse volume tem a forma circular, assim como o volume da entrada principal, que abriga também a administração e a biblioteca. Esse último, mais modesto do que os demais, possui aberturas pontuais e é sempre marcado por algum detalhe que sublinha o abrigo de chegada na escola: aberturas circulares, portas curvas ou marquises de concreto. Alguns desses projetos consideram todas as fachadas na composição, como pode ser visto na escola da Freguesia do Ó, rompendo com a tradição da “fachada principal”.



TÉRREO

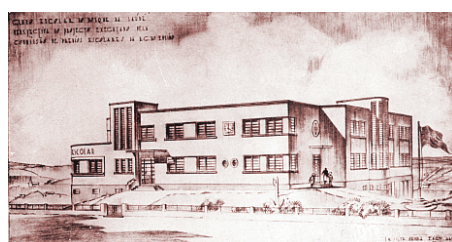


PRIMEIRO PAVIMENTO



SEGUNDO PAVIMENTO

EEPG Visconde Congonhas do Campo/José Maria da Silva Neves.



EEPG Princesa Isabel/José Maria da Silva Neves.



EEPSG Godofredo Furtado/José Maria da Silva Neves.



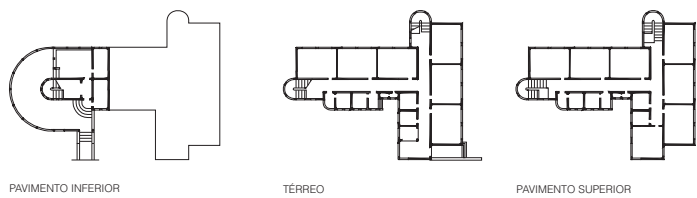
EEPG Princesa Isabel.



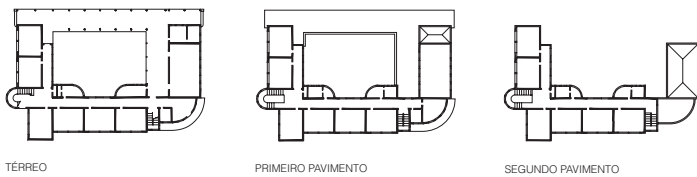
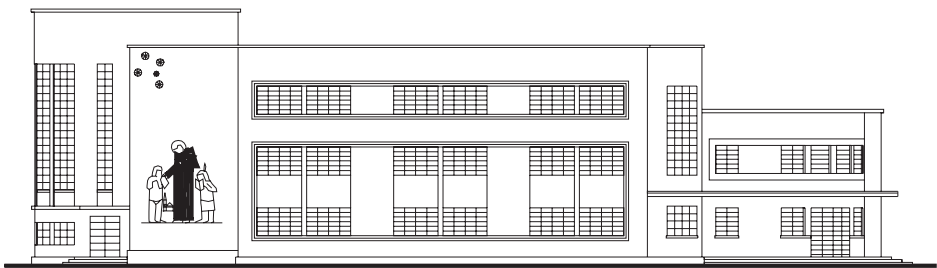
EEPSG Godofredo Furtado.



EEPG Silva Jardim/José Maria da Silva Neves.



EEPG Padre Manoel da Nóbrega/Hernani do Val Penteadó.



EEPG Profª Marina Cintra/José Maria da Silva Neves.



EEPG Princesa Isabel.



EEPG Silva Jardim.



EEPG Profª Marina Cintra.

Os edifícios são compostos por volumes de formas puras e geométricas – a linha, o cilindro, o paralelepípedo – que se compõem ortogonalmente, marcando sobretudo a horizontalidade que, aliada às formas curvas, vão produzir a sensação de movimento. As poucas molduras que existem frisam as linhas horizontais da composição e a sua volumetria. A inexistência de ornamentos dá sobriedade ao prédio e, aliada à opção por formas simples, termina por desenhar claramente o edifício e contribui para evidenciá-lo na paisagem urbana.

O uso de formas cilíndricas, terraços e aberturas circulares faz referência às torres de comando, às escotilhas e aos *decks* de um navio: fascinação da época pelas máquinas. A escola da Freguesia do Ó nos remete a essa imagem, na forma como se insere na cidade: parece um grande navio atracado ao cais, onde a articulação com a rua superior se faz pela pequena entrada, como se fosse a ponte de acesso ao navio. O próprio revestimento utilizado, a massa raspada, contribui para o destaque visual desses prédios. Composta de cimento, areia, mica ou mármore triturado e corantes, essa massa grossa reveste todo o edifício e lhe dá brilho com a luz do sol.

José Maria da Silva Neves, formado em 1922 pela Escola Politécnica de São Paulo, é autor de nove dos onze projetos da capital e defensor da adoção da arquitetura moderna para esses prédios. A escola da Freguesia do Ó, um dos projetos mais notáveis, é de autoria de Hernani do Val Penteadado (1901-1980), formado pela Escola de Belas Artes do Rio em 1933, e responsável pelo projeto do Aeroporto de Congonhas e de outras obras públicas de porte no Estado, sempre como funcionário do DOP.

O conhecimento dos preceitos da arquitetura moderna que vem agitando a produção arquitetônica internacional desde 1925 é evidente e a defesa de seu uso, patente. Esse “clima pelo novo” que se respira na Comissão de Prédios Escolares, da qual faz parte José Maria da Silva Neves, contagia a todos. Há, inclusive, uma surpreendente defesa dos princípios da arquitetura moderna feita pelo professor Sud Mennucci na Conferência da Exposição de Arquitetura Escolar, realizada no Rio em 1934, na qual ele argumenta sobre as vantagens da adoção da arquitetura moderna, preconizada por Le Corbusier, falando dos cinco itens do manifesto lançado por esse arquiteto.

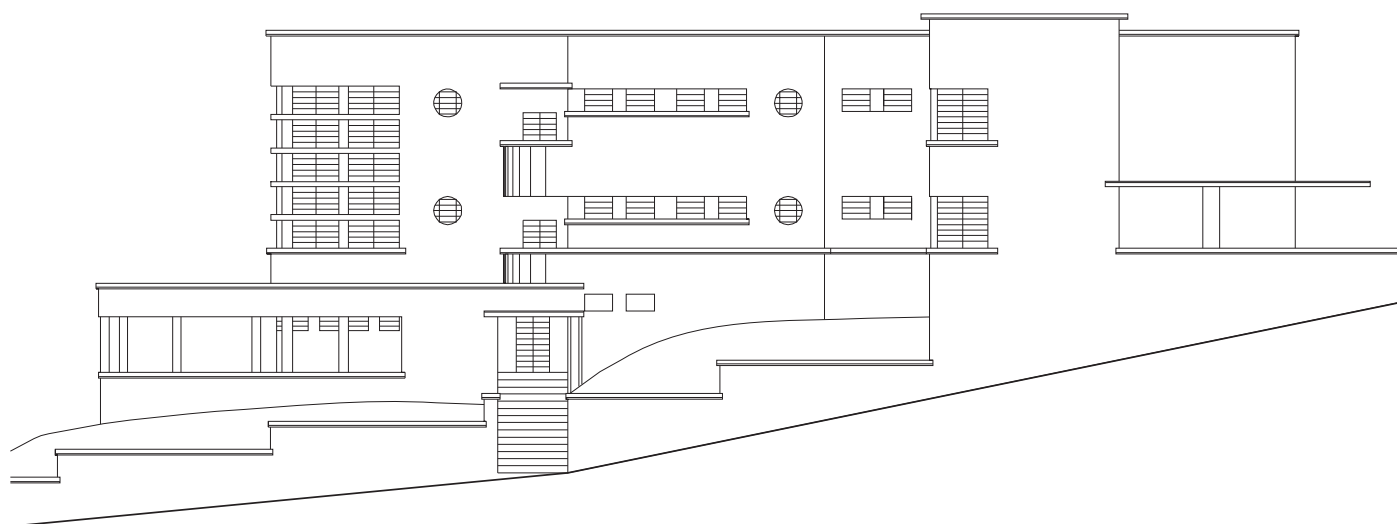
A aplicação dos princípios da arquitetura moderna, contudo, não é rígida e nem há condições técnicas e econômicas nesse

momento, como já foi visto, para sua concretização. A janela horizontal é regra geral. Na escola do Tatuapé, chega a rasgar toda a sala de aula, tendo 6,10 metros de comprimento por 1,50 metros de altura. Porém, os *pilotis*, por exemplo, só aparecem onde o solo permite. E as platibandas dão o caráter moderno à fachada, no entanto, não são vigas de concreto que estruturam o terraço-jardim, mas alvenaria revestida escondendo o telhado tradicional.

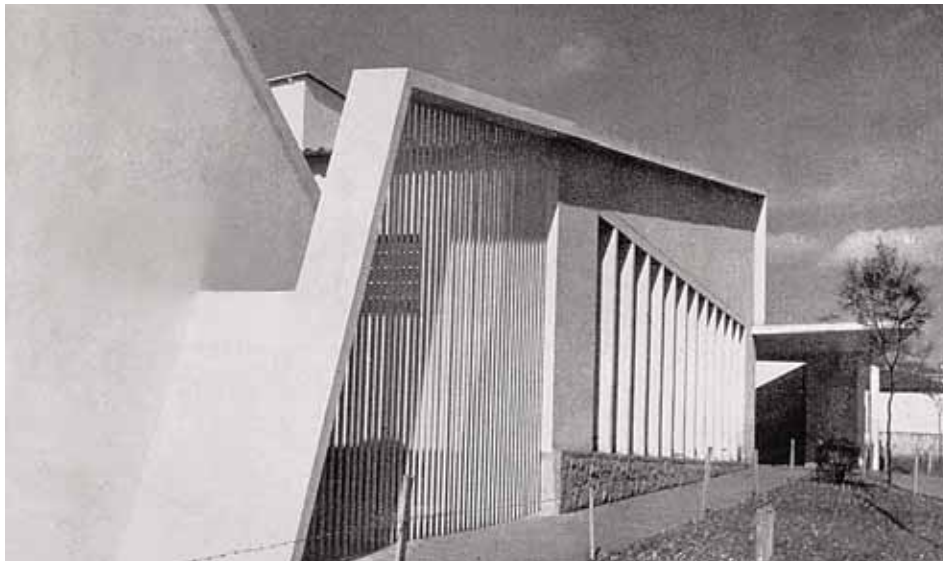
Basicamente, esses edifícios da capital reproduzem as novas orientações sobre a construção escolar elaboradas em 1936 e representam uma mudança substancial nas escolas até então construídas. E de uma maneira geral, constata-se que há uma relação entre a nova proposta de espaço desses prédios com a resposta formal e a técnica construtiva empregadas, demonstrando a modernidade dos mesmos. No entanto, esses edifícios não podem ser classificados como representantes da arquitetura moderna. Situam-se numa transição entre o art-déco e o movimento moderno cuja guinada decisiva será dada com o projeto do Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro, em 1937.

Esse avanço que ocorre com os prédios da capital, não é registrado na produção do DOP para o interior do Estado, onde as escolas são em sua maioria térreas. Nas cidades maiores, encontramos escolas de porte, geralmente em dois pavimentos que se sobressaem na paisagem urbana. Do ponto de vista da técnica construtiva, das propostas espaciais e da linguagem plástica, não ocorre no interior os avanços detectados na capital. O volume tem feições muito singelas e é caracterizado pela regularidade das aberturas das salas de aula. A opção plástica utilizada é a do neocolonial ou a do *art-déco*, sempre restrita à entrada principal, que é usualmente marcada por um frontão onde se concentram os detalhes e ornamentos do estilo adotado. Algumas dessas escolas se sobressaem pela qualidade do projeto e harmonia de sua composição, no entanto, trata-se de um número muito restrito diante dos cerca de quatrocentos edifícios projetados nesse período.

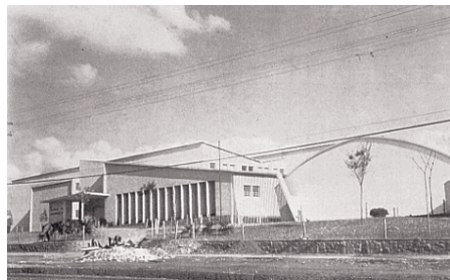
As escolas construídas no interior do Estado atestam as limitações que a realidade impunha do ponto de vista técnico e de falta de mão-de-obra especializada disponível. Todas essas características estão presentes em quase todos os quatrocentos edifícios construídos pelo DOP no Estado ao longo das décadas de 20, 30 e 40, constituindo um pano de fundo para as iniciativas de vanguarda que acontecem pontualmente.



EEPP Padre Manoel da Nóbrega.



EEPG Pandiá Calógeras/Hélio Duarte.



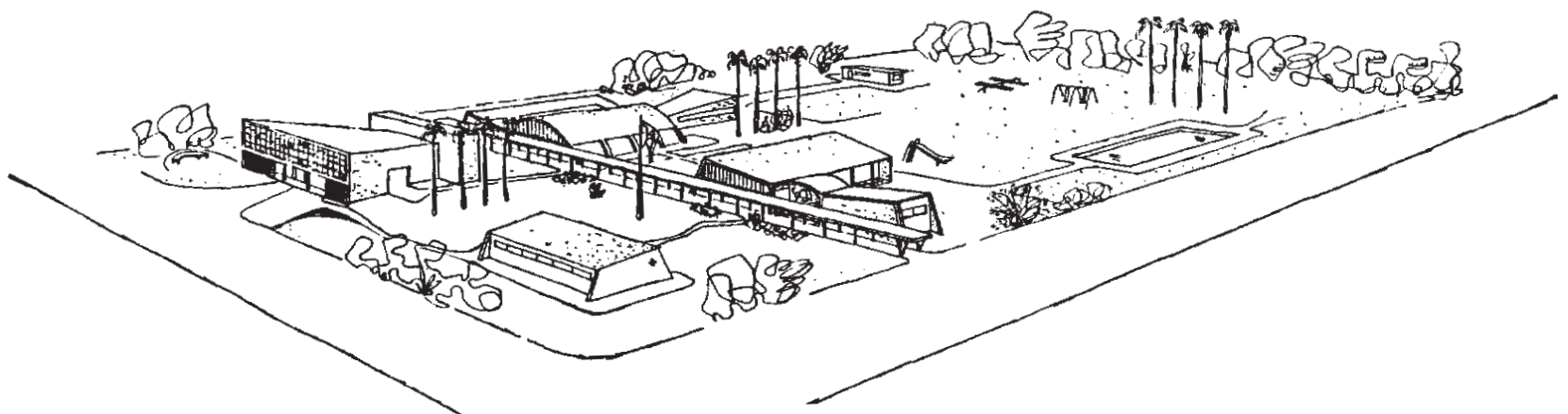
EEPG Pandiá Calógeras.



Parque Infantil/Ernest Mange.



Teatro/Roberto Tibau.



Estudo para Parque Infantil na Vila Pompéia/Eduardo Corona.

1950: O “Convênio Escolar” e a disseminação da arquitetura moderna

Outro momento inovador na história da arquitetura escolar paulista refere-se aos edifícios executados na capital no período compreendido entre 1949 e 1954, conhecido como “Convênio Escolar”. Essas escolas disseminaram a arquitetura moderna em São Paulo, com uma abrangência até então desconhecida no cenário paulistano.

O “Convênio Escolar” foi um acordo firmado entre a Prefeitura Municipal e o Estado, que se uniram naquele momento para dar cumprimento às determinações da Constituição de 1946, que obrigava União, Estados e Municípios a investirem uma porcentagem mínima dos recursos arrecadados na educação primária.

Pelo acordo, a prefeitura se encarregaria de construir prédios escolares para cobrir o *déficit* existente no setor, enquanto o governo estadual ficaria responsável por ministrar o ensino. Além de escolas primárias seriam construídos também edifícios destinados a instituições complementares do ensino básico e de outros níveis de instrução, ou seja, parques infantis, bibliotecas, teatros, centros de saúde, escolas pré-primárias, ginásios, colégios, escolas rurais etc.

Esse acordo só se concretiza quando foi criada, em fins de 1948, a Comissão Executiva do Convênio Escolar, encarregada de viabilizar todas as suas ações: de planejamento, projetos e obras. Cria-se assim uma estrutura semelhante a que havia sido constituída na década de 30. Aliás, a construção de escolas, depois dos anos 50, vai permanecer sempre ligada a órgãos específicos – FECE, CONESP e FDE – justificada pelo grau de especialização necessário para as atividades que envolvem essa área e pela quantidade de intervenções que acontecem simultaneamente.

O arquiteto Hélio Duarte (1906-1989) foi membro dessa Comissão desde o seu início. Nascido no Rio de Janeiro e formado pela Escola Nacional de Belas Artes em 1930, trabalhou em Recife, no Rio e em Salvador antes de se estabelecer em São Paulo, em 1944. Ao ingressar na Prefeitura para fazer parte da Comissão do Convênio Escolar, trazia consigo enorme conhecimento das experiências pedagógicas do educador baiano Anísio Teixeira (1900-1971).

Foi absoluta a liderança que Hélio Duarte exerceu na concepção das atividades do “Convênio” e foi enorme o empenho com que assumiu a missão de equacionar os problemas do ensino em São Paulo.

Como diretor técnico da Comissão estabeleceu novos e importantes rumos às edificações escolares: incorporou princípios e diretrizes em sintonia com propostas educacionais avançadas, já discutidas e implantadas em outros países, e imprimiu novas características ao edifício escolar, projetado de acordo com os princípios da arquitetura moderna.

As atividades e obras do “Convênio” foram relativamente bem divulgadas nas publicações especializadas da época. A revista *Habitat* nº 4, de 1951, dedicada quase que exclusivamente às suas realizações, contém textos, o principal deles do próprio Hélio, que constituem excelente registro das idéias e premissas que nortearam as atividades da Comissão e das atribuições que lhe eram devidas.

Constituída por mais três engenheiros, cabia a ela solucionar o problema educacional na cidade de São Paulo como um todo, ou seja, desde a distribuição e implantação das escolas na malha urbana, em função da demanda existente, até a conceituação e o projeto de unidade escolar com posterior execução das obras.

Ao longo do século XX a população da cidade de São Paulo cresceu de forma vertiginosa: de quinhentos mil habitantes em 1917, passou para um milhão em 1933 e dois milhões em 1950. E praticamente nada havia sido feito em matéria de construção

escolar na capital nas últimas três décadas.

Além do ritmo acelerado e do crescimento desordenado, não existiam dados estatísticos que pudessem auxiliar a Comissão na tomada de decisões, obrigando os seus integrantes a adotar metodologias pouco elaboradas, de acordo porém, com as condições do momento.

Reproduzindo o texto da *Habitat*: “Em primeiro lugar foram visitadas todas as escolas, apontadas e fichadas suas deficiências, sugeridas e anotadas as adaptações e melhorias indispensáveis.

“Como trabalho subsidiário organizou-se um mapa onde, a falta de elementos estatísticos certos sobre a densidade infantil em idade escolar, foi ela calculada, ‘a priori’, contentando-se a Comissão com as pesquisas e informações locais sempre árduas de colher e quase nunca reveladora dos verdadeiros números.

“Duraram os trabalhos preparatórios acrescidos da procura inicial e localização definitiva de novos terrenos para as novas edificações, nada menos de três longos meses, ...”⁵

Tudo deveria ser feito em curto prazo de tempo pois era necessário cumprir rigorosamente a meta estabelecida pela Comissão – equacionar o *déficit* escolar num prazo de cinco anos. Até 1954 – ano em que a cidade de São Paulo comemoraria o IV Centenário de sua fundação – nenhuma criança paulistana ficaria fora da escola. Esse era o objetivo a ser atingido.

Para alcançá-lo, foi estabelecido um plano quinquenal fixando a construção de cem grupos escolares, vinte por ano, além da construção anual de duas bibliotecas infantis, dois dispensários, parques infantis e instituições auxiliares de ensino.

Como a demanda era enorme, a possibilidade de erro na escolha das regiões a serem agraciadas com escolas era bastante pequena, mesmo essa escolha sendo baseada em critérios de planejamento ainda incipientes. E assim, bairros em processo de expansão ou de consolidação – Penha, Vila Mazzei, Vila Ipojuca, Vila Madalena, Vila Clementino, Santo Amaro etc. – vão recebendo seus prédios escolares.

Com o mesmo empenho empregado na solução dessas questões, eram discutidas as propostas de uma nova escola. Tomando-se como parâmetro modelos pedagógicos e experiências européias na área de educação são retomados com intensidade alguns conceitos já introduzidos nas escolas de 1936: a criança como referência central de todas as reflexões e a educação entendida de uma forma mais abrangente, onde atividades complementares da educação formal, as atividades físicas e o bem estar corporal tornam-se aspectos fundamentais da formação do indivíduo.

Tais conceitos vão gerar uma correspondência em termos espaciais e sob essa ótica os espaços da escola serão enriquecidos pela adequação do prédio à escala da criança, por abundância de ar e luz e pela integração com a natureza. Propaga-se inclusive, uma reação ao modelo de escola existente até então, especialmente às características físicas de seus edifícios, considerados responsáveis pelo modelo educacional vigente: atrasado, formal, opressor. Nesse momento, de grande entusiasmo em relação à nova arquitetura, a postura dos arquitetos do “Convênio” é o de criticar com veemência as escolas construídas até então. Não podemos esquecer que essas escolas, das primeiras décadas do século, são belíssimos exemplares arquitetônicos, e que com o passar do tempo, fica cada vez mais evidente sua importância como bem cultural. As escolas projetadas nesse período são hoje símbolos indiscutíveis da arquitetura escolar, eternizados na memória de várias gerações.

5. DUARTE, Hélio. “O problema escolar e a arquitetura”, in Revista *Habitat* nº 4, São Paulo, 1951, p. 4.

Hélio Duarte foi influenciado de forma decisiva por Anísio Teixeira, cujas propostas revolucionárias por ele idealizadas e implantadas em Salvador, enquanto secretário da Educação e Saúde do Estado da Bahia em fins da década de 40, foram acompanhadas pelo arquiteto.

Segundo a proposta de Anísio, o ensino deveria ser ministrado em duas categorias: o tradicional e o complementar. O primeiro, vinculado à atividade básica de ler e escrever e o complementar dedicado às atividades de desenho, música, educação física, educação social etc. Para o desempenho das atividades são propostos dois tipos de edifícios: a escola-classe e a escola-parque, atendendo essa última às várias escolas-classe. Num processo de revezamento contínuo, as crianças freqüentariam essas duas escolas em períodos diferentes. À noite, a escola-parque seria aberta à comunidade, otimizando a sua utilização.

Em São Paulo, Hélio opta por propostas menos ousadas, ciente, com toda certeza, das restrições econômicas impostas às construções do “Convênio”. Com as adaptações necessárias ele viabilizou tais conceitos, uma vez que o “Convênio Escolar” construiu, além de escolas, equipamentos complementares da educação formal – teatros, bibliotecas etc. – colocados à disposição da comunidade. São dessa época os teatros Artur Azevedo na Moóca, o Paulo Eiró em Santo Amaro e o João Caetano na Vila Mariana, os parques infantis entre os quais o da Praça Buenos Aires e a biblioteca pública do Tatuapé.

Introduz também em São Paulo a concepção de escola como equipamento urbano “como fonte de energia educacional, como ponto de reunião social, como sede das sociedades de ‘amigos do bairro’, como ponto focal de convergência dos interesses que mais de perto dizem com a vida laboriosa de suas populações... (e ainda propõe)... reuniões de pais, pequenos bailes, cursos para mães e noivas, pequenas palestras, cinema e teatro educativos, biblioteca, audições de música, teatro de bonecos e jogos. Tudo aí poderia ser realizado.”⁶

Hélio Duarte e um grupo de jovens profissionais vão traduzir espacialmente esse ideário educacional. Eduardo Corona (1921) e Roberto Tibau (1924), arquitetos formados na Belas Artes do Rio, Oswaldo Corrêa Gonçalves (1917) e Ernest Mange (1922) formados na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, vão integrar a Comissão logo após a sua formação.

Esses profissionais vão ser responsáveis pela primeira manifestação do moderno na arquitetura nos edifícios públicos paulistas. A produção do Convênio distingue-se pelo conjunto formado por esses edifícios e não pela importância arquitetônica de cada prédio isolado. As escolas, de modo particular, distinguem-se, também, pela grande quantidade de projetos desenvolvidos em curto espaço de tempo atendendo a um programa específico – o do edifício escolar.

Esse pequeno grupo de arquitetos é autor de uma produção espantosa sem recorrer a padronização. São pouquíssimos os edifícios concebidos dessa forma. O ritmo era intenso. No período entre 1949 e 1950 já haviam sido elaborados trinta projetos para escolas além de outros equipamentos públicos.

Os arquitetos da escola carioca integrantes da Comissão trazem para São Paulo o clima de discussão existente na Belas Artes do Rio, o espírito de grupo imbuído em disseminar a arquitetura moderna e a vivência das experiências arquitetônicas daquela cidade, que desde a década de 30 está produzindo edifícios públicos segundo os princípios da modernidade.

É curioso que a arquitetura do “Convênio”, que veio a se tornar importante marco na história da arquitetura escolar em

nosso Estado, tenha sido realizada por esses arquitetos da escola carioca, uma vez que, em São Paulo, Artigas, Rino Levi e Bratke estavam desenvolvendo na mesma época, competente trabalho profissional sintonizado com a arquitetura moderna. Em São Paulo, ao contrário do Rio, essa arquitetura aparece num primeiro momento nas obras particulares, e somente na década de 50 vai firmar-se como expressão do edifício público. No Rio o processo é inverso. Não é por acaso que isto acontece, pois como sede do Governo Federal, prima por afirmar através dos prédios oficiais sua importância no cenário nacional. A capital do país, muito mais atenta ao panorama da cultura internacional, ao contrário da provinciana São Paulo, vai adotar a arquitetura moderna para os prédios públicos desde a década de 30.

Aliás, o fato do carioca Hélio Duarte ser chamado para dirigir esse trabalho, deve-se certamente a sua trajetória profissional. Trabalhando quase sempre como assalariado, já havia projetado até aquele momento vários edifícios de porte e tinha seu nome associado às experiências educacionais de Anísio Teixeira. Com tal currículo, Hélio compõe o perfil ideal para esse trabalho, chefiando com muita garra essa equipe de jovens profissionais.

As escolas do “Convênio” adotam como solução clássica blocos distintos dispostos de forma ortogonal no terreno, abrigando cada um deles funções específicas – ensino, administração e recreação – conectados por uma circulação externa.

O respeito à escala da criança, a busca de integração entre edifício e natureza tornam-se importantes premissas de projeto, visando concretizar os anseios do universo infantil.

Assim como em 1936, novamente a orientação é enfocada com ênfase. Os blocos das salas de aula quase sempre são em dois pavimentos, voltados para nordeste, fachada que privilegia a insolação das salas, ambiente de longa permanência dos alunos. Aqui os caixilhos são grandes panos de vidro com peitoris baixos. Croquis de Hélio Duarte feitos na época e o depoimento recente de Corona atestam a importância dos grandes panos de vidro em todo pé direito nessa nova escola.

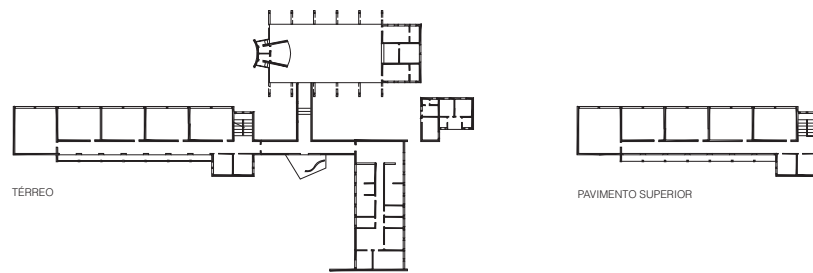
Essa proposta concretizaria de maneira franca a relação do edifício com a natureza, possibilitando um espaço mais sedutor para a criança. No entanto, não conseguiram viabilizá-la integralmente.

O bloco da administração constitui invariavelmente um volume de único pavimento interligado ao das salas de aula. No entanto, possui caixilhos menores, assim como a circulação das salas de aula identificada por parcimoniosas aberturas denunciando a hierarquia de funções do edifício. Esse bloco administrativo é caracterizado também por marquises que indicam seus acessos. Um terceiro bloco destinado à recreação, constitui o galpão abobadado executado em arcos de concreto pré-moldados. A adoção desse galpão em inúmeros projetos certamente deveu-se aos prazos exíguos da execução de projetos e obras. Trata-se provavelmente da primeira experiência de pré-fabricação da arquitetura escolar paulista.

A análise de alguns projetos mostra que essa produção em massa – para os parâmetros da época – de edifícios escolares, não apresenta uniformidade em termos de respostas espaciais.

A maioria dos projetos reproduz basicamente a solução clássica – blocos da edificação correspondentes às três principais funções do prédio escolar – e incorpora a linguagem e os elementos de composição próprios da arquitetura moderna, sem que resulte, necessariamente, numa unidade entre esses diversos aspectos.

6. DUARTE, Hélio, op. cit., p. 5.



EEPG Murtinho Nobre/Hélio Duarte



EEPG Brasília Machado/Hélio Duarte.



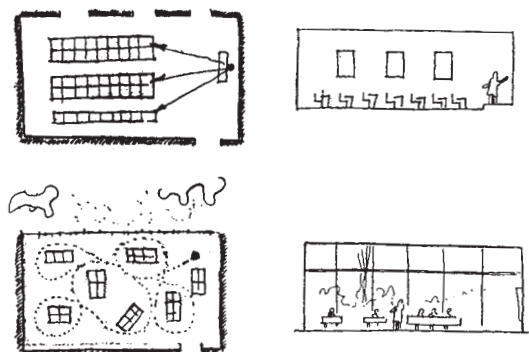
EEPG Prof. J. Carlos Dias/H. Duarte.



EEPG Visconde de Taunay/H. Duarte.

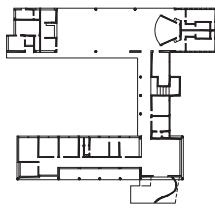
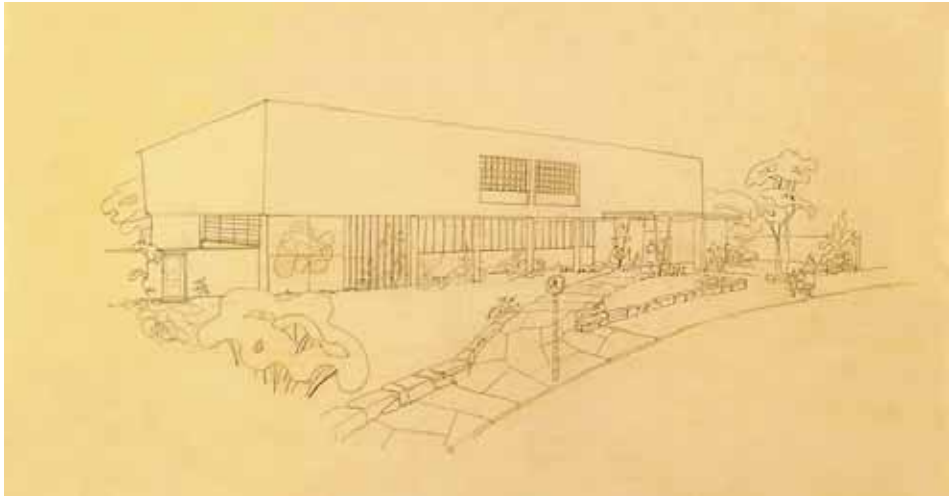


EEPG Prudente de Moraes/H. Duarte.

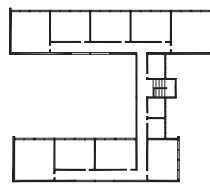


Croquis de Hélio Duarte.





TÉRREO



PAVIMENTO SUPERIOR

EEPG Brasília Machado/Hélio Duarte.



EEPSG Nossa Senhora da Penha/Eduardo Corona.



EEPSG Nossa Senhora da Penha.



EEPG Brasília Machado.



EEPG Brasília Machado.



EEPG Brasília Machado.



EEPG Brasília Machado.

Outros projetos, desenvolvidos com maior liberdade, sem se ater a regras pré-estabelecidas, conseguem resultados que encerram uma síntese. É justamente quando se abandona o uso dos galpões abobadados como elementos obrigatórios e quando se utiliza mais as condições oferecidas pelos próprios terrenos, que surgem edifícios mais coesos e volumes mais elegantes. Nesses projetos é possível englobar todas as funções e trazer para dentro deles a recreação, no espaço dos *pilotis* que sustentam a edificação, outro dogma da arquitetura moderna.

O processo construtivo desses edifícios era o da estrutura de concreto independente, das lajes de tijolo armado, das alvenarias de tijolos para vedação, das coberturas em telhas de fibrocimento usadas como proteção das lajes (proposto em alguns projetos em telha metálica, no entanto executadas em fibrocimento). Certamente a adoção do fibrocimento foi também em função do resultado volumétrico que o uso dessa telha possibilita, graças às suas pequenas inclinações, respondendo aos anseios de volumetria desejados. As telhas de cimento amianto ora são visíveis na fachada com seu perfil ondulado arrematando o volume, ora se escondem atrás de uma pequena platibanda.

Pouco detalhamento e ausência de especificação de materiais de acabamento são características constantes dos projetos, denotando um “fazer apressado” para atender ao ritmo que se impunha. Aparecem ainda de forma restrita as lajes impermeabilizadas usadas nas marquises de acesso e nas circulações externas cobertas.

Os acabamentos de piso eram em tacos de madeira para os ambientes internos, ladrilhos cerâmicos para os sanitários e circulações, escadas de concreto revestidas em granilite e cimentado para o galpão. Os caixilhos são de ferro e a ventilação cruzada das salas de aula é feita com o auxílio de tubos redondos de cimento amianto encrustrados nas paredes. As portas das salas de aula são em embuia envernizada ao invés de coloridas,

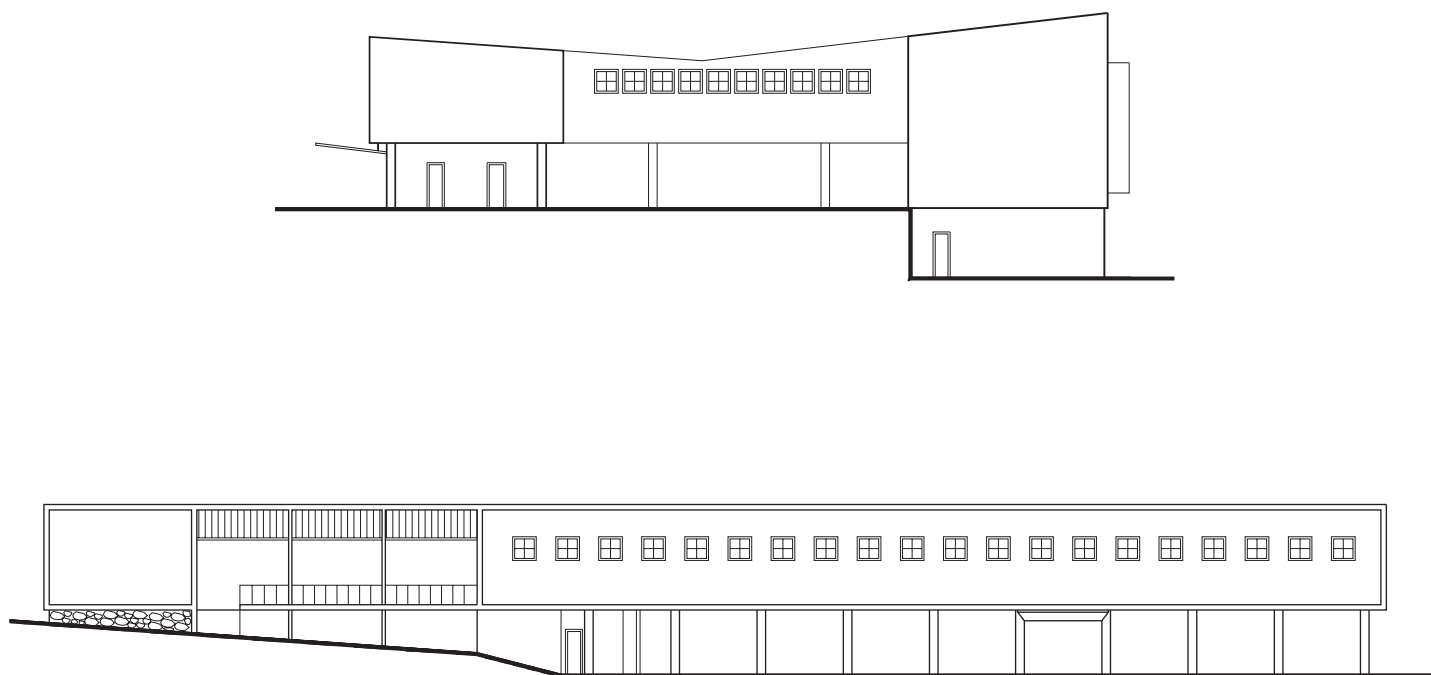
contrariando o desejo dos arquitetos que foram desencorajados pelos funcionários da Engenharia Municipal, segundo depoimento de Eduardo Corona.

Nas escolas do “Convênio” as atividades recreativas e de esportes acontecem ora sob coberturas abobadadas, ora sob *pilotis* – dois elementos característicos dessa arquitetura, bem como os volumes horizontais rasgados de fora a fora pelos caixilhos interrompidos apenas pela estrutura, que abrigam as salas de aula.

Predominam também nesses edifícios, as coberturas com dupla inclinação e que nos remetem a uma volumetria marcante – conhecida como “asa de borboleta” – inspirada no edifício do Iate Clube da Pampulha de Oscar Niemeyer, projetado entre 1942 e 1943.

Esses elementos de linguagem tornam-se símbolos dessa arquitetura, facilmente assimilados e reproduzidos em inúmeros projetos do período. Outros componentes do vocabulário da arquitetura moderna estão presentes também nesses edifícios: os brises horizontais ou verticais executados em lâminas de concreto; o janelcret, elementos vazados de concreto, usados nas circulações, e nos halls de acesso iluminando esses ambientes com muita intensidade; os tubos de ferro de quatro polegadas usados em “V” como pilaretes ou como “cortinas” verticais de aparência esbelta, dispostos em seqüência, um muito próximo do outro, dando um ritmo à composição; painéis de fechamento com furos circulares.

Nesse momento a cidade de São Paulo se prepara para as comemorações do IV Centenário e o Parque Ibirapuera está sendo projetado por um grupo liderado por Oscar Niemeyer. A arquitetura moderna expressa nas escolas e nos edifícios do Ibirapuera certamente ficará associada a esse momento ufanista pelo qual passa nosso Estado. Essa nova linguagem irá se popularizar na arquitetura residencial de classe média, tanto na capital como no interior, e ficará conhecida como “arquitetura dos anos 50”.



EEPSG Pedro Alexandrino/Eduardo Corona.

1960: O impulso renovador das escolas do IPESP

No início da década de 60 o Instituto de Previdência do Estado de São Paulo – IPESP chama um grande número de arquitetos para projetar escolas para a rede estadual. Esses edifícios são marcos significativos da arquitetura paulista, cuja referência decisiva foi, sem dúvida, alguns projetos de Vilanova Artigas.

O final dos anos 50 – os anos JK – foram marcados pelo otimismo gerado pelo crescimento econômico do país, coroado pela concretização de um sonho maior: a construção de Brasília.

Em São Paulo, os resultados da política desenvolvimentista do governo federal são visíveis e, já por volta de 1955 é previsível um surto de expansão industrial. Medidas como a ampliação do potencial energético do Estado e a disponibilidade de mão-de-obra favoreceram a concentração de indústrias em São Paulo, de modo particular a recém instalada indústria automobilística.

Por outro lado, a falta de prédios escolares para atender ao ensino público, há algum tempo já vinha se agravando. O *déficit* de salas de aula era suprido com construções improvisadas de madeira e com o aumento do número de períodos de funcionamento das escolas existentes. Agravando ainda mais a situação, intensifica-se a migração da população do campo para as cidades. Além de grupos escolares faltam locais adequados para ginásios, para ensino secundário e para escolas normais. Esse é o panorama do ensino em São Paulo quando, em 1959, Carvalho Pinto assume o governo do Estado.

Seu governo enfatiza a importância do planejamento como instrumento auxiliar das ações governamentais. Cria um Plano de Ação onde estabelece metas, prioridades e prazos a serem cumpridos e faz, com esse objetivo, várias reformulações administrativas. No campo da educação cria em 1960 o FECE – Fundo Estadual de Construções Escolares –, que nasceu como órgão de planejamento e custeio das construções escolares estaduais.

Na área educacional a meta do governo é acabar com o *déficit* de salas de aula através da construção de grande número de prédios escolares. Para enfrentar essa tarefa conta com o DOP e com o IPESP que já vinha colaborando com a administração do governo estadual desde meados da década de 50. A partir de 1959, essa ação do IPESP é intensificada e ele passa a ser responsável também pela etapa de projetos.

Segundo Abrahão Sanovicz, “Carvalho Pinto já tinha ido à Brasília, onde se encontrou com Juscelino, que lhe mostrou o trabalho dos arquitetos. Ele entendeu esse fenômeno (da identidade da administração com os edifícios que produz). Se quisesse ter o mesmo resultado, seria necessário usar os quadros que tinha em São Paulo.”⁷

O IPESP, então, contrata um grande número de escritórios de arquitetura, numa iniciativa inusitada no Estado, que até então tinha contado praticamente com os quadros do funcionalismo para a elaboração de projetos. Pela primeira vez os arquitetos paulistas vão ser convidados a projetar obras públicas. Além de escolas, são feitos edifícios para outros fins como fóruns, postos de saúde etc.

Trata-se de uma ação de grande envergadura no meio profissional tendo em vista a quantidade de arquitetos envolvidos. Numa amostragem de 130 projetos elaborados entre 1959 e 1962 para o IPESP, verifica-se que foram contratados cerca de setenta arquitetos, muitos dos quais recém-formados.

Paulo Mendes da Rocha afirma que “a necessidade de uma unidade sobre o problema escola, atraiu as atenções em torno do tema, seus problemas, implicações sociais, estéticas, técnicas e ressaltou a importância da revisão dos planos e programas. Na verdade constitui-se um verdadeiro grupo de trabalho e de troca de informações e os projetos resultantes revelam um notável avanço geral, na prática profissional no nosso meio.”⁸

Inicialmente os pedidos do IPESP aos arquitetos era para que

as construções não fugissem das soluções usuais em alvenaria de tijolos, tesouras de madeira e telhas de barro. No entanto, esse quadro se modifica. Os responsáveis por esse órgão, junto com alguns arquitetos que exercem certa liderança e influência, abrem a possibilidade de propor soluções de grande avanço técnico e arquitetônico dentro dos recursos previstos.

Nessa produção, de resultado notável, vários projetos de destacam por seu caráter inovador, entre eles os de Itanhaém e de Guarulhos, de autoria de Vilanova Artigas. Mudam a linguagem da arquitetura, alteram a concepção do espaço das escolas e tornam-se modelos para o conjunto de obras produzidas.

Essas escolas são concebidas como volumes únicos, caracterizados por uma grande laje de concreto impermeabilizada sustentada por pórticos que, com suas formas marcantes, passam a ser elementos plásticos da composição. A utilização do concreto deve-se à sua determinação de avançar no processo construtivo, propondo a busca de uma produção em larga escala. A escola de Utinga projetada logo após a de Guarulhos, já é concebida em estrutura pré-moldada, com a utilização de concreto protendido. São traços marcantes em toda produção do arquiteto o experimento e a procura constante de respostas coerentes para cada nova problemática trazida pelos projetos.

Na escola de Guarulhos a interpenetração de espaços, os meios níveis, a relação interior/exterior, os cheios e vazios, os jogos de luz e sombra constróem um edifício de grande riqueza espacial. O pátio de recreação é para onde convergem todos os espaços privilegiando o ponto de encontro. Os generosos bancos de concreto estrategicamente colocados propiciam um estar hierarquizado, ora em espaços maiores, ora em espaços mais aconchegantes não perdendo a escala de prédio público, mas permitindo a intimidade de uma casa. As alternâncias de claro e escuro através do jardim, da iluminação zenital, do cobogó vão se sucedendo assim como o colorido vibrante dos pórticos, dos pisos, dos bancos, das alvenarias. O vermelho, o azul, o amarelo vão se alternando até explodir em cor e movimento no mural de Mário Gruber.

O concreto aparente, os pisos de cerâmica, os cimentados delicadamente modulados, as paredes de alvenaria e, talvez a única sofisticação proposta, os caixilhos em todo pé direito são os elementos que definem esse edifício.

Privilegiar o espaço, a estrutura, a técnica construtiva em detrimento da sofisticação dos acabamentos é marcante na proposta de Artigas para as escolas. O diálogo do edifício com a cidade acontece não só pelo fato de serem abertos mas também pela possibilidade de seu uso pela comunidade. São projetos que encerram um exemplo de como deve ser pensado o prédio público.

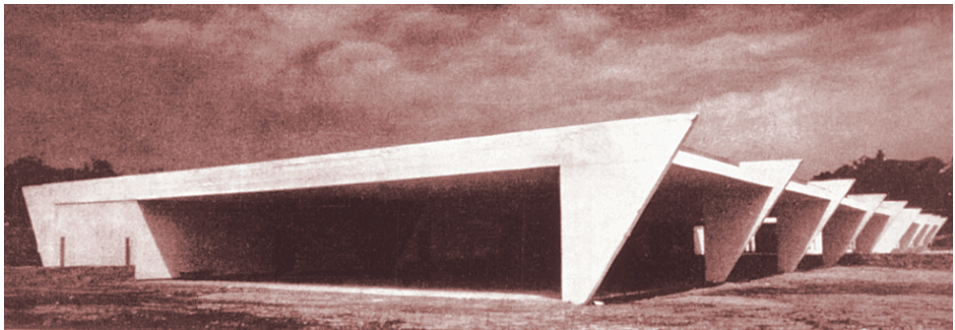
É importante lembrar que essas escolas projetadas por ele nesse período extrapolam o âmbito da arquitetura escolar e vão ser importantes marcos na história da arquitetura paulista.

Muitas das características encontradas nas escolas de Artigas vão estar presentes nas obras projetadas para o IPESP por outros profissionais. Essas escolas disseminaram em nosso Estado novas propostas estéticas e técnicas construtivas popularizando o que de mais avançado era produzido naquele momento.

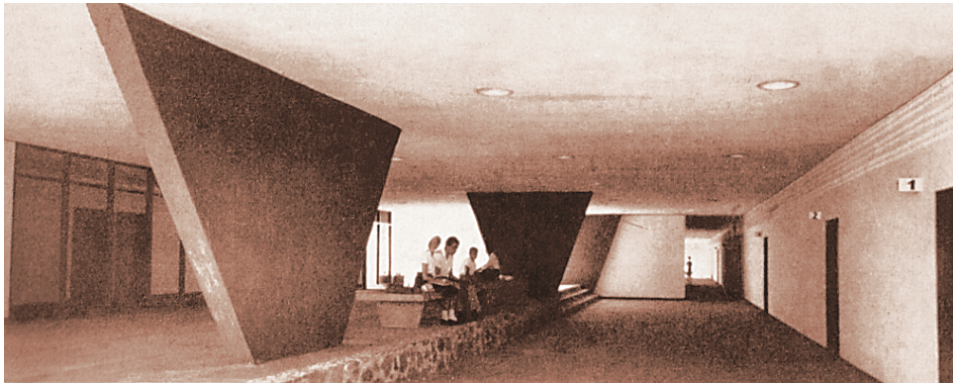
Essa importante produção arquitetônica paulista de edifícios escolares da década de 60 deve ser estudada com mais profundidade pois são cerca de cem arquitetos participando desse processo e muitos deles irão consolidar sua importante contribuição para a história da nossa arquitetura nas décadas seguintes.

7 SANOVICZ, Abrahão. “Depoimentos”, in Revista AU: Arquitetura e Urbanismo nº. 17, São Paulo, 1988, p.56.

8 ROCHA, Paulo Mendes da. “Edifícios escolares: comentários”, in Revista Acrópole nº. 377, São Paulo, 1970, p.35.



Grupo Escolar de Itanhaém/Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi.



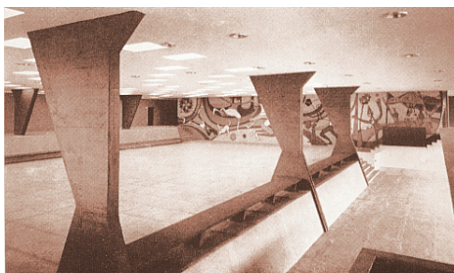
Grupo Escolar de Itanhaém.



Ginásio de Guarulhos/Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi.



Ginásio de Guarulhos.



Ginásio de Guarulhos.



Ginásio de Guarulhos.



Ginásio de Guarulhos.



Ginásio de Guarulhos.

Ramos de Azevedo

Victor Dubugras

José Van Humbeeck

G. B. Maroni

Manuel Sabater

João Bianchi

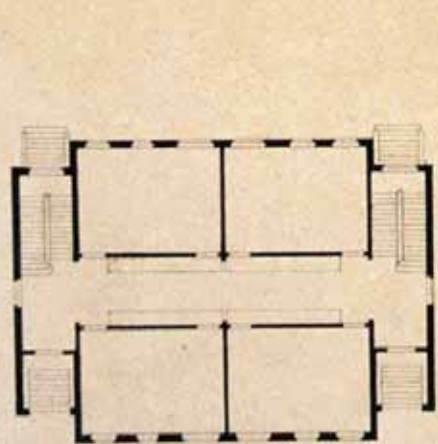
Carlos Rosencrantz

Cesar Marchisio

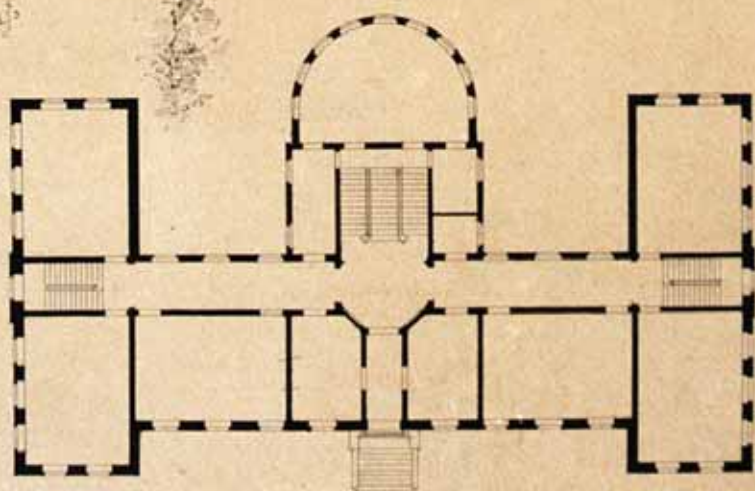
Vilanova Artigas

Carlos Cascaldi

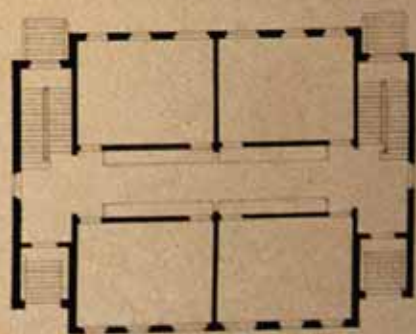
Escola Normal, Modelo e Preliminar
para
Itapetininga.



Escola Modelo Preliminar



Escola Normal



Escola Modelo Complementar

Ramos de Azevedo

Conjunto de Escolas de Itapetininga
Itapetininga, SP, 1895



Conjunto formado pela Escola Normal ao centro, e pelas escolas Modelo Preliminar e Complementar, em foto de 1928. Hoje, respectivamente, escolas Peixoto Gomide, Fernando Prestes e Adherbal Ferreira.

Em 1894, Itapetininga é escolhida para sediar a primeira Escola Normal do interior paulista. Formando um conjunto único no Estado foi projetada de forma monumental com mais duas escolas – a Complementar e a Modelo Preliminar –, pelo arquiteto de maior notoriedade na época: Ramos de Azevedo.

Tantos destaques deve-se ao prestígio alcançado por alguns políticos locais, após as recentes lutas ocorridas contra os rebeldes federalistas procedentes do sul, nas quais Itapetininga ocupou posto de coordenação em defesa do Estado.

Ramos de Azevedo dispõe as três escolas num eixo longitudinal paralelo à rua, marcado no desenho original por um passadiço de ligação entre os prédios, não executado em obra. O conjunto situa-se em frente a uma praça, garantindo a dignidade do edifício público destinado à educação.

A escala, então, é grandiosa e o conjunto resulta harmonioso graças à simetria e à unidade do tratamento formal. A Escola Normal marca o centro da composição com sua escada de acesso principal e ornamentação diferenciada.

As escolas laterais repetem o projeto-tipo usado para grupos escolares do Estado na virada do século. Como de praxe naquele período, aqui é assinado por Ramos de Azevedo e em outras escolas é assinado por Victor Dubugras, deixando indefinida sua autoria.

Os projetos de restauro, para cada uma das três escolas, consideraram dois aspectos principais: o programa de ambientes necessários ao funcionamento de cada uma delas e as características originais das edificações, que deveriam ser valorizadas.

No entanto, reformas ou ampliações significativas realizadas em épocas posteriores à construção, quando consolidadas e em bom estado de conservação, foram mantidas, permitindo a leitura das diversas intervenções através dos anos.

Destacamos aqui a colaboração dos alunos, professores e direção dessas escolas, sem a qual não poderia ter sido levado a contento esse trabalho de projeto e obra, principalmente no tocante à guarda e preservação dos documentos fotográficos dos edifícios.

A documentação fotográfica existente, principalmente aquela que registra o período em que os prédios foram ocupados por tropas legalistas na revolução de 1932, permitiu identificar com clareza as características originais do interior dos mesmos.

Em 1935, logo após a desocupação dos edifícios, os mesmos passaram por uma grande reforma, que inclui o deslocamento do gradil fronteiro para o alinhamento dos prédios e diversas outras intervenções.

Avany De Francisco Ferreira
Hélia Maria Vendramini Neves
Maria Elizabeth Peirão Corrêa



Sala da Fernando Prestes ocupada pelas tropas legalistas durante a revolução de 32.



Salão do andar superior da Peixoto Gomide. Essa foto, logo após a desocupação da escola, possibilitou a descoberta dos arcos que haviam sido fechados, transformando o salão em três salas independentes.



Na reforma de 1935, os gradis foram deslocados para o alinhamento dos prédios.

L. Antony
F. Fabianet
P. Pichonnet





Fotos externas e internas da EEPSPG Peixoto Gomide.
Acima, a antiga Escola Normal após a reforma de 1935.
Acervo da escola



Após a intervenção de 1935, a biblioteca foi instalada numa das três salas que formavam o salão do pavimento superior.



Carteiras modelo americano mobiliavam as salas de aula. Essa foto é anterior à reforma, conforme atestam as pinturas decorativas e o forro de madeira.



Fundos da EEPSPG Peixoto Gomide vendo-se ao centro o volume do auditório original.



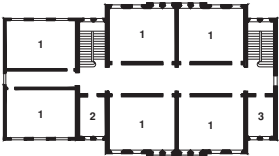
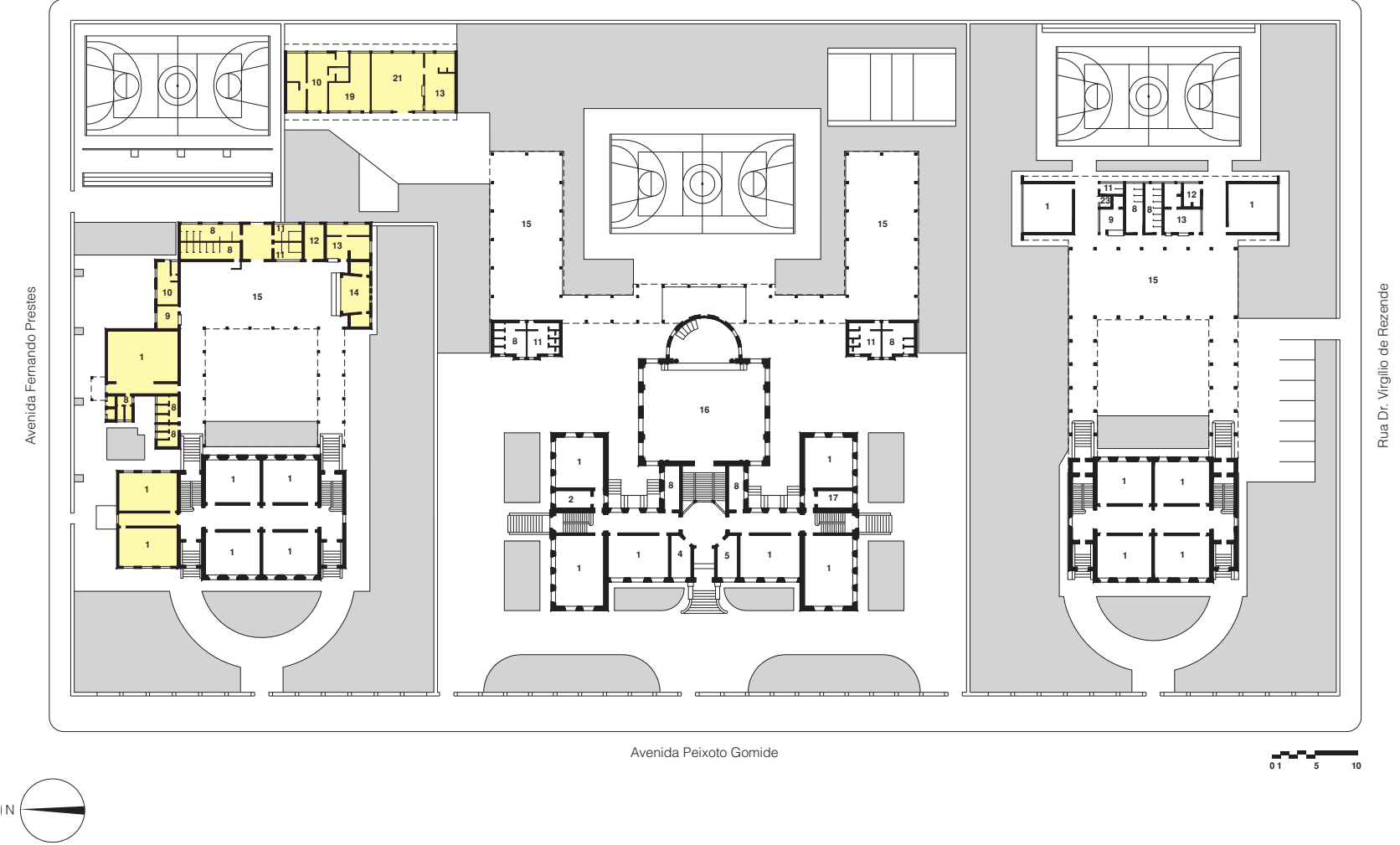
Auditório da escola após a reforma. Notar alguns elementos típicos dessa época como as luminárias e os ornatos do revestimentos das paredes.



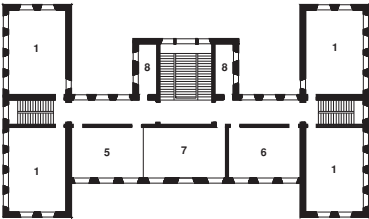
No porão estavam instaladas salas específicas para o ensino de marcenaria, desenho e geografia, além dos laboratórios.



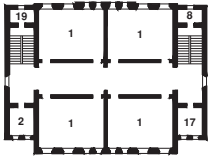




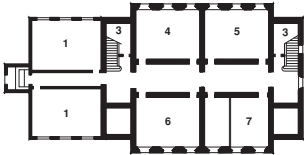
PAVIMENTO SUPERIOR



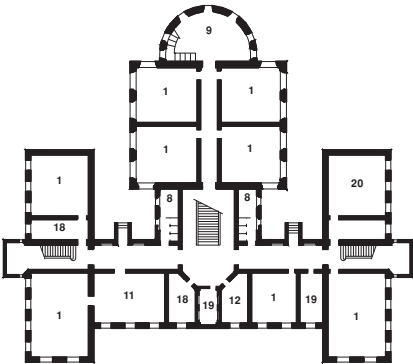
PAVIMENTO SUPERIOR



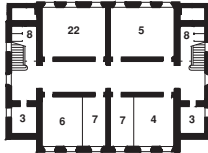
PAVIMENTO SUPERIOR



PAVIMENTO INFERIOR



PAVIMENTO INFERIOR



PAVIMENTO INFERIOR

1. Sala de Aula
2. Dentista
3. Almoxarifado
4. Professores
5. Secretária
6. Biblioteca
7. Diretor/Assistente
8. Sanitário
9. Cantina/Despensa
10. Zeladoria
11. Vestiário
12. MatEdFísica
13. Cozinha/Despensa
14. Palco
15. Galpão
16. Auditório
17. Coord. Pedagógica
18. Grêmio
19. Depósito
20. Laboratório
21. Refeitório
22. Sala de Artes
23. Dep. Mat. Limpeza
Ampliação década de 50

Ramos de Azevedo

EEPSG Adherbal de Paula Ferreira
Itapetininga, SP, 1895

No Adherbal, os galpões e sanitários de alunos foram construídos durante a reforma de 1935, quando também foram adaptados ambientes para uso dos professores nos patamares das escadas internas. Em 1960 as janelas de madeira foram substituídas e, na década de 70, foram construídos dois volumes anexos ao galpão.

Embora não tenha sido descaracterizada com as intervenções nela realizadas, a escola apresentava-se bastante deteriorada, pois há muito tempo não era reformada. Além disso, carecia de ambientes adequados para funcionar de modo satisfatório.

No projeto de restauro optou-se pela adequação do porão, através do rebaixamento do piso, onde ficaram os ambientes administrativos e alguns ambientes pedagógicos. Novos fechamentos em divisórias leves foram executados e o embasamento em pedras, surgido após a escavação, foi mantido aparente.

Os blocos anexos, com exceção do galpão, foram demolidos devido ao seu péssimo estado de conservação, sendo construída nova edificação térrea com ambientes de apoio e salas de aula.

A transição entre o velho e o novo é feita através de uma faixa de luz possibilitada pela inserção de telhas de vidro na cobertura.

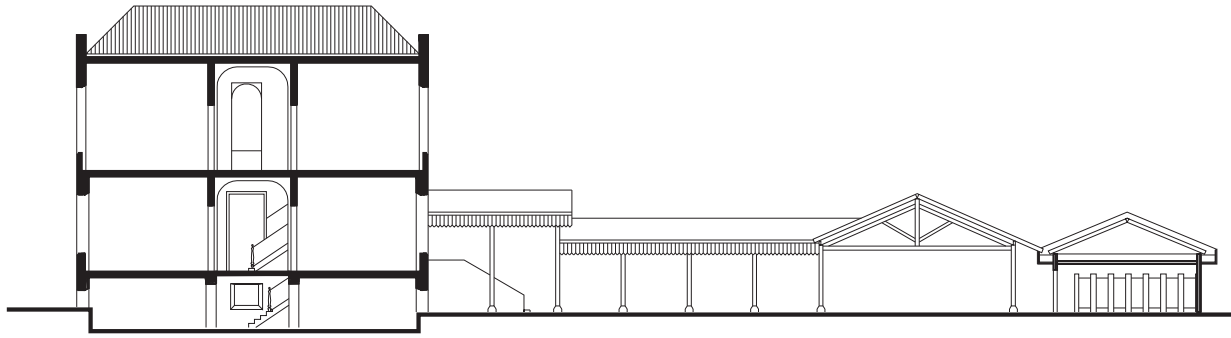
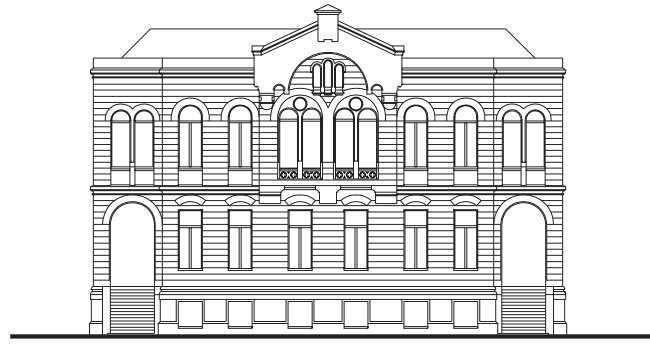
Hélia Maria Vendramini Neves



EEPSG Adherbal de Paula Ferreira após o restauro.

Fachada posterior.





Fundos da escola vendo-se em primeiro plano o novo bloco de edificação, construído em paralelo ao galpão original.



O edifício antigo, o galpão e as passarelas de ligação entre eles delimitam um pátio descoberto para recreação das crianças.



Algumas telhas de vidro marcam a transição entre o galpão original e a nova edificação e auxiliam a iluminação da passagem para a quadra de esportes.



Circulação do térreo.



Sala de aula do térreo. A prospecção das paredes detectou a existência de pinturas decorativas, cujos modelos foram reproduzidos a partir de moldes padronizados.



Sala de aula do pavimento superior com suas janelas de madeira refeitas.



Pavimento superior.



Acesso ao porão.



O piso do porão foi rebaixado para permitir a adequação de alguns ambientes, como o laboratório abaixo. Na circulação, o embasamento das alvenarias, exposto pela escavação do piso, foi mantido em pedras aparentes.



Laboratório instalado no porão do edifício.

Ramos de Azevedo

EEPSG Peixoto Gomide
Itapetininga, SP, 1895

No Peixoto, foi demolido o anfiteatro semicircular semelhante ao da Escola Normal da capital e, em seu lugar, foi construído um grande auditório em dois pavimentos; o salão superior, de área equivalente a três salas, foi subdividido; muitos acabamentos foram alterados dando ao edifício a identidade de uma nova época que, aliás, se mantém até hoje como, por exemplo, os acabamentos em mármore do *hall* principal, os novos desenhos do forro de madeira e as luminárias do auditório.

Depois disso, em 1943, foram construídos os galpões de recreio coberto e, em 1952 foram substituídas as janelas de madeira por caixilhos de ferro basculantes.

No projeto de restauro optou-se pela manutenção das características adquiridas na reforma de 1935 (com exceção à subdivisão do salão superior, que foi reaberto) e pela permanência e adequação interna do bloco anexo construído posteriormente no fundo do terreno, que não interferia na edificação original.

Avany De Francisco Ferreira
Maria Elizabeth Peirão Corrêa



Fachada principal da Peixoto Gomide. Aos fundos, a EEPSG Fernando Prestes.

Fundos da escola onde aparecem o novo auditório construído na reforma de 1935 e os galpões de recreação, de 1943.





Acesso principal.



Saguão principal
com acabamentos em
mármore introduzidos
na reforma de 1935.



Escada principal construída em 1935.



Acesso do auditório visto da circulação do pavimento superior.

Auditório construído, também, em 1935.





Detalhe do batente em pinho de riga e pintura decorativa.



Circulação do pavimento superior.



Sala de aula do pavimento superior.

Ramos de Azevedo

EEPSG Coronel Fernando Prestes
Itapetininga, SP, 1895

O Fernando Prestes foi a escola que sofreu mais alterações.

Na década de 50 foram construídos vários anexos, inclusive o que mais a descaracterizou: a ampliação no prolongamento lateral do edifício, alterando sua volumetria e prejudicando a simetria do conjunto. O galpão perdeu suas características originais e ficou cercado pelos diversos blocos ali construídos, impedindo a relação com a área livre do terreno.

A demolição desses anexos seria muito importante para a valorização e boa compreensão da edificação original.

Entretanto, além do fato de todos esses ambientes acrescidos à edificação original encontrarem-se em razoável estado de conservação, representavam praticamente metade da área construída da escola, o que não justificava sua demolição. Optou-se, assim, pela manutenção desses espaços essenciais para o desempenho das atividades da escola.

A valorização do edifício deu-se através da recuperação de algumas características da edificação original.

Hélia Maria Vendramini Neves



Fachada principal da escola com a ampliação feita no corpo do edifício na década de 50, que alterou a volumetria do prédio e a simetria do conjunto.

Fachada posterior.





Sala de aula do pavimento superior.



Detalhe da pintura decorativa.



Circulação do porão da EEPSPG Fernando Prestes. O rebaixamento do piso foi anterior às obras de restauro da escola.



Ramos de Azevedo

EEPG Marechal Floriano
Vila Mariana, São Paulo, SP, 1895

O prédio foi construído por volta de 1919 e ainda hoje se sobressai na paisagem do bairro. É certo que um pouco adulterado, mas seus amplos beirais, as janelas de madeira e muitos outros elementos originais mantêm-se na íntegra, sendo dignos de restauração.

Em sua configuração primitiva, traçada no escritório Ramos de Azevedo, havia apenas a edificação principal centrada no lote e o galpão junto à divisa posterior. Já na década de 30 foram acrescentadas quatro salas de aula nas extremidades do edifício, alterando sua volumetria.

Muitas outras adequações foram feitas. Entretanto, o que prejudicou sensivelmente o funcionamento da escola foi a desapropriação de parte do terreno na época da construção do metrô. Aos poucos, com a implantação de outros blocos na lateral oposta, os alunos foram sendo confinados na restrita área livre remanescente atrás do prédio.

Um aspecto importante deste projeto é o de devolver ao usuário a possibilidade de ocupação de toda a área da escola, através da renovação do espaço que envolve o edifício antigo.

A intervenção proposta prevê a demolição de todos os anexos e organiza os novos ambientes em três blocos interligados por uma vasta cobertura em telha de barro – o galpão.

O projeto enfatizou ainda, o caráter de recreação criando pequenas áreas de lazer e de esportes.



EEPG Rodrigues Alves na avenida Paulista.

Para recuperação do prédio antigo tomamos como referência as outras três escolas da mesma tipologia, construídas nesse mesmo ano em outras localidades da capital. Bem próxima a esta escola, na elegante avenida Paulista, é interessante observar um outro exemplar que compõe este conjunto de edifícios, a EEPG Rodrigues Alves.

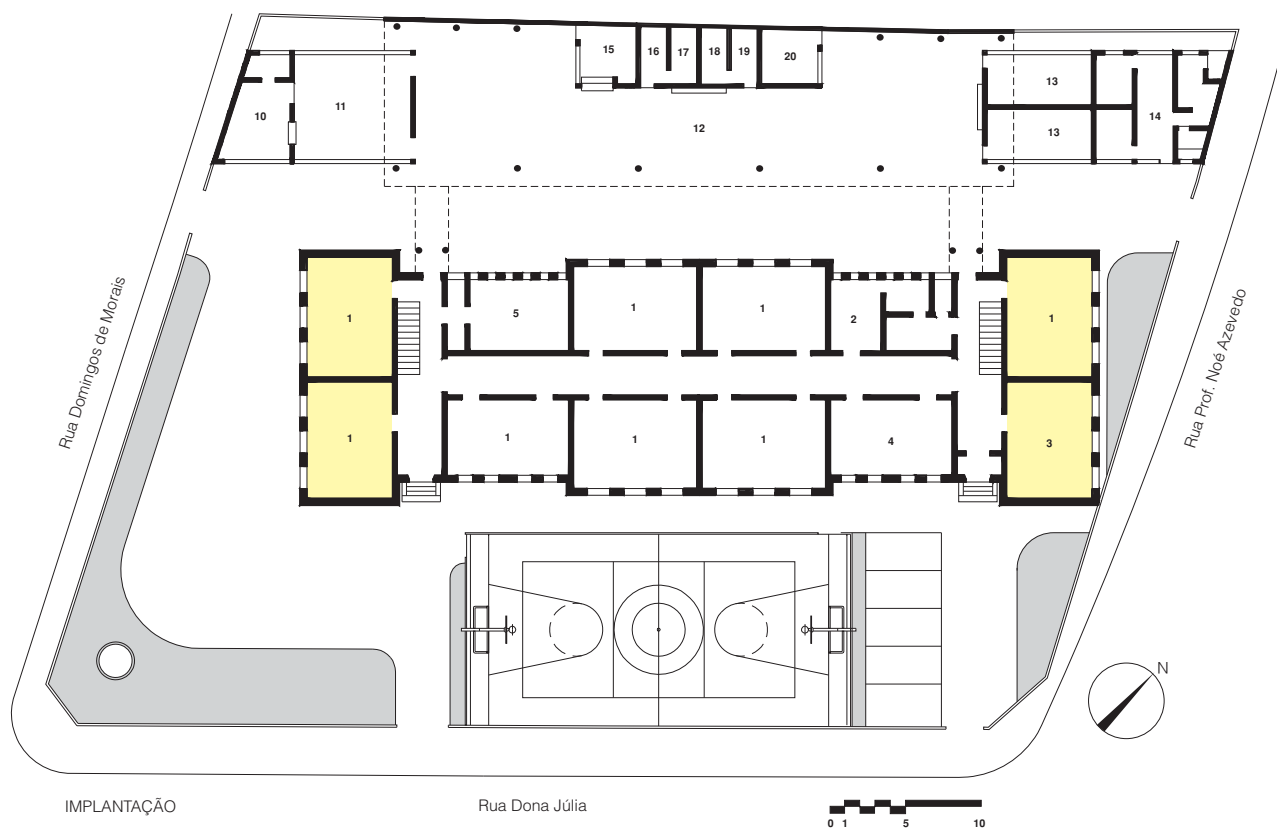
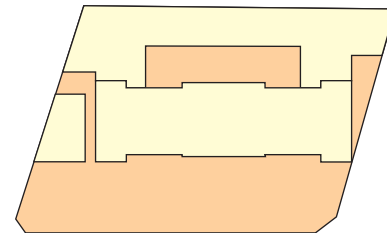
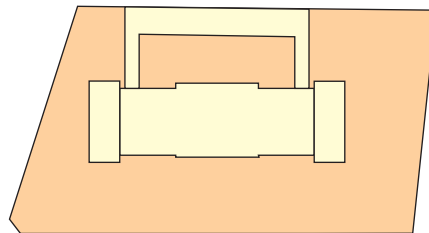
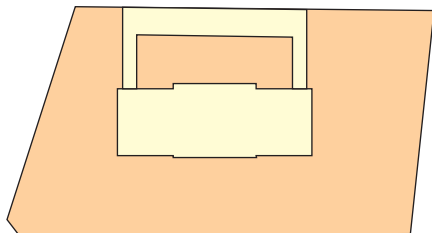
Ao contrário das demais, sua fachada foi ricamente ornamentada com uma série de elementos decorativos, apresentando no entanto o mesmo acabamento interno.

Refletindo a hierarquia urbana, na solução plástica os edifícios dos bairros menos nobres da Barra Funda, Perdizes, Vila Mariana recebem um tratamento formal mais simplificado, cuja a linguagem se aproxima do neocolonial que começa a se manifestar nesse período.

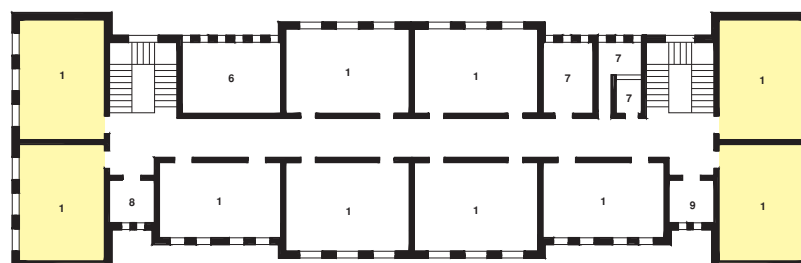
Hélia Maria Vendramini Neves

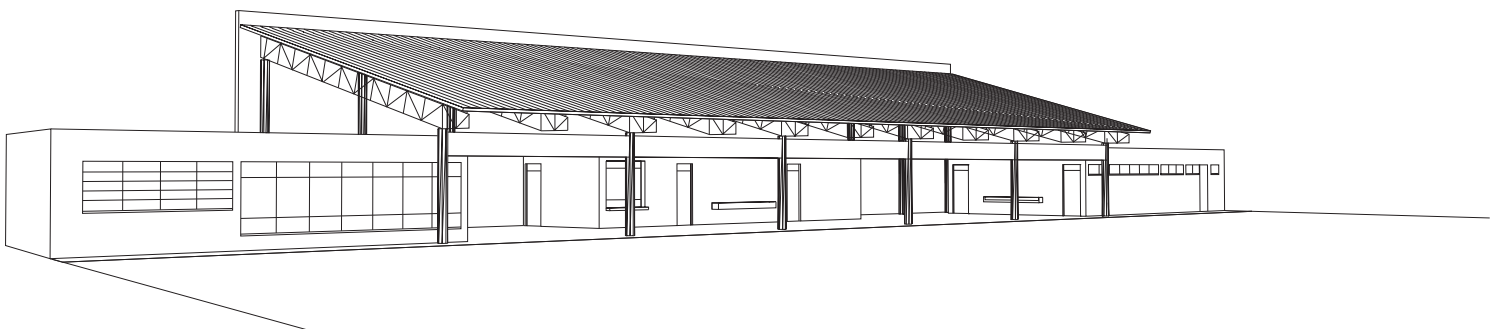
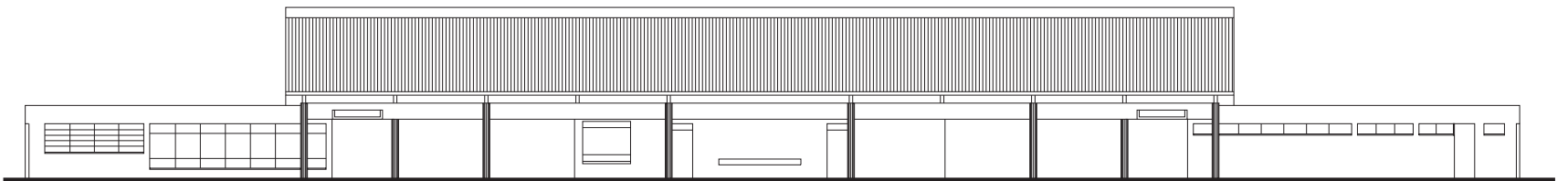
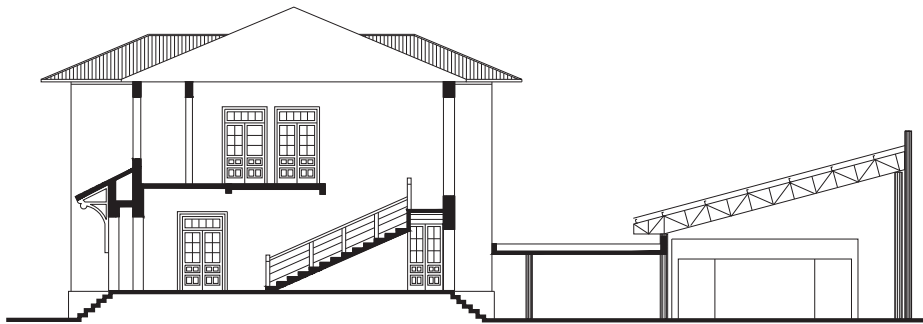
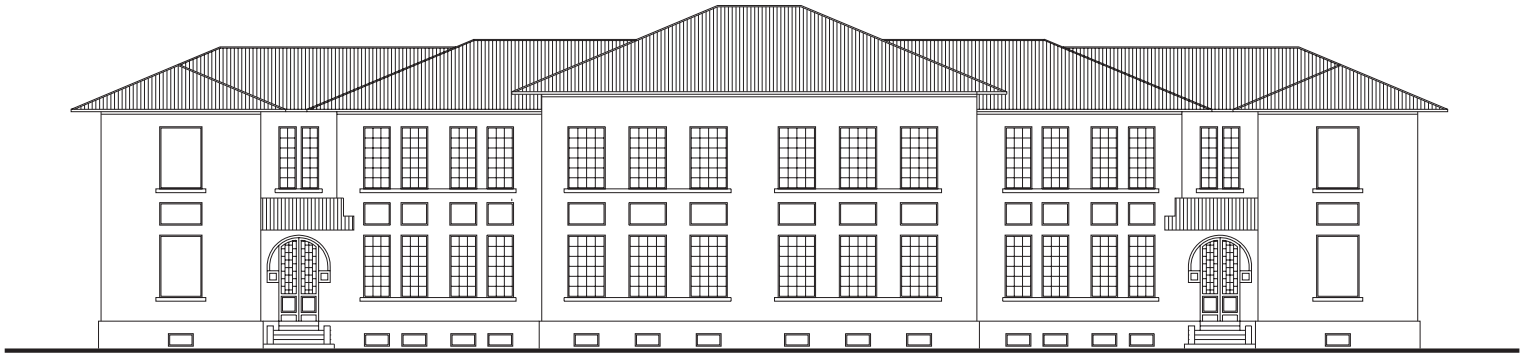


Album da 3ª Conferência Nacional da Educação - 1929



- | | | |
|--------------------------|----------------------|----------------------------|
| 1. Sala de Aula | 8. Almoxxarifado | 15. Cantina |
| 2. Diretor e Coordenador | 9. Datilografia | 16. Dep. Ed. Física |
| 3. Secretaria | 10. Cozinha/Despensa | 17. Depósito |
| 4. Professores | 11. Refeitório | 18. Vestiário Funcionários |
| 5. Sala de Artes | 12. Galpão | 19. Material de Limpeza |
| 6. Sala de Vídeo | 13. Sanitários | 20. Dentista |
| 7. Biblioteca | 14. Zeladoria | Ampliação década de 30 |







Victor Dubugras

EEPG Dr. Cardoso de Almeida
Botucatu, SP, 1895

Existem certos espaços ou monumentos, algumas esquinas ou becos e às vezes edifícios, que por misteriosos segredos da vida urbana adquirem um simbolismo especial e se destacam no espaço construído. Fazem parte da cidade não só fisicamente como cenário ou pano de fundo, mas se tornam personagens. Recebem apelidos carinhosos, incorporam-se à história das pessoas e são queridos tal qual um amigo próximo. Formam a alma das cidades.

A EEPG Dr. Cardoso de Almeida ou melhor o “Cardosinho”, como a população de Botucatu a ele se refere, foi construído em 1895 como Grupo Escolar da cidade. Projeto do arquiteto Victor Dubugras, o edifício não se sobressai pela monumentalidade. Pelo contrário, seu corpo principal em dois pavimentos e os dois pavilhões menores um de cada lado – a ele ligados por coberturas transparentes – têm no seu conjunto a escala de uma casa, mas também a graciosidade de um palácio.

Na passagem do século XIX para o XX, Botucatu se encontra em franco progresso: recebe os imigrantes, enriquece com o café e vai se ligando ao mundo pelos trens da Estrada de Ferro Sorocabana. Em expansão vai ocupando os seus arredores com o tradicional traçado em tabuleiro de xadrez. Uma nova avenida é aberta no topo do espigão e para lá é transferida a Igreja Matriz. Ao seu lado se implanta o Grupo Escolar. Rapidamente novos vizinhos ilustres vão se chegando: a Caridade Portuguesa Maria Pia, a Santa Casa de Misericórdia (1901), a Escola Normal (1916), o Fórum (1920), a Casa das Meninas Armando de Barros (em torno de 1930) e o Correio (1940). Diversas escolas também se instalam nessa área: o Arquidiocesano, o Colégio Santa Marcelina, o Seminário, a Escola Industrial e, mais recentemente, o Colégio Objetivo. Bibliotecas e Centros Culturais completam a lista.

No meio desse incrível conjunto de equipamentos públicos reunidos nessa porção da cidade, o antigo Grupo Escolar ainda se destaca.

Por sua bem proporcionada volumetria, pela adequada relação entre construção e terreno, pelo bom gosto de seus materiais e ornamentos o edifício se sobressai e grava sua imagem na memória do povo de Botucatu. Tanto é verdade que, na década de 50, quando em uma reforma desastrada são demolidos os frontões da fachada principal, se assiste a uma forte reação da população contra essas medidas – o “Cardosinho” já estava incorporado ao cotidiano, como um elemento de afirmação da cidade, e era preciso então tratá-lo com consideração. Os jornais da época atestam esse descontentamento. E de tal ordem foi esta indignação que muito tempo depois, já em 1965, a Câmara dos Vereadores ainda está solicitando “a volta dos enfeites do prédio”.

Apesar disso outras reformas e alterações continuaram ocorrendo no edifício e, de forma geral, só vieram a fragmentar os espaços abertos da escola e a comprometer a unidade de sua concepção original. Com o tempo derrubaram a graciosa cobertura e os passadiços que caracterizavam a área de recreação no fundo do terreno e construíram uma série de volumes desconexos, descompromissados da elegante solução de Dubugras.

A intervenção proposta para o “Cardosinho” deveria, além de considerar o restauro do edifício, ampliar suas instalações para melhor adequá-lo ao programa da escola atual. Era necessário portanto a construção de novas áreas e não havia espaço para isso. A solução foi demolir os “puxados” e volumes que comprometiam a parte posterior do terreno e propor uma nova apropriação dessa



Album Projetos e Obras Públicas de Victor Dubugras. Acervo Elvin Dubugras.

área. Aproveitando o desnível natural que o terreno apresenta, foi possível criar mais um nível e ocupá-lo com os laboratórios, biblioteca, refeitório, cozinha e zeladoria, iluminados por um jardim interno. Dessa forma conseguimos também abrir um novo acesso à escola pela rua de trás – rua Dr. Costa Leite –, importante por permitir maior fluidez na circulação do edifício e, principalmente, por colocá-lo em contato direto com uma série de outras escolas que também se abrem para esse logradouro. No andar de cima, ao nível do térreo do edifício antigo, ficou a área aberta de recreação da escola, agora ampla e desimpedida, somente com a quadra. Em *pilotis* foi construída a área coberta do recreio – no mesmo local do antigo pátio da escola original. Sobre esse pátio um novo volume abriga quatro salas de aula. Com um desenho atual e um colorido diferenciado essas novas instalações não se confundem com o antigo Grupo Escolar. A ele também não se sobrepõem pois guardam certa distância e têm gabarito de altura mais baixo que o edifício de Dubugras.

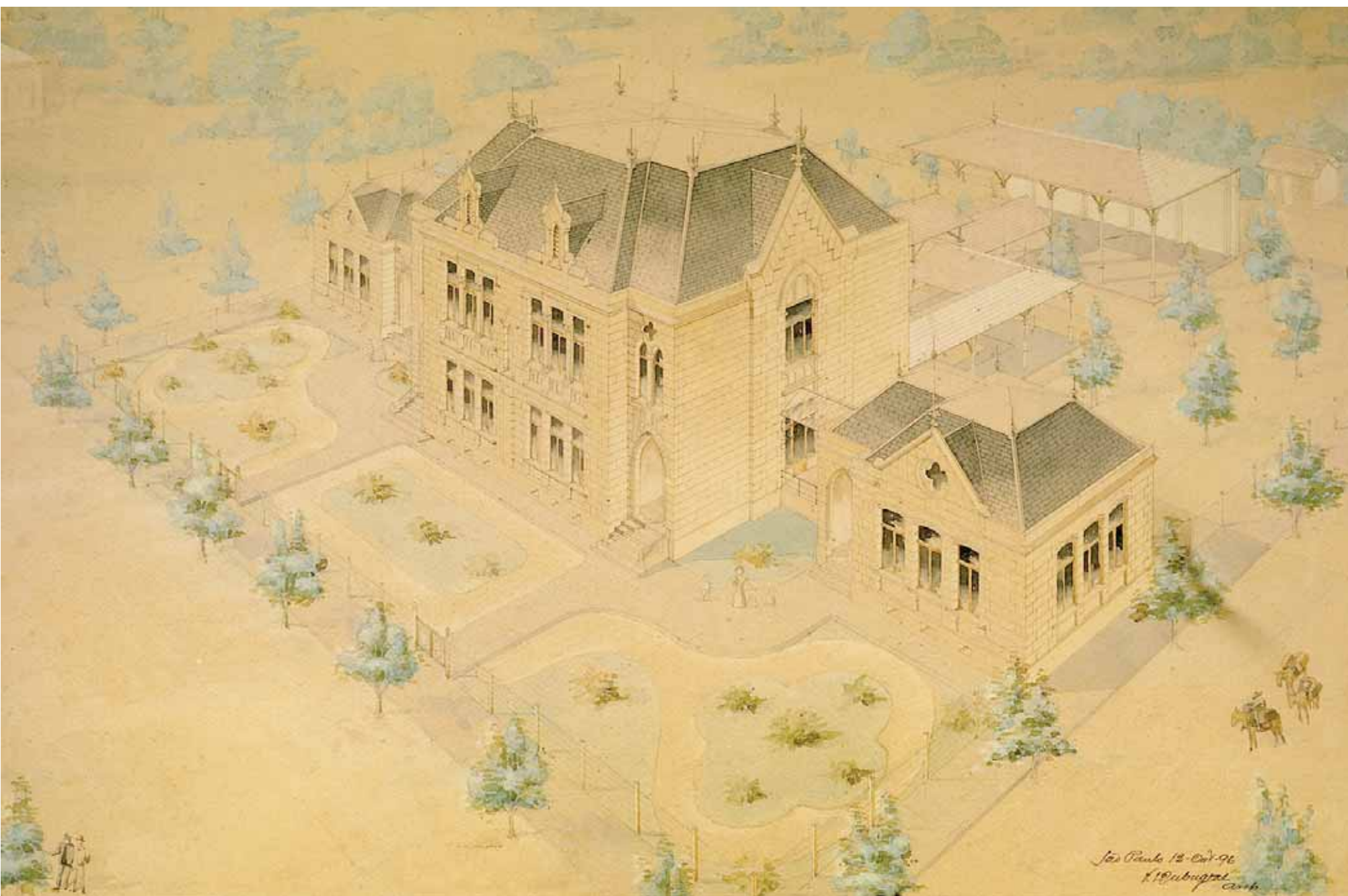
No restauro propriamente dito do velho “Cardosinho” foram utilizados critérios diferenciados conforme a particularidade de cada situação.

Adotou-se algumas propostas de reconstituição para os elementos construtivos, quando passíveis de reprodução, após avaliação da respectiva carga de informação, documental ou testemunhal, ou ainda, após prospecções preliminares. Para os elementos originais, passíveis de recuperação, adotou-se como procedimento a restauração propriamente dita. Para os elementos não originais, semelhantes aos primitivamente existentes, foi proposta sua manutenção, acompanhada de serviços de conservação.

Agora restaurado e atualizado para os novos tempos, pode o “Cardosinho” prosseguir formando as novas gerações de estudantes.

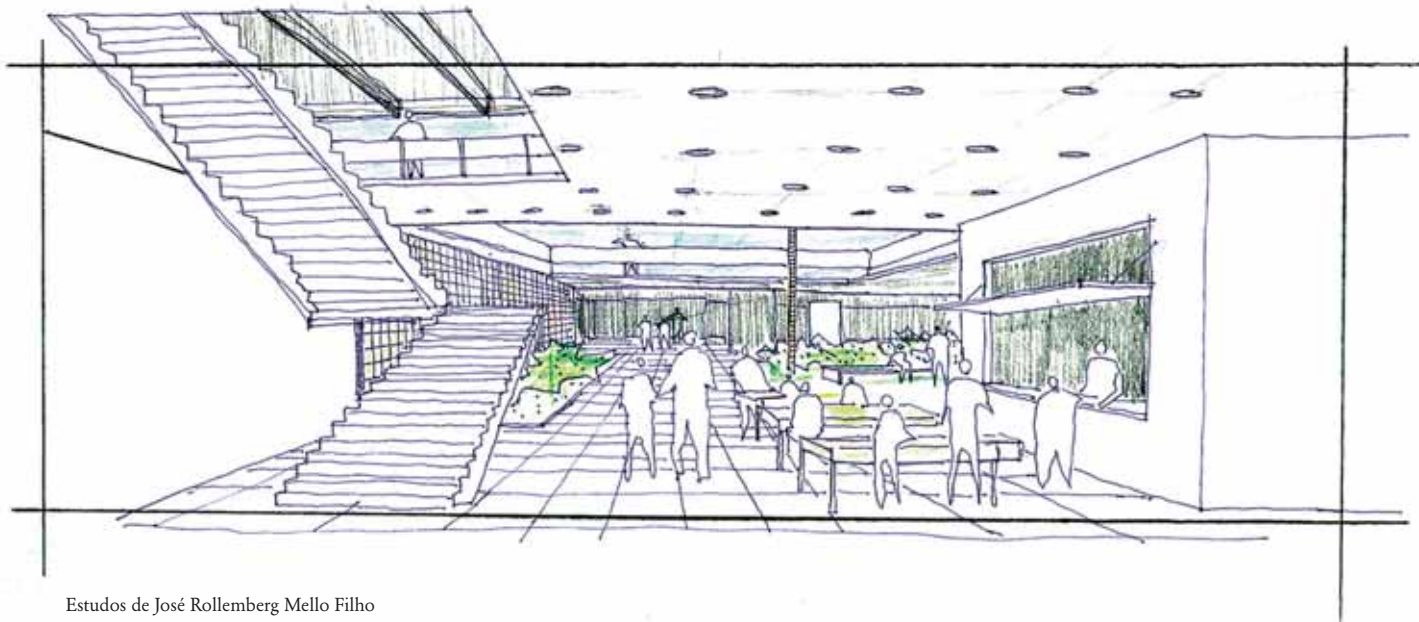
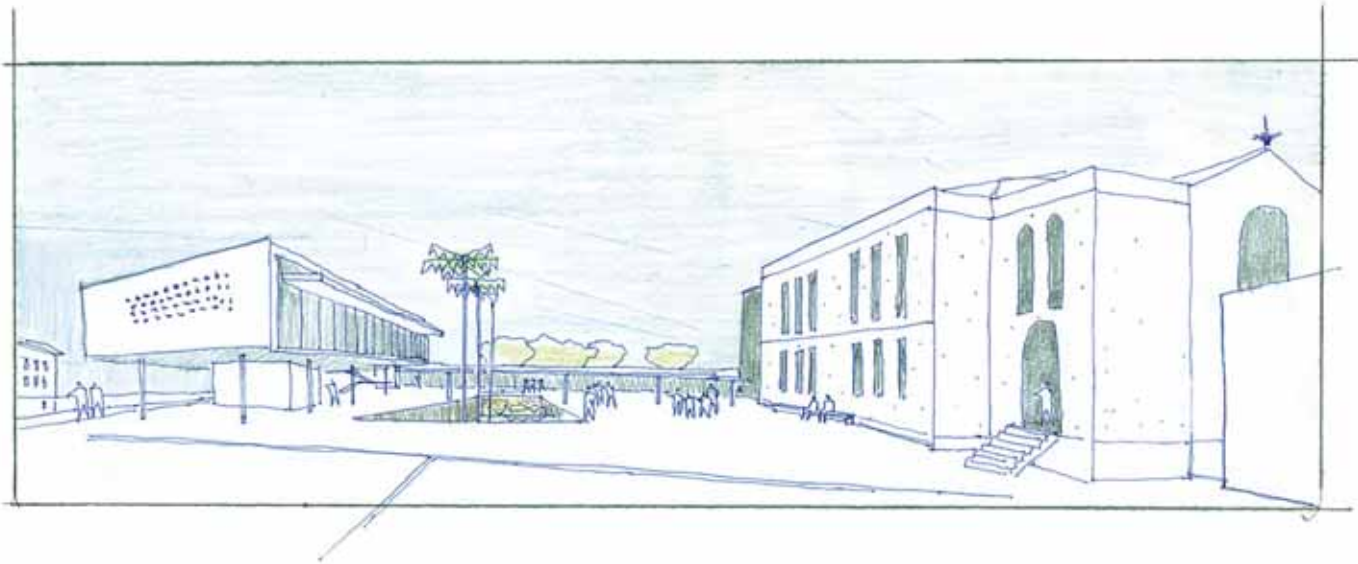
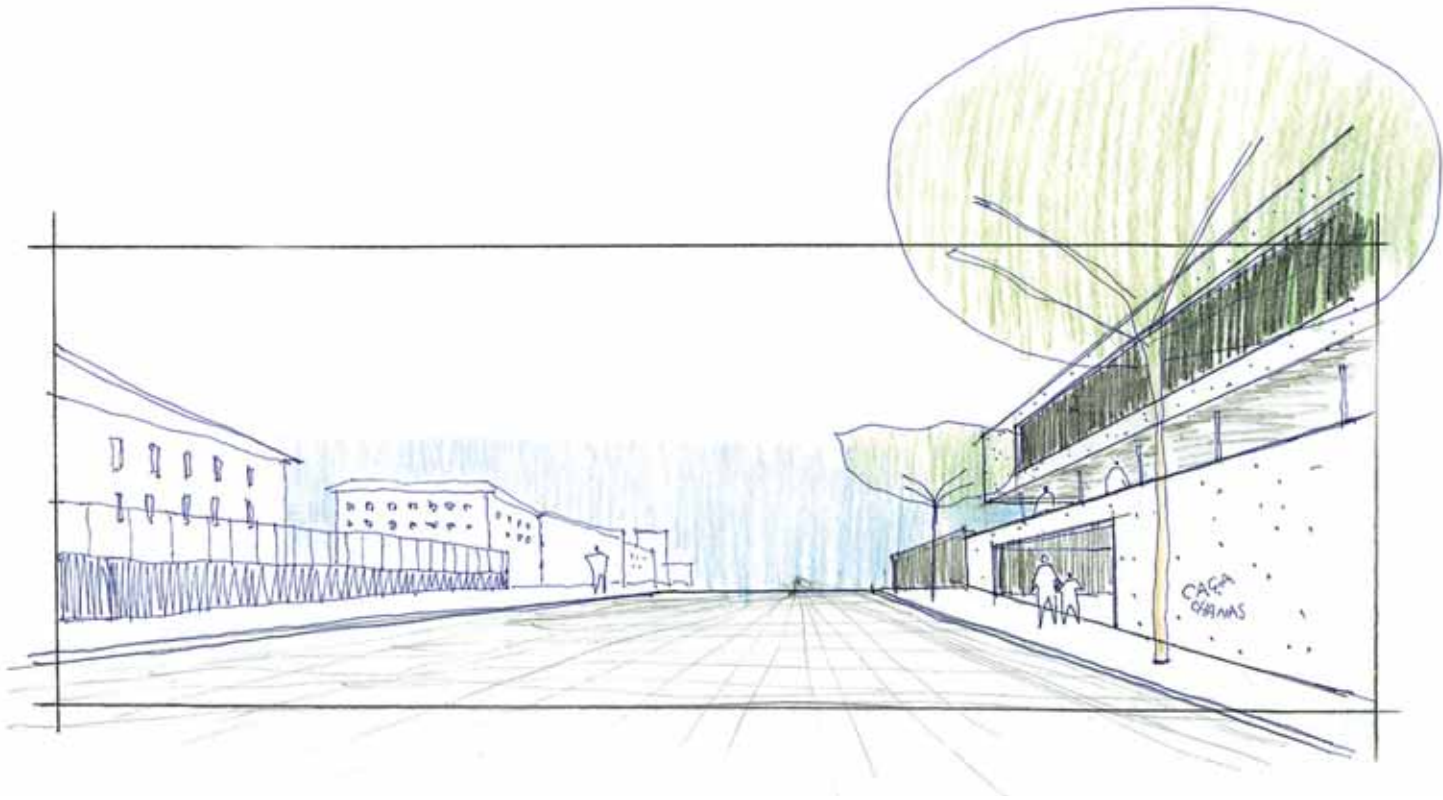
Esse seu novo dinamismo parece querer contagiar o seu entorno e se ampliar para a cidade. Dentro dessa perspectiva, foi proposto que a larga calçada de frente ao edifício fosse refeita com novo desenho de piso e novo mobiliário urbano, e que se estendesse por toda a quadra. Dessa forma uniria o colégio ao seu vizinho, a também ilustre e antiga Escola Normal. A rua Dr. Costa Leite que fica na parte posterior e para onde o “Cardosinho” agora também se abre e serve, como já salientado, a uma série de outras escolas da cidade. De importância secundária para o fluxo viário, poderia se transformar em um calçadão, livre do trânsito de automóveis. Uma rua dos estudantes de Botucatu, onde a saída das várias escolas pudesse se dar como uma festa da criançada, tomando a cidade para si, despreocupada do trânsito, envolvidas nas últimas brincadeiras antes de voltar para casa.

Cláudia Amorim Lacerda Pinto
José Rollemberg Mello Filho
Wanderlei Ariza



Aquarela feita por Victor Dubugras em 1876. Pela foto ao lado, vê-se que a escola foi construída conforme o estudo de Dubugras, com telhado de zinco, mansardas e passadiços laterais cobertos por vidro. Já no começo do século, entretanto, o edifício foi bastante modificado pela colocação de telhas de barro, pela eliminação das mansardas e dos frontões dos pavilhões anexos. No restauro, foram recompostos esses frontões e os passadiços laterais que haviam sido fechados por alvenaria.

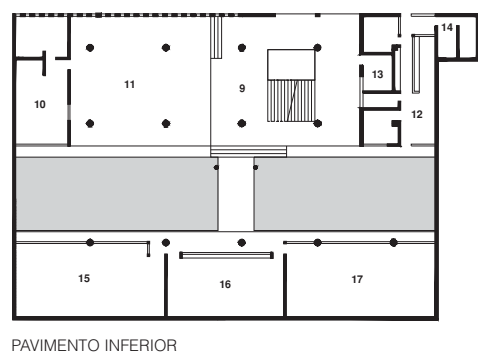
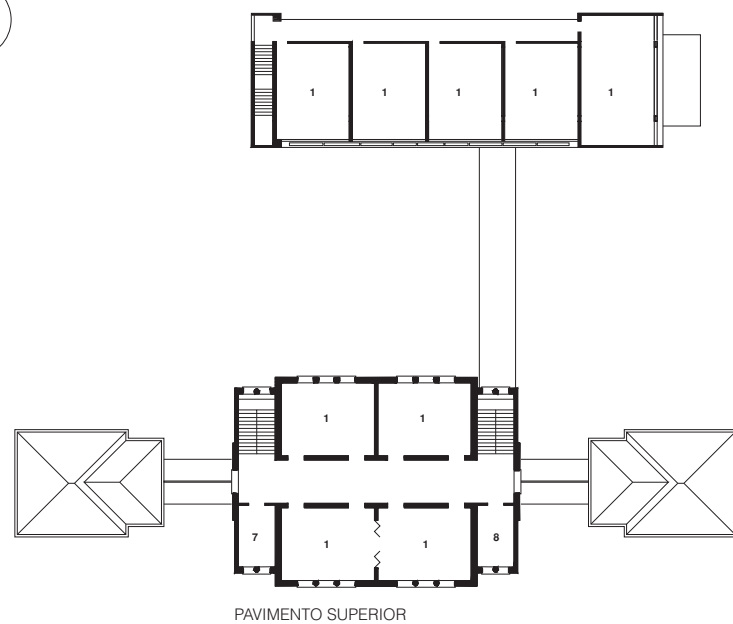
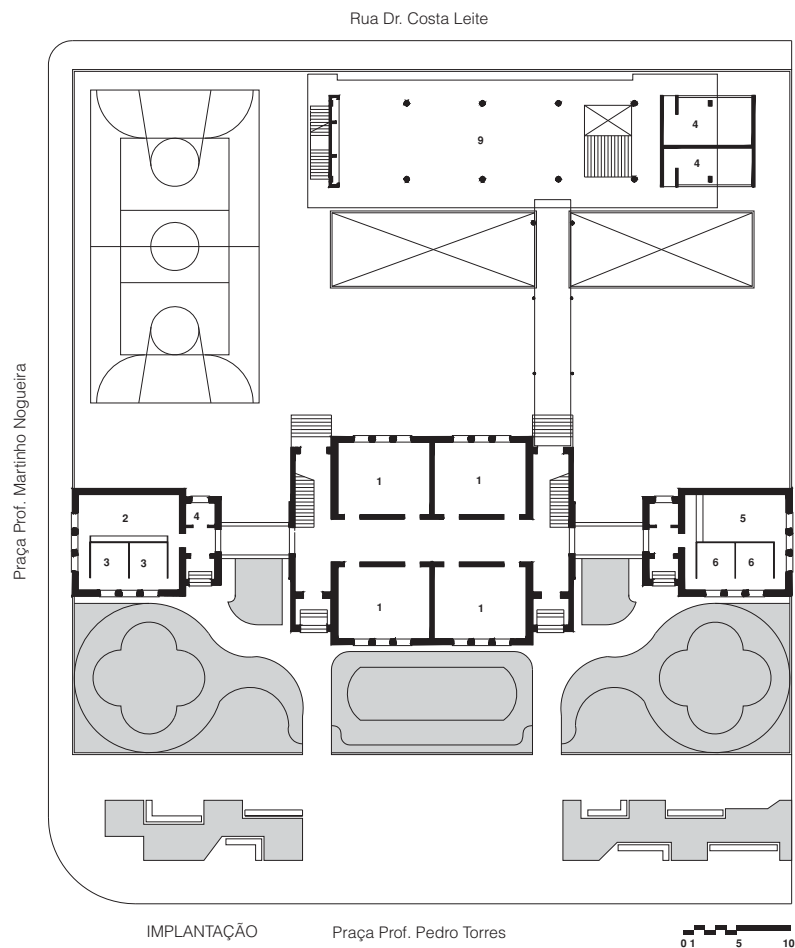
Acervo FAUUSP



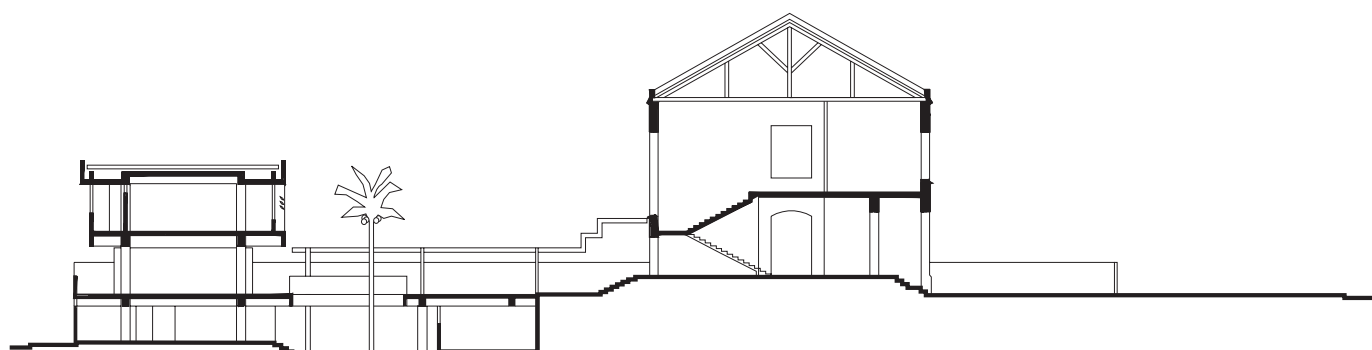
Estudos de José Rollemberg Mello Filho



Atrás do edifício original foi construído um novo bloco para abrigar atividades necessárias ao funcionamento da escola. Pode-se ver, ao lado do “Cardosinho”, a antiga Escola Normal de Botucatu, atual EEPSP “Cardoso de Almeida”, construída entre 1913-1916, projeto de J. Bianchi. Essa escola também é objeto desta publicação.

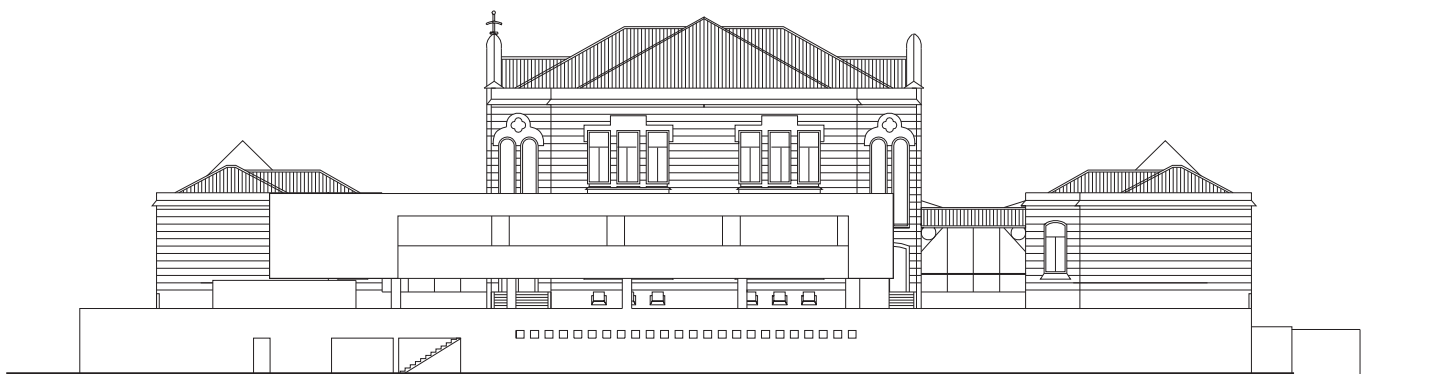
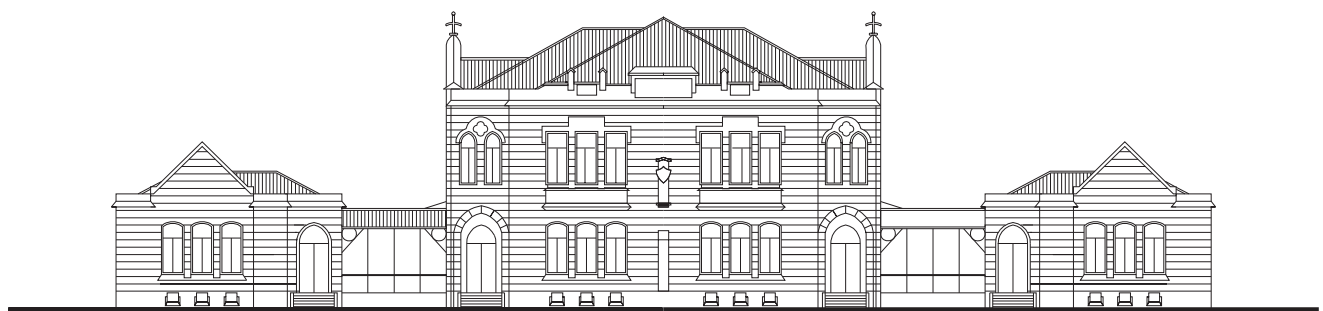


- | | |
|-------------------------|----------------------------|
| 1. Sala de Aula | 11. Refeitório |
| 2. Professores | 12. Zeladoria |
| 3. Coord. Pedagógico | 13. Vestiário Funcionários |
| 4. Sanitário | 14. Medidores |
| 5. Secretaria | 15. Biblioteca |
| 6. Diretoria/Assistente | 16. Sala de Vídeo |
| 7. Almoarifado | 17. Laboratório |
| 8. Dentista | |
| 9. Galpão | |
| 10. Cozinha/Despensa | |



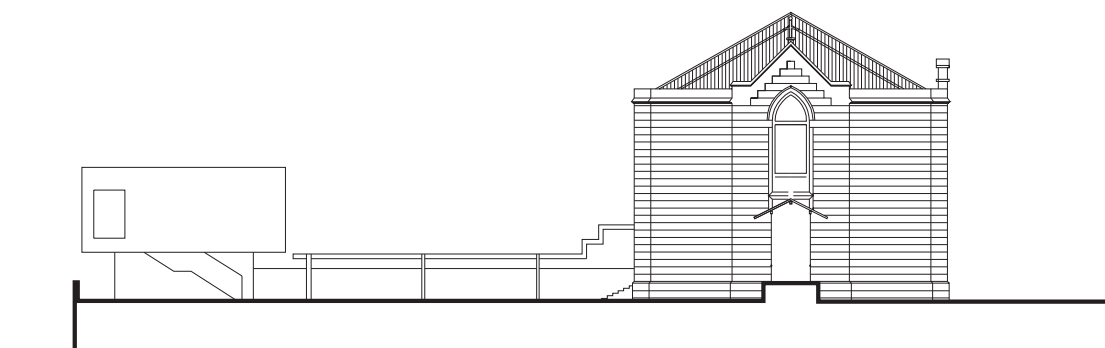
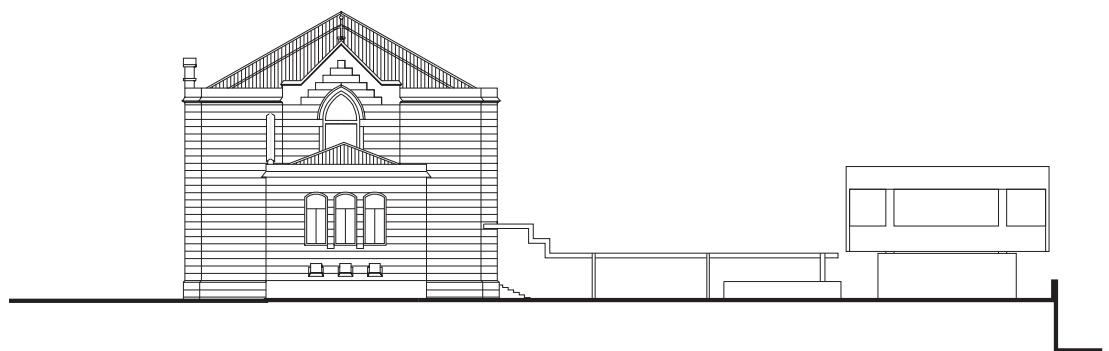


Fachada posterior do novo bloco edificado, com acesso pela rua Dr. Costa Leite, que poderá se transformar num calçadão dos estudantes de Botucatu, como sugerem os autores do projeto.





As dimensões e topografia do terreno possibilitaram grande afastamento entre o edifício antigo e o novo bloco, e a criação de um pátio que se prolonga pela área de recreação coberta, no espaço em pilotis do novo prédio.





Vista do edifício de Dubugras a partir do recreio coberto.

Escada de ligação entre o pavimento inferior e o térreo.



Recreio coberto do novo prédio.



Salas de aula do edifício novo.





Sala de aula do edifício original. As salas da frente, no pavimento superior, são separadas por divisórias retráteis, possibilitando transformá-las num grande salão.



Antes do restauro, a ligação entre o corpo principal do edifício antigo e os pavilhões laterais era feita por passarelas de alvenaria. Elas foram demolidas e no seu lugar foram construídos passadiços em vidro, recuperando a leveza da proposta de Dubugras. As mãos-francesas de ferro originais estavam escondidas dentro das alvenarias.



Victor Dubugras

EEPG Dr. Júlio Mesquita
Itapira, SP, 1896

A escola de Itapira, edifício sóbrio, de poucos ornatos, constitui referência urbana significativa, consolidada ao longo da evolução da cidade, a partir do começo do século.

Desde os operários que nos ajudaram nos trabalhos de prospecção até o Prefeito, que os acompanhou com interesse, todos tinham cursado o primeiro grau na escola.

Esta circunstância veio reforçar o entendimento, que sempre tivemos sobre um dos papéis mais importantes que deve ser desempenhado pela obra de restauro, além do de recuperar os traços essenciais de sua concepção.

Trata-se de fazer dela objeto museológico, ou seja, elemento capaz de transmitir, ao usuário e à comunidade, o máximo de conhecimento acumulado sobre os múltiplos contextos de sua criação e evolução, refletidos em suas transformações ao longo do tempo, expressando as mudanças da vida desta própria comunidade.

As diretrizes de restauro foram se articulando, como resultantes da aplicação deste conceito.

Assim, consideramos já incorporadas ao conjunto as alterações procedidas em 1940 (ampliação do edifício principal e construção de mais um galpão). Aceitamos também a reforma de 1958/60 do galpão original, que substituiu os deteriorados pilares de madeira por concreto, mantendo as tesouras antigas, dada a inexistência de documentação que permitisse reconstruir aqueles apoios de madeira.

Decidimos, no entanto, pela demolição da passarela de ligação entre o edifício principal e este galpão, erguida por ocasião da mesma reforma, e pela do anexo a ele agregado após 1971, por absoluta incompatibilidade com o conjunto.

O projeto de restauro propõe nova passarela em aço e vidro que, claramente como intervenção atual, procura citar a concepção original.

Em lugar do anexo ao galpão, foi projetado um corpo bastante menor, ficando evidenciadas as características volumétricas do galpão original.

Com esse agenciamento, que incluiu o deslocamento da quadra de esportes para o fundo do terreno, foi reproporcionado o pátio descoberto, tratado agora como pequena praça interna. O desenho de piso incorporou a marca (e respectiva identificação) da antiga parede que dividia os pátios descobertos de meninos e meninas.

O proposto aproveitamento do porão como museu da escola, possível com pequeno rebaixamento de seu piso e com acesso direto pela praça interna, pretendeu não só franquear ao público a belíssima infra-estrutura constituída de arcos de tijolos aparentes, nos quais se apoia o barroteamento (também visível) do térreo, como também, colocar à sua disposição um acervo de testemunhos da vida da escola inserida na vida da comunidade (a documentação histórico/iconográfica dos trabalhos de restauro, todos os tipos de carteiras, lousas e material escolar utilizados ao longo do tempo, fotos de formatura, indumentárias etc.).

Este acervo seria constituído por elementos ainda existentes no edifício (no porão estavam depositados vários tipos de carteiras e equipamentos não mais utilizados), e por outros que seriam coletados junto à comunidade, a qual, provocada pela rádio local, reagiu com grande entusiasmo à proposta.

As prospecções pictóricas realizadas nas paredes, revelaram poucos e simples desenhos ornamentais originais e sucessivas camadas de pintura posteriormente sobrepostas. Foi adotada a postura de deixar determinadas “janelas” expondo estas camadas com sua datação presumível e algumas decapagens, devidamente protegidas, de pinturas decorativas sem nenhum retoque. As cores adotadas nos interiores e exteriores do conjunto constituem proposta nova que se aproxima de um dos padrões antes utilizados, sem, no entanto, preocupar-se em repeti-los com exatidão.

Fez também parte do contexto do restauro pretendido, a completa recuperação do desenho dos caixilhos originais, substituídos anteriormente por basculantes padrão cuja manutenção seria inaceitável.

Paulo de Mello Bastos

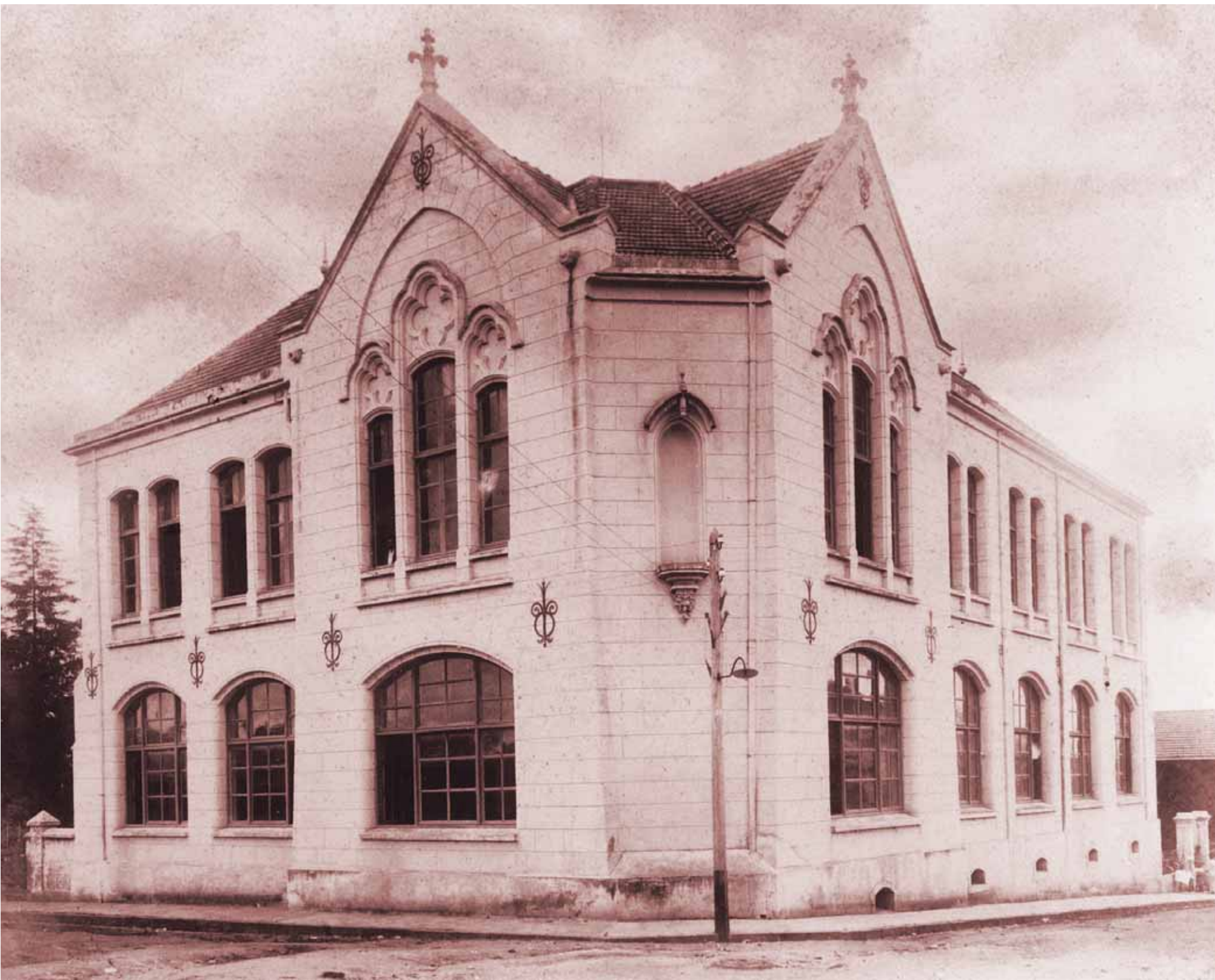


Fachada frontal da escola. Notar o vão das janelas do pavimento térreo, excepcional para os parâmetros da época. A foto registra, também, o passadiço original.



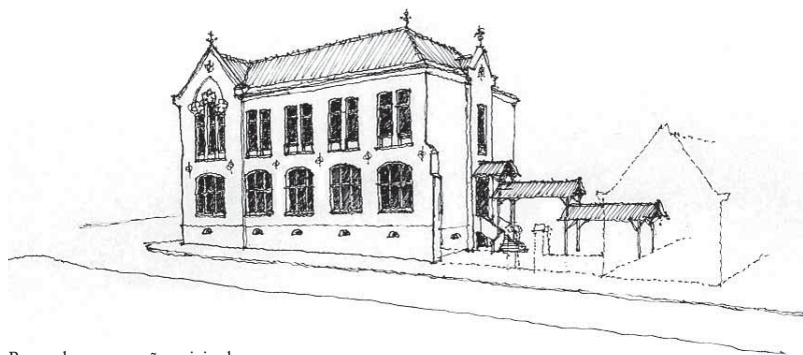
Fachada posterior do edifício logo após sua conclusão, portanto, antes da ampliação feita em 1940. Notar a abertura dos vãos, variável de acordo com as funções dos ambientes.

Album Projetos e Obras Públicas de Victor Dubugras. Acervo Elvin Dubugras.

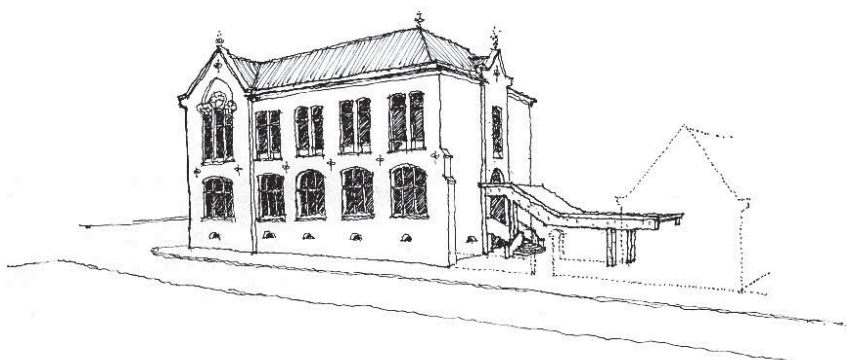


O caráter inovador de Dubugras está presente na forma de implantar o prédio - sem recuo, nas divisas do lote - na assimetria do edifício e no estilo adotado, contrariando todas as regras vigentes na época.

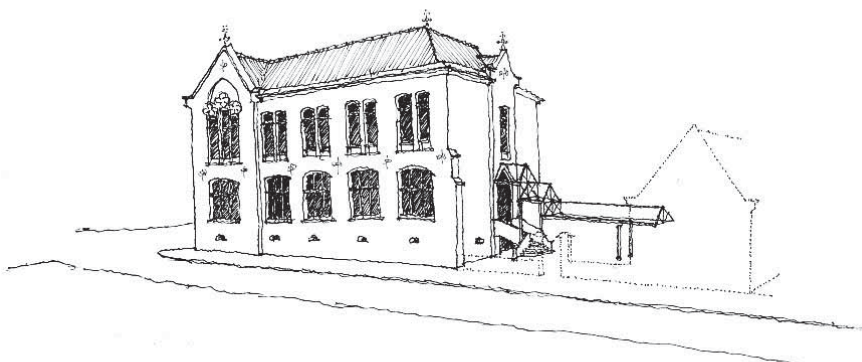
Acervo DOP-CPOS



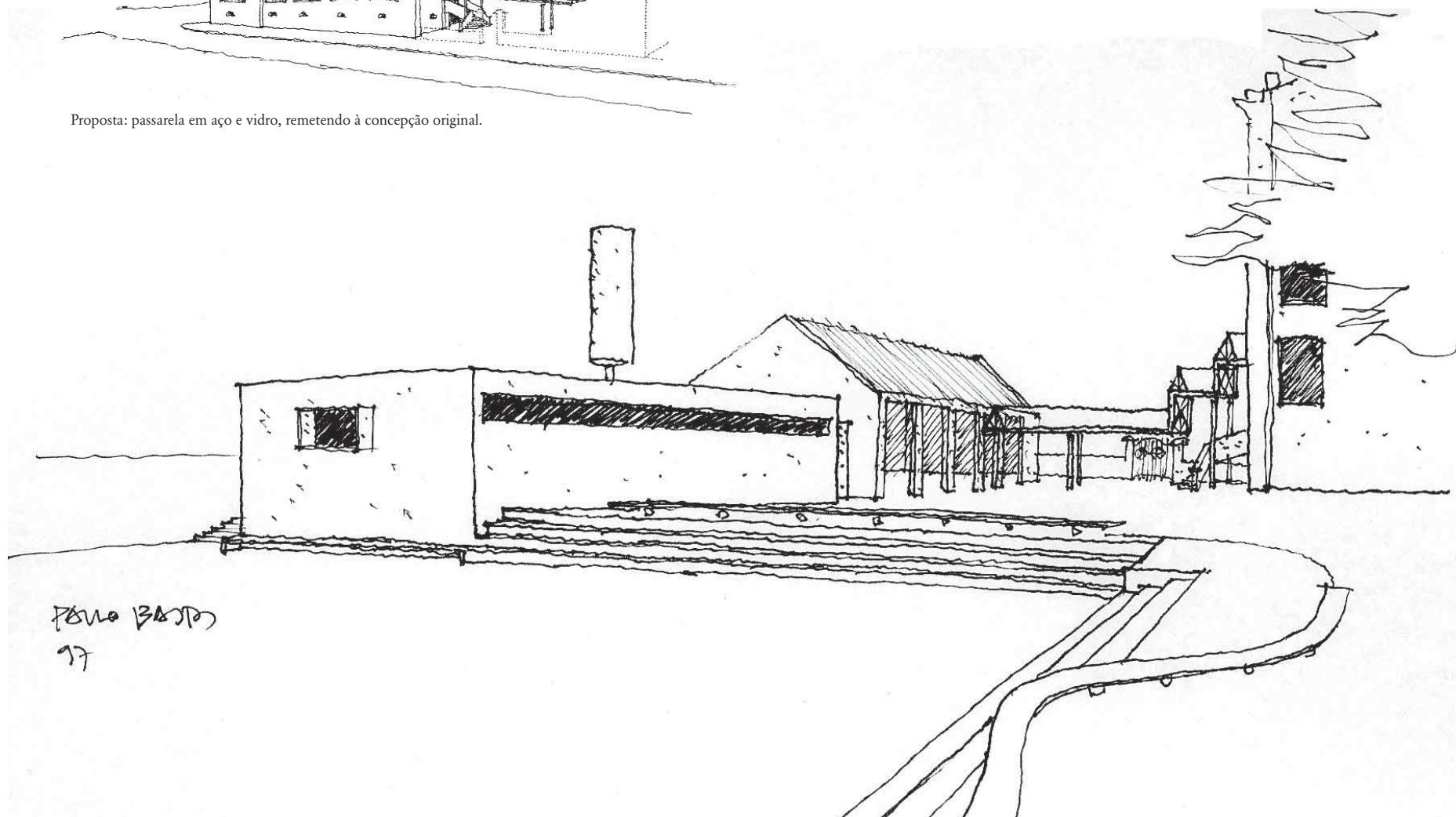
Passarela: concepção original.



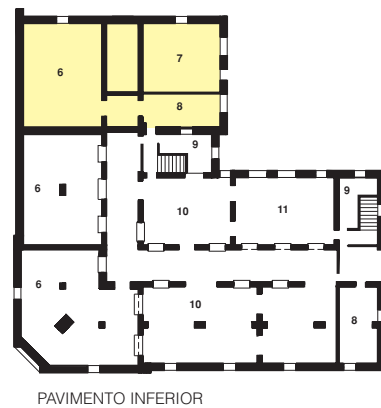
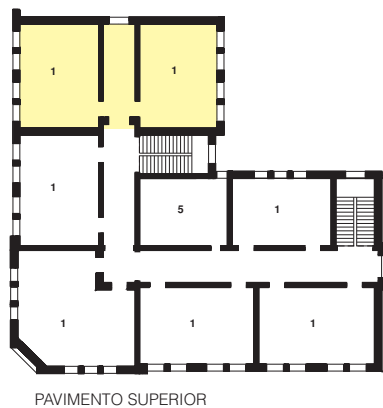
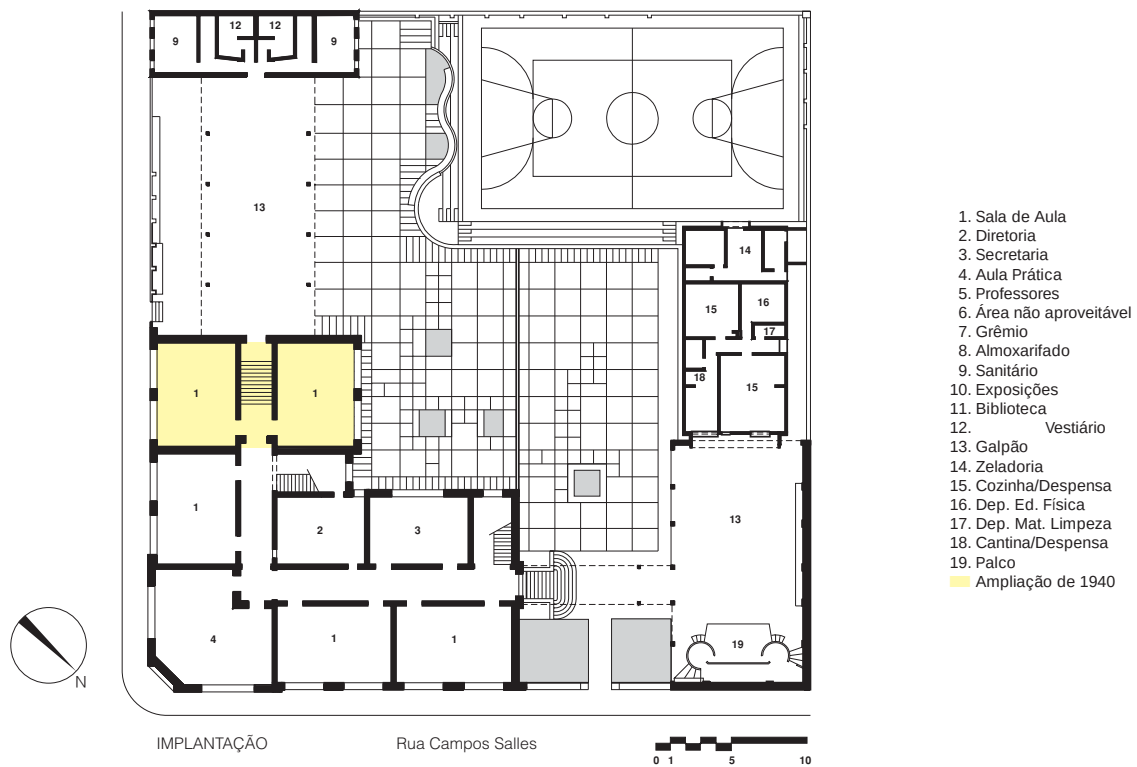
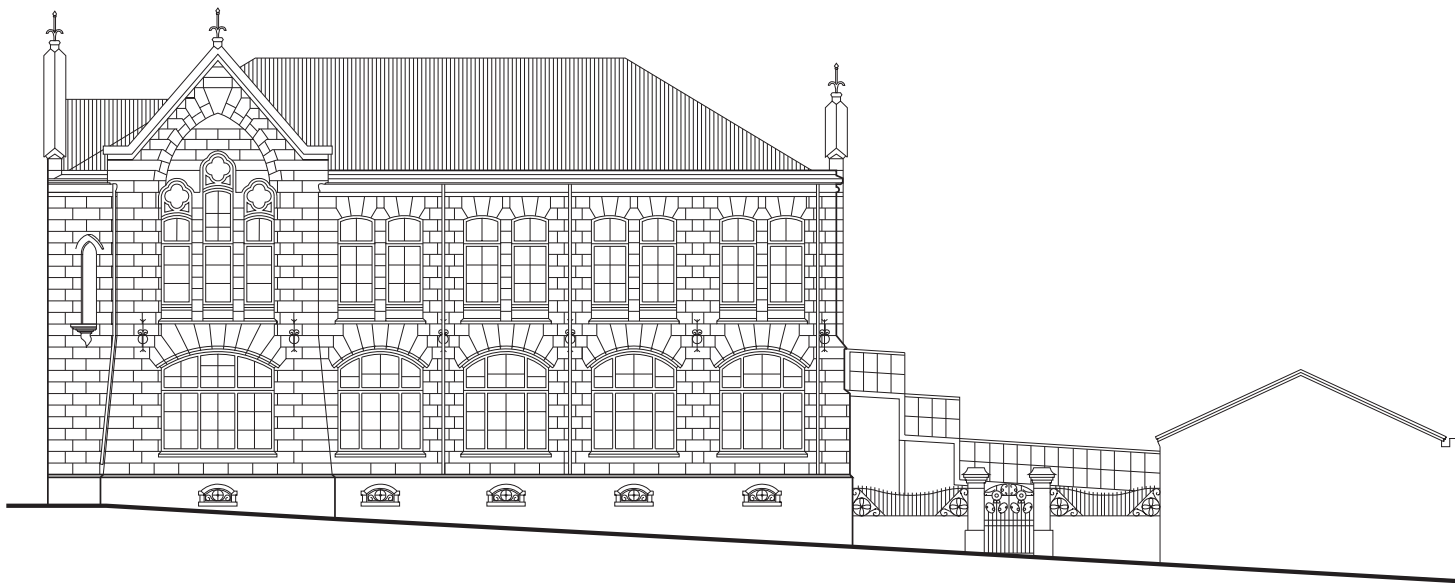
Passarela de concreto construída por volta de 1960.



Proposta: passarela em aço e vidro, remetendo à concepção original.



Pavão B&B
97



Victor Dubugras

EEPSG Coronel Venâncio
Mogi Mirim, SP, 1897

A identificação da autoria do projeto do antigo Grupo Escolar de Mogi Mirim bastaria para justificar a preservação que ora apresentamos.

Formado na Argentina em 1890, Victor Dubugras, de origem francesa, já lecionava em São Paulo em 1894. Cidade emergente, impulsionada culturalmente pela Revolução Industrial, abrigará diversas obras do autor.

No rastro das reações europeias à hegemonia clássica do Romantismo, o neomedievalismo passa a ter o mesmo caráter em diversas obras de Victor Dubugras da década de 90 do século passado. Como parte de um conjunto de obras realizadas para a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de São Paulo, o arquiteto experimenta um racionalismo construtivo em algumas obras pelo interior do Estado, que se caracterizará como síntese no Grupo Escolar de Mogi Mirim. A volumetria, os contrafortes, as platibandas, os panos de parede contínuos e, por fim, os tijolos aparentes adquirindo a forma de um maciço, evidenciam o processo construtivo experimentado antes.

Muitas foram as modificações incorporadas à escola desde sua inauguração em 1900. Algumas descaracterizando-a bastante. A recuperação, removendo-se os revestimentos que escondiam os tijolos, refazendo-se as janelas originais em madeira, recolocando-se as telhas, capa e canal e recuperando-se as pinturas ornamentais, entre outros restauros, não bastava à manutenção do uso escolar do edifício. A escola atual exige diversos ambientes e equipamentos que o antigo edifício não comportaria.

Resolvemos demolir totalmente todas as construções anexas ao prédio original, mantendo apenas o auditório, protegido pelo bosque lateral à escola. Para as novas áreas a construir, necessárias ao atendimento do programa escolar, procurou-se solução que, além de constituir-se como uma única edificação anexa, participasse como elemento de composição com o prédio original. Descartando-se qualquer construção na parte frontal do terreno, por prejudicar as amplas visadas conquistadas, resultou-nos o desafio de implantar todos os ambientes necessários na estreita faixa resultante na parte posterior do terreno.

Logo atrás do edifício, o galpão, de tratamento singelo e despojado. Saindo para as laterais do terreno, a nova edificação se alarga para acomodar os ambientes necessários. O tratamento arquitetônico procura caracterizar um cenário ao antigo prédio, voltando paredes cegas para a frente da escola. Estas paredes escondem telhados e outros elementos construtivos, na tentativa de compor o papel adequado ao cenário.

A imponência da edificação original, em contraponto à pequena altura da nova construção, garantiria formalmente seu papel principal.

Antenor Tadeu Bertarelli

Foto da escola por volta de 1930.



Arquivo DOP-CPOS



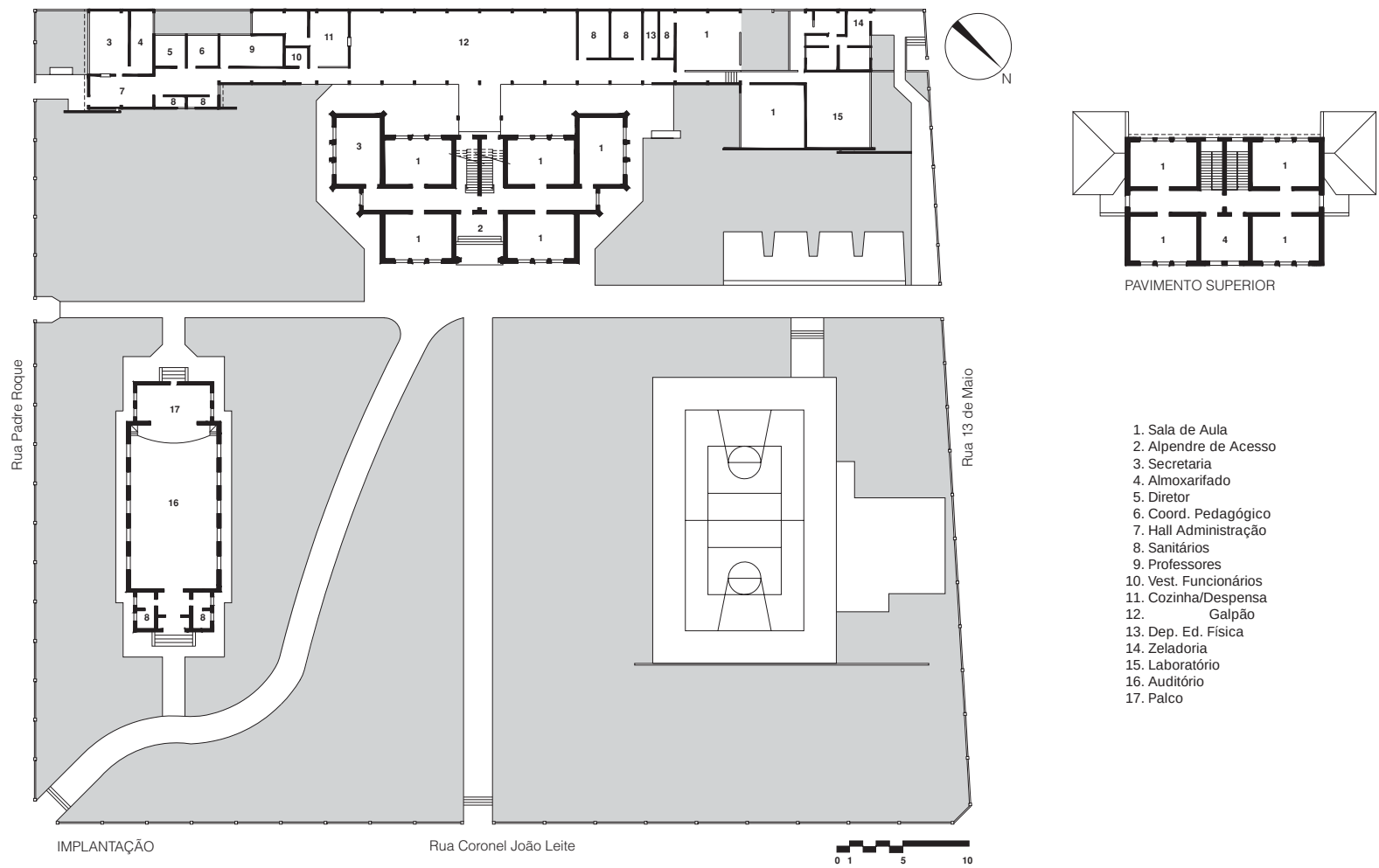
Fachada principal do edifício com tijolos aparentes, como era originalmente, após retirada do revestimento que os encobria.

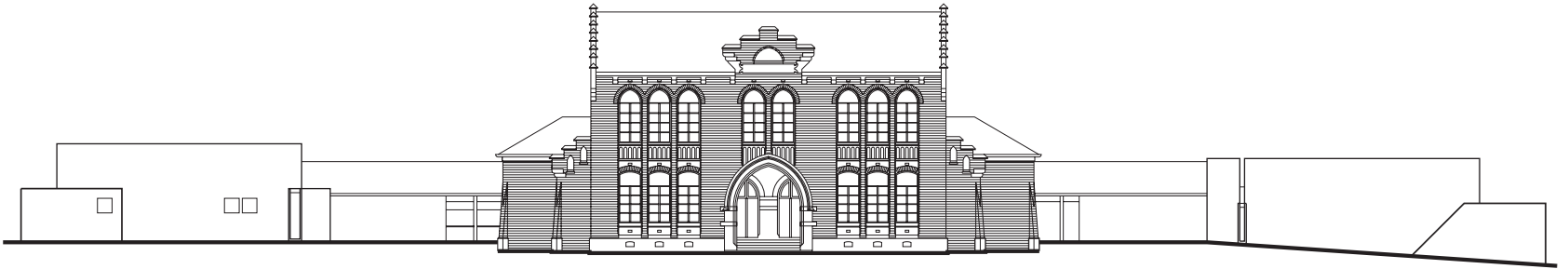
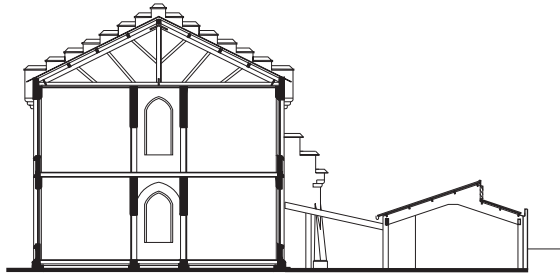


As duas portas de entrada, simetricamente dispostas em relação ao eixo principal do prédio, corresponderam aos acessos de meninos e meninas. As duas alas do edifício eram totalmente separadas, sem nenhuma comunicação interna entre elas.



Estudo de Antenor Bertarelli







A nova construção, necessária para atender ao programa da escola, foi localizada nos fundos do terreno a fim de não prejudicar a excepcional implantação do edifício de Dubugras, com enorme jardim de frente. O galpão de recreação, que se vê na foto, fica atrás do edifício antigo.



Sala de aula do novo prédio.



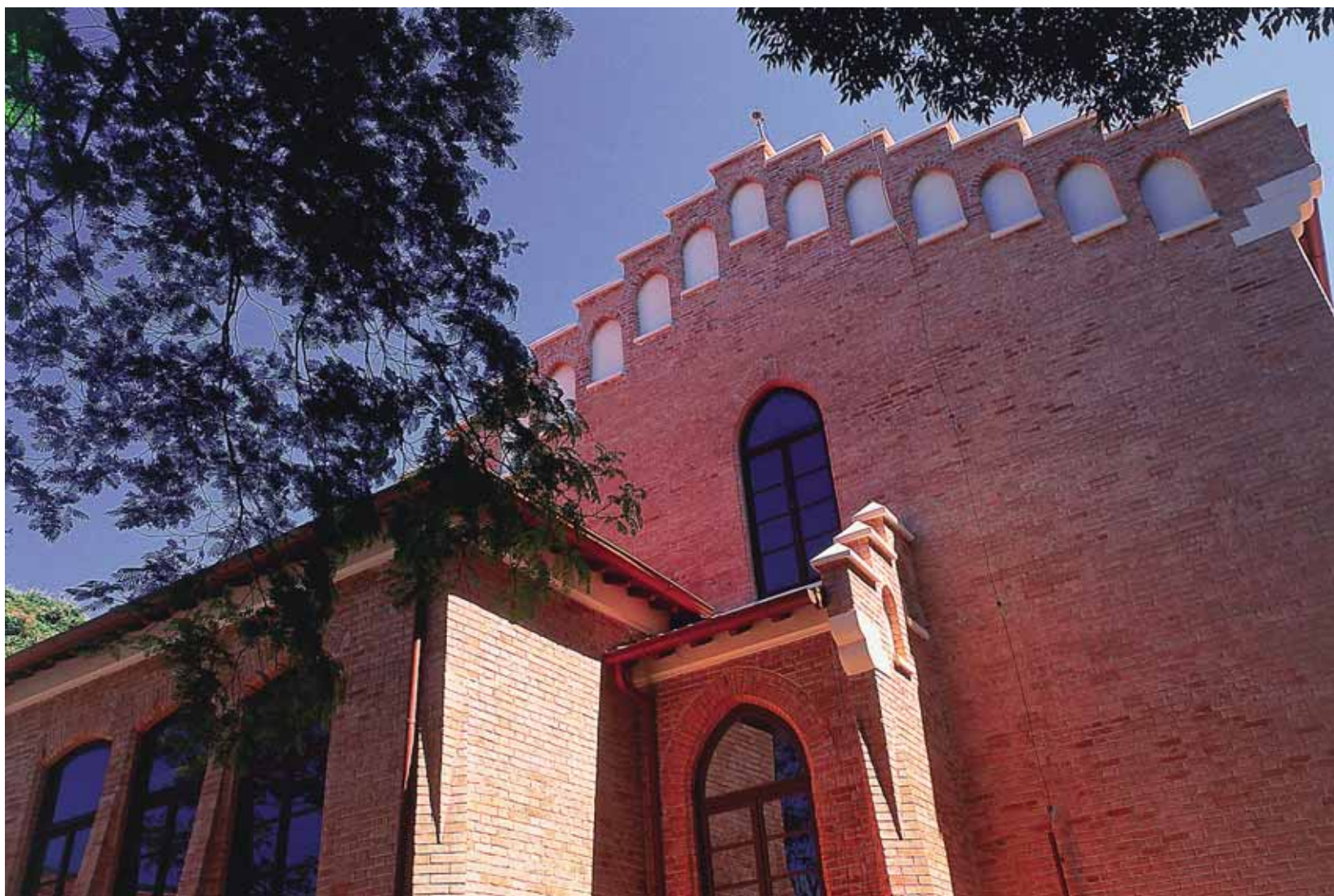
O novo edifício se alarga nas laterais, protegido por paredes cegas que compõem um cenário adequado para a valorização do prédio original.



Auditório construído por volta de 1944.



Interior do auditório.

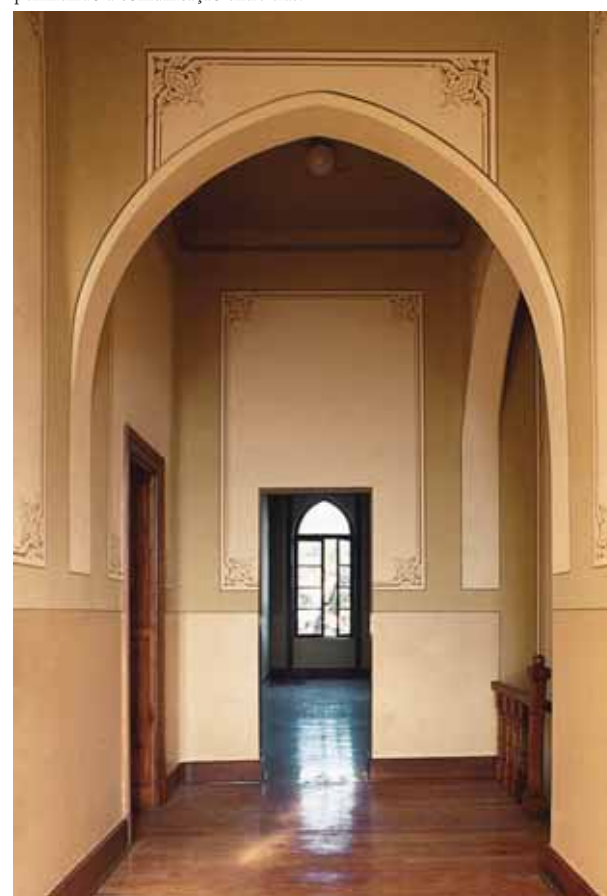


Detalhe da empena lateral escalonada e ornamentada por nichos em forma de ogivas.
Em primeiro plano, vê-se parte do volume lateral térreo.



Pintura decorativa encontrada na prospecção.

Quando a rígida divisão entre os sexos deixou de existir,
foi aberto um vão na alvenaria que separava as duas alas do prédio,
permitindo a comunicação entre elas.





Fachada de fundos.



Janelas de madeira refeitas durante a restauração do prédio.



Ambiente do pavimento superior com detalhe do testemunho da pintura decorativa original, sua repintura e barrado marmorizado.

José Van Humbeeck

EEPSG Dr. Alfredo Pujol
Pindamonhangaba, SP, 1901

O antigo Grupo Escolar de Pindamonhangaba foi construído em 1901 num amplo terreno da praça Barão Homem de Melo, em frente à estação de ferro da Central do Brasil.

Sua implantação privilegiada contribuiu muito para a valorização do edifício, que é cercado por árvores de grande porte, tornando o local especialmente acolhedor.

Entretanto, no projeto original concebido por José Van Humbeeck o prédio era totalmente voltado para dentro, ou seja, para o pátio interno. Até mesmo o gymnásio que geralmente funcionava num volume independente, neste caso, ocupava o salão situado na face posterior do edifício, hoje transformado em duas salas de aula.

O espaço externo passou a integrar a vida escolar, somente após a construção do galpão por volta de 1920, quando o recreio foi transferido para este lugar.

As demais reformas efetuadas restringiram-se às adaptações dos ambientes, conservando o partido e a volumetria originais no decorrer desses quase cem anos de existência.

Talvez a intervenção mais comprometedora tenha sido a alteração dos vãos primitivos das janelas em arco pleno para verga reta com a colocação dos basculantes de ferro. Na restauração do edifício, os caixilhos de madeira foram reconstituídos.

Umas das premissas desse projeto de restauro foi, na medida do possível, adequar o programa de necessidades às edificações pré-existentes.

Para tanto, optamos pelo aproveitamento parcial do porão, rebaixando-se o piso de algumas salas e da circulação. Para lá foram transferidos os ambientes de uso esporádico.

Sob o galpão, cuja estrutura de cobertura apresenta uma solução bastante peculiar com tirantes metálicos, construiu-se um volume independente para a cozinha, cantina e sanitários.

Foram, também, reformadas as escadas dos acessos posteriores, assimilando-se os lances iniciais à circulação do edifício principal. Dessa maneira, as passarelas de ligação entre os dois blocos passaram a ter escala compatível ao conjunto.

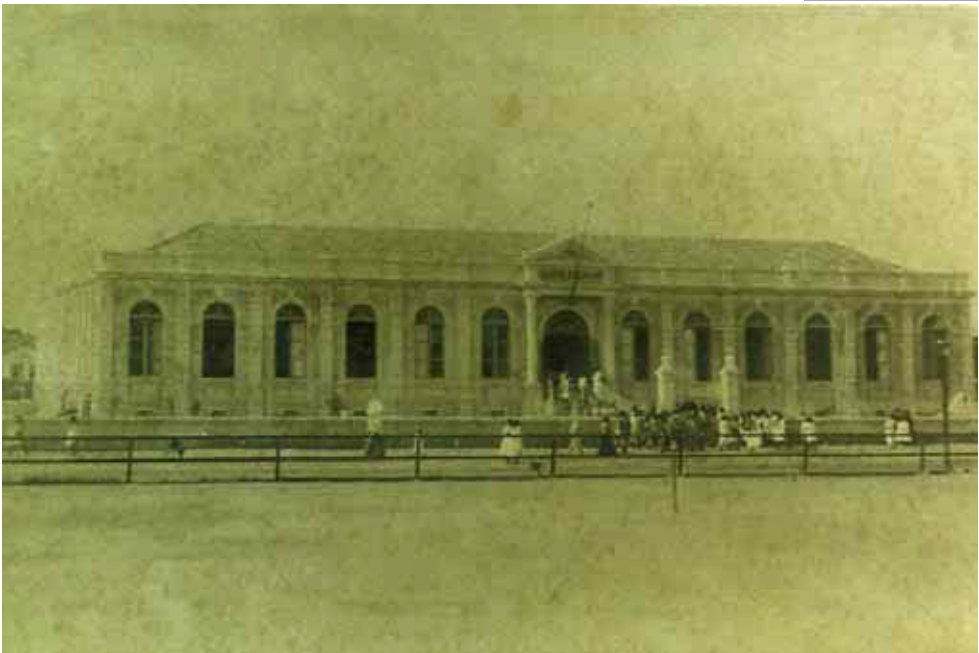
Apenas a zeladoria que funcionava inadequadamente no porão foi implantada próximo à entrada de alunos.

Destacam-se os trabalhos de restauro onde foram recuperados todos os componentes originais, identificados em levantamentos preliminares.

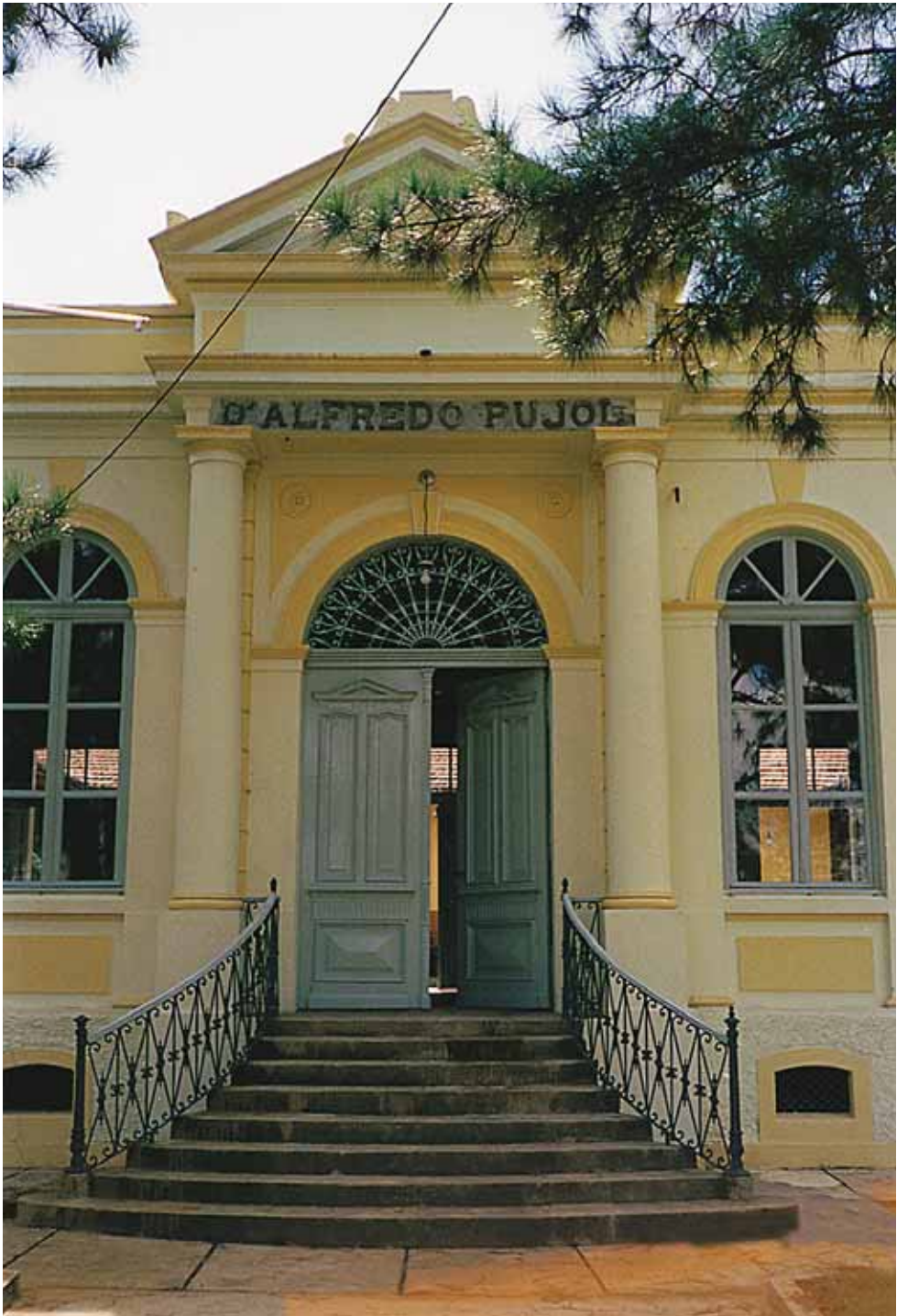
Cabe ressaltar ainda, que a maior contribuição para a revitalização do espaço veio da própria comunidade, ao garantir a permanência da escola em seu local de origem. Durante alguns anos da década de 80, o prédio esteve ocupado pela Delegacia de Ensino local, cuja situação só foi revertida após os movimentos reivindicatórios organizados pela população.

Ao visitarmos recentemente a escola, passados oito anos de sua restauração, surpreendeu-nos a cuidadosa manutenção feita por seus usuários, orgulhosos de seu patrimônio.

Hélia Maria Vendramini
Rui Tsuyoshi Hara

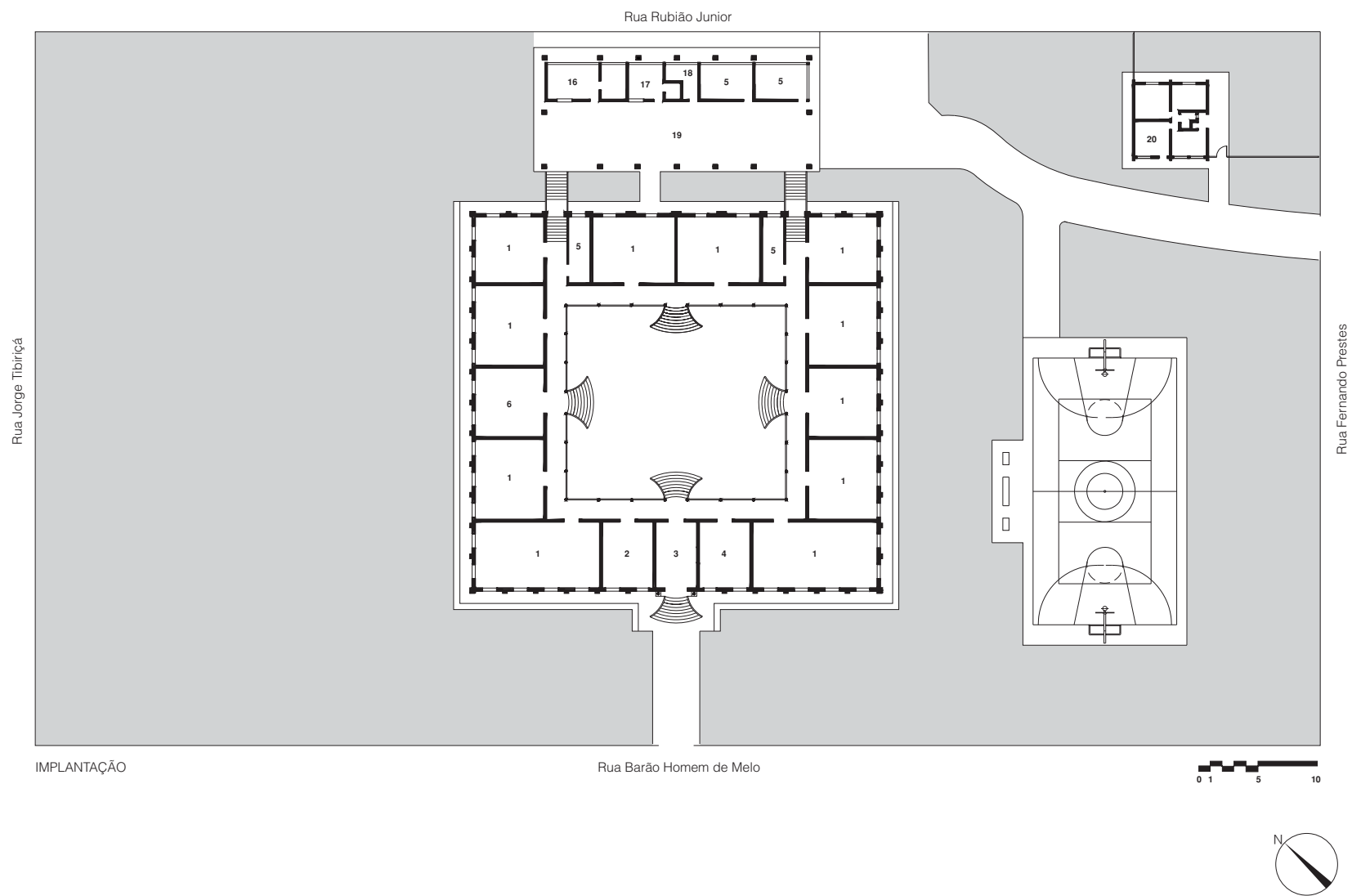


Acervo da escola

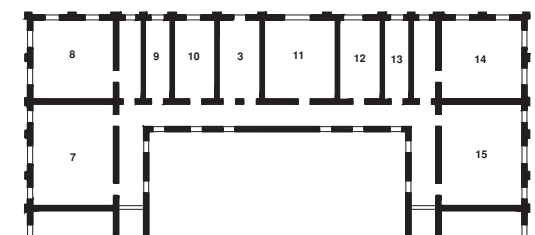




Lateral esquerda e trecho da fachada principal. No restauro, foram reconstituídos os caixilhos de madeira e os vãos primitivos das janelas em arco pleno.

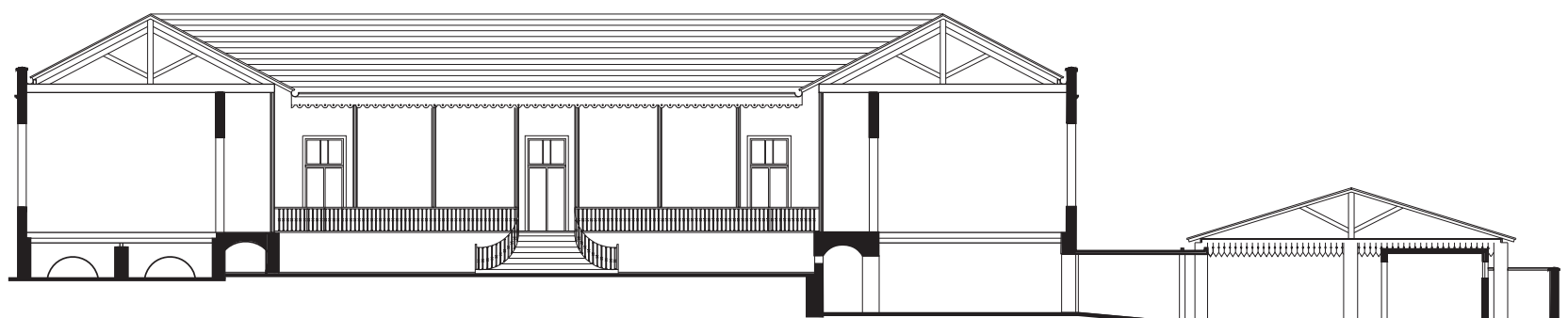


- 1. Sala de Aula
- 2. Diretor/Assistente
- 3. Entrada
- 4. Secretária
- 5. Sanitário
- 6. Professores
- 7. Laboratório
- 8. Biblioteca
- 9. Vest. Funcionários
- 10. Dentista



PAVIMENTO INFERIOR

- 11. Coord. Pedagógico
- 12. Almoxarifado
- 13. Depósito
- 14. Sala de uso múltiplo
- 15. Sala de Artes
- 16. Cozinha/Despensa
- 17. Cantina
- 18. Dep. Ed. Física
- 19. Galpão
- 20. Zeladoria





A EEPSG Dr. Alfredo Pujol foi implantada em amplo terreno, cercada de árvores de porte, que contribuem para a valorização do edifício.



Uma nova escada coberta foi construída ligando o galpão e o pavimento térreo do edifício principal. Ao fundo, o acesso ao porão, que foi adequado para funcionamento de alguns ambientes.



Detalhe do lambrequim de madeira que contorna todo o galpão.



Sala de aula.



Ambiente administrativo.



Detalhe da pintura decorativa.



A EEPSG Dr. Alfredo Pujol foi o primeiro grupo escolar em um só pavimento, concebido com um pátio interno em torno do qual se desenvolve a circulação coberta que interliga as salas.

José Van Humbeeck

EEPG Coronel Joaquim José
São João da Boa Vista, SP, 1902

Esta escola, de São João da Boa Vista, traz as principais características dos edifícios escolares construídos no Estado no início do século: porão alto que confere destaque ao pavimento térreo, fachada principal exposta como um grande plano em um cenário semi-neoclássico (eclétrico) e principalmente sua implantação, frontal à praça, ganhando significado especial, ao mesmo tempo monumental e aconchegante.

Diante de um entorno bastante modificado a escola ainda mantém sua forte presença, hoje enriquecida com as belas árvores da praça já de grande porte.

A ampliação proposta tornou inevitável a criação de um bloco novo. Como no único trecho vago do lote, diminuído em relação à quadra para a formação da praça Roque Fiore, encontra-se uma bela Tipuana, a implantação do bloco teve restrições físicas determinantes. Principalmente quando a ampliação deve conservar fundamentalmente a nitidez de leitura em relação ao conjunto restaurado.

O bloco novo surge, então, no lugar do antigo galpão, já inexistente na época. Resguarda-se a área da antiga Tipuana como pátio descoberto, a quadra já existente e mantém-se o afastamento do bloco antigo interligado a este pelos passadiços originais reconstruídos. O declive do terreno permitiu assentar o bloco novo em cota mais baixa, que resultou em altura total agradável: nem



Arquivo DOP-CPQOS

A escola logo após sua construção com o passadiço original em madeira e vidro, demolido em 1945 e substituído por circulações de alvenaria.

tão alta que sufocasse o prédio antigo, nem tão baixa que parecesse amesquinhado, como um mero puxado.

A chegada ao galpão a cavaleiro, para quem vem pelos passadiços, forma um anfiteatro no próprio galpão e inversamente, um palco a partir do pátio. As aberturas do galpão e do refeitório voltadas para a área dos fundos, onde estão a quadra de esportes e a Tipuana que foi preservada e ainda o acréscimo de um banco de concreto de forma livre à sua sombra são um resultado interessante da solução adotada.

Francisco de Paiva Fanuchi
Marcelo Carvalho Ferraz
Marcelo Suzuki

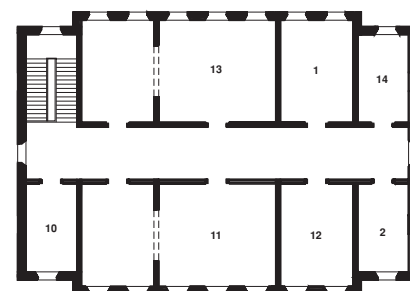
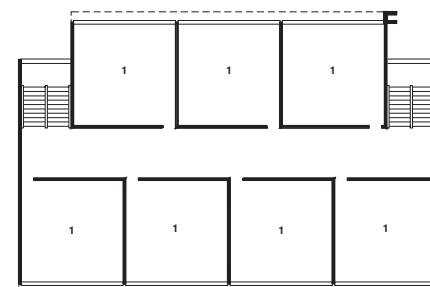
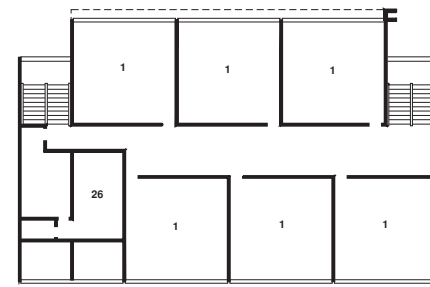
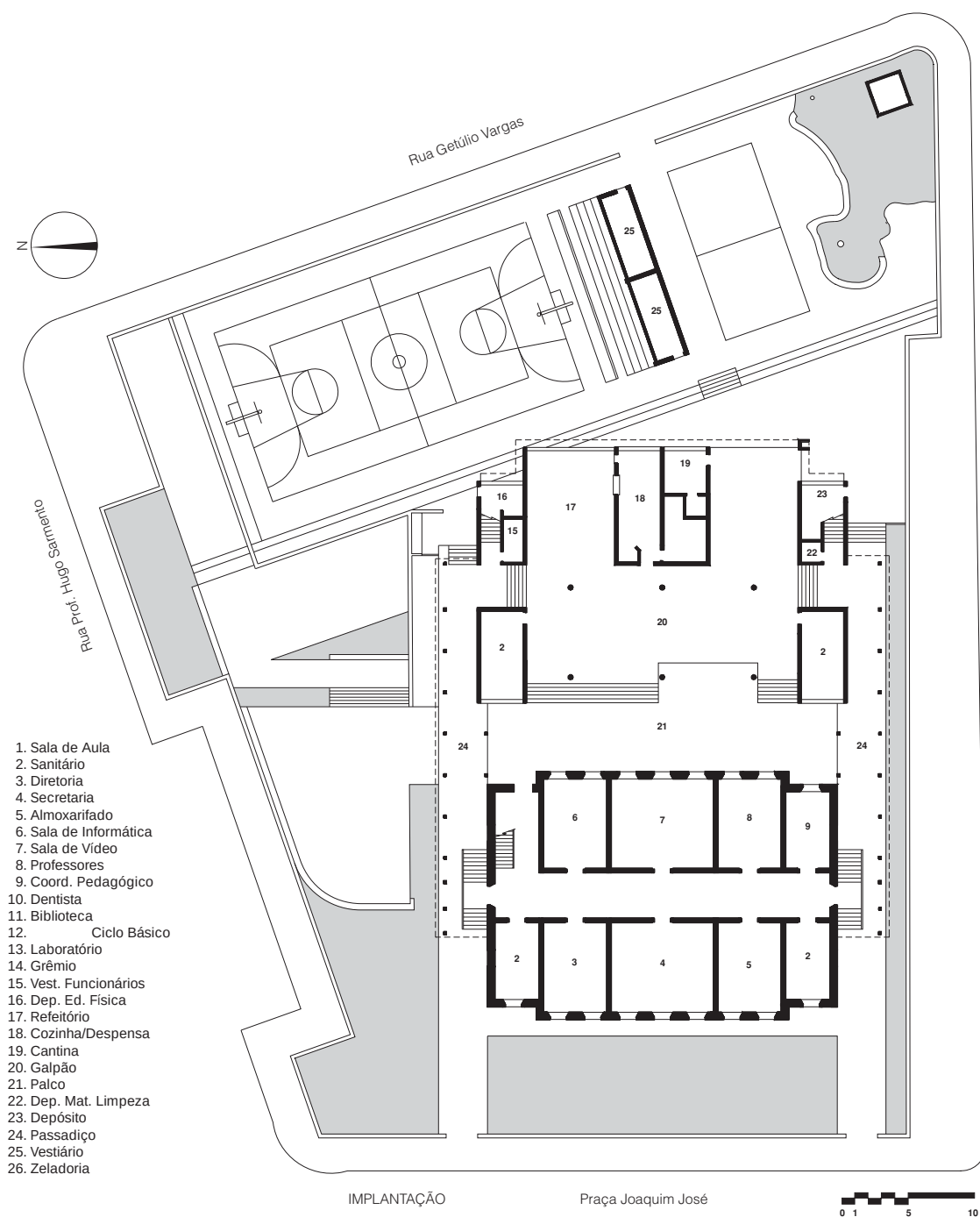
Fachada principal ainda com muros e gradis, retirados em 1939.



Album da 3ª Conferência Nacional da Educação - 1929



Vista da escola com seu novo bloco, implantado próximo ao edifício antigo devido às reduzidas dimensões do terreno.





Fachada posterior do novo edifício e aos fundos o prédio original.



Bancos sinuosos colocados junto ao edifício e à Tipuana tornaram-se o ponto de encontro dos alunos.



A Tipuana vista do patamar da escada.



Fachada junto à rua Getúlio Vargas com banco sendo utilizado pelos alunos.



A nova linguagem arquitetônica coexiste com a antiga.

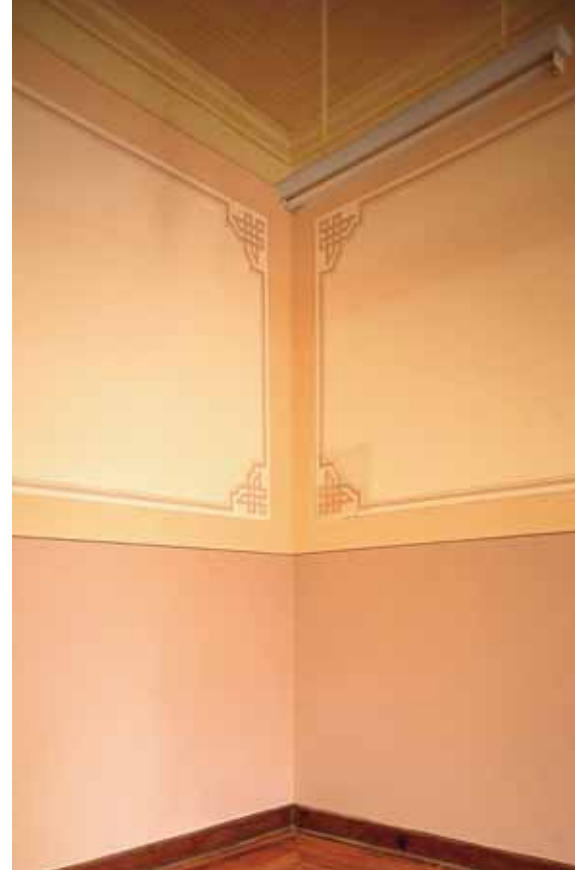
Detalhe da estrutura de madeira e iluminação zenital do passadiço.



No restauro, as pesadas circulações de alvenaria foram demolidas e substituídas pelos passadiços originais reconstruídos para interligar os dois edifícios.



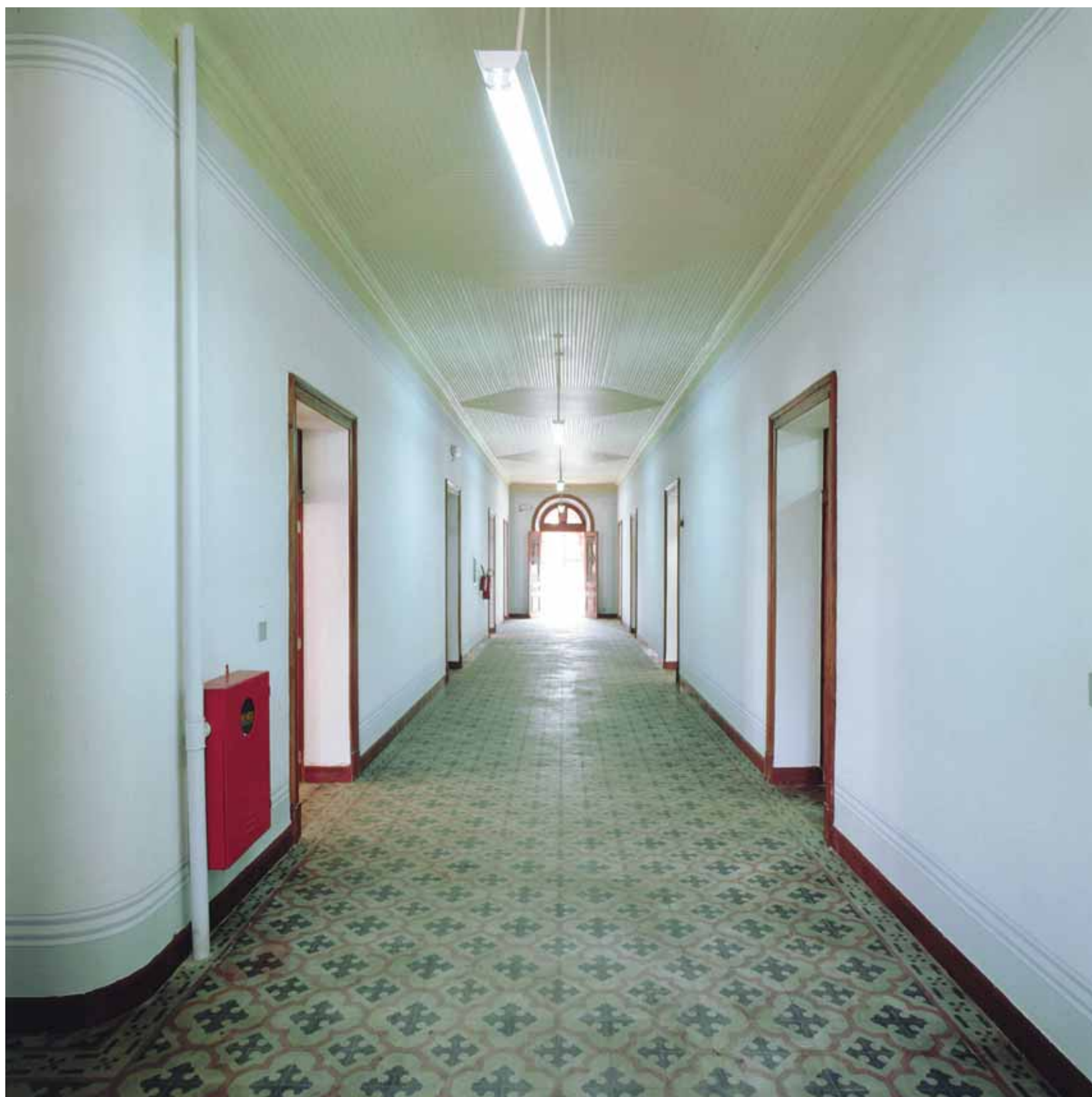
Ambiente adaptado para funcionamento do laboratório.



Detalhe da pintura decorativa com testemunho da situação original.



Edifício antigo.
Escada de acesso ao pavimento superior.



Circulação térrea do edifício antigo com piso de ladrilho hidráulico colocado em 1945, em substituição ao assoalho original.

José Van Humbeeck

EEPG Dr. Jorge Tibiriçá
Bragança Paulista, SP, 1905

Bragança Paulista, próxima de São Paulo e com uma rica história urbana que remonta ao século XVIII, representa um município importante no desenvolvimento da ocupação territorial paulista, envolvido com a produção cafeeira.

Mesmo municada em parte com considerável infra-estrutura urbana, somente no início deste século, 1905, a cidade foi contemplada, com um projeto de escola pública padrão, elaborado pelo engenheiro José Van Humbeeck.

São essas as características básicas do projeto original: bloco principal térreo, pátio centralizado, distinção dos espaços em duas alas articuladas em anexos abrigando áreas de apoio específicas para meninos e meninas.

Na concepção da escola de Bragança, o partido arquitetônico de Humbeeck foi adequado a um terreno de considerável declividade mantendo visualmente, em sua fachada principal, a volumetria de uma construção de único pavimento com porão alto. Esta implantação, de certa forma, camufla a parte do porão que está situada na porção posterior do edifício permitindo a organização espacial de funções de menor importância.

No projeto desenvolvido para a EEGP Dr. Jorge Tibiriçá, a solução arquitetônica surge a partir de limitações, fazendo este se revelar como desafio para concretizar resultados que valorizem os espaços a serem restaurados e a criação de ambientes que traduzam a modernidade e a surpresa do encontro entre o passado e o presente.

Desde o início do projeto, o processo de trabalho criativo foi decisivo. Cada solução resultava de discussões amplas e abertas, envolvendo graus diferenciados de dificuldades de desenho: do partido arquitetônico à decisão de detalhes como a cor de um gradil.

O projeto avançava de acordo com soluções que associavam

bom senso e entendimento histórico-arquitetônico do bem cultural com o traço criativo de profissionais, dentro de um processo de trabalho no qual hoje seria impossível identificar autoridades.

O programa de uso previa, além de ampliação espacial, uma modernização compatível com diretrizes estabelecidas pela Secretaria Estadual de Educação, que inovava o currículo escolar.

Esta condição sugeriu que, além da possibilidade de restauração, a adequação espacial deveria ser integrada à construção pré-existente possibilitando a leitura volumétrica e estética do edifício original.

As dificuldades decorrentes de significativos desníveis do terreno, a exigüidade do lote e os novos ambientes a serem inseridos na escola, foram enfrentados através da adoção de um partido arquitetônico onde se harmoniza o espaço compacto com a amplitude do programa de uso.

A solução que permitiu a associação de duas diretrizes tão conflitantes entre si foi a definição de uma nova área resolvida por uma laje, tornando útil grande parte do terreno em declive. Sob a laje foram organizadas espacialmente as atividades de recreação e alimentação, e sobre ela foi instalada uma quadra de esportes.

As novas atividades didáticas foram, em parte, instaladas no porão, que teve seu nível rebaixado, deixando mais visível o embasamento em pedra entaipada do antigo edifício.

Neste ambiente, predominantemente rústico foram sendo resolvidos os detalhes necessários à adaptação dos novos ambientes, com introdução de iluminação natural, definição de circulações e instalações de salas especiais.

Crítérios mais ortodoxos de restauração foram definidos para os espaços do pavimento térreo, face à riqueza de vestígios da construção original. Esse resgate arquitetônico e pictórico revelou a ambiência e propriedades estéticas do edifício original. Por fim, as intervenções pensadas e realizadas no EEGP Dr. Jorge Tibiriçá devem ser entendidas, a nosso ver, como um gesto de conquista da memória de grande parte da população de Bragança que nesta escola iniciou seu exercício de cidadania.

Antonio das Neves Gameiro
Helena Saia

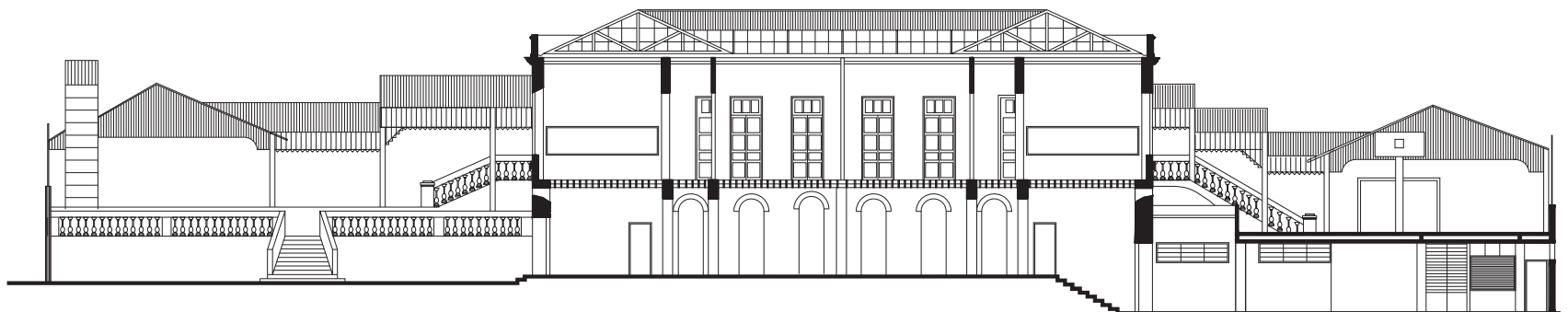
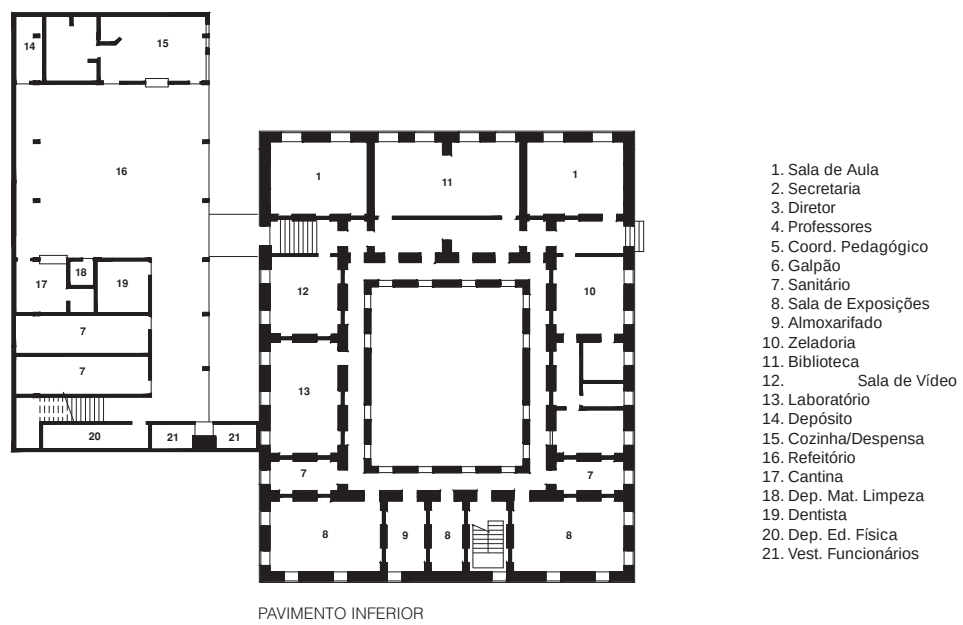
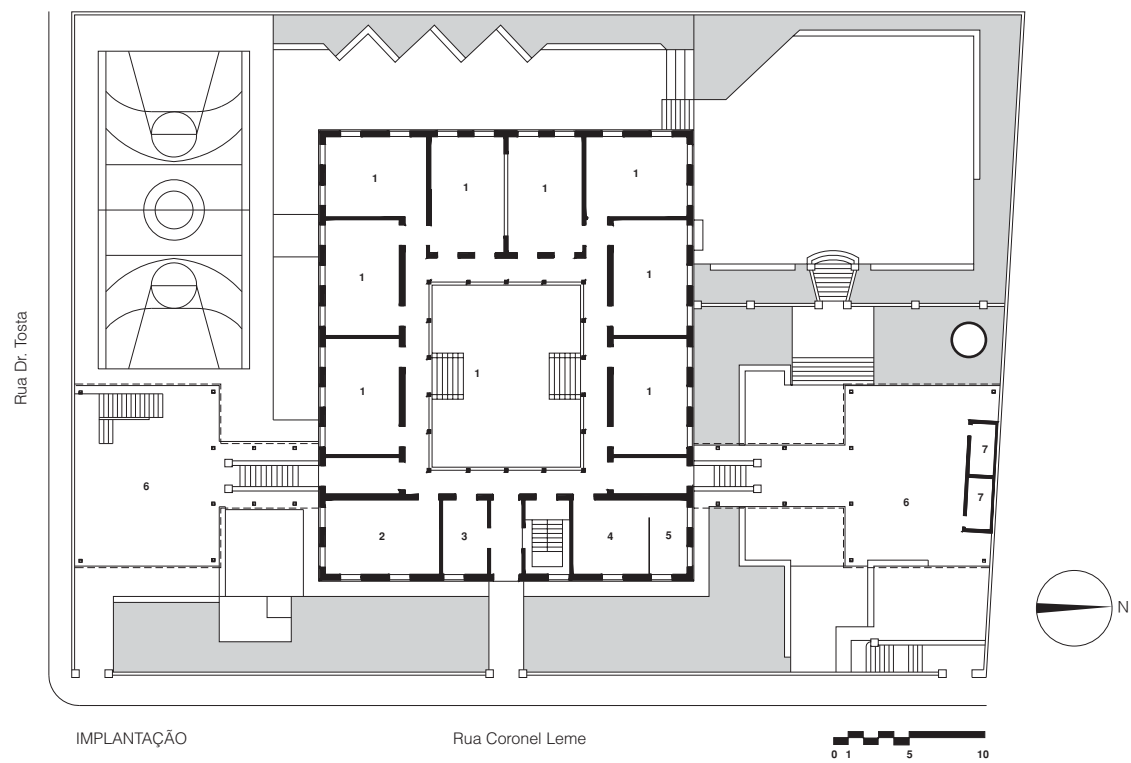
Vista geral dos fundos da escola em foto de 1945, tirada durante a chegada dos expedicionários da FEB. Notar o muro de separação das alas masculina e feminina.

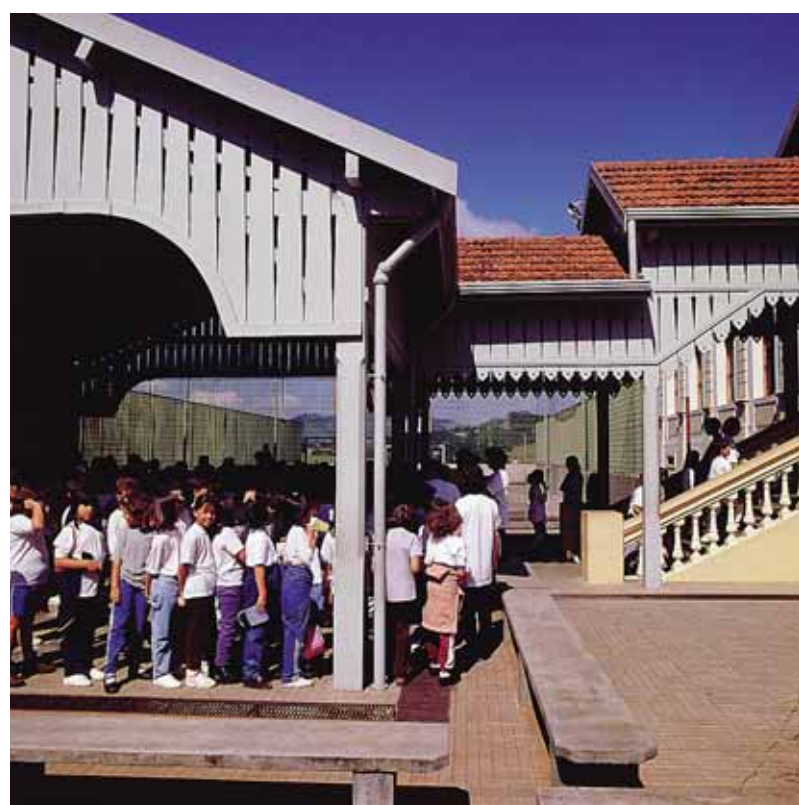




Vista aérea da EEPG Dr. Jorge Tibiriçá com seu pátio interno e os galpões de recreio laterais. Aproveitando o desnível do terreno, no restauro é construído novo bloco – identificado pela laje da quadra de esportes –, liberando a paisagem antes encoberta por diversos anexos e valorizando o conjunto histórico.







A EEPG Dr. Jorge Tibiriçá é uma das únicas escolas onde os galpões de recreio para meninos e meninas são laterais em função do desnível do terreno. Apresentam belas tesouras de madeira e primorosa solução de lambrequins, que guarnecem também as passarelas de ligação com o edifício principal. Em sua face fronteira, esse lambrequim adquire desenho arredondado em concordância com a curvatura das janelas.



A visão da paisagem com a silhueta dos morros foi restituída após a demolição dos anexos antes existentes junto ao recreio coberto.



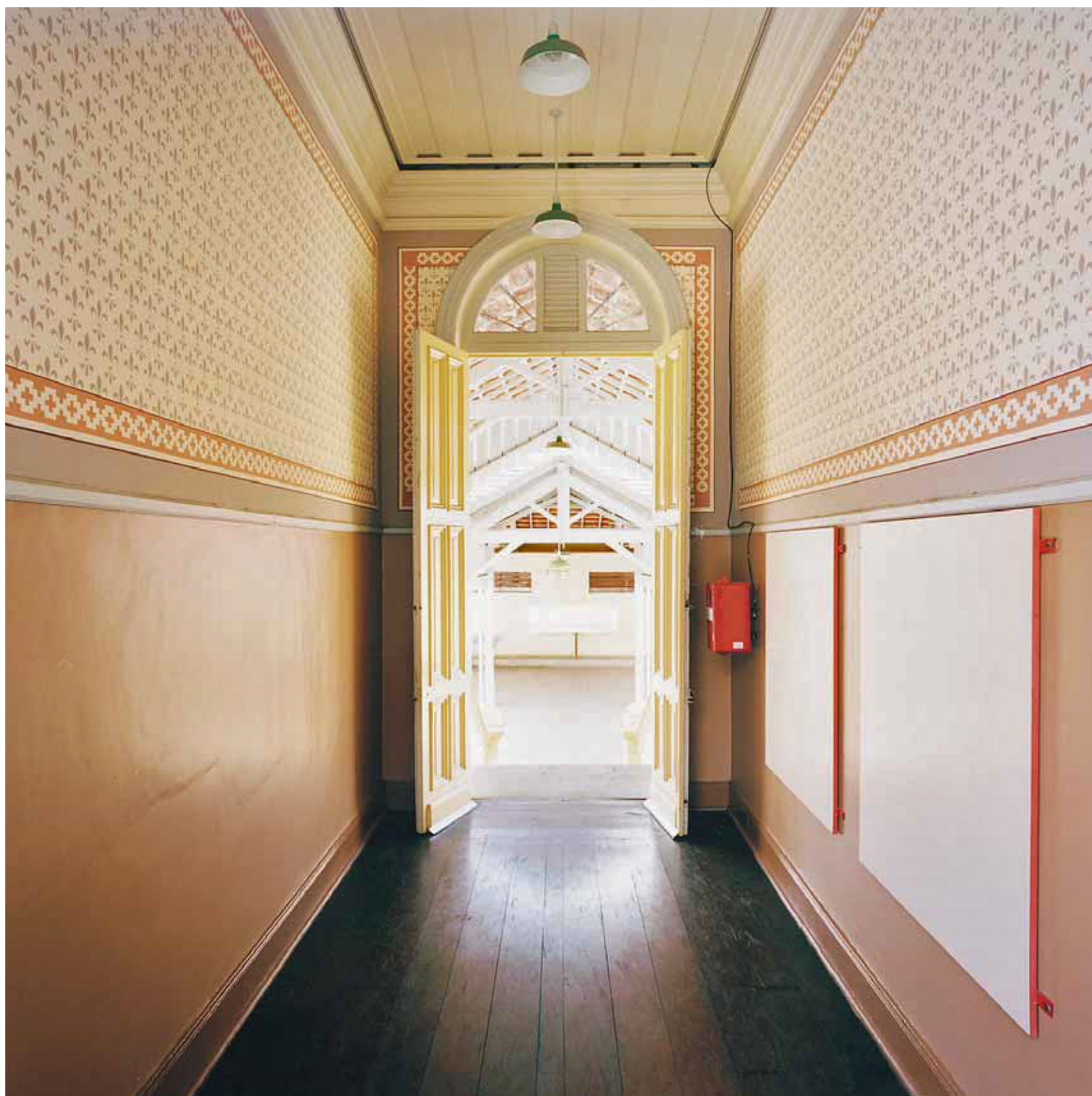
Volume da caixa d'água e jogos de amarelinha colocados nos espaços antes ocupados por diversos anexos.



O desnível do terreno propiciou a utilização do porão em sua porção posterior desde a origem do edifício. No restauro, esse desnível possibilitou a construção de novo bloco, em cujo pavimento inferior encontram-se os ambientes de apoio e alimentação e sobre o mesmo a quadra de esportes, em nível com o galpão de recreio.



Interior do refeitório.



Acesso ao galpão de recreio lateral. O resgate arquitetônico e pictórico revela a ambiência e propriedades estéticas do edifício original.



Pátio interno para onde se volta a circulação avarandada das salas, em solução de esbeltos pilares e lambrequins de madeira, guarda-corpos metálicos e piso em ladrilhos hidráulicos.



Sala de aula no térreo.

Sala de artes no porão com piso rebaixado.





A introdução da escada metálica de acesso ao porão demonstra a interação entre a modernidade do novo elemento e a riqueza do espaço histórico.



O rebaixamento do piso do porão revela o embasamento em alvenaria de tijolos e a fundação em pedra entaipada.

José Van Humbeeck

EEPG Ataliba Leonel
Piraju, SP, 1909

O projeto para o grupo escolar de Piraju é de autoria de José Van Humbeeck e teve sua construção iniciada em 1909. Assemelha-se, com poucas variações a outros grupos escolares projetados pelo arquiteto entre 1909 e 1911, como os de São Pedro, Brotas, Matão, Tambaú, Lençóis entre outros.

Sua planta tem a forma de um “U”, com duas alas simétricas que ladeiam um pequeno pátio descoberto. As alas possuíam entradas independentes desde a rua e eram originalmente separadas por portas do tipo vaivém isolando completamente alunos de alunas.

O corpo principal foi implantado em um nível acima da rua, com recuos generosos, tanto na frente quanto nas laterais, acentuando sua imponência que domina todo o quarteirão. No fundo do terreno, o galpão resumia-se à uma grande cobertura de telhas de barro, dividida ao meio e ligada ao corpo principal através de duas passagens cobertas, novamente reservando áreas independentes para os meninos e as meninas.

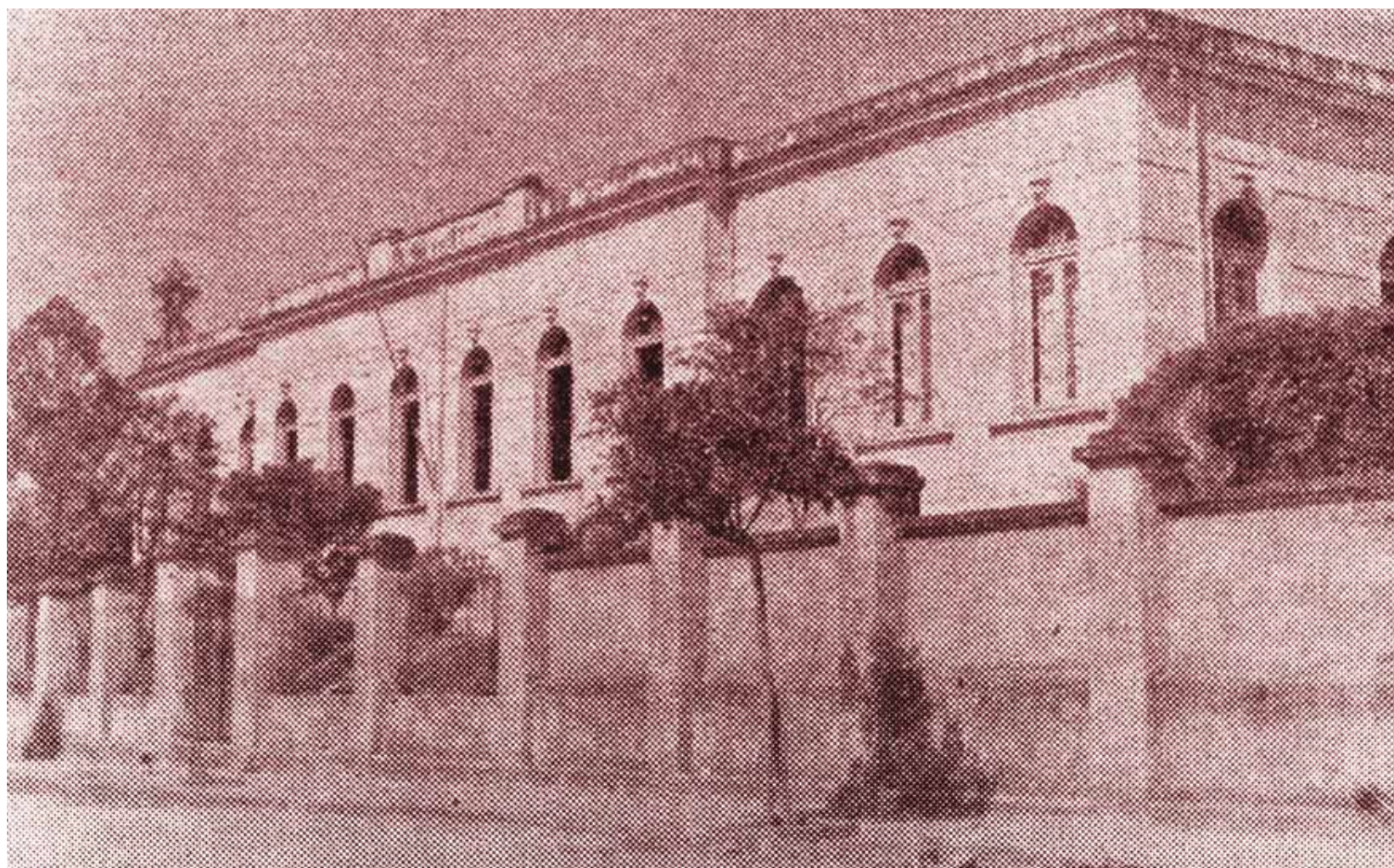
O prédio sofreu três ampliações, uma em 1947 que demoliu o galpão para substituí-lo por outro acrescido de compartimentos para sanitários, serviços, secretaria e diretoria e que acabou por confinar o pátio descoberto à uma área isolada. Em 1960 uma nova ampliação acrescentou um pequeno bloco com duas salas no recuo lateral esquerdo, estrangulando o espaço livre nessa região. Já em 1979 foi anexado um pequeno trecho de terreno para a implantação de uma quadra de esportes de dimensões reduzidas.

De qualquer forma, o corpo principal teve suas proporções mantidas integralmente ao longo do tempo, com seu pequeno frontão central e envazaduras de ritmo constante em arco pleno, embora sua caixilharia de madeira tenha sido substituída por outra em ferro pintado. A fachada é simétrica, com o volume do frontão ladeado por duas entradas principais, ligadas diretamente às galerias de circulação.

Em 1992, deu-se início ao projeto de restauro, idealizado de forma a garantir as áreas necessárias do programa escolar atual, e ao mesmo tempo visando restabelecer os princípios de implantação do prédio original. Para tanto foram demolidos os blocos acrescidos nas reformas anteriores, agora substituídos por um bloco único implantado no fundo do terreno e ligado ao corpo principal através de novas passagens cobertas. Desta forma, os recuos laterais foram desobstruídos e o pátio descoberto readquiriu suas características originais de mediador entre o corpo principal e o galpão. Este novo bloco de salas e serviços, em dois pavimentos, com uma cobertura ampla em estrutura metálica, incorpora o tradicional galpão de recreio abrigando-o em uma área de pé direito duplo, aberto para um mezanino no pavimento superior.

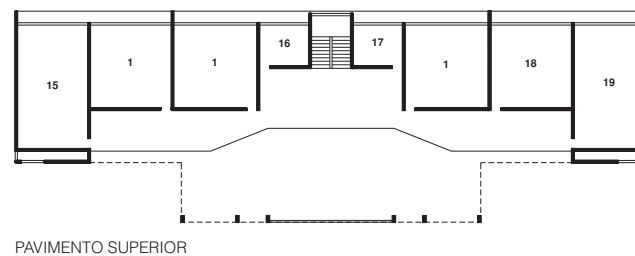
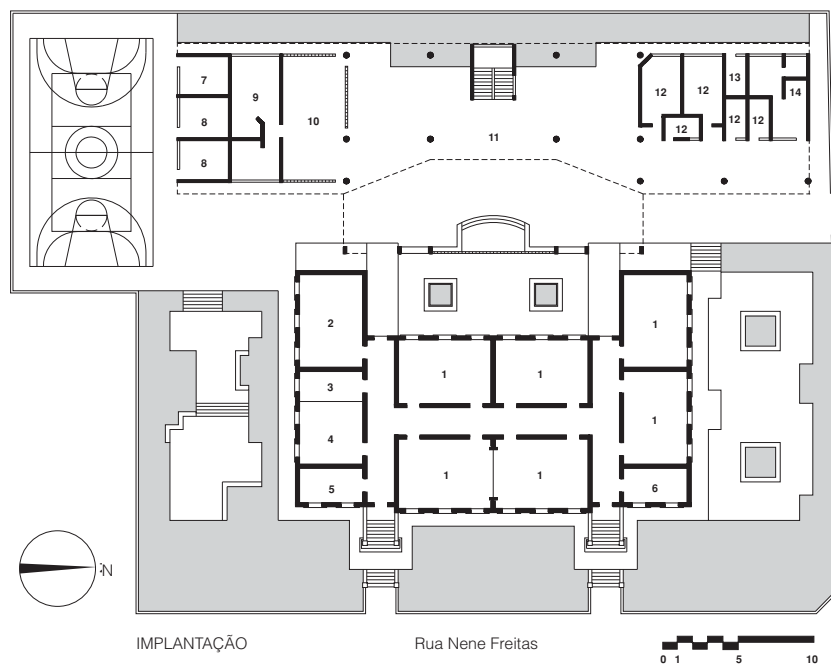
A restauração em si, baseou-se no princípio de recuperação das linhas gerais do volume do prédio. Os caixilhos de madeira foram refeitos a partir dos desenhos originais, assim como os ornatos e molduras de fachada. Internamente, foi recuperada a pintura original com barramento e motivos florais, bem como os pisos e forros com suas molduras, tabeiras e desenhos característicos. Em especial, foram reconstituídas as divisórias retráteis que antigamente permitiam o uso conjunto das duas salas da frente que assim voltam a transformar-se em um pequeno auditório quando necessário.

Lêda Maria Brandão de Oliveira

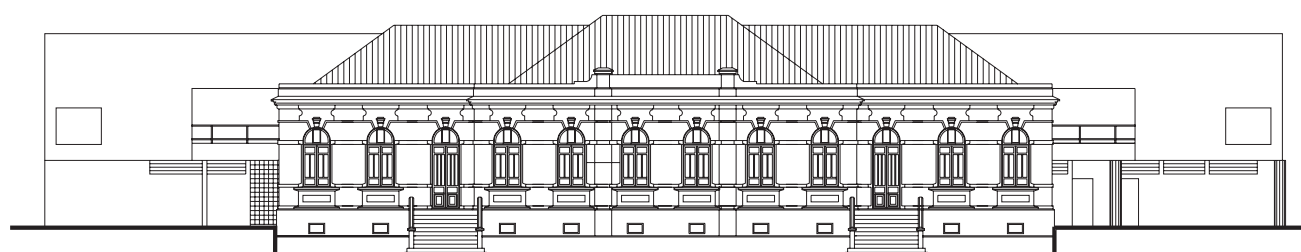
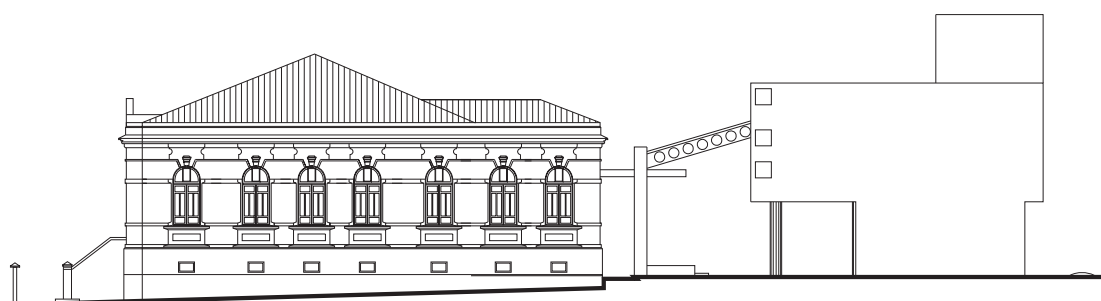
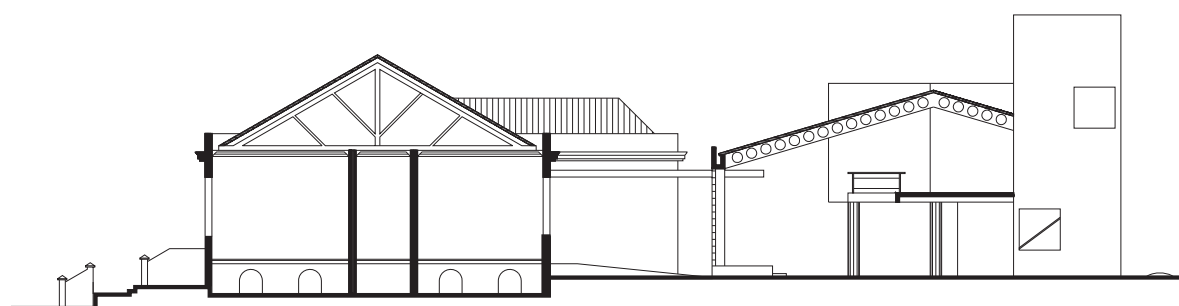


Arquivo da escola





- | | |
|----------------------|-----------------------|
| 1. Sala de Aula | 11. Galpão |
| 2. Secretaria | 12. Sanitário |
| 3. Coord. Pedagógico | 13. Dep. Mat. Limpeza |
| 4. Professores | 14. Zeladoria |
| 5. Diretor | 15. Laboratório |
| 6. Almojarifado | 16. Depósito |
| 7. Dep. Ed. Física | 17. Dentista |
| 8. Vestiários | 18. Sala de Vídeo |
| 9. Cozinha/Despensa | 19. Biblioteca |
| 10. Refeitório | |





Na EEPG Ataliba Leonel o porão não permitiu o rebaixamento de seu piso, portanto, todos os ambientes necessários para complementar o programa foram introduzidos no edifício novo.



Uma praça de recreação foi executada no local anteriormente ocupado por salas de aula, que impediam a visualização do prédio histórico.



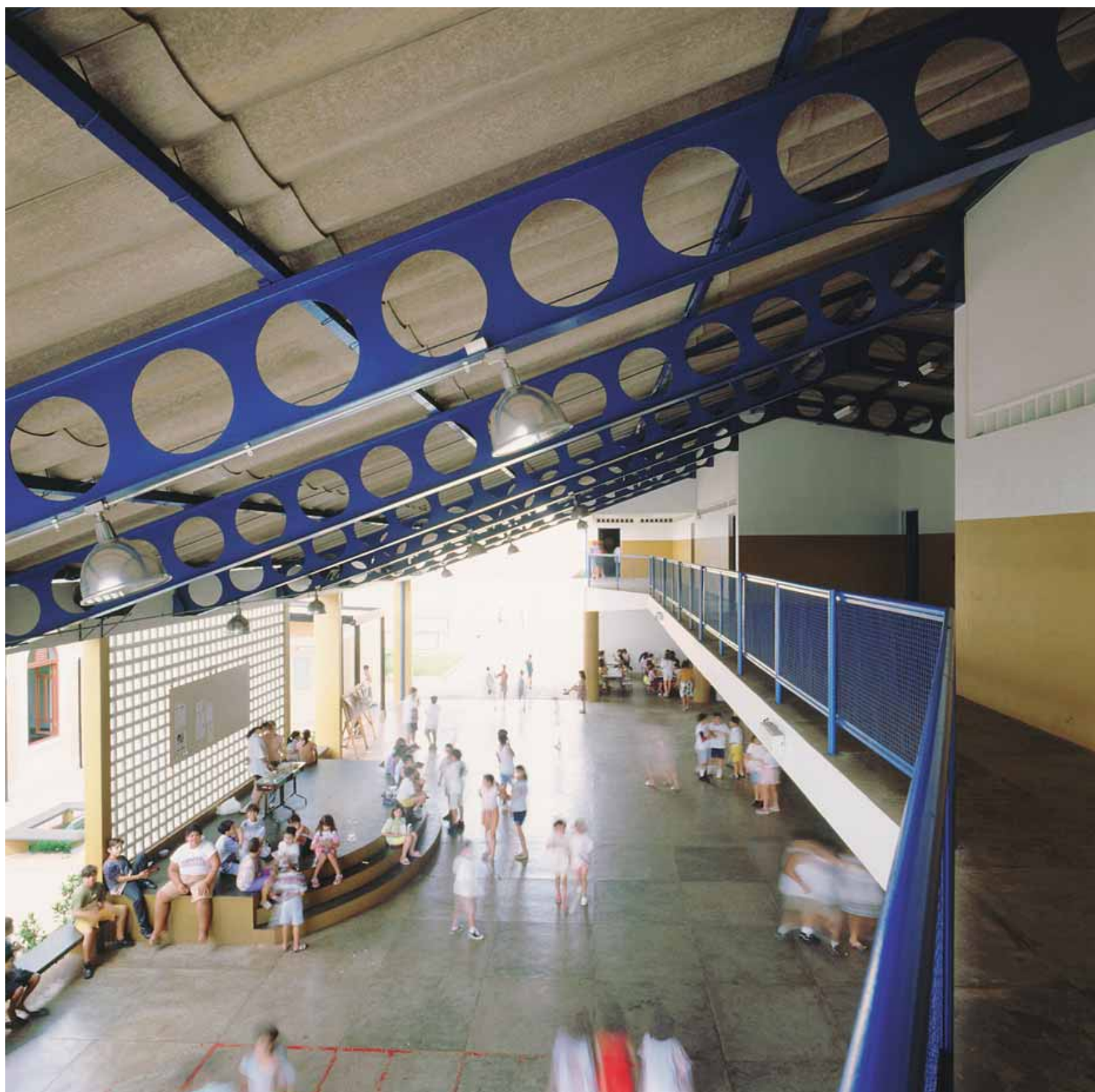
O edifício antigo e o novo prédio.



Pátio entre os dois edifícios.



Galpão, vendo-se aos fundos o prédio original.



Interior do novo edifício.

José Van Humbeeck

EEPG José Inocêncio da Costa
Matão, SP, 1909

O projeto original foi concebido a partir de uma planta padrão desenhada em forma de “U” e implantada em vários municípios no interior de São Paulo.

A planta caracteriza-se pela simetria, com quatro salas de aula para meninos e quatro salas de aula para meninas. O prédio foi implantado no eixo do terreno, dividindo-se, inclusive, os acessos, os pátios de recreio e os sanitários.

O edifício principal, única construção que se preservou, foi construído sobre porão de embasamento e destinava-se exclusivamente às salas de aula e administração. Originalmente, junto à divisa dos fundos, erguia-se o “pavilhão para as privadas e mictórios”, assim denominado pelo arquiteto. A ligação entre os dois blocos era estabelecida através de uma “galeria de abrigo e passadiço”.

O conjunto foi erguido no eixo central do terreno que, na realidade, é um prolongamento do eixo de implantação da Praça Principal e da Igreja Matriz, localizadas defronte da escola, caracterizando, dessa forma, um forte conjunto urbanístico na área central da cidade.

As técnicas utilizadas na construção original foram as da alvenaria de tijolos de barro, cobertura de telhas francesas sobre estrutura de tesouras de madeira, fundação direta de alvenaria de

pedras, esquadrias de madeira de cedro vermelho, pisos de soalhos de peroba, forros de madeira tipo macho e fêmea, revestimentos com argamassa de cal e areia, caiação externa nas cores ocre claro e escuro.

O edifício do Grupo Escolar de Matão é uma das poucas construções da época da fundação da cidade que se mantiveram intactas, funcional e arquitetonicamente, até os dias atuais, assumindo significado marcante na memória da cidade. O partido adotado no projeto de 1992 foi o da sua total restauração e manutenção de suas características originais.

Um novo edifício, com três pavimentos, foi projetado junto à divisa dos fundos, transversalmente ao eixo original de implantação, objetivando completar o programa funcional das atuais escolas. Abriga, no pavimento térreo, o galpão e os ambientes de vivência e serviços gerais. Nos pisos superiores os ambientes pedagógicos complementares ao edifício principal. O acesso de alunos passa a ser através desta nova edificação, pela rua 15 de Novembro.

A interligação entre os dois edifícios é estabelecida através de uma passarela com cobertura translúcida e estrutura metálica, recriando a “galeria de abrigo e passadiço” prevista no projeto de 1911.

A implantação final e a articulação dos edifícios resulta, de uma certa forma, na recriação da espacialidade original da escola.

As propostas de restauro e reconstituição foram planejadas em função de trabalhos de prospecção de pinturas, de pesquisas com a comunidade, de elementos disponíveis do projeto de Van Humbeeck, de fotografias e, ainda, do “Orçamento para as Obras de Construção do Grupo Escolar de Matão”, documento original da concorrência da construção.

Eduardo Argenton Colonelli
Weliton Ricoy Torres

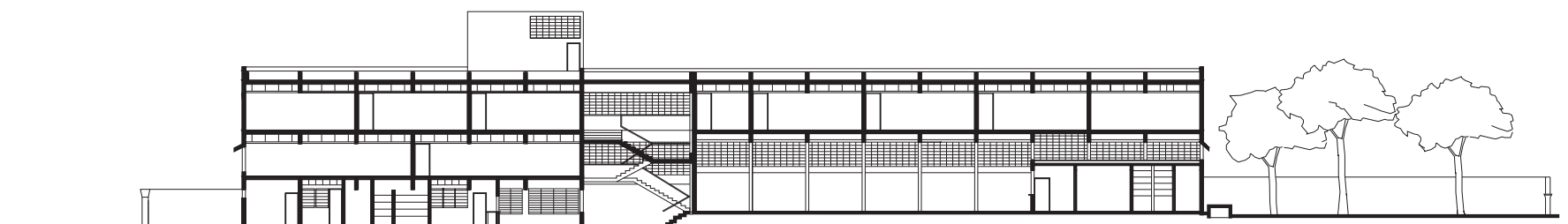
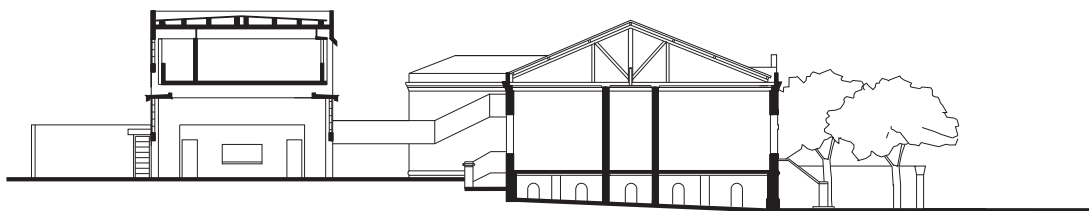
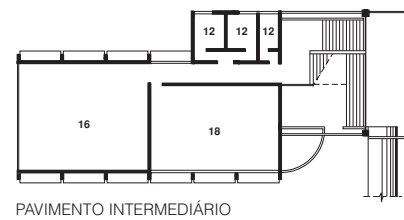
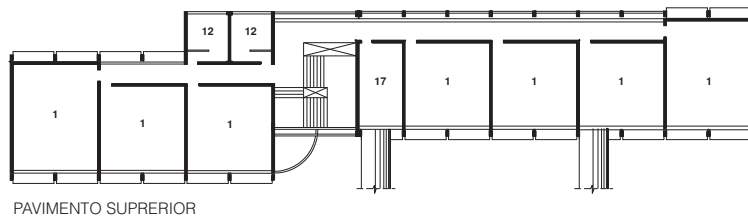
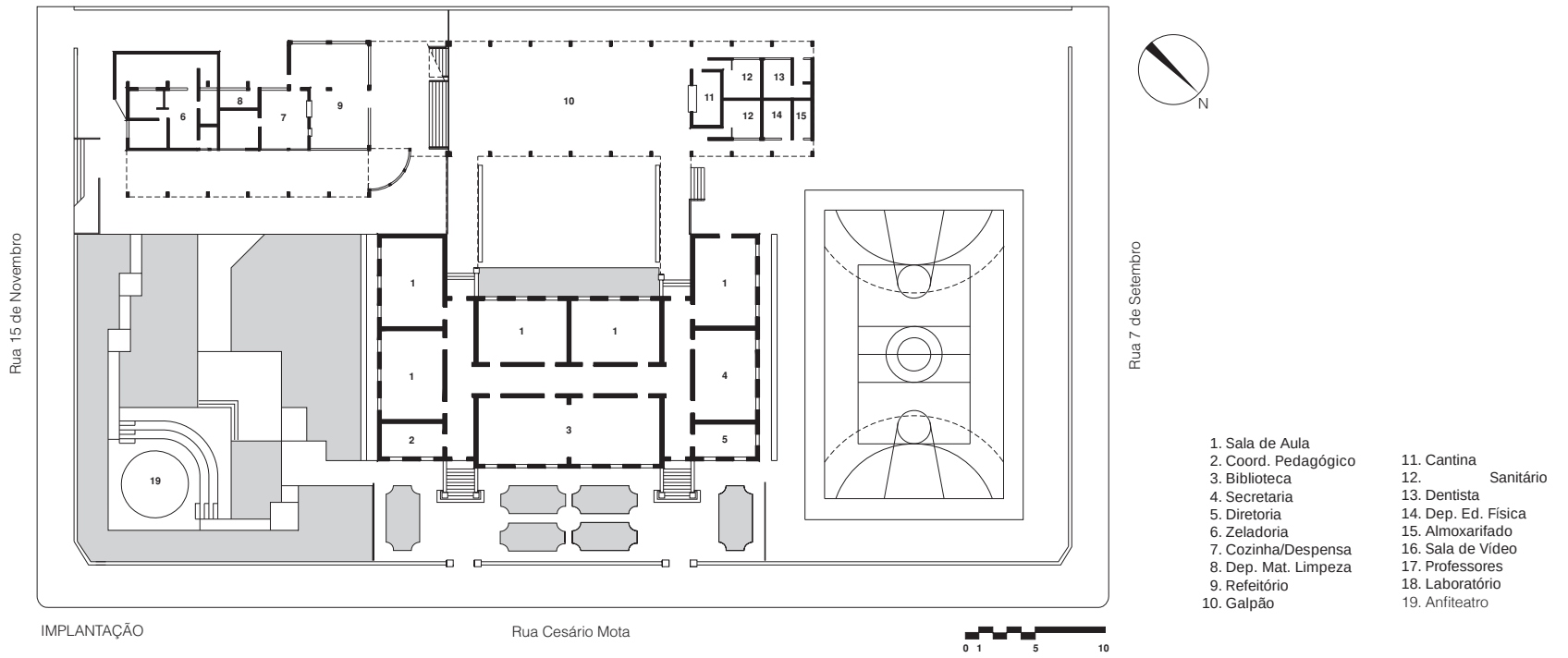
Foto de 1912 da escola em final de construção, com as janelas de madeira que seriam substituídas em 1958 por caixilhos de ferro e refeitas no restauro conforme modelo original.

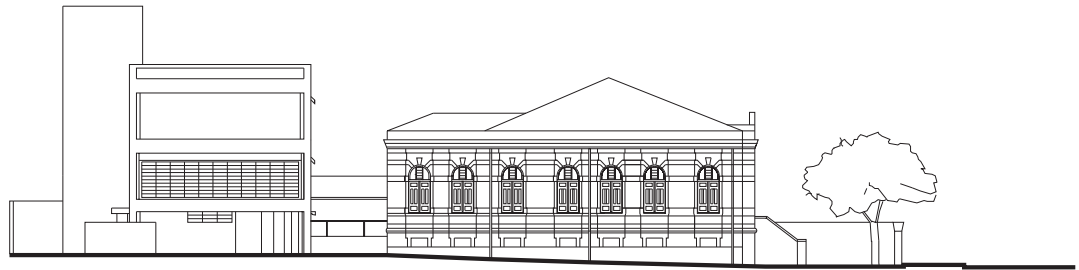
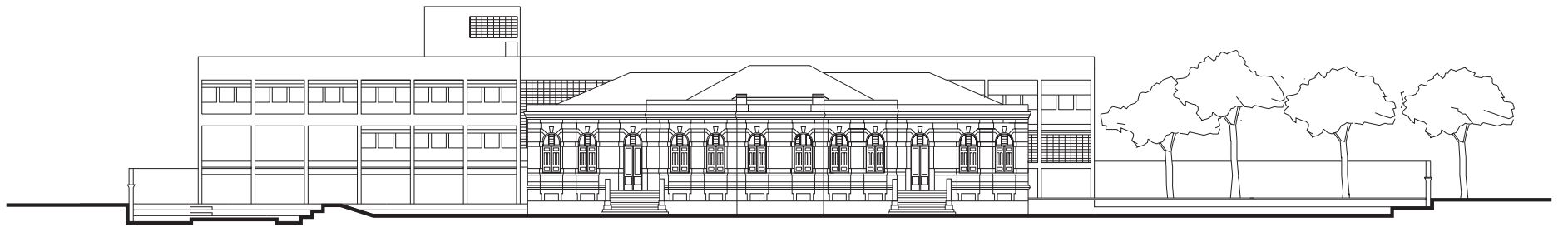


Aterro da escola



A EEPG José Inocêncio da Costa é uma das poucas construções da época da fundação da cidade que se mantém intacta.





O edifício original e o novo bloco construído aos fundos.



O novo edifício situa-se junto à divisa dos fundos recriando, de certa forma, a espacialidade inicial proporcionada pelo antigo galpão.



Os dois blocos vistos do anfiteatro.



Recreio coberto.



O espaço do novo recreio coberto possibilita a integração espacial entre os dois edifícios.

Escada do novo edifício.





Interior do novo laboratório.



Sala de aula.

José Van Humbeeck

EEPG Abílio Manuel
Bebedouro, SP, 1910

Foi com espírito contido nessa frase de Mário de Andrade – “Defender o nosso patrimônio histórico e artístico é alfabetização” – que fizemos o projeto de restauração da Escola Estadual Abílio Manoel, em Bebedouro, interior de São Paulo.

Projetada em 1910 por José Van Humbeeck, funcionário do Departamento de Obras Públicas (DOP), a escola constitui um marco na paisagem urbana de Bebedouro.

O edifício, concebido de acordo com o modelo pedagógico do início do século, expressa uma arquitetura eclética nos moldes europeus, refletindo a formação estrangeira dos arquitetos e engenheiros da época.

Escolas com plantas idênticas a de Bebedouro, porém com adornos de fachadas diferentes, concebidas por Sabater, Beccari,

Capelache de Guisbert ou pelo próprio Humbeeck, existem em mais nove municípios do Estado de São Paulo: Itapeva, Jardinópolis, Santa Cruz do Rio Pardo, Itu, Santa Rita do Passa Quatro, Dois Córregos, Serra Negra, Cruzeiro e Itararé.

Como acontecia com todas as escolas projetadas no período, o prédio mantém rígida separação entre as alas masculina e feminina, cuja única comunicação é um corredor descoberto no fundo do prédio.

O projeto de restauro respeitou todas as características do prédio, efetuando as modificações adequadas às necessidades atuais da escola. O piso do porão foi rebaixado, permitindo sua utilização. A comunicação entre os diferentes compartimentos dá-se através de arcos, que já faziam parte da estrutura de embasamento e alvenaria de tijolos de barro.

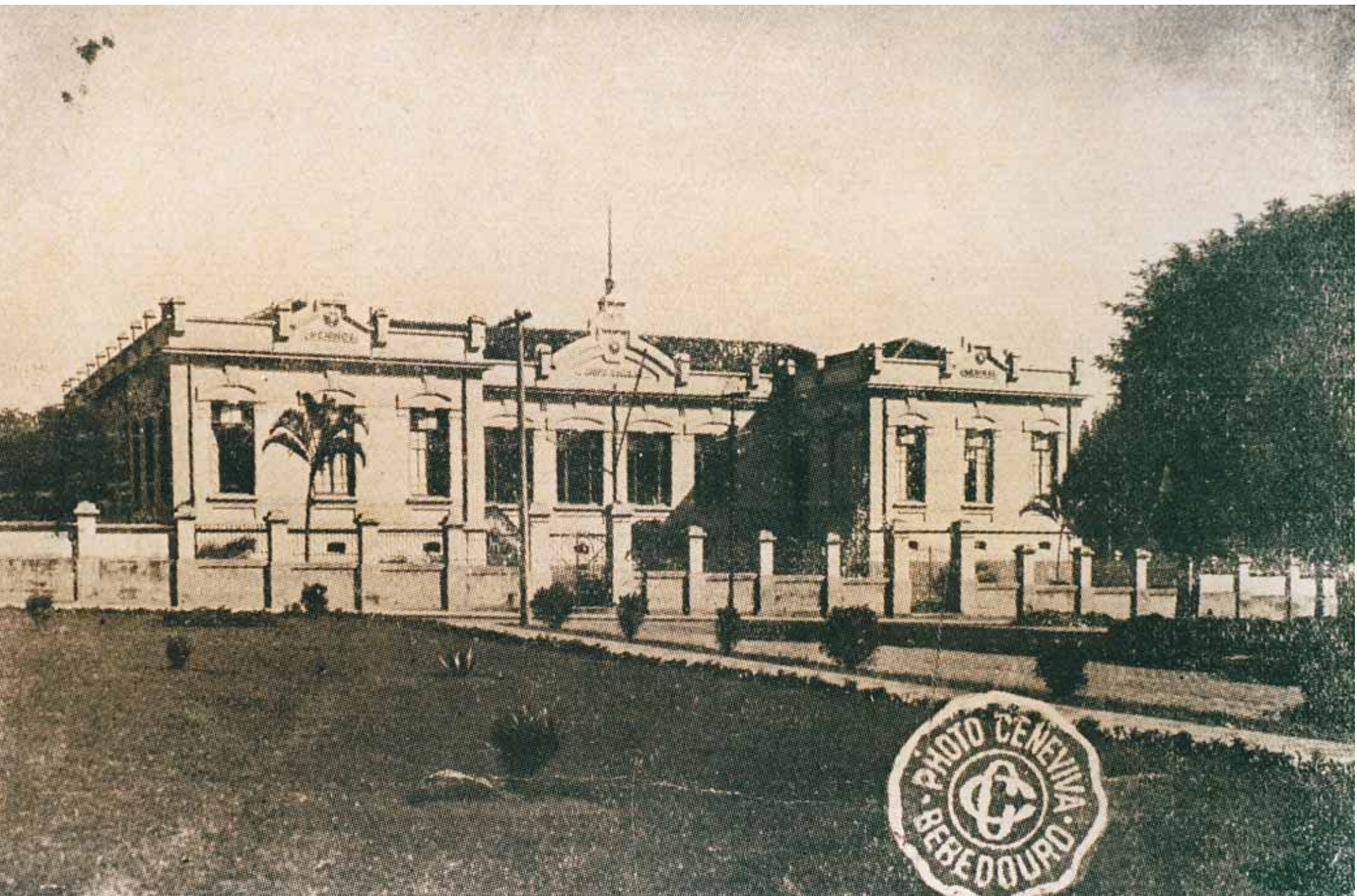
Foi projetado um novo bloco de edificação, onde a maior preocupação foi fazer com que o prédio novo não se sobressaísse ao antigo. Conseguimos fazer com que a volumetria resultante da ampliação ficasse em perfeita harmonia com o prédio existente, evidenciando no conjunto arquitetônico o prédio restaurado.

As demais características do prédio, principalmente os elementos decorativos existentes nas fachadas, foram recuperadas e mantidas conforme o original.

Henrique Bianchini Filho

O grupo escolar de Bebedouro em 1912.

Fotos do acervo da escola



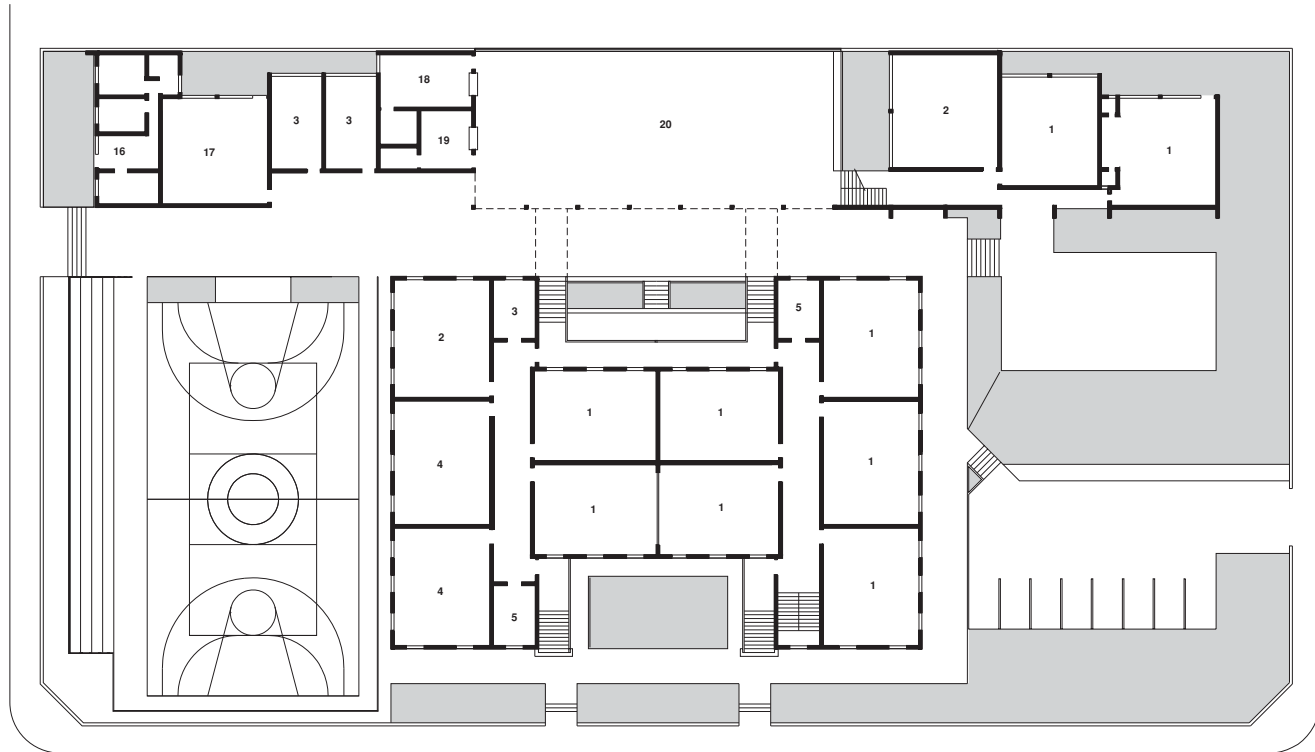


Grupo de meninas da primeira turma de formandos da escola.



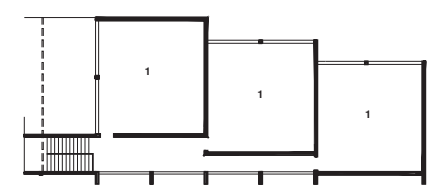
Grupo de meninos da mesma turma. Essas fotos deixam evidente a separação dos sexos.

Rua Visconde do Rio Branco



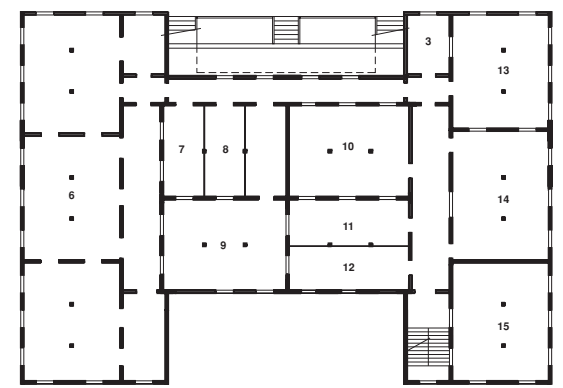
IMPLANTAÇÃO

Praça Valência de Barros



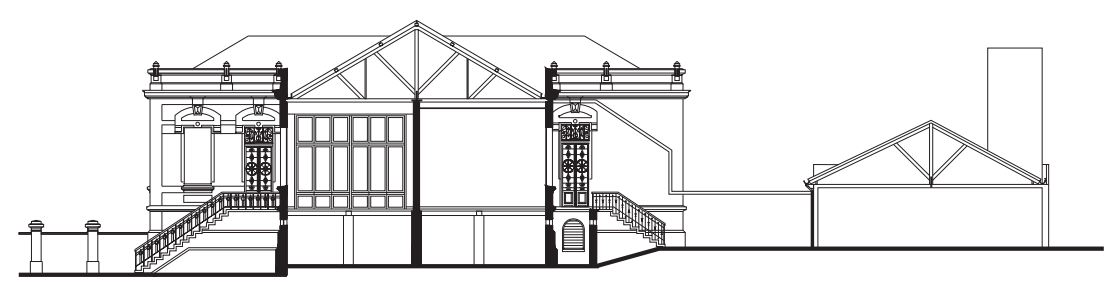
PAVIMENTO SUPERIOR

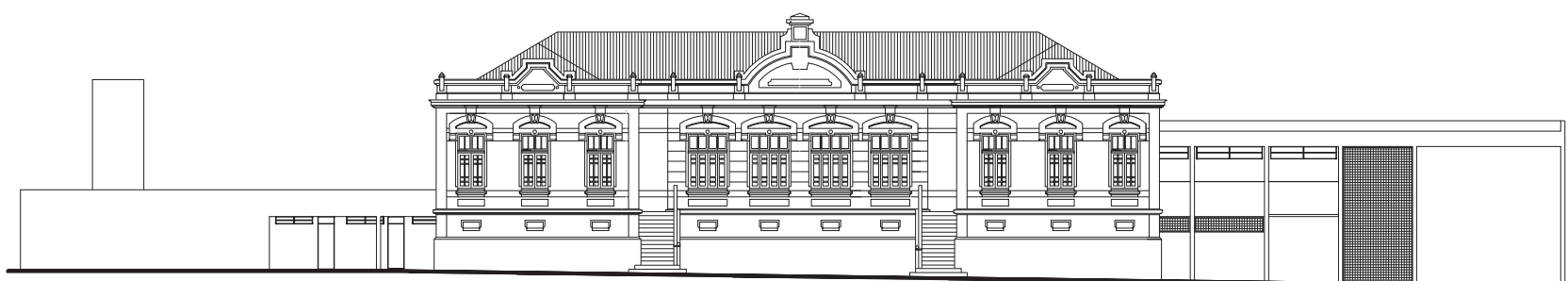
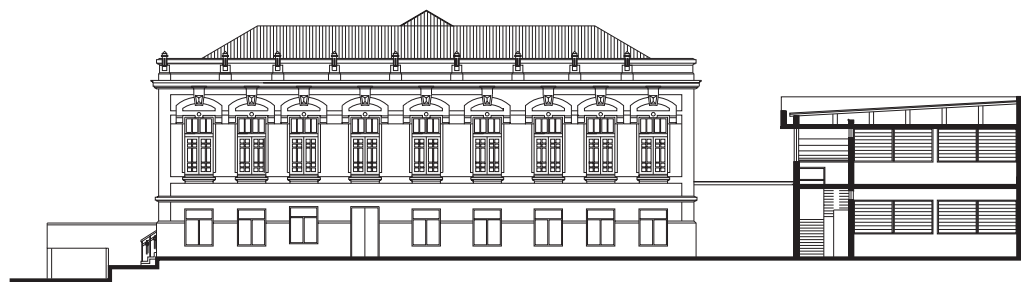
- 1. Sala de Aula
- 2. Sala de Vídeo
- 3. Sanitário
- 4. Biblioteca
- 5. Coord. Pedagógico
- 6. Área não aproveitável
- 7. Vest. Funcionários
- 8. Dep. Ed. Física
- 9. Grêmio
- 10. Sala uso múltiplo
- 11. Almojarifado



PAVIMENTO INFERIOR

- 12. Depósito
- 13. Professores
- 14. Diretoria
- 15. Secretaria
- 16. Zeladoria
- 17. Laboratório
- 18. Cozinha/Despensa
- 19. Cantina
- 20. Galpão





Bebedouro e a escola em frente à praça pública.



Lateral esquerda da escola onde a nova construção é térrea.



Galpão existente mantido no restauro.



Novos blocos são construídos no prolongamento do galpão. Aproveitando o desnível do terreno, a construção tem dois pavimentos.



Sala de aula do edifício original.



Circulação em estrutura metálica e cobertura em vidro proposta para interligar os dois edifícios



G. B. Maroni

EEPG Coronel Francisco Orlando
Orlândia, SP, 1911

O território da cidade de Orlândia foi desmembrado do município de Batatais em 1890, tendo recebido esse nome em homenagem ao fundador da cidade Coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira.

Em 1911 foi elaborado o projeto da escola e, nesse mesmo ano, é iniciada sua obra – uma das primeiras construções da cidade. O projeto é de autoria de José Van Humbeeck e G. B. Maroni, sendo o primeiro responsável pela planta e o segundo, por sua fachada. Esse mesmo projeto foi implantado nos municípios de Mogi Guaçu, Ituverava, Pereiras, Itápolis, Santo André, e Itatinga, como projeto-tipo, com diferentes fachadas.

Trata-se de uma planta simétrica em forma de “U”, cujo lado direito é destinado às meninas e o lado esquerdo aos meninos. Essa separação continua no pátio descoberto, com um muro de fechamento que se prolonga até o fundo do terreno.

Em 1942 acontece a primeira reforma no edifício com ampliação de duas salas de aula, galpão e novas instalações sanitárias. Essas duas novas salas acompanham as dimensões e a arquitetura do prédio existente. Em 1957 são substituídas as janelas originais de madeira por basculantes de ferro e em 1990 são acrescentadas novas edificações ao terreno da escola.

O projeto de restauro optou pela demolição de todos os acréscimos ocorridos no edifício, exceto as salas de aula construídas em sua continuidade. Nesse local foi projetado novo bloco, em três pavimentos, que abriga os ambientes

complementares ao edifício a ser preservado.

No térreo está situado o galpão de recreio, isto é, área livre que favorece a interligação dos dois edifícios com o restante do terreno. Entre o novo edifício e o prédio antigo há uma laje de cobertura que funciona como prolongamento do galpão coberto e marca a transição entre os mesmos.

Foram recuperadas as características originais do edifício antigo e introduzida uma escada interna de ligação entre o pavimento térreo e o porão, permitindo que o mesmo abrigasse novos ambientes.

Os trabalhos de prospecção da pintura original permitiram que se recuperassem os desenhos e tonalidades originais, integrando-as à proposta de acabamento e revestimento da nova edificação.

O projeto de paisagismo foi concebido para permitir a abertura de visuais mais amplas em relação ao edifício original integrando-o ao espaço circundante.

Durante a realização dos trabalhos percebemos um grande interesse da comunidade local em relação ao resgate de seu passado. Procuramos colaborar fornecendo informações que pudessem auxiliar no trabalho de pesquisa que o corpo docente da escola se propôs a executar. Destinamos também área específica para exposições no porão do edifício antigo, onde a documentação histórica e peças do mobiliário pudessem ser mostradas.

Posteriormente, soubemos que, durante e após a realização da obra, foram organizados trabalhos com os alunos sobre o histórico da edificação, a importância de sua preservação e a responsabilidade dos docentes e discentes como usuários desse patrimônio.

Ernesto Theodor Walter
Helena Aparecida Ayoub Silva
Maria de Lourdes Carvalho

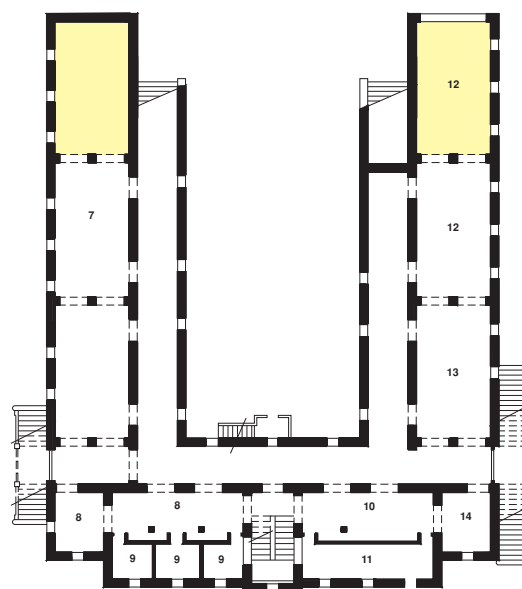
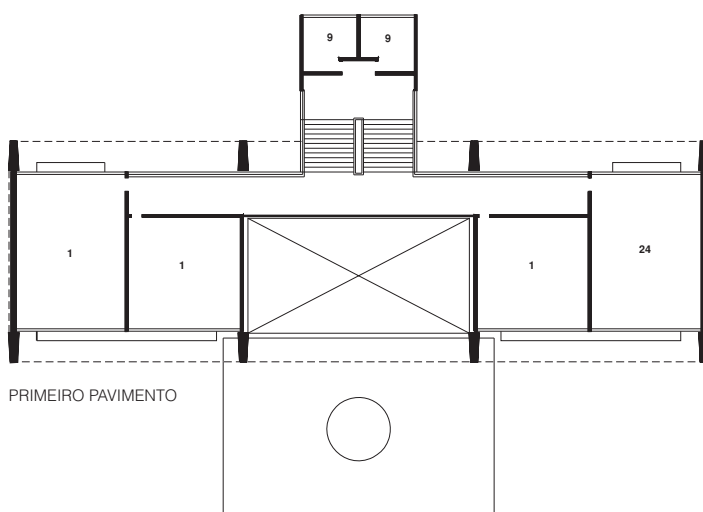
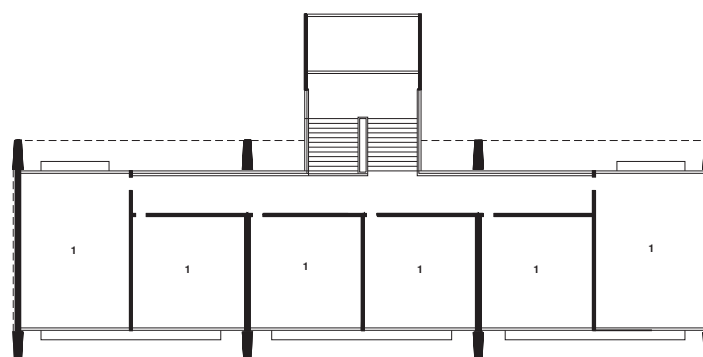
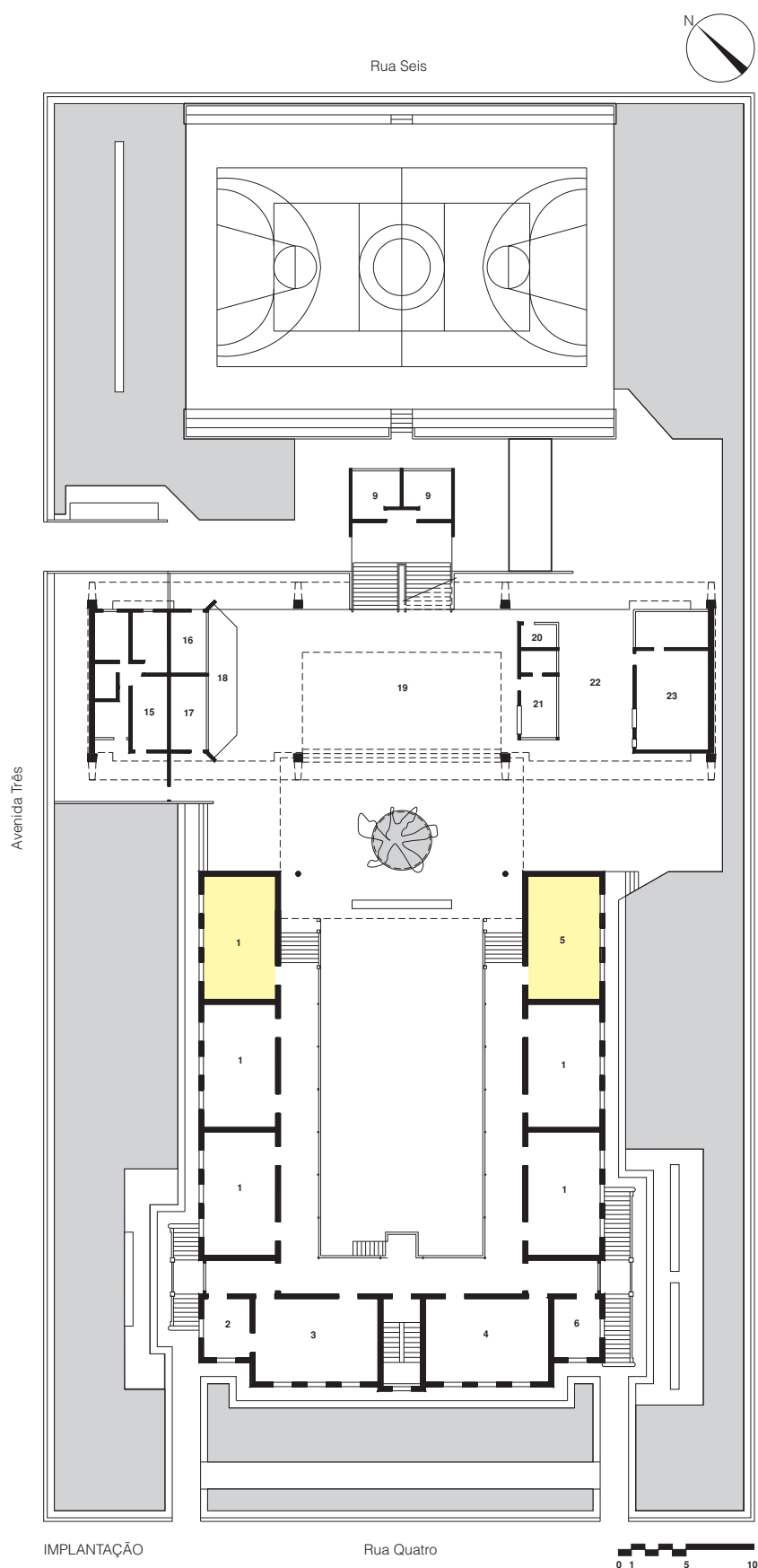




Vista geral da cidade de Orlândia com a escola à direita da foto.



Ampla visualização do edifício facilitada por sua localização de esquina e pelo projeto de paisagismo que manteve espécies que não obstruíam suas fachadas.

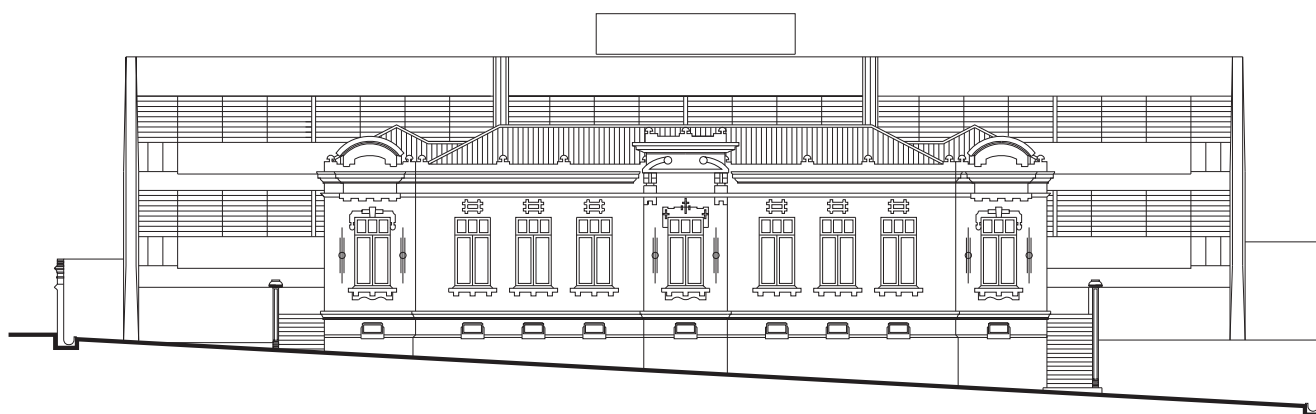
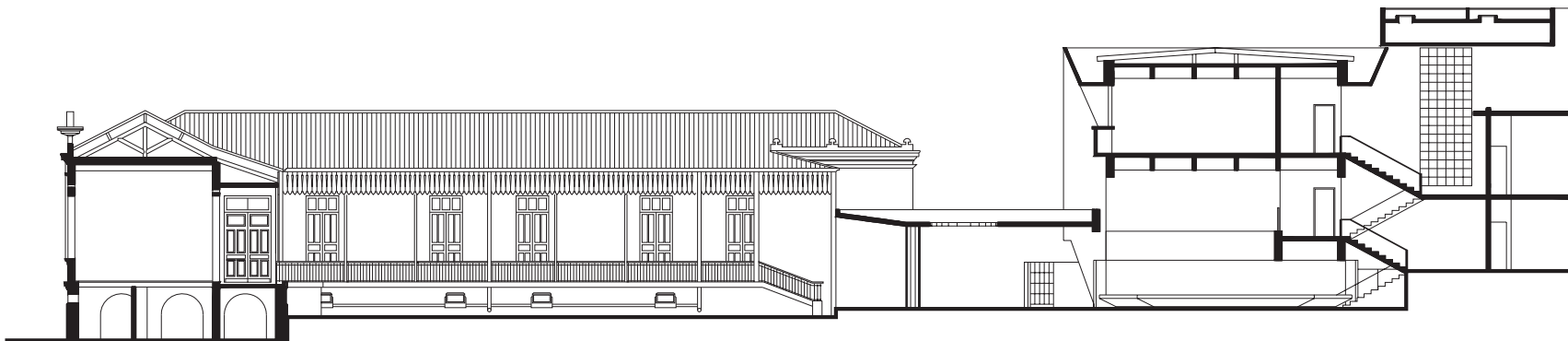


1. Sala de Aula
2. Diretoria
3. Secretaria
4. Professores
5. Ciclo Básico
6. Sala de Vídeo

7. Área não aproveitável
8. Exposição
9. Sanitário
10. Jogos
11. Almojarifado
12. Biblioteca

13. Grêmio
14. Depósito
15. Zeladoria
16. Mat. Ed. Física
17. Dentista
18. Palco

19. Galpão
20. Dep. Mat. Limpeza
21. Cantina/Despensa
22. Refeitório
23. Cozinha/Despensa
24. Aula Prática
Ampliação de 1942

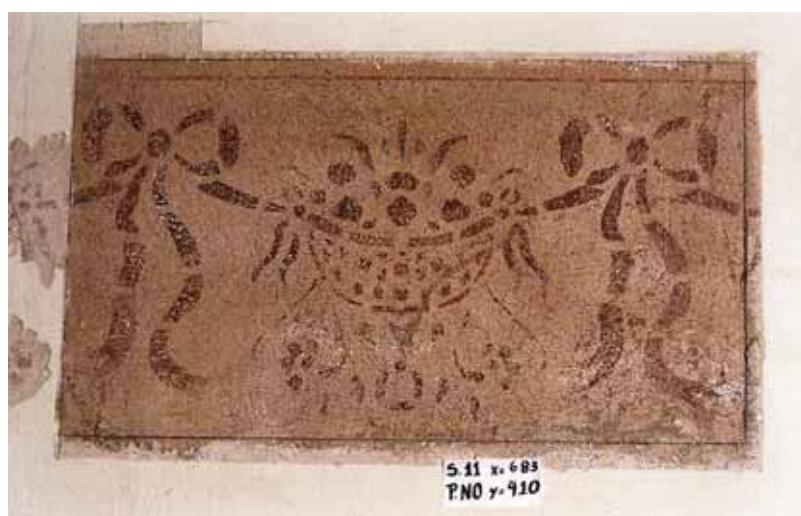


Fachada posterior junto à entrada lateral dos alunos na avenida Três.





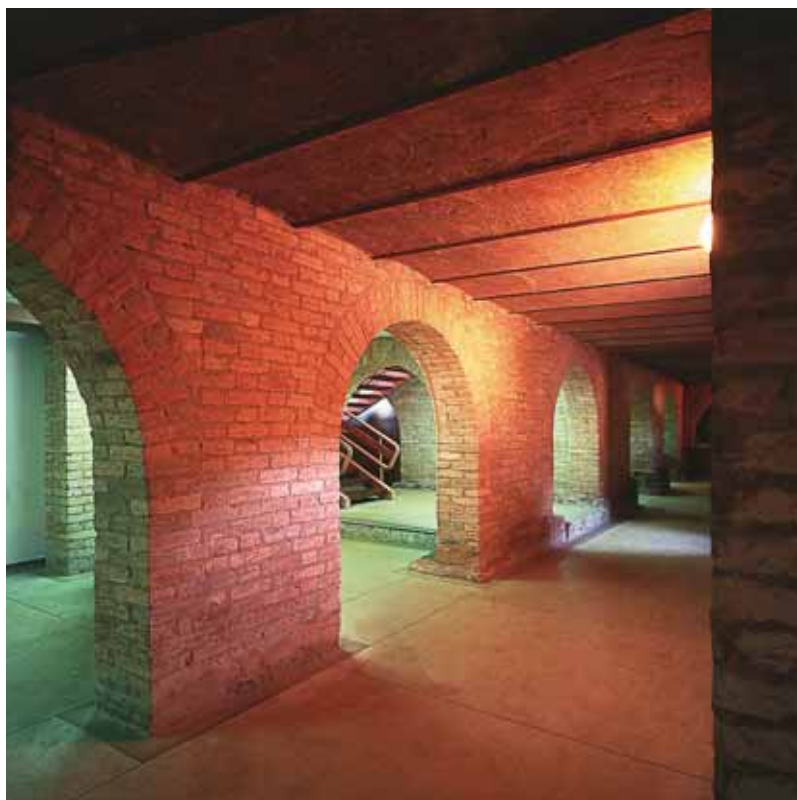
Entrada lateral.



Detalhe de prospecção pictórica.



Sala de aula.



O rebaixamento do piso do porão e a inserção de uma escada interna permitiram a utilização desse pavimento.



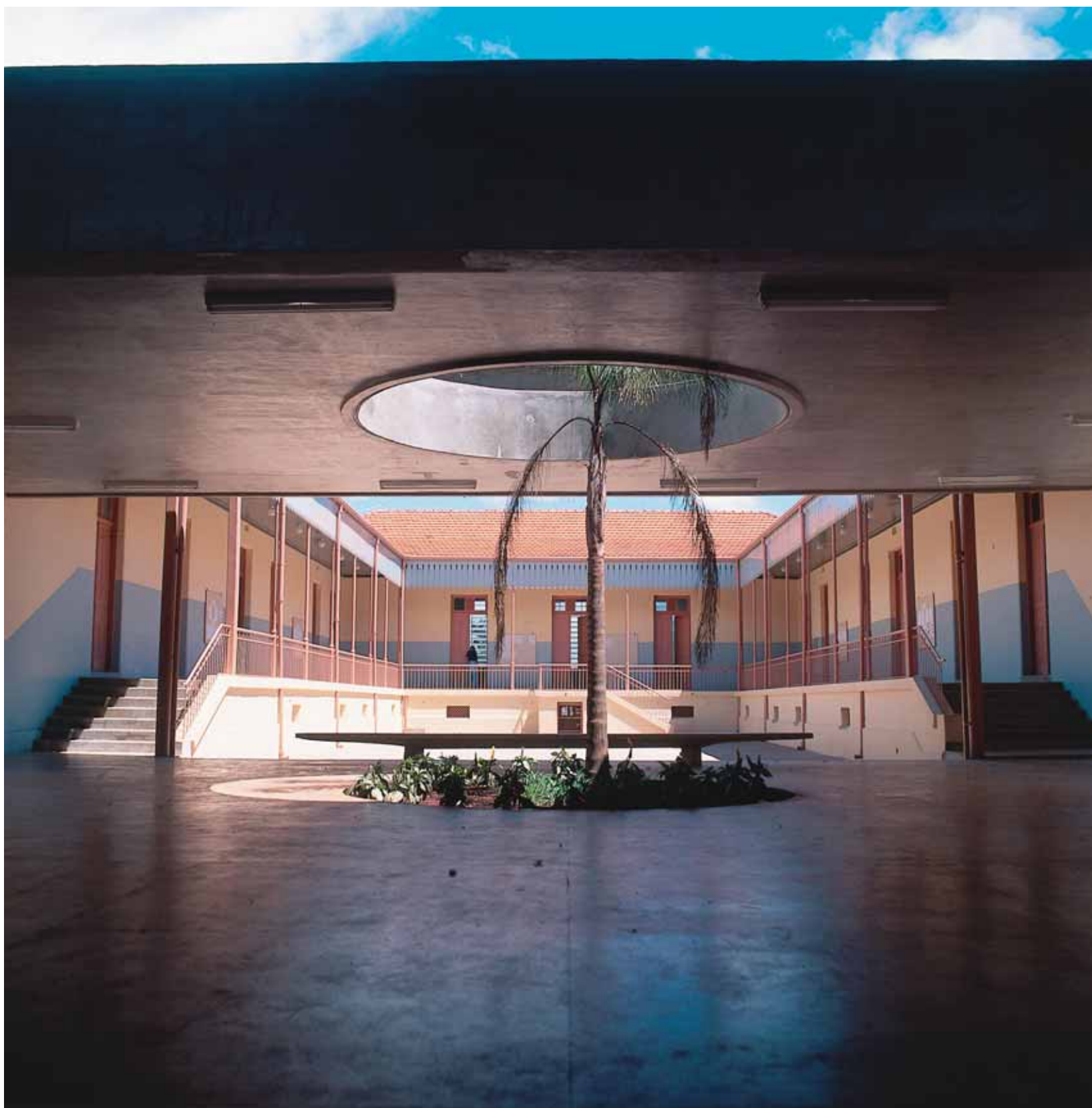
Interior da biblioteca no porão.



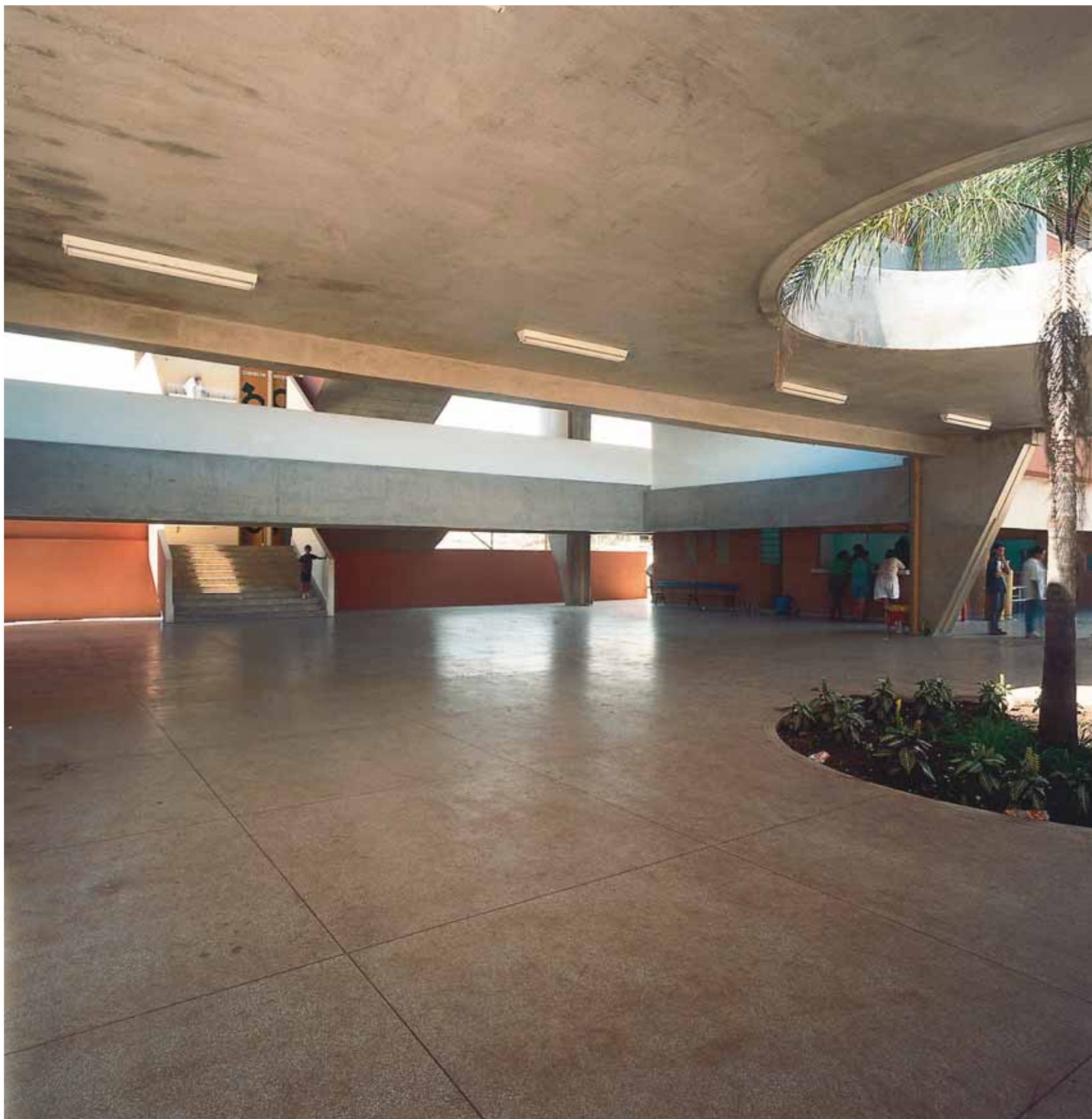
Circulação do porão com a alvenaria de tijolos aparentes.



Pátio interno criado pelo novo edifício aos fundos e as alas laterais do prédio existente.



Uma laje de cobertura situada entre o novo edifício e o prédio antigo funciona como prolongamento do recreio coberto e marca a transição entre os mesmos.



A claridade proveniente da abertura circular da laje favorece a transição entre os dois edifícios, pelo aumento gradativo da luminosidade.



Volume onde estão situados os sanitários e as escadas.



Fachada posterior junto à entrada dos alunos.

Manuel Sabater

EEPG Vaz Caminha
Iguape, SP, 1909

Situada no Vale do Ribeira, a cidade histórica de Iguape destacou-se em fins do século XVII como importante centro de mineradores. Devido ao seu porto, torna-se o principal entreposto comercial da região. Permaneceu assim até a expansão da mineração em Minas Gerais, no século XVIII, quando inicia, então, um período de decadência.

No final daquele século, Iguape torna-se novamente pólo de riquezas da região, com a cultura de arroz, e da mesma forma, seu porto funciona como único meio de escoamento da produção. Teve seu apogeu em meados do século XIX, período no qual foram construídas suntuosas residências, muitas das quais ainda permanecem até os dias de hoje. Esse período áureo estende-se até os primeiros anos do século XX.

Ainda sob a influência desse período e como consequência da política de disseminação do ensino propalada pelos pensadores republicanos, a cidade de Iguape é agraciada com a construção de um edifício próprio para o funcionamento do Grupo Escolar.

O projeto elaborado por Manuel Sabater para a construção do prédio, e implantado também nos municípios de Tatuí, Sorocaba e Mococa, sintetiza, claramente, os conceitos que permeavam os projetos para grupos escolares nas duas primeiras décadas deste século.

A planta do edifício prevê vários acessos – frente, fundos e laterais – traduzindo a importância hierárquica, que devia ser considerada, bem como os costumes estabelecidos. A direção da escola utiliza o acesso existente no centro da edificação, enquanto os alunos as laterais, com entradas independentes para as alas masculina e feminina.

As circulações avarandadas que contornam o pátio central, com seu piso em ladrilhos hidráulicos, adornados por lambrequins de madeira e guarda-corpo de ferro trabalhado, dão ao prédio a dimensão e intimidade de uma residência.

Este projeto destaca-se também pela riqueza e harmonia do jogo de volumes de fachada, compondo com belo alpendre que

marca o acesso central e que estabelece um contraponto com as varandas do pátio interno.

Aliás, não só esse projeto, mas o conjunto de prédios escolares projetados por Sabater destaca-se dentre outros elaborados na mesma época. Apesar disso, praticamente nada se conhece sobre esse artista que tão belos projetos para grupos escolares nos deixou, nem mesmo sua origem.

Encontramos o prédio da escola em 1986, quando foram feitos o projeto e obra de restauro, bastante deteriorado, mas com todas as características da construção original, o que é difícil ocorrer em edifícios localizados em cidades que tiveram crescimento acelerado e que estavam sujeitos às intervenções no decorrer do tempo.

O edifício principal, com toda sua imponência, estava lá escondido por altos muros, com revestimento e pintura deteriorados e com manchas de umidade e bolor. Sua caixilharia em pinho de riga resistia a ação do tempo.

Justaposta a cada uma das alas do prédio, duas salas de aula tinham sido incorporadas ao edifício em 1962. Nos fundos do terreno, uma cobertura em duas águas de telhas de barro construída entre 1952 e 1955 abrigava sob ela galpão, sanitários de alunos e cozinha para preparo de merenda escolar. Mais recentemente, esta cobertura tinha sido estendida até o muro lateral para a construção de uma sala para crianças de pré-escola.

Ao contrário de outras escolas do início do século que, num processo de restauração, necessitam acrescentar um novo bloco de edificação para o desempenho de atuais atividades pedagógicas inexistentes na época de suas construções ou para o aumento do número de salas de aula, a escola de Iguape dispôs de espaço suficiente no prédio existente.

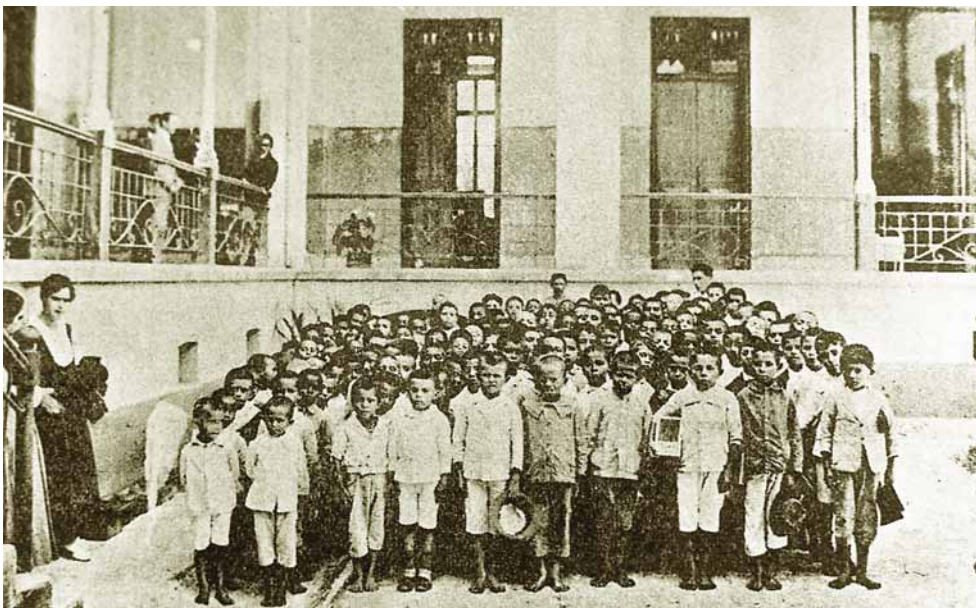
Considerando, também, que o edifício principal e o do galpão conviviam de forma harmônica – o galpão, inclusive, tem características construtivas idênticas aos demais galpões construídos em grupos escolares – optou-se pela manutenção do mesmo.

A intervenção restringiu-se, portanto, ao restauro do prédio original e à recuperação dos elementos construtivos além de pequenas adequações no prédio do galpão.

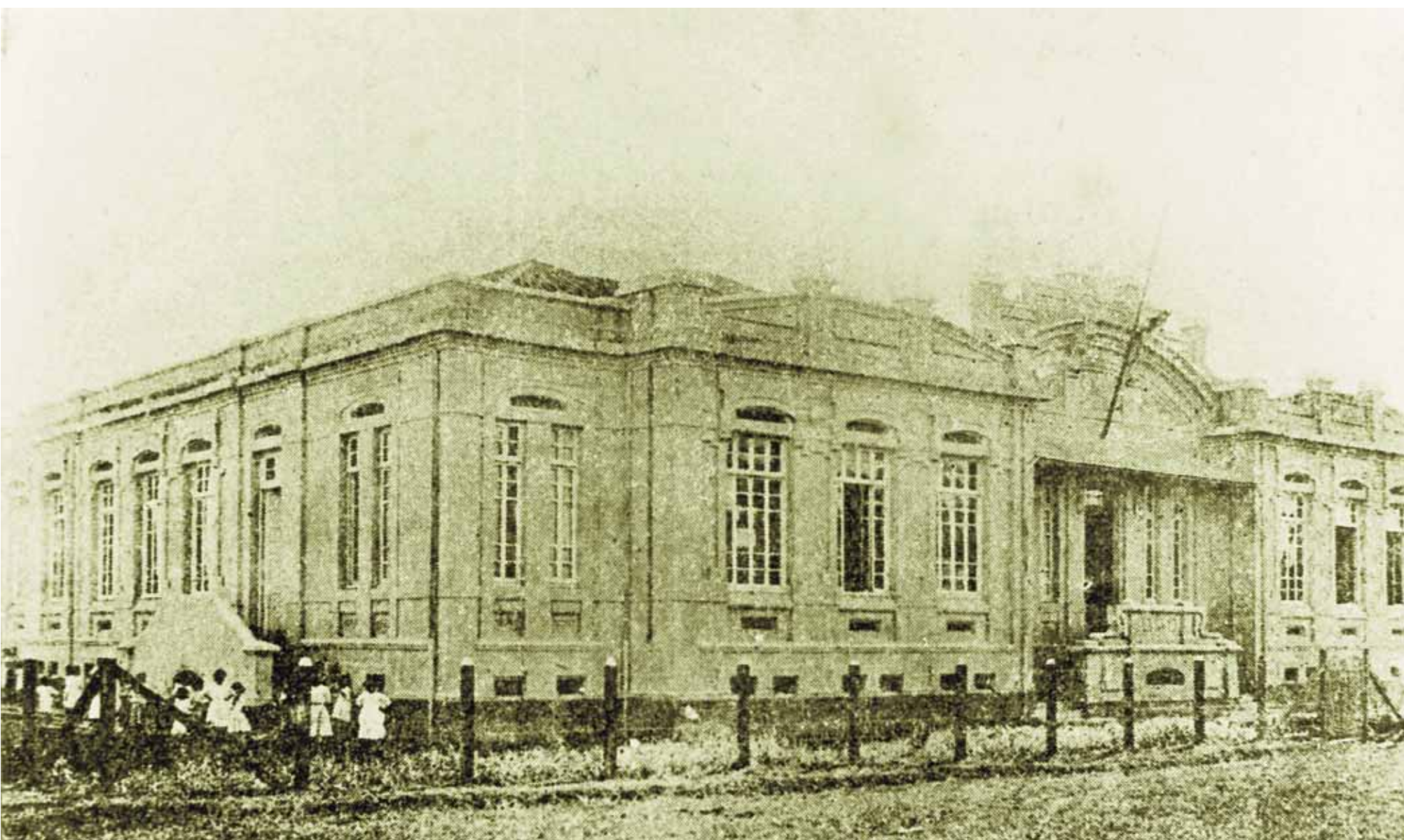
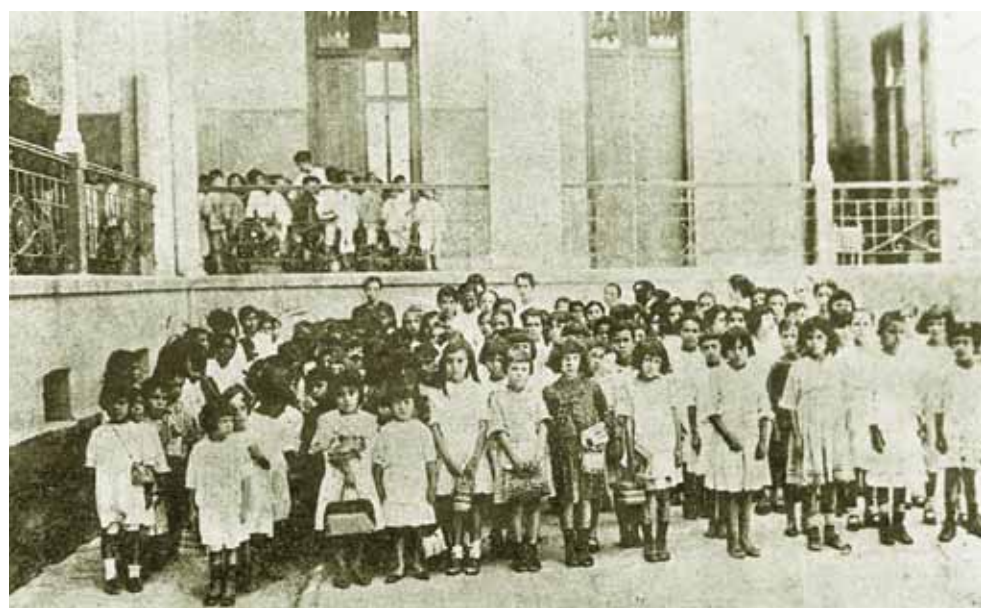
A edificação restaurada foi devolvida à cidade, oferecendo-se a ela de forma clara e despojada através da eliminação dos muros que escondiam toda a beleza desse edifício.

Avany De Francisco Ferreira
Maria Elizabeth Peirão Corrêa



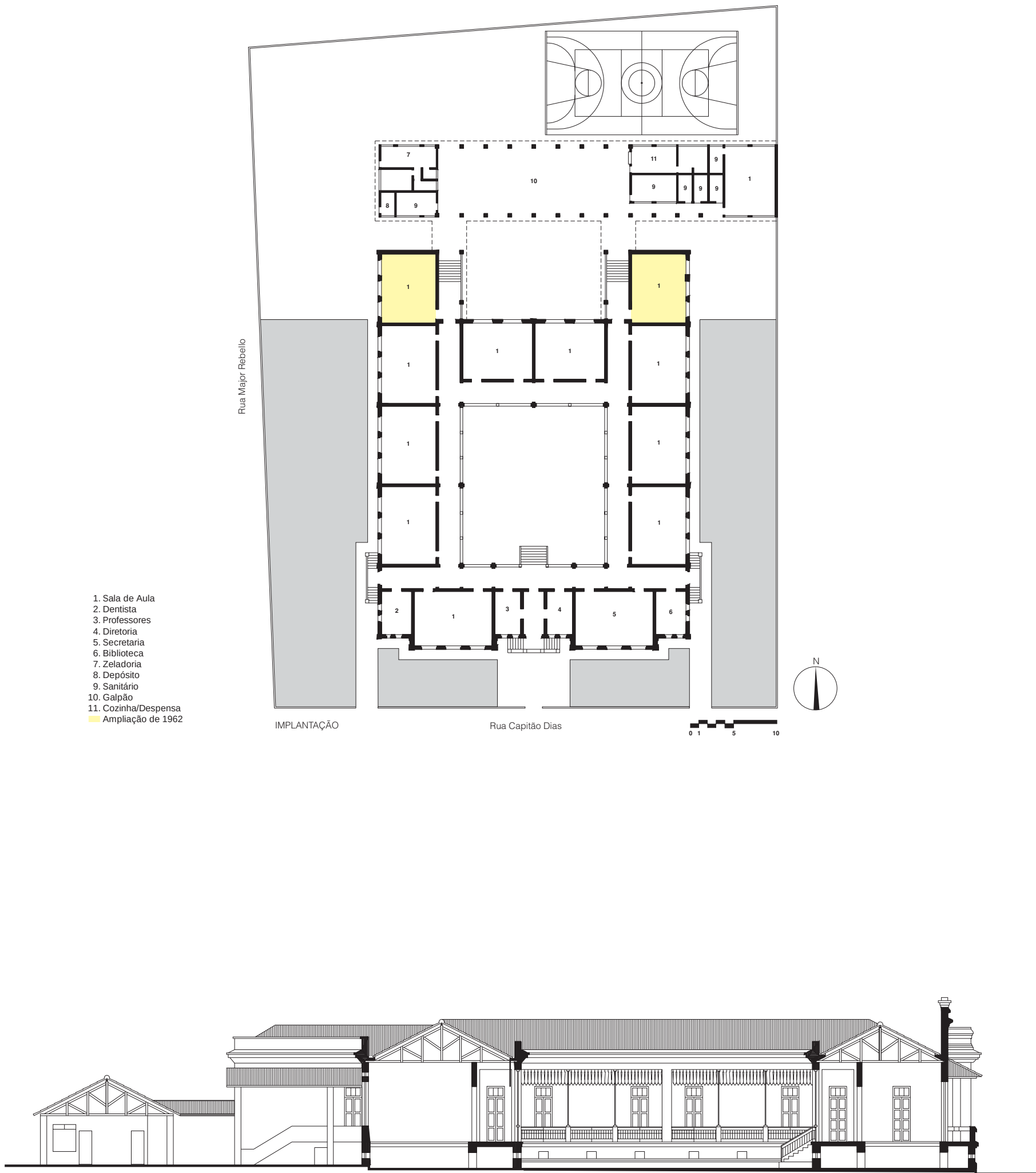


As fotos do Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1918 com os meninos e as meninas no pátio interno da escola registram a separação de sexos naquele momento.



Ao contrário das outras escolas, a EEPPG Vaz Caminha foi construída sem muros de fechamento.

Fotos do Anuário do Ensino do Estado de S. Paulo-1918





No projeto de restauro foi proposta a demolição do muro fronteiroço construído em 1950 e sua substituição por gradil, liberando a fachada da escola.



A EEPG Vaz Caminha após restauro.



Resistentes à ação do tempo, as janelas em pinho de riga e suas aberturas superiores para ventilação permanente foram recuperadas.



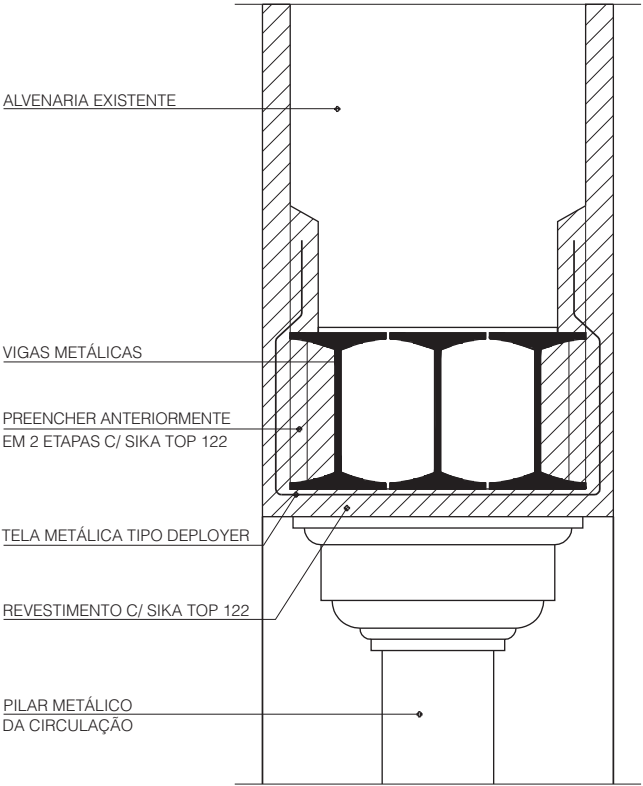
Aplicação da pintura decorativa conforme desenho original identificado em prospecção.

Circulação do edifício.





O descolamento do revestimento devido à oxidação dos perfis metálicos permitiu identificar a estrutura que sustenta a alvenaria existente acima dos lambrequins.



Fachada posterior onde se vê a sala de aula anexada ao prédio em 1962 e a circulação coberta de ligação ao galpão construídos na década de 50.

Manuel Sabater

EEPG Barão de Monte Santo
Mococa, SP, 1909

Barão de Monte Santo, em Mococa, mais do que uma escola da Primeira República, projetada em 1909 e construída em 1911, trata-se de uma escola-tipo, de um modelo a ser reproduzido, de uma experiência de seriação. Sintetiza, portanto, os padrões pedagógicos, os modelos de ensino e convívio então formulados e os valores formais praticados.

De base eclética em seus elementos formais, executada em alvenaria de tijolos e valendo-se de perfis metálicos estruturais, caracteriza-se por uma forma fechada, voltada para seu próprio interior onde se abre um pátio central como nas tipologias de origem hispânica e assenta-se sobre porões altos não ocupados na origem. Manuel Sabater é o autor deste projeto. A face mais

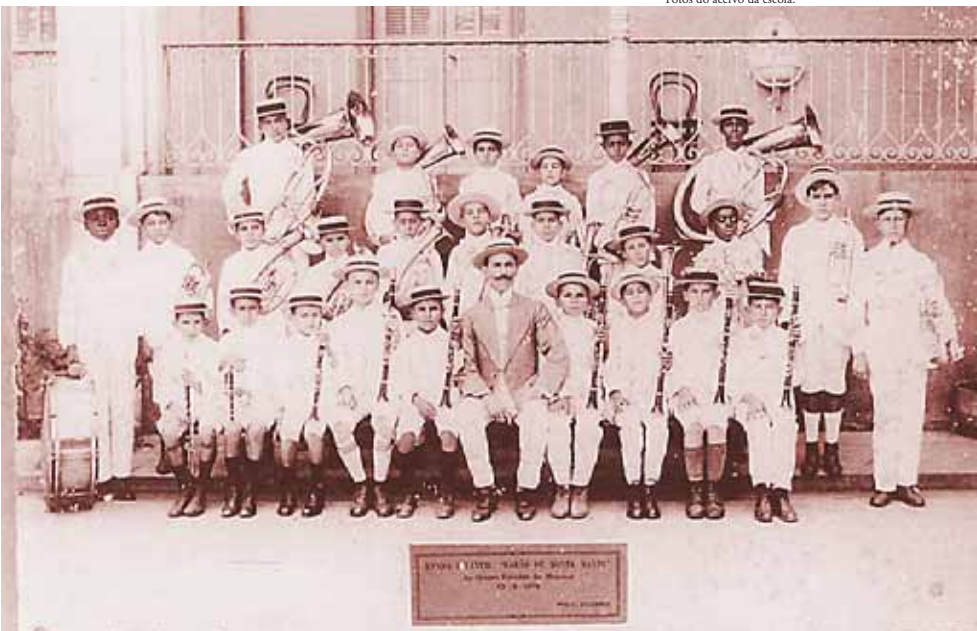
visível deste modelo, em termos pedagógicos, é a discriminação dos espaços entre meninos e meninas, desde as salas aos pátios de convívio, reforçando o rigor simétrico imposto ao modelo.

Colocava-se para o restauro e ampliação do espaço um extenso programa envolvendo outras perspectivas pedagógicas e inúmeras funções novas tais como salas de vídeo, laboratórios, bibliotecas, refeitório, que o terreno exíguo suspeitava não poder abrigar. Paralelamente às agruras da acomodação deste programa colocava-se a questão central do projeto: como construir um diálogo com a forma fechada, dura, arredia ao contato, voltada para si e para o modelo que representa? Como encontrar uma formulação que ao mesmo tempo traduzisse a contemporaneidade e permitisse uma integração efetiva com a rica historicidade daquele espaço inarredável? Como traduzi-lo como presença urbana? Como ajustá-lo ao clima agressivo e tórrido do lugar?

Tais eram as angústias que percorriam a formulação do projeto.

Iniciamos pela identificação dos elementos que constituíam as singularidades tipológicas da edificação, estivessem eles visíveis na estrutura remanescente ou consagrados na iconografia histórica que resgatamos através de pesquisas e levantamentos específicos.

Centro de convergência do edifício – o pátio interno – as



Fotos do acervo da escola.





circulações abertas e periféricas, os acessos hierarquizados e claros dos quais já havia sido eliminada a escadaria principal, os porões e seus arcos de alvenaria, os galpões em madeira e telha francesa que na origem interagiam com o corpo principal e dos quais não havia qualquer resquício passaram a constituir referências através das quais abria-se um diálogo possível com a história.

Outros dois aspectos chamaram a atenção: uma vegetação exuberante sombreando as áreas livres e o imenso material existente nos porões que reunia os bancos originais, as folhas das janelas retiradas há quatro décadas, cenários de peças datados dos anos 20, instrumentos musicais e tantas outras informações relevantes da história da educação em São Paulo. Isto gerou a proposição de um circuito museológico onde pudéssemos expor esse acervo.

Desde o princípio estava claro que não se tratava de restaurar um antigo edifício apenas, mas sim de entender esse restauro como uma intersecção com a contemporaneidade expressa através dos novos espaços que a ele se integrariam mantendo, ao mesmo tempo, a independência expressiva de ambos.

Desejava encontrar uma forma que se equivalesse à força, à tensão daquele volume silencioso e fechado, que o invadisse sutilmente. Após diversos ensaios onde buscávamos configurações mais flexíveis para as novas áreas, surgiu como resposta às tensões de um espaço auto-centrado a proposição de um volume geometricamente definido, também fechado em suas linhas de força, regular e intenso em sua delimitação e, portanto, apto a um diálogo de equivalências formais. A conexão entre ambos permitiu uma continuidade dos fluxos de circulação integrando

funcionalmente todo o conjunto e também, a constituição de um novo pátio interno envolvendo um grande flamboyant existente, retomando, de forma nova, as referências tipológicas ali encontradas.

Surgiu daí uma complexa e delicada estrutura em aço, em dois níveis, aberta e coberta com telhas de barro, reinterpretando os antigos galpões já desaparecidos. Garantiu-se assim a transparência necessária a uma integração visual, a uma sobreposição das duas edificações e a uma aeração adequada ao clima local.

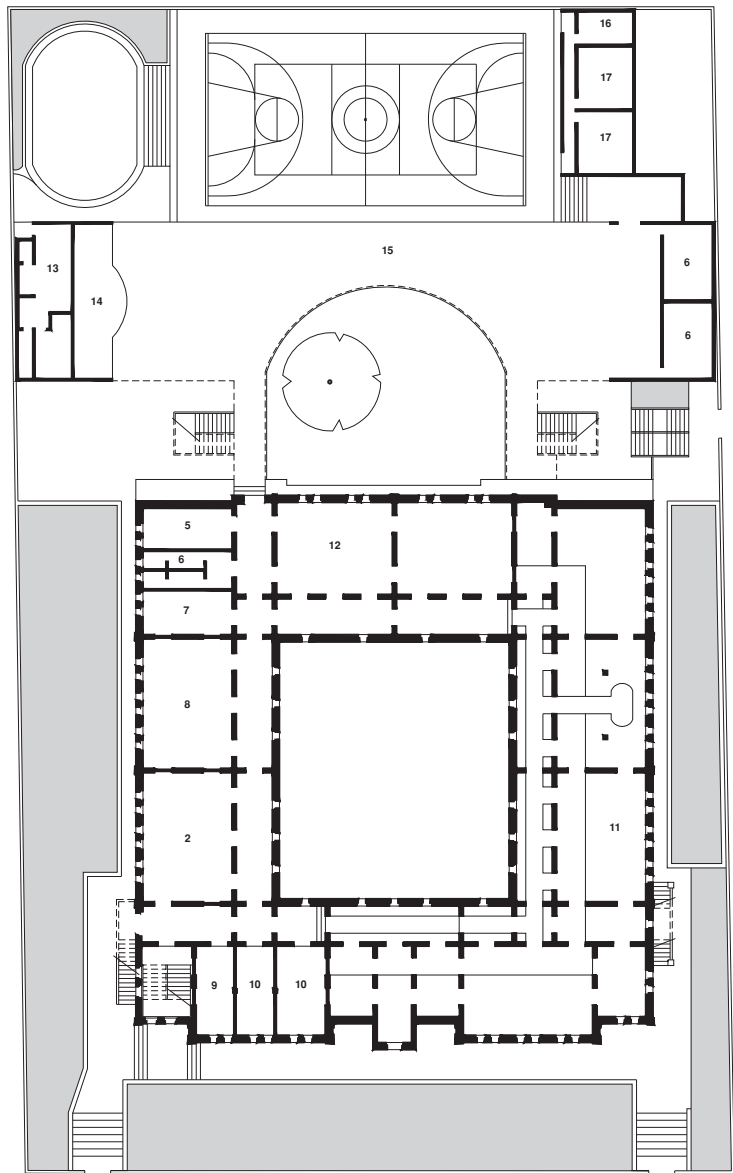
Os porões, rebaixados até o nível inferior das fundações, ganharam áreas didáticas e administrativas e um circuito museológico para exposições de trabalhos dos alunos, da comunidade e do acervo histórico já referido.

Quanto ao restauro, stricto sensu, propusemos a reconstituição do desenho original dos acessos frontais e da escadaria principal do edifício, relocalamos as janelas e portas originais e refizemos os vãos inexistentes segundo sua conformação primeira, recuperamos a pintura ornamental e recriamos o desenho dos forros a partir dos detalhes constantes da iconografia dando-lhe nova interpretação, entre outros exemplos do partido de intervenção adotado.

Em resumo, o que desejávamos era a reconstrução de uma unidade formal e funcional que as sucessivas intervenções ao longo do século comprometeram; uma unidade entre linguagens diversas mas que se reconhecessem através dos elementos constitutivos de sua tipologia e que permitissem pensar os fragmentos da história como modernidade e o novo, não como negação, mas como um tributo crítico à história.

Samuel Kruchin

Rua Prudente de Moraes

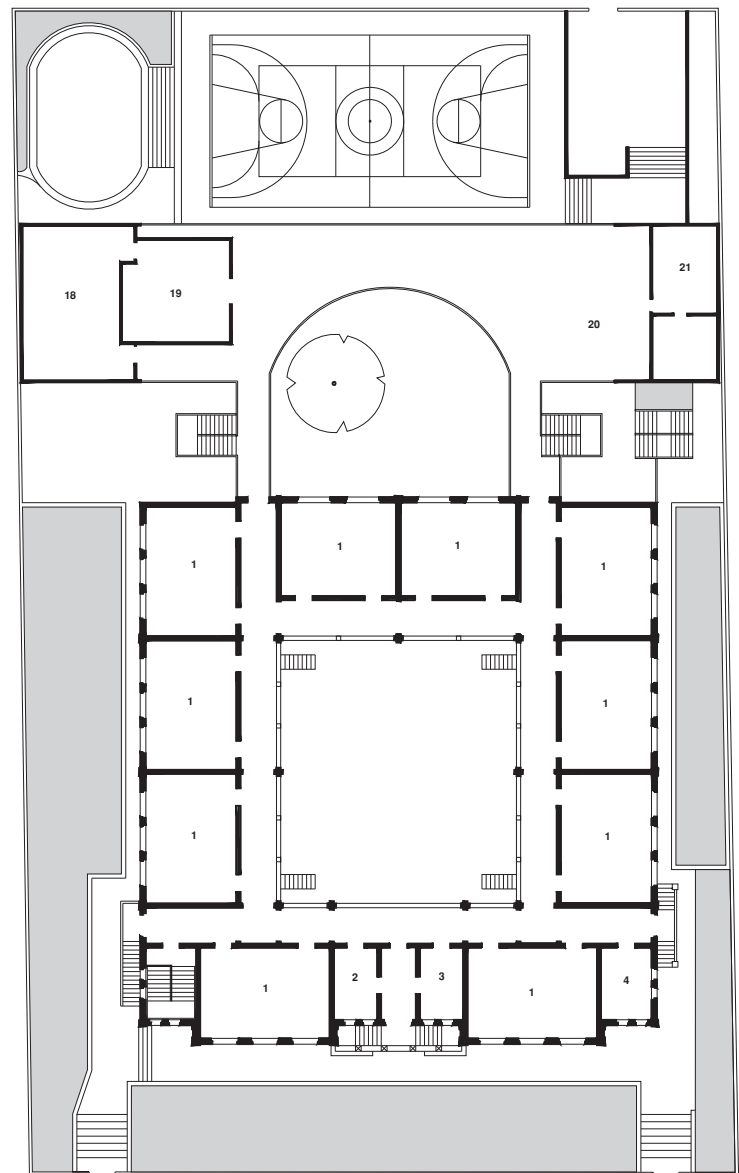


IMPLANTAÇÃO

Rua Ademar de Barros

0 1 5 10

Rua Capitão José Caetano de Figueiredo



PAVIMENTO SUPERIOR



- | | | |
|-----------------------|------------------|----------------------|
| 1. Sala de Aula | 8. Professores | 15. Galpão |
| 2. Secretaria | 9. Almoxarifado | 16. Mat. Ed. Física |
| 3. Diretoria | 10. Depósito | 17. Vestiário |
| 4. Ciclo Básico | 11. Exposições | 18. Biblioteca |
| 5. Dentista | 12. Aula Prática | 19. Sala de Vídeo |
| 6. Sanitário | 13. Zeladoria | 20. Refeitório |
| 7. Vest. Funcionários | 14. Palco | 21. Cozinha/Despensa |





A privilegiada localização urbana da EEPG Barão de Monte Santo em Mococa.



Fachada posterior da nova edificação em estrutura metálica coberta com telhas de barro, reinterpretando os antigos galpões. Chapas lisas traduzem em novas formas os lambrequins de outrora.



Maquete

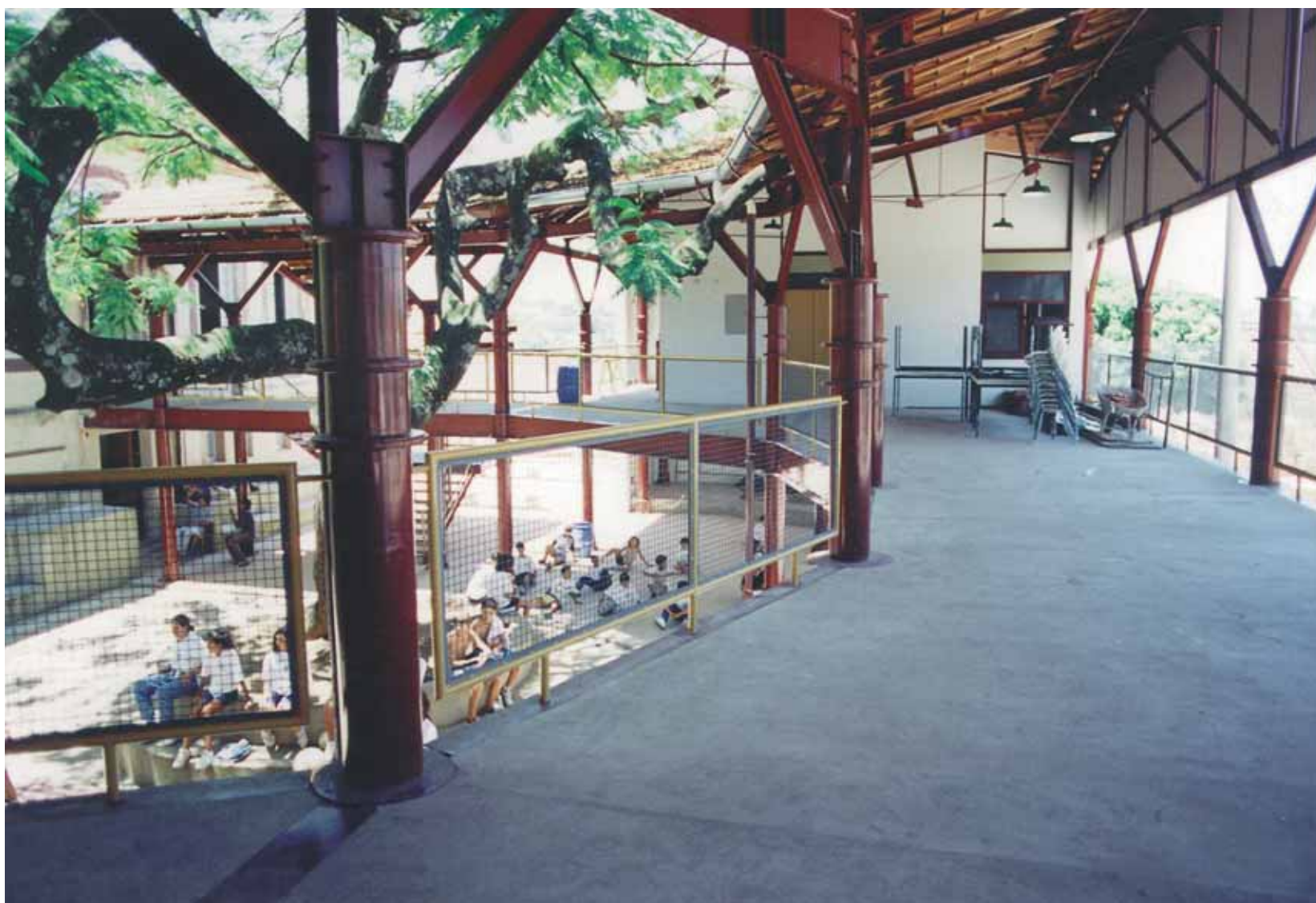




Acesso dos alunos pela rua Capitão J. Caetano de Figueiredo.



Vista interna dos novos lambrequins.



A conexão entre os blocos permite uma continuidade dos fluxos de circulação, integra todo o conjunto e constitui um novo pátio interno envolvendo o grande flamboyant existente.



A transparência da solução garante a necessária integração visual e a aeração adequada ao clima local.



Refeitório no pavimento superior.



Detalhe da estrutura metálica do telhado.



A quadra de esportes situa-se meio nível abaixo do galpão.



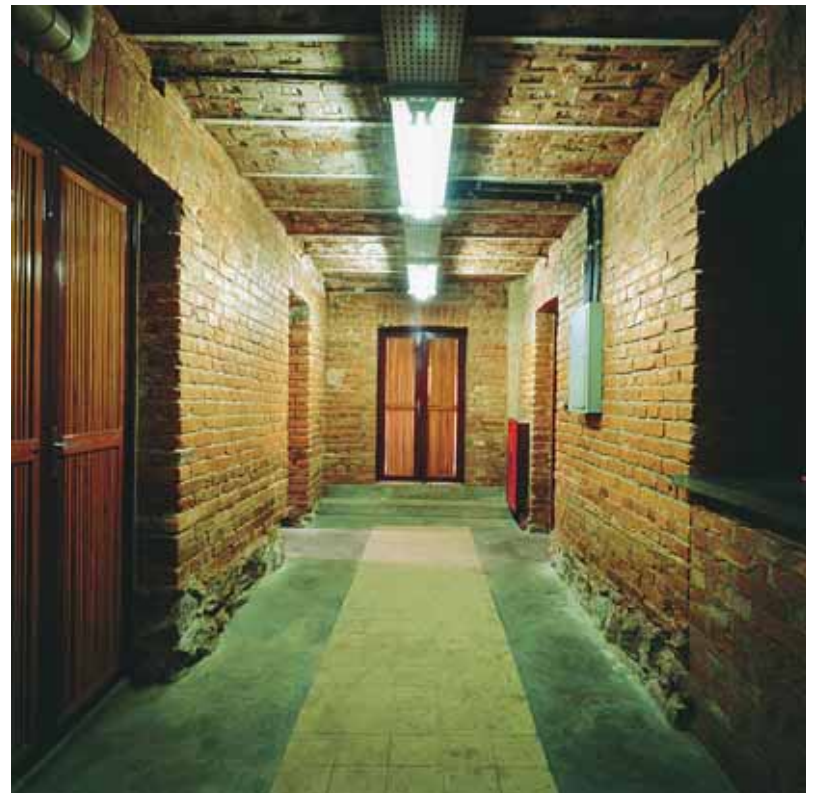
Circulação coberta que interliga o bloco antigo ao galpão.



Escada externa.



Pátio interno do edifício antigo com sua circulação avarandada. Abaixo à direita, o porão rebaixado ganha áreas didáticas, administrativas e um circuito museológico para exposições. Novos elementos como portas e escada interna possibilitam essa utilização.





Manuel Sabater

EEPG Conselheiro Antonio Prado
Barra Funda, São Paulo, SP, 1911

Em 1911 o engenheiro arquiteto Manuel Sabater projeta oito escolas no Estado de São Paulo, dentre elas o Grupo Escolar da Barra Funda – atual EEPG Conselheiro Antonio Prado –, na capital. Este edifício de três pavimentos construído num lote de esquina entre as ruas Albuquerque Lins e Vitorino Carmilo, tem na sua vizinhança outro importante bem cultural, o Teatro São Pedro, recentemente restaurado.

Ao longo dos anos esse edifício escolar sofreu várias intervenções que tinham por objetivo atender as novas necessidades de apropriação de seus espaços.

O partido adotado para o restauro foi o de recuperar elementos deteriorados; remover intervenções toscas; organizar de maneira contundente a circulação e condições de acesso tanto

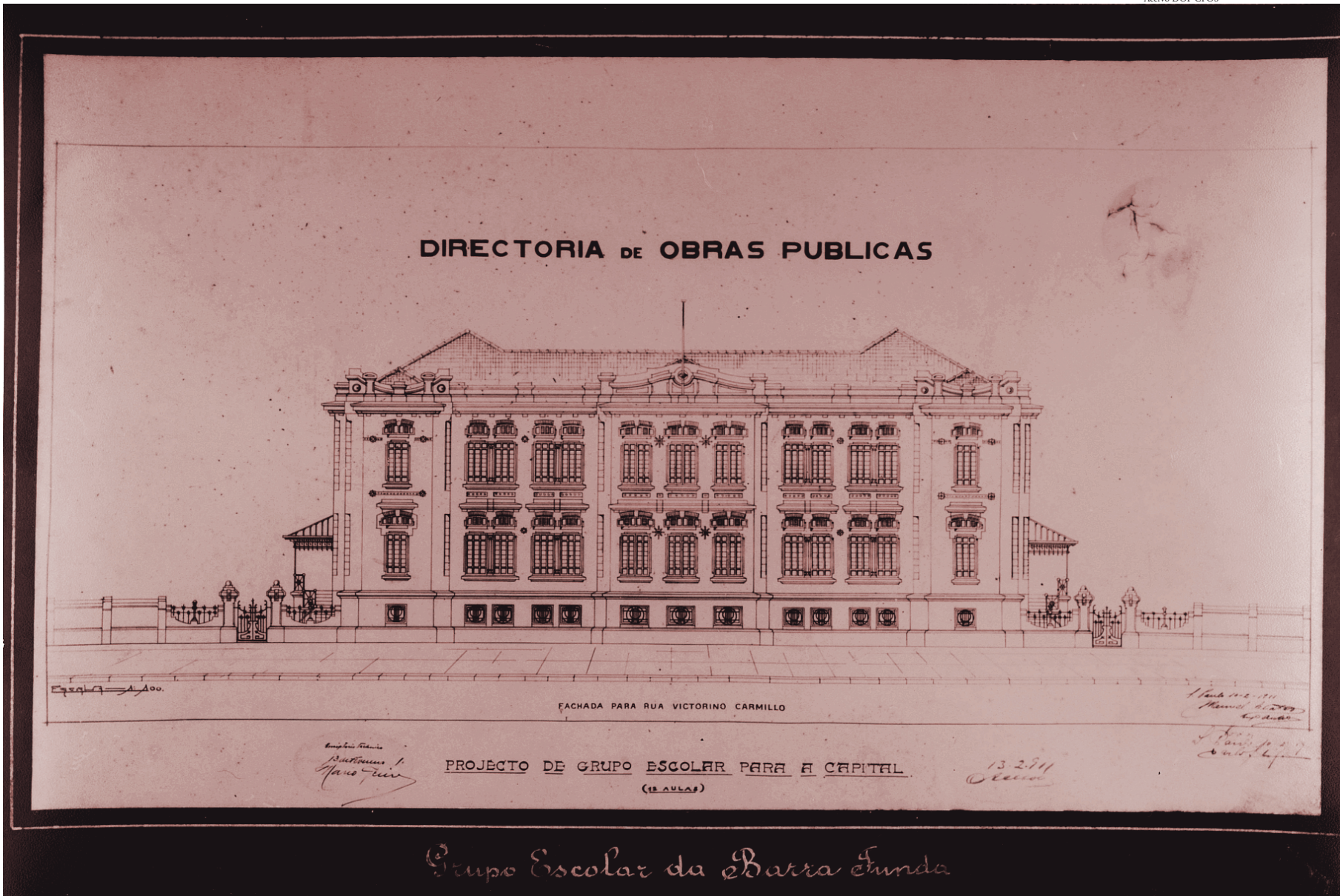
interna quanto externa ao edifício. Há ainda a criação de um novo edifício aos fundos, colocado de maneira discreta no conjunto, que recebe os novos ambientes impostos pelo programa.

No prédio principal foram eliminadas a escada de acesso ao pátio e a escada interna permitindo fazer a ligação vertical em apenas uma prumada. Essa nova circulação libera o terraço do primeiro pavimento e recupera a transparência de seu vitral outrora escondido pela cobertura da antiga escada.

O passadiço é outro elemento importante dentro do conjunto de edifícios e tem a função de ligar o prédio antigo ao novo. Com o objetivo de resolver o encontro do passadiço ora com o prédio principal, ora com o anexo, propusemos a criação de um equipamento em chapa de aço, aos quais denominamos módulos de transição. Estes “não-edifícios” ao mesmo tempo em que criam um passeio lúdico para os pedestres revelam de forma didática a hierarquia das construções.

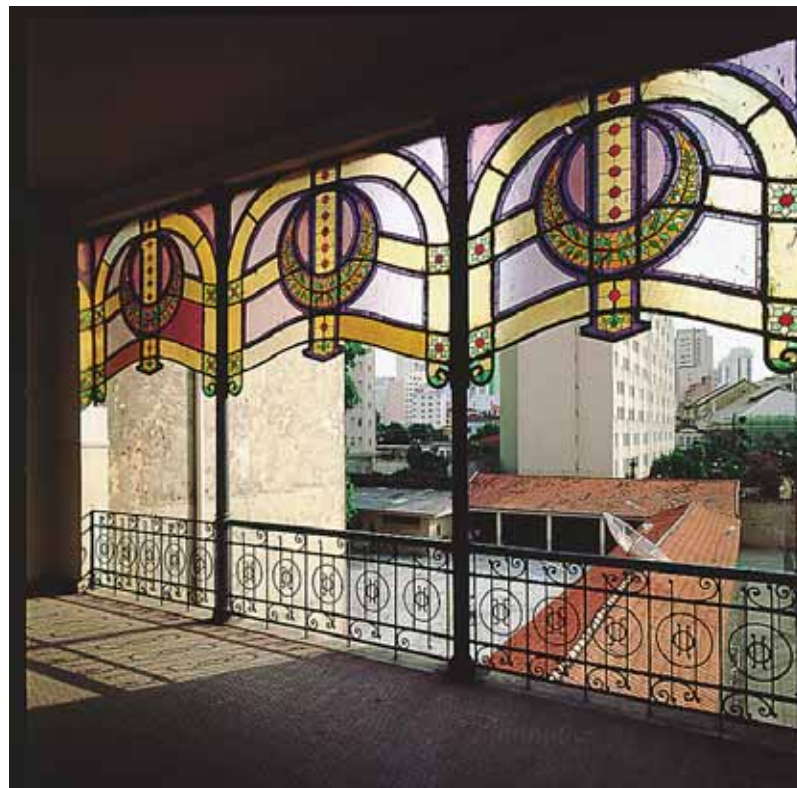
Por fim a reorganização de acessos, recupera a dignidade do prédio principal, e permite que esse se destaque como edifício.

José Condé Lamparelli
Pedro Mendes da Rocha

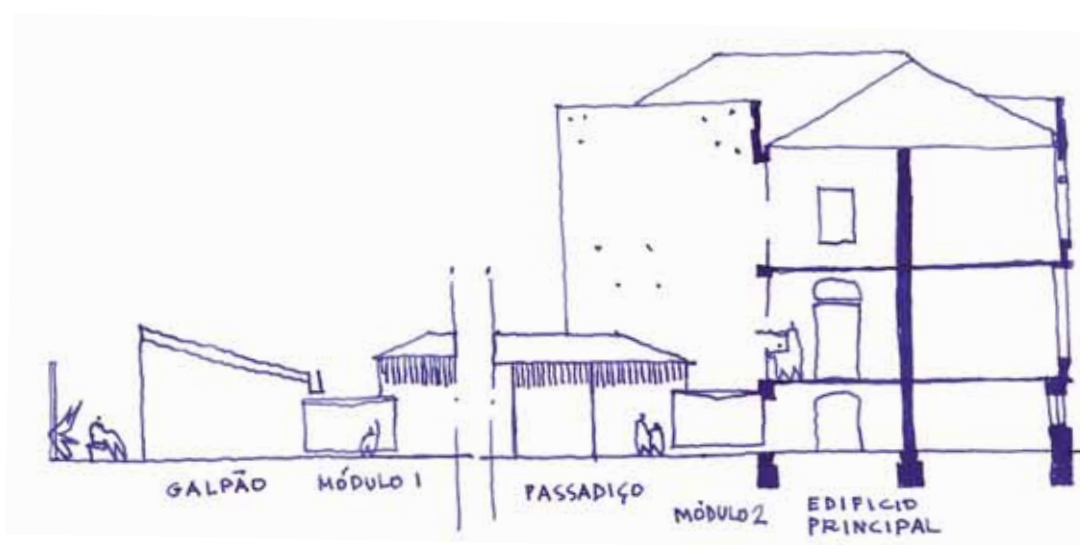




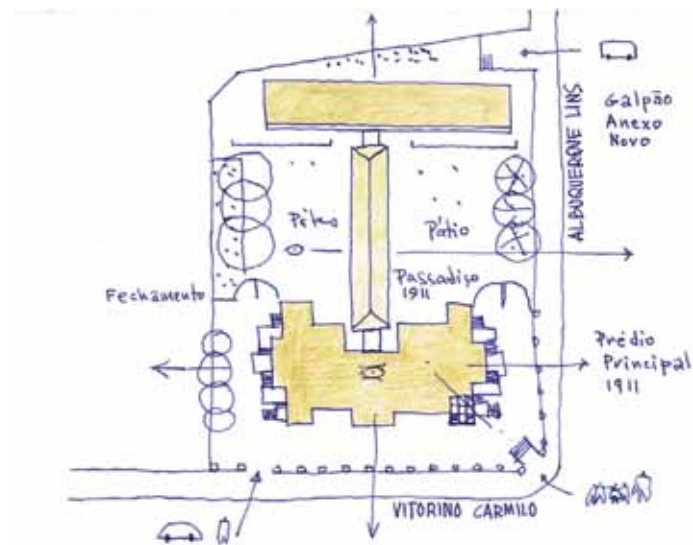
O edifício foi implantado com porão de pé direito maior que o previsto no projeto. A recomposição dos ornatos das fachadas, que foram eliminados ao longo do tempo, serão refeitos por ocasião da obra de restauro.

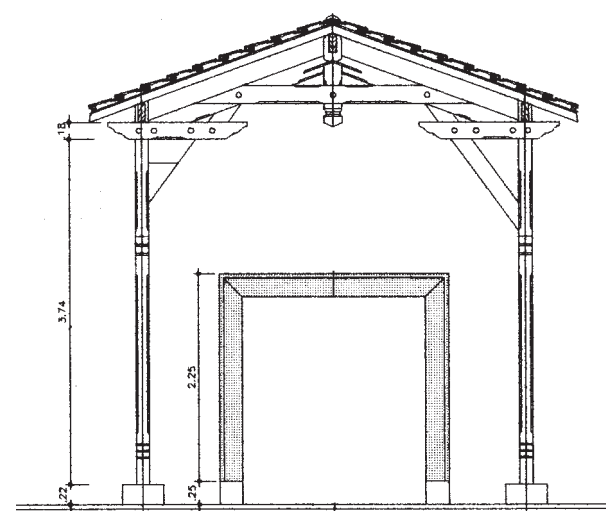
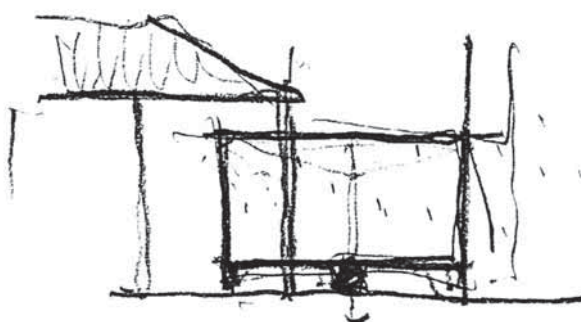
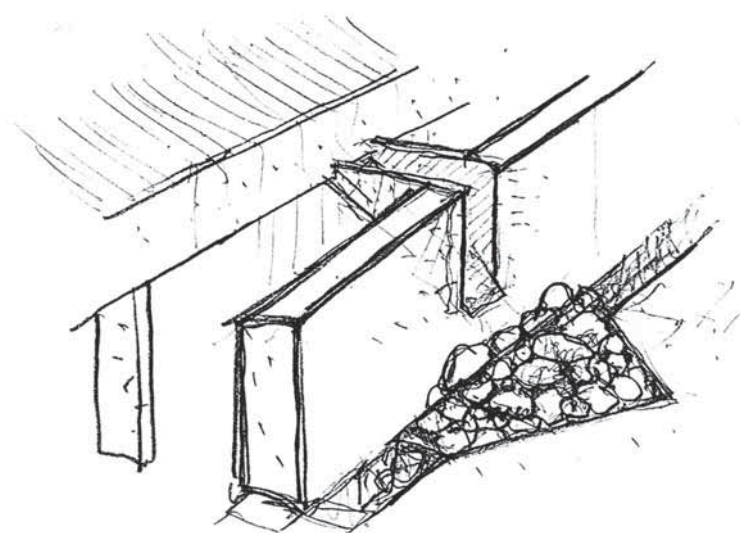
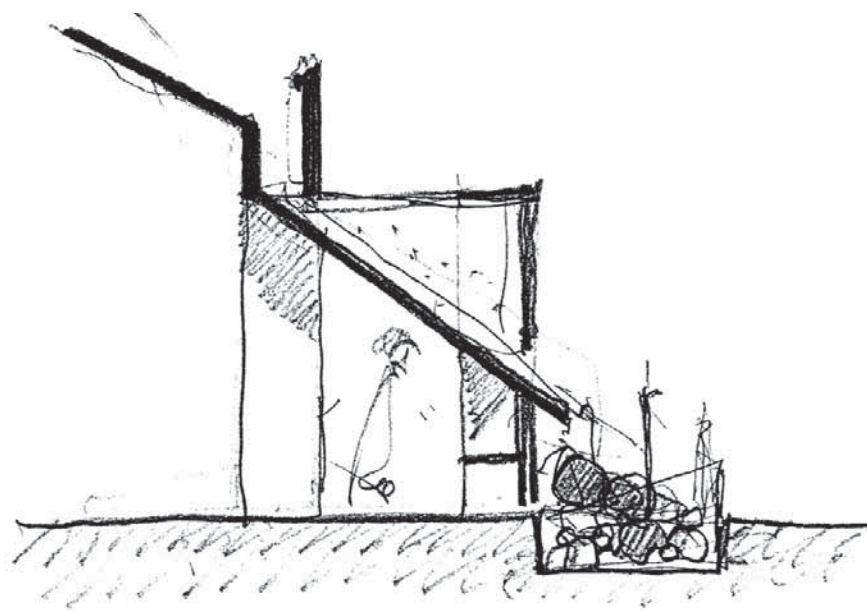
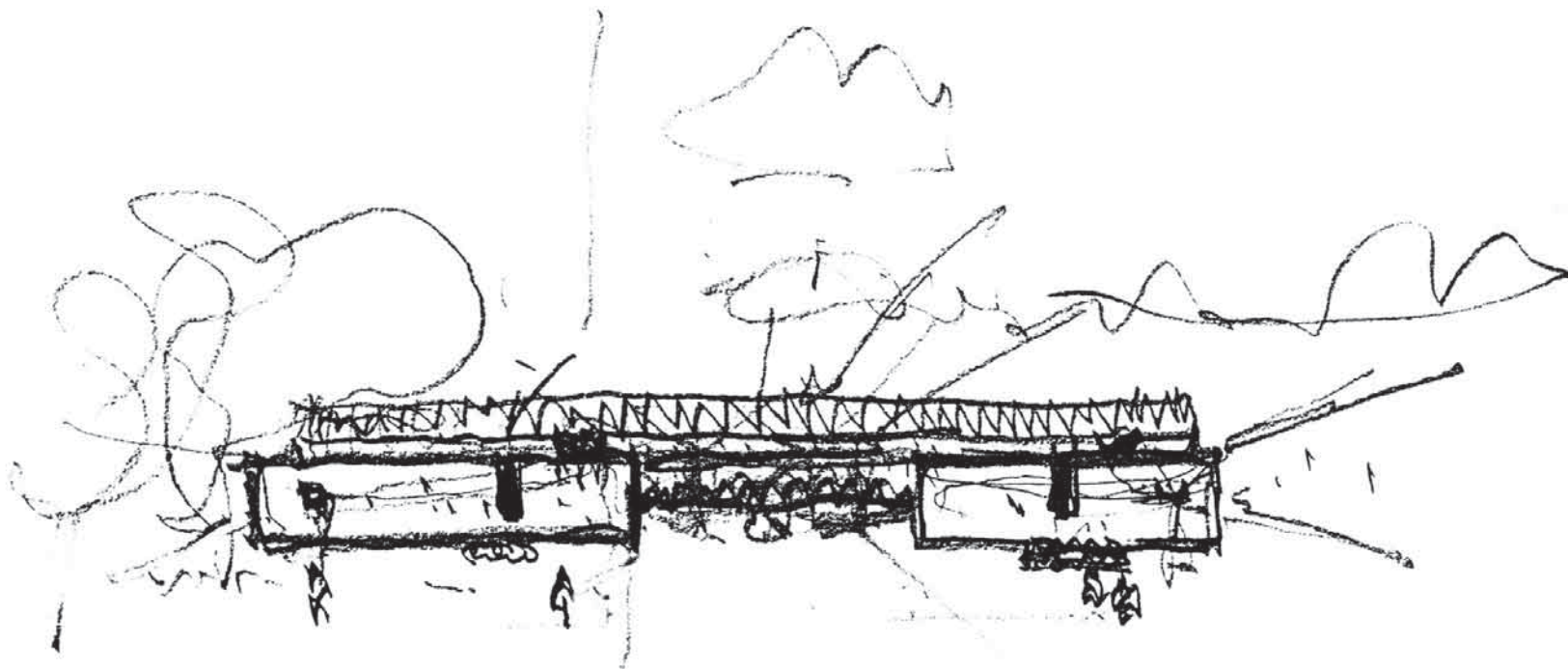


Recuperar as feições da varanda do primeiro pavimento é uma das premissas desse projeto. A reorganização da circulação vai permitir eliminar essa sobreposição de telhado que compromete a beleza do vitral colorido.

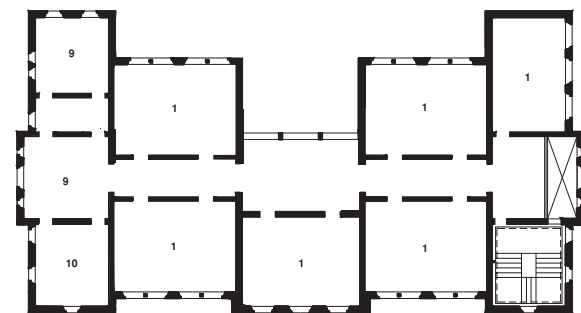
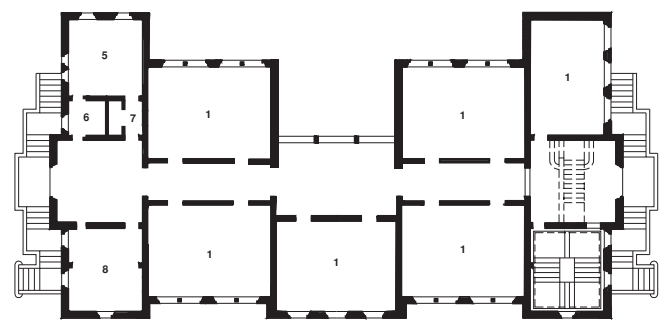
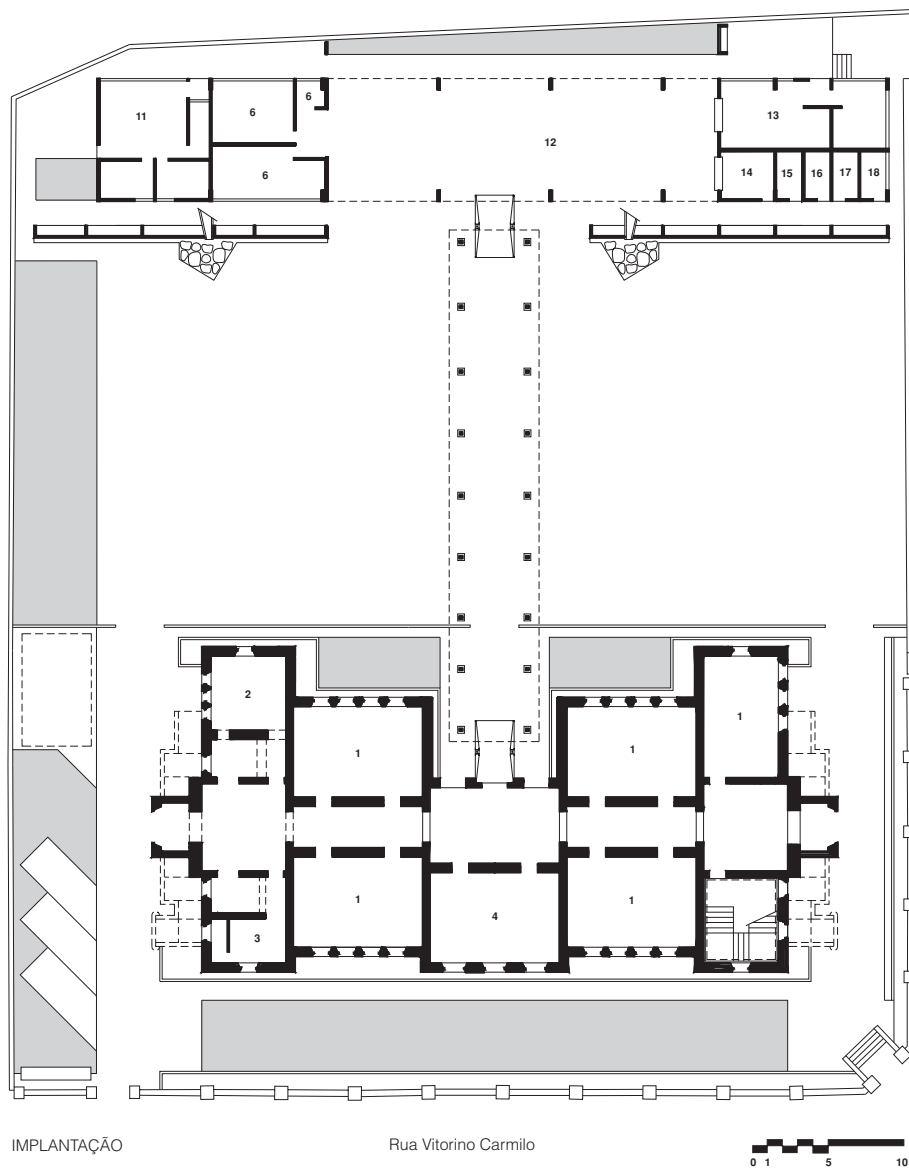


Desenhos de Pedro Mendes da Rocha.

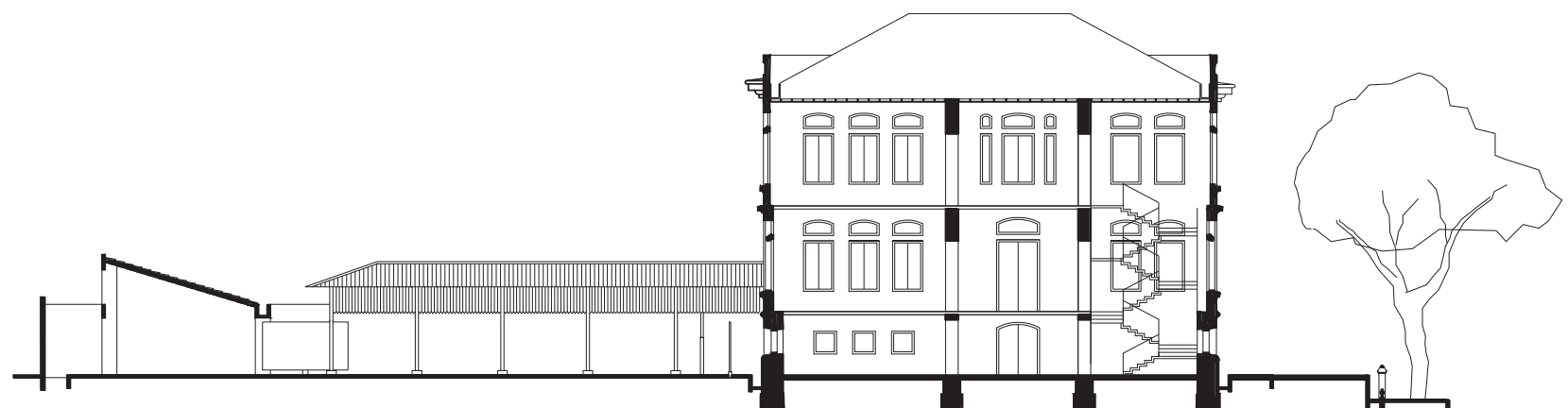




Desenhos de José Lamparelli



- | | |
|------------------|-------------------------------|
| 1. Sala de Aula | 10. Sala de Jogos |
| 2. Secretaria | 11. Zeladoria |
| 3. Diretoria | 12. Galpão |
| 4. Sala de Vídeo | 13. Cozinha/Despensa |
| 5. Professores | 14. Cantina |
| 6. Sanitário | 15. Depósito |
| 7. Copa | 16. Dep. Mat. Limpeza |
| 8. Coordenador | 17. Sanit. Vest. Funcionários |
| 9. Biblioteca | 18. Mat. Ed. Física |



Manuel Sabater

EEPG Dr. Cesário Bastos
Santos, SP, 1911

A construção do Grupo Escolar de Santos apresenta uma estreita relação com a evolução urbana da cidade. Projetada entre 1911 e 1914 por Manuel Sabater e tendo sido inaugurado em 1916, o prédio se localiza na área que mais se desenvolveu entre 1880 e a Primeira Grande Guerra: a Vila Mathias.

As razões para o crescimento da Vila Mathias podem ser identificadas na geografia e na topografia do sítio urbano, nos ciclos de desenvolvimento econômico e nas infra-estruturas implantadas na cidade. O núcleo inicial da vila de Santos se expandiu durante o período colonial e durante os primeiros três quartos do século passado espremido entre os morros do maciço central da ilha de São Vicente e o estuário, em especial do Morro de São Bento até o Monte Serrat. Em 1801 a vila contava 3.446 habitantes. Em 1854, ano em que ocorreu o equilíbrio entre as exportações de café e açúcar pelo porto, aquela que era cidade desde 1839 apresentava 7.855 habitantes. Em 1889 já eram 15.600 habitantes e o afluxo de pessoas crescia continuamente. Em 1867 começou a operar a São Paulo Railway e o movimento pelo porto passou a aumentar enormemente, tornando imperiosa a construção do cais, cujos primeiros 260 metros, no Valongo, foram inaugurados em 1892. De 1880 até a primeira década deste século a ocupação residencial preencheu a região que vai do Centro até Paquetá. Com a virada do século as transformações urbanas se aceleraram, com o centro se especializando na atividade do comércio cafeeiro, com as extensões do cais e com a implantação de dois conjuntos de equipamentos de infra-estrutura: os canais de drenagem projetados pelo engenheiro Saturnino de Brito e as linhas do bonde elétrico da Cia City de Santos. Todos os fatores

mencionados conduziram para o desenvolvimento da área onde seria construído o Grupo Escolar de Santos. Situada imediatamente ao sul da área do Paquetá e do Monte Serrat e atravessada pelo Canal Um, bem como pelas linhas de bonde que, pela avenida Ana Costa, atingiam a beira-mar, nova área residencial de elite, a Vila Mathias passou a ser a área preferencial para residência da classe média, conjuntamente com o Macuco.

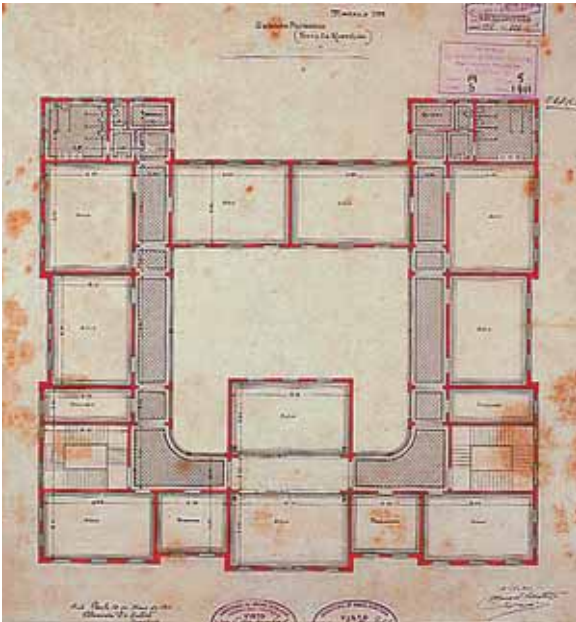
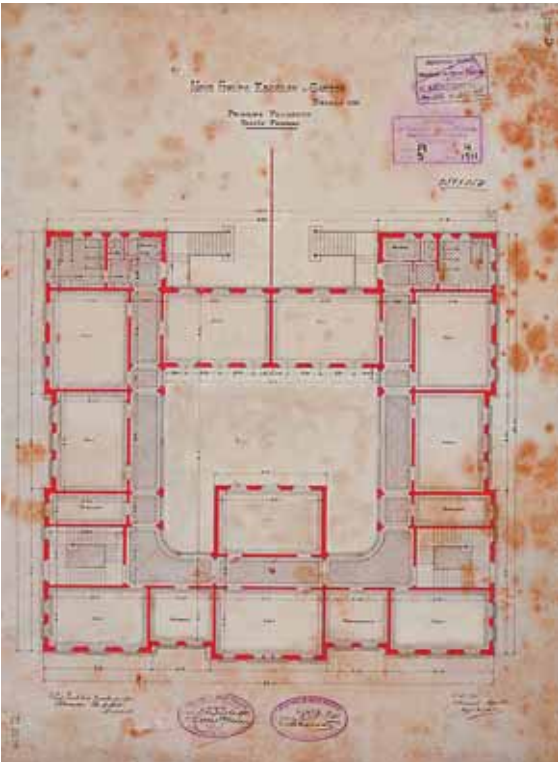
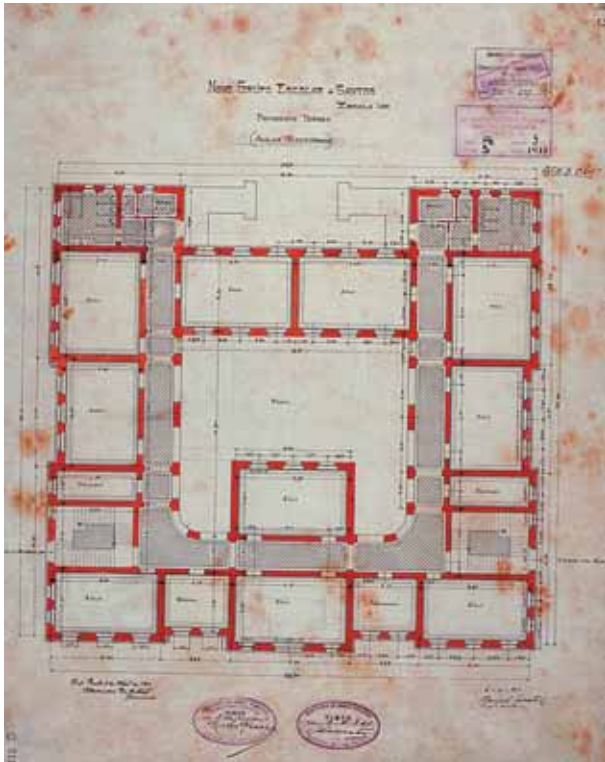
Situado na confluência da avenida Ana Costa com a avenida Rangel Pestana, por onde passa o Canal Um, passagem obrigatória dos bondes, cuja garagem é por sinal vizinha ao seu terreno, o prédio do Grupo Escolar de Santos passou a ser, desde a sua construção, uma referência na paisagem da cidade. Referência essa integrada ao conjunto da arquitetura eclética praticada à época de sua execução.

Considerando-se as transformações por que passou a cidade de Santos a preservação do prédio da atual EEPG Dr. Cesário Bastos apresenta para a cidade e para a sua população um significado cuja importância se soma à sua relevância no quadro da arquitetura escolar do início da República e à sua elevada qualidade arquitetônica intrínseca.

A linguagem empregada no projeto, inserida no quadro do ecletismo, apresenta um predomínio compositivo e decorativo nas fachadas exteriores que parece inspirado nas obras do arquiteto maneirista Sanmicheli. As fachadas são pontuadas com alguns elementos art-nouveau como os medalhões escultóricos e as coberturas metálicas sobre as portas das entradas laterais. O pátio interno apresenta belíssimos tapa-sóis metálicos com vidros coloridos que, conjugados ao desenho dos gradis metálicos dos parapeitos das galerias de circulação, constituem um contraponto refinado e elegante à solenidade e austeridade do exterior.

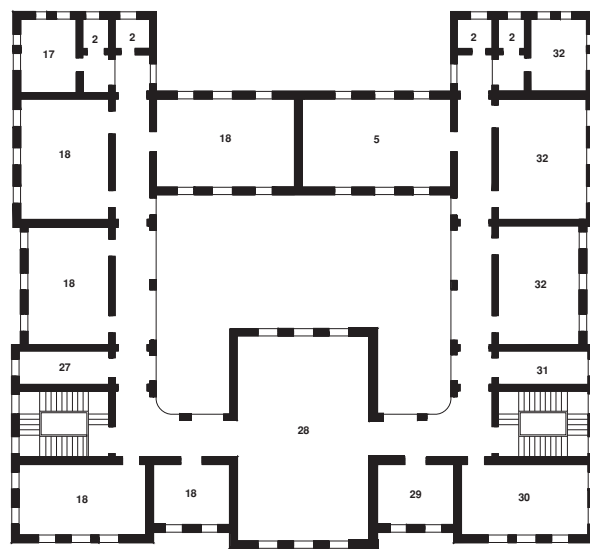
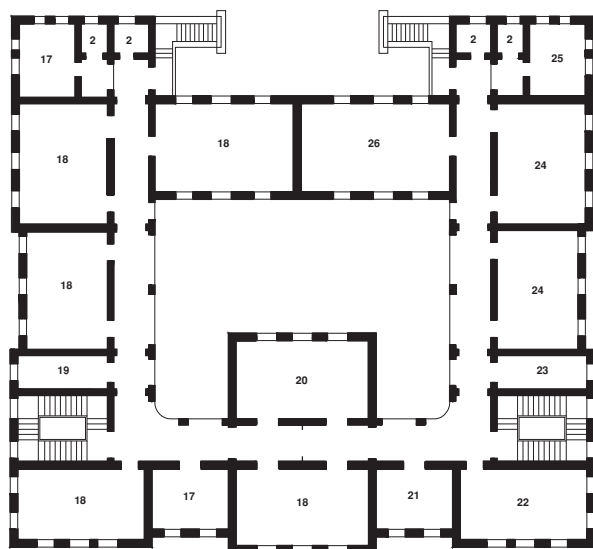
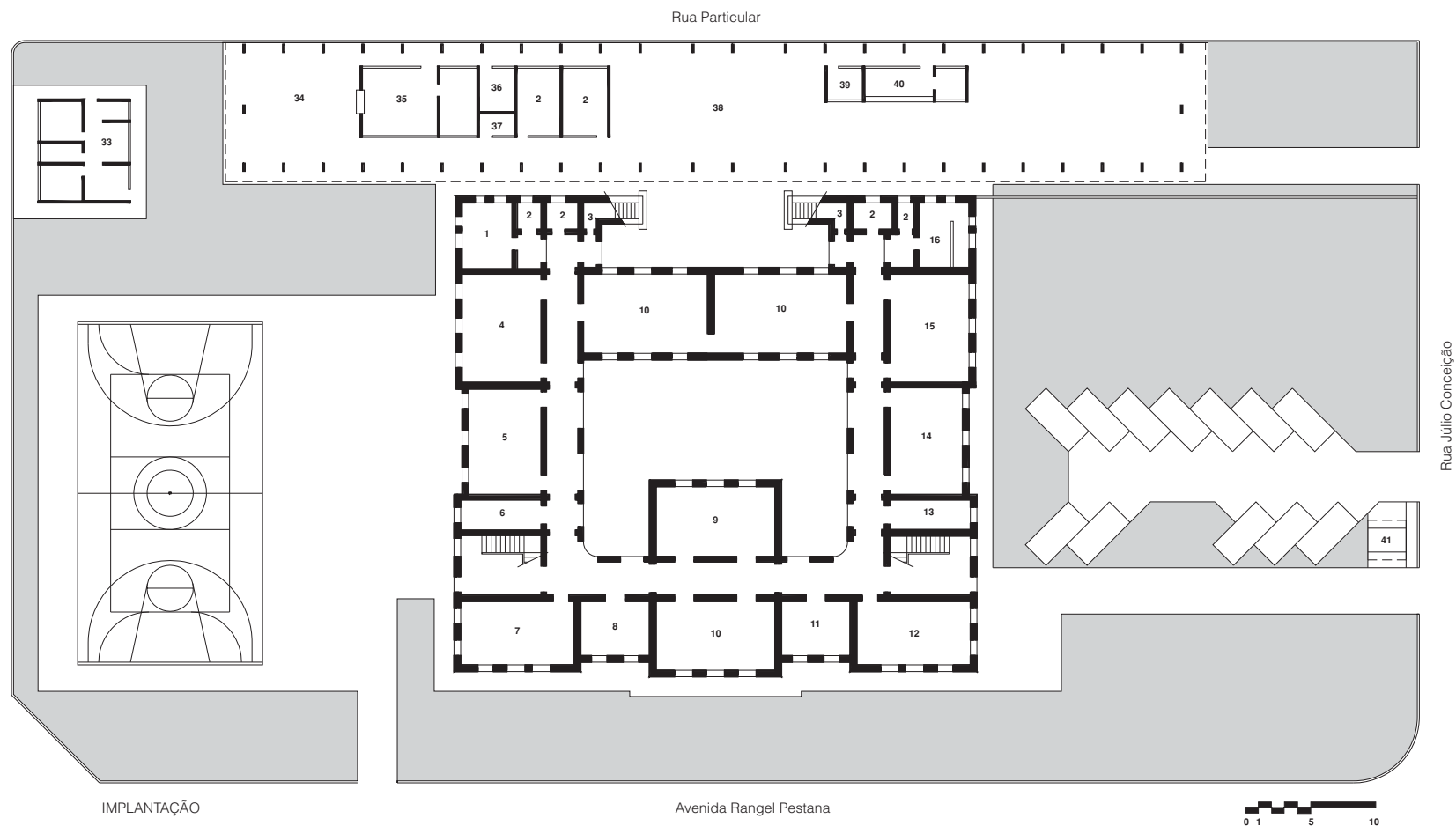
Prédio do Cesário Bastos é um eloquente exemplo de como um edifício escolar pode ser altamente didático pela sua própria arquitetura.

José Eduardo de Assis Lefèvre
Léa Vitória Lefèvre



Acervo DOP-CPOS





- | | | | | |
|-----------------|-------------------|----------------------------|-----------------------------|-------------------------------|
| 1. Arquivo | 10. Arquivo | 18. Sala de Aula | 27. Ass./Coordenador | 36. Dep. Mat. Limpeza |
| 2. Sanitário | 11. Xerox | 19. Diretoria | 28. Auditório/Sala de Vídeo | 37. Sanit./Vest. Funcionários |
| 3. Depósito | 12. Protocolo | 20. Informática | 29. Despacho | 38. Galpão |
| 4. Aula Prática | 13. Supervisor | 21. Gabinete do Delegado | 30. Supervisão | 39. Mat. Ed. Física |
| 5. Biblioteca | 14. Administração | 22. Assessoria de Gabinete | 31. Coord. Pedagógico | 40. Cantina/Despensa |
| 6. Grêmio | 15. Almoxarifado | 23. Planejamento | 32. Oficina Pedagógica | 41. Guarita |
| 7. Secretaria | 16. Copa/Cozinha | 24. Dep. Pessoal | 33. Zeladoria | |
| 8. Professores | 17. Aula especial | 25. Pagamento | 34. Refeitório | |
| 9. Almoxarifado | | 26. Dep. Finanças | 35. Cozinha/Despensa | |



O edifício da EEPG Dr. Cesário Bastos com sua privilegiada implantação no sopé do Monte Serrat.



As fachadas são ricamente ornamentadas com suas guirlandas, medalhões e rostos de crianças que pontuam a entrada lateral e a fachada principal.



Galpão original e a inserção de volumes destinados à cantina, cozinha e sanitários.



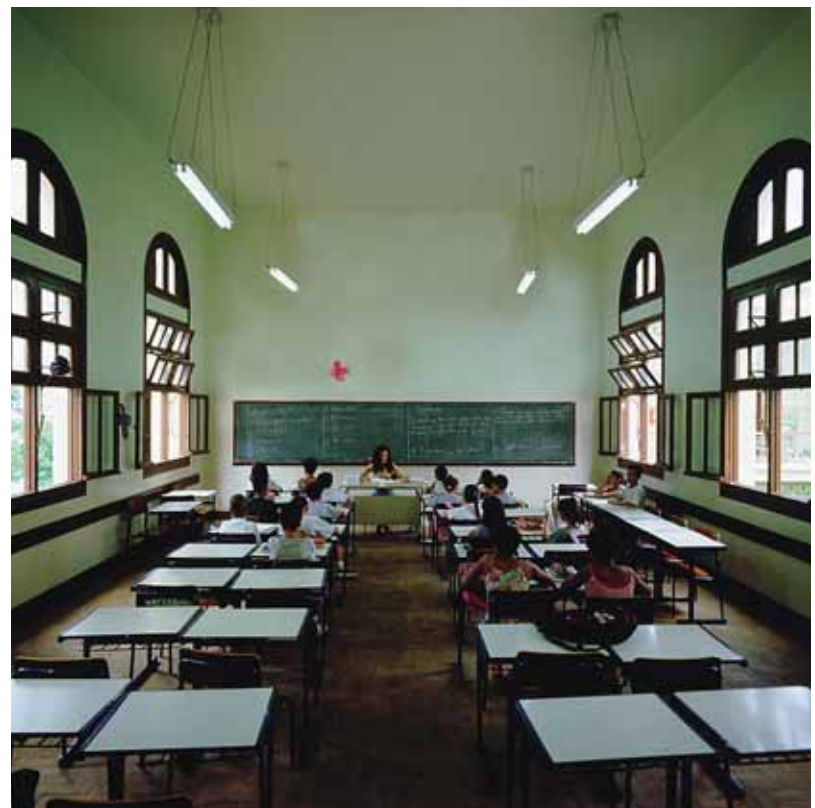
Galpão e escada de acesso ao edifício.



Fachada lateral.



Escadaria com seus guarda-corpos metálicos.



Caixilhos de madeira originais com suas diversas opções de abertura e manuseio.



O partido de pátio interno utilizado várias vezes para as escolas térreas aqui é adotado para um edifício em três pavimentos. A escala apropriada desse pátio, o jogo de volumes e os elementos decorativos compõem esse surpreendente espaço.



O tratamento dado às galerias de circulação demonstram o primoroso trabalho de Sabater no desenho dos tapa-sóis com vidros coloridos, nos esguios pilares e nos gradis metálicos.

João Bianchi

EEPSG Dr. Flamínio Lessa
Guaratinguetá, SP, 1911

A escola Flamínio Lessa, significativo exemplo de nossa arquitetura eclética do início do século, está integrada a um conjunto de edifícios públicos, símbolos concretos dos novos tempos republicanos.

Construções de porte que se destacavam nas cidades e que vinham atender as novas demandas que a sociedade em acelerada transformação solicitava.

Situado na cidade de Guaratinguetá, projeto de 1911 com as obras finalizadas em 1915, o edifício um ano depois é acrescido de passadiço e galpão localizado na divisa de fundo do lote.

O Flamínio Lessa atravessa o século com sua volumetria original preservada e com seus elementos principais conservados. Entretanto nesse tempo, alguns novos pavilhões vieram também se juntar à essas primeiras construções. O mais importante acréscimo foi um auditório constituído por volume térreo, corpo independente implantado ao lado da escola. Com dimensões bastante amplas, esse novo prédio procurava no desenho de suas aberturas e de seus ornamentos imitar o colégio Flamínio Lessa.

De forma bem menos cuidadosa e de maneira geral comprometendo a concepção e a utilização das construções originais, foram também construídos dois pavilhões, um para banheiros e cozinha conhecido como “sopa escolar” ao lado do galpão e outro, sob a cobertura do galpão, para abrigar pré-primário, biblioteca e vestiários. Por último mais recentemente, foi executada casa de zelador em espaço muito apertado entre o auditório e a divisa lateral do terreno.

O partido de projeto que adotamos foi o de recuperar e explicitar as soluções originais da escola, que ainda se mostram capazes de atender as necessidades atuais, e ao mesmo tempo o de propor alterações e acréscimos para satisfazer as novas solicitações dos dias de hoje.

Dizemos recuperar tanto no sentido de recompor situações que pelo tempo decorrido, pelo uso excessivo ou pela inadequada manutenção se desgastaram e se encontram em mau estado, como no sentido de retomar situações do projeto original (passíveis de se comprovar através de documentação confiável) que haviam sido modificadas por alterações indevidas e improvisadas, que prejudicavam a unidade do conjunto e/ou a utilização do edifício.

Dentro desses princípios o auditório foi mantido e propusemos medidas para sua restauração. Atualmente ele abriga eventos da cidade que extrapolam a escola e representam uma ligação exemplar do equipamento escolar com a comunidade de Guaratinguetá.

Para o restante dos acréscimos citados – “sopa escolar”, casa do zelador e conjunto sala do pré-biblioteca-vestiários – propusemos substituição. De modo geral apresentavam estado de conservação ou construção muito precário, não atendiam as necessidades atuais, prejudicavam os espaços de recreação e não tinham nenhum significado especial para a história do edifício.

Com isso estudamos intervenção que contivesse os ambientes que estavam sendo substituídos, e ampliamos suas dimensões para atender as necessidades atuais; cantina, sala do pré-primário, vestiários, sanitários e casa do zelador fazem parte desse conjunto. Refeitório, sala de assistência escolar e depósitos deveriam ainda ser acrescidos para atualizar o programa escolar. Portanto um considerável aumento de área construída deveria ser previsto junto às edificações que estávamos mantendo. Ainda mais, deveríamos repropor as áreas livres para esporte e recreação, que se apresentavam segmentadas e mal distribuídas.



Fotos do acervo Museu Frei Galvão/Guaratinguetá



Acomodamos essas ampliações em dois blocos principais que iriam se situar no fundo do terreno junto ao antigo galpão. O primeiro abrigando biblioteca, depósitos, cozinha, refeitório e cantina no andar térreo, e sala de pré-primário e terraço para as crianças menores no piso superior. Este bloco com planta em forma curva conforma uma praça na área de recreação junto ao refeitório e penetra sob a cobertura do galpão original de forma independente da estrutura existente. Com essa mesma preocupação e também sob o galpão original – agora na outra extremidade – propusemos o segundo bloco que abriga os sanitários, vestiários, casa do zelador e assistência escolar.

No prédio principal e mais antigo, além das medidas mais elementares – reparos em cobertura, pisos, alvenarias, hidráulica, elétrica, etc. – restituímos janelas, portas, pinturas decorativas e retomamos os caminhos da circulação original no interior do edifício com novo arranjo dos ambientes.

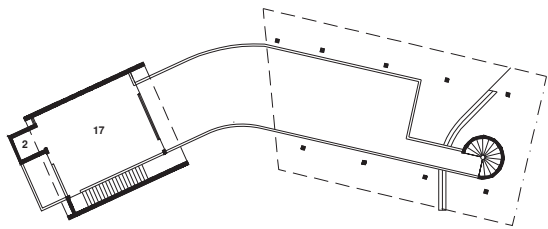
Na área externa a quadra de esportes foi refeita e as áreas de recreação urbanizadas com mobiliário, jardins e iluminação.

Dessa forma pode a EEP Dr. Flamínio Lessa ser devolvida à população como um equipamento escolar atualizado, e ao mesmo tempo, espelhando o orgulho e o respeito que a cidade de Guaratinguetá quer ter de sua história.

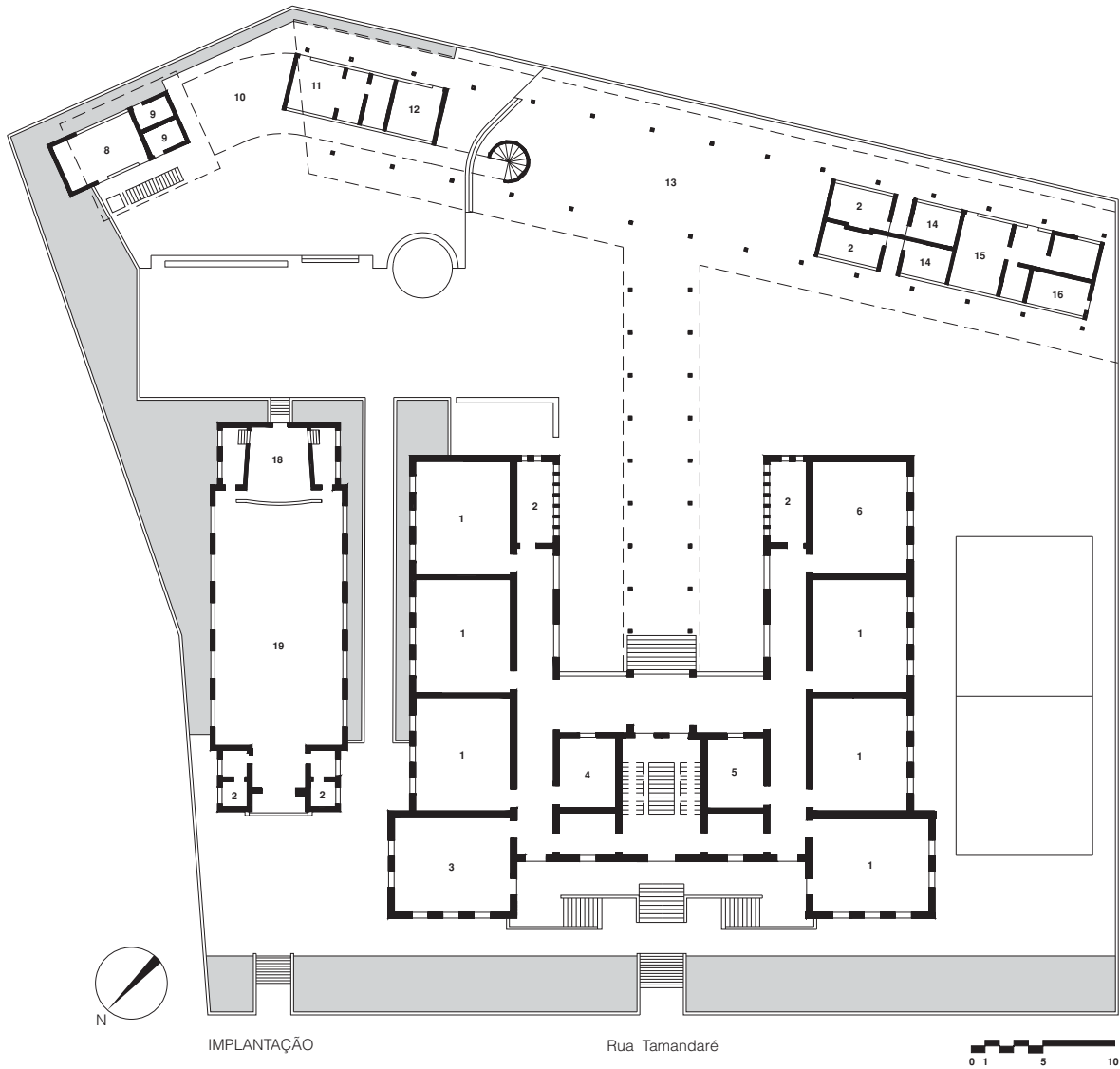
José Rollemberg Mello Filho
Wanderlei Ariza



Fachada principal.

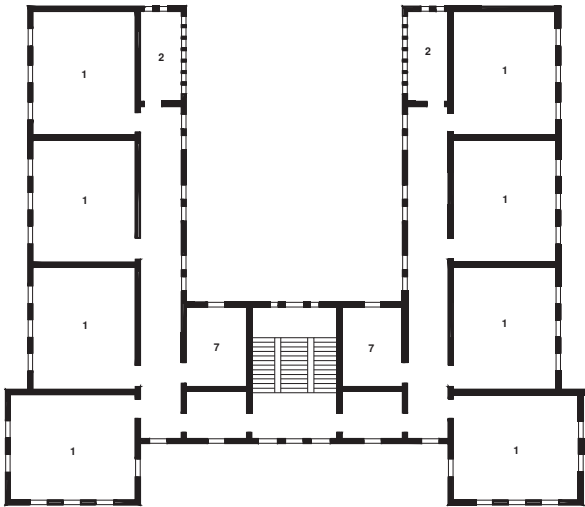


PAVIMENTO SUPERIOR



- 1. Sala de Aula
- 2. Sanitário
- 3. Secretaria
- 4. Diretoria
- 5. Professores
- 6. Aula prática
- 7. Aula especial
- 8. Biblioteca
- 9. Depósito
- 10. Refeitório
- 11. Cozinha/Despensa

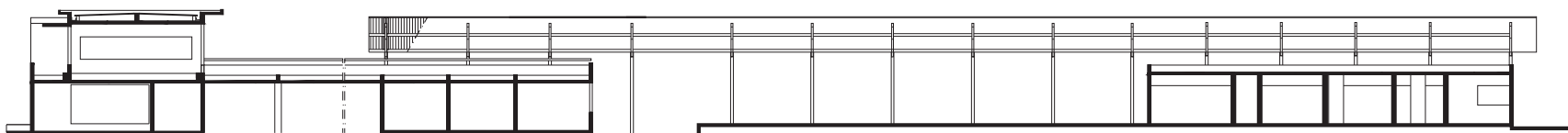
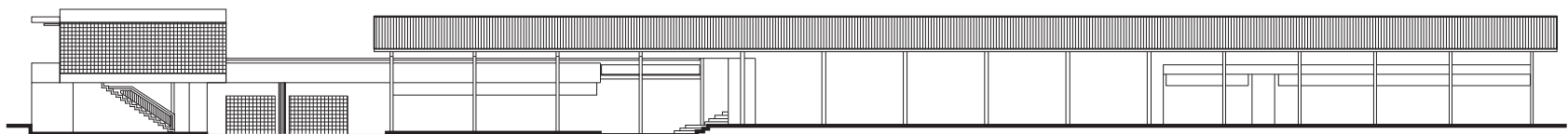
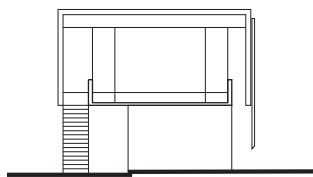
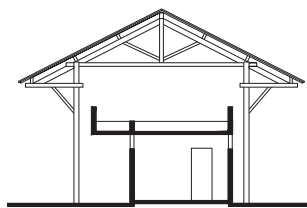
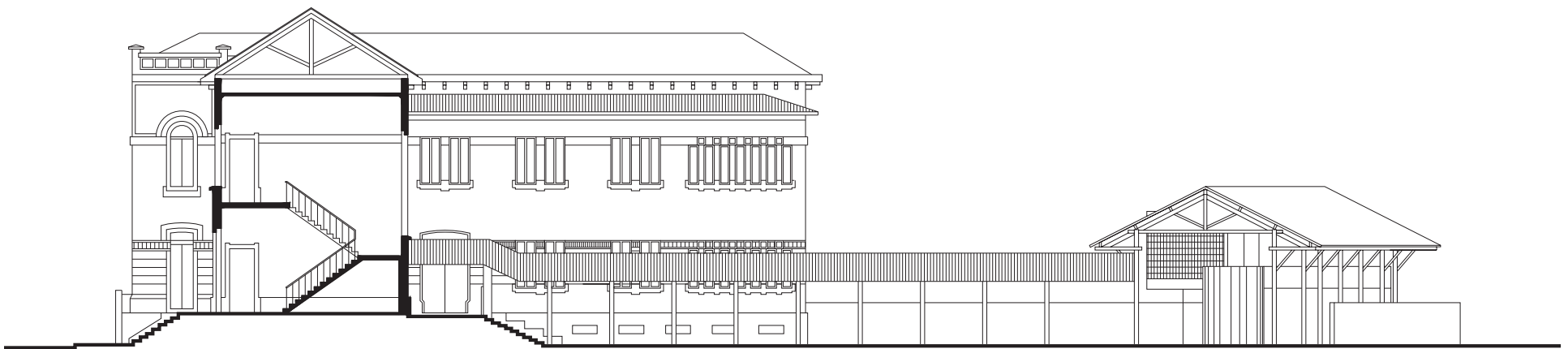
- 12. Cantina
- 13. Galpão
- 14. Vestiário
- 15. Zeladoria
- 16. Dentista
- 17. Pré-primário
- 18. Palco
- 19. Auditório



PAVIMENTO SUPERIOR



Área de recreação tendo à sua direita o edifício original em dois pavimentos e o auditório construído por volta de 1945. À esquerda o galpão e a nova intervenção.





A curvatura do novo bloco acompanha a inclinação da divisa do lote e conforma uma pequena praça de recreação.



Os pilares de madeira do passadiço possuem um cuidadoso trabalho de entalhe em seus encaixes.



O novo edifício adentra o galpão, abrigando no pavimento superior a sala do pré-primário, com um terraço descoberto destinado à recreação.



O concreto aparente do novo edifício vem buscar a velha construção, prolongando-se pela escada circular até o galpão e trazendo novas atividades a esse espaço. O uso de chapa metálica perfurada produz nova versão para o oitão.





Circulação do pavimento superior.



Escada com seus guarda-corpos em ferro trabalhado.



O caixilho de madeira foi refeito com base em documentação fotográfica.



Interior do auditório construído por volta de 1945.

João Bianchi

EEPSG Cardoso de Almeida
Botucatu, SP, 1911

O projeto de restauração da EEPSG Cardoso de Almeida foi definido em três etapas distintas.

A primeira implicava no levantamento do estado de conservação e proposta de restauro – 1986.

Nesta fase, o projeto propunha a reconstituição dos gradis em torno a escola, redesenhados graças às peças remanescentes do original e fotografias antigas; da pavimentação externa e criação de jardins; do revestimento externo refazendo áreas de granilite das fachadas e conservação geral dos elementos da cobertura; dos vãos originais das janelas, portas internas e externas; a construção de zeladoria sob prolongamento do telhado do galpão, aproveitando as características desse telhado para que a nova construção se dissimulasse no conjunto; a adequação dos espaços internos em função dos novos usos.

Fizeram parte desta fase os projetos de instalações elétricas e hidráulicas assim como projeto de estrutura para a área nova.

A intenção básica das propostas nesta fase foi de reconstituir

o maior número de elementos originais do edifício considerando-o como monumento arquitetônico, patrimônio da comunidade, portanto merecedor de um tratamento de restauração.

Paralelamente à proposta de conservar, restaurar e valorizar, existiu a intenção de adequar internamente o edifício às necessidades sempre dinâmicas dos novos programas de ensino. Procuramos estabelecer algumas adaptações de maneira discreta, sempre pautando pela possibilidade de solucionar as necessidades de uso através da adequação das funções aos espaços já definidos pelo projeto original, minimizando assim mudanças e descaracterizações.

A segunda fase inicia com as obras de restauração – 1993 – e as prospecções de pinturas murais que definiram o aspecto que o edifício viria a assumir após a descoberta dos elementos decorativos existentes por debaixo das repinturas que recebeu durante sua história.

Por contingências específicas da FDE, neste período, foram feitas algumas modificações no projeto de restauro, como a não reconstituição das janelas e portas externas de madeira nem a dos gradis frontais segundo os modelos originais.

A terceira etapa – 1993 – foi definida pela iniciativa da FDE em rebaixar os pisos da área do porão, até então só parcialmente habitável, ganhando assim um espaço considerável para uso da escola. Para realização desta tarefa, houve a necessidade de demolição da caixa d'água de concreto sob o saguão principal e construção de novo reservatório subterrâneo fora do corpo do monumento.

Após a definição do programa de uso deste novo espaço,



Album da 3ª Conferência Nacional da Educação - 1929.



A EEPSG Cardoso de Almeida, antiga Escola Normal de Botucatu, construída entre 1913 e 1916, ao lado do grupo escolar de Dubugras.

adotamos o critério de recuperar os arcos de sustentação da antiga estrutura do porão. Propusemos eliminar o fechamento de vãos, os cortes nos tijolos, as perfurações da alvenaria para passagem de tubulações, os revestimentos, as divisórias etc.

O novo tratamento foi definido de modo a valorizar a estrutura de tijolos aparentes com seus arcos – que foram então reconstituídos – e seus tetos em abóbadas de tijolos e trilhos, liberados dos revestimentos posteriores e reconstruídos onde necessário.

Mais uma vez procuramos adequar as novas funções aos espaços de tal modo a minimizar as subdivisões, mantendo assim os espaços amplos.

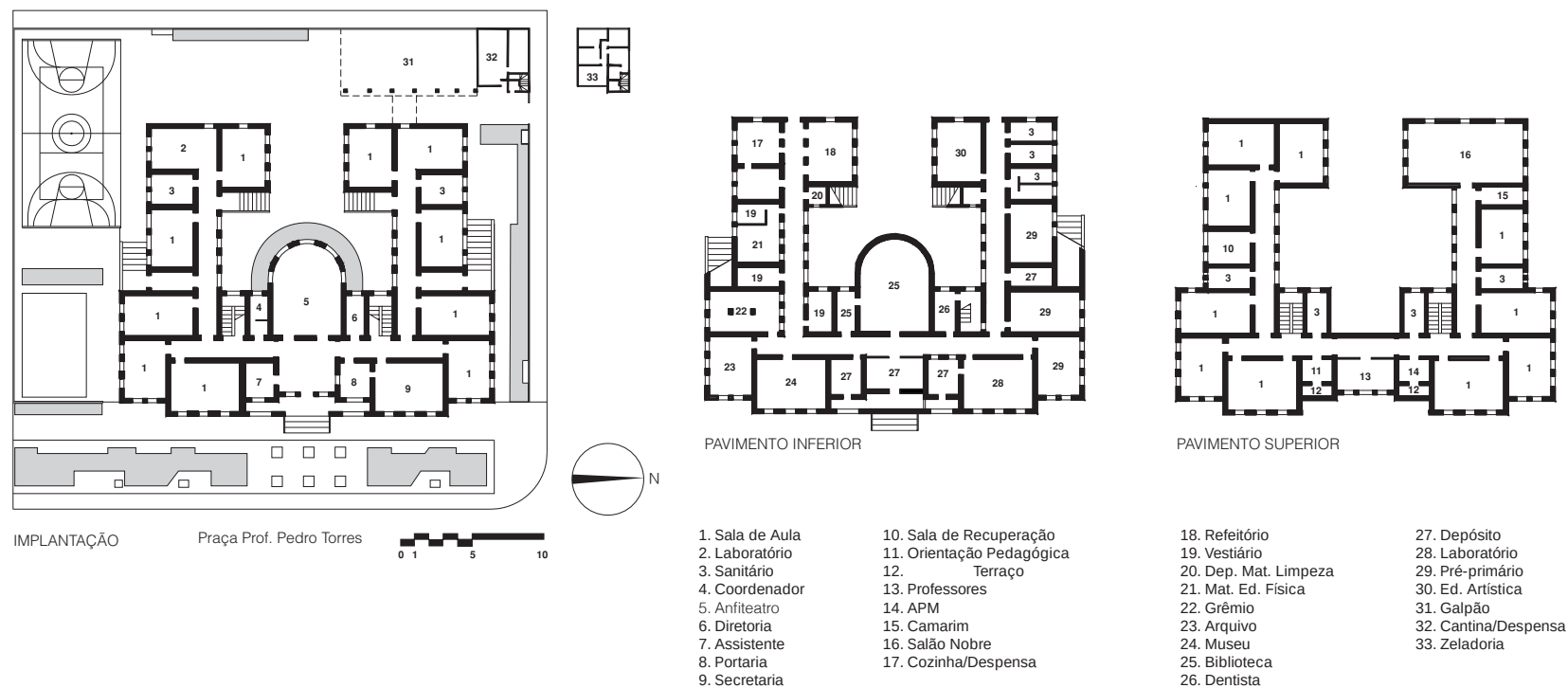
O uso de pavimentação clara e iluminação adequada nas salas

e corredores buscou compensar a deficiência de luz devido às pequenas dimensões das janelas nesse pavimento.

O desenho das portas nessa área foi definido pela necessidade de ampliar a ventilação nos ambientes. Foram colocadas folhas com venezianas móveis e fixas, de acordo com as necessidades de cada espaço, na parte dos arcos voltadas para dentro das salas (aproveitando sua grossa espessura) de modo a liberar e valorizar as arcadas que se tornaram novo ponto de atração do edifício.

A reconstituição criteriosa das pinturas decorativas murais trouxe à tona novamente a ambiência das salas de aula, saguões e áreas nobres do edifício.

Luis Antonio Cambiaghi Magnani



Como a maioria das escolas da Primeira República, esse edifício adota linguagem e ornamentações de diversos estilos. A fachada é caracterizada pela alternância de volumes em planos diferentes, pelo tratamento dispensado ao acesso principal e pelos elementos verticais que se elevam nos cunhais da edificação.



Saguão do edifício.

Circulação do térreo.



Os ladrilhos hidráulicos colocados nas escolas normais eram geralmente importados, com desenhos elaborados em vários tons de cores e sutis sobretons, com uma textura extremamente lisa.



Fachada posterior.



Vitrais coloridos identificam a posição das escadas.



Salão nobre do pavimento superior com forro original e piso em assoalho de madeira de diversas espécies.



No porão rebaixado optou-se por valorizar a alvenaria e seus arcos, o teto em abobadilha de tijolos e trilhos metálicos, deixando a mostra o processo construtivo utilizado.



Carlos Rosencrantz

EESG Dr. Álvaro Guião
São Carlos, SP, 1911

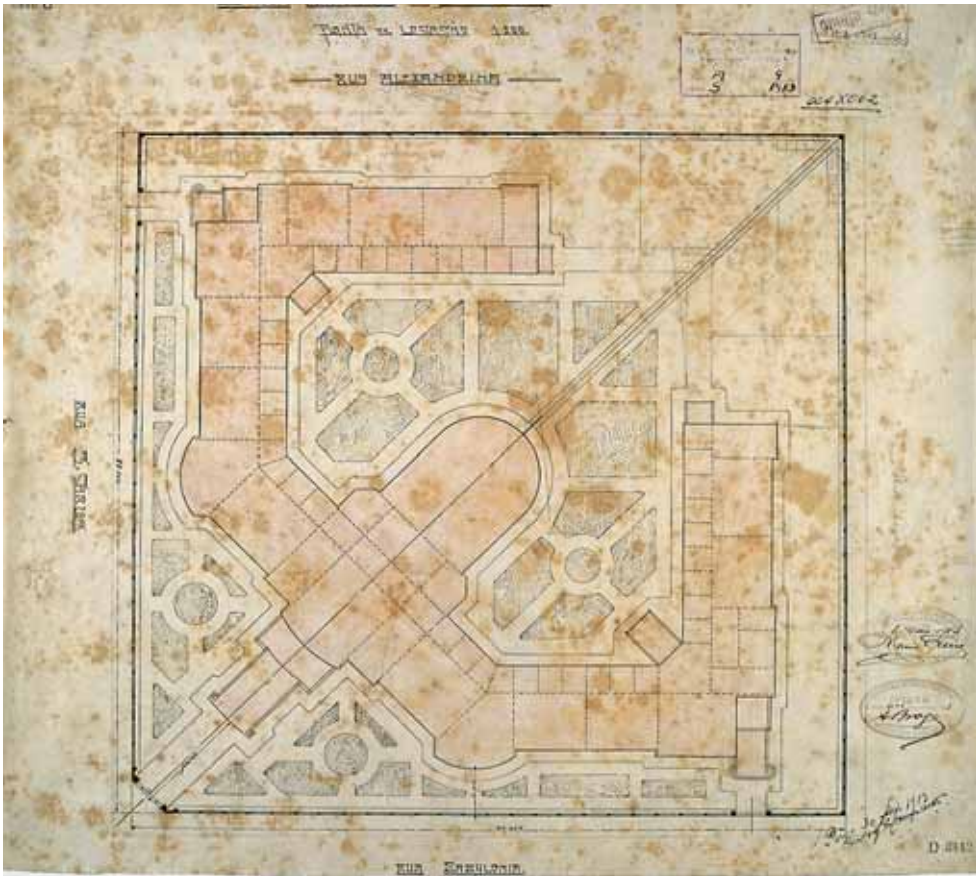
O projeto de restauração da Escola Normal Álvaro Guião, hoje EESG Álvaro Guião, propõe essencialmente a renovação de poucos elementos construtivos desgastados pelo tempo, a restituição da implantação original retirando um volume construído posteriormente, a ampliação de sua área útil escavando boa parte das extremidades de seus porões, o isolamento visual das esquadrias que dão para a rua e a renovação paisagística do pátio interno.

Estas foram as maiores propostas de mudança.

No mais o projeto se pautou em manter e ressaltar a excelente construção recuperando cada detalhe.

Feita em tijolo maciço, lajes planas em abobadilhas armada com trilhos, esquadrias altas em pinho de riga, pisos em tábuas corridas de imbúia e peroba, forros em cedro com ornatos em jacarandá munidos sempre de detalhes de ventilação, brises nas varandas feitos de vitral colorido, porão alto aproveitável ou não, a Escola Normal Álvaro Guião é mais um exemplar de arquitetura eclética, rica de detalhes e ornatos. E como bom exemplar dessa arquitetura é uma aula de técnica construtiva.

Dotada de uma implantação ímpar a escola se espalha por toda uma quadra como um pentágono aberto. O projeto original resolve toda sua circulação interna através de uma varanda que envolve o pátio descoberto de recreação, entregando o edifício, externamente, à cidade. Seus estreitos jardins laterais, externos ao edifício, são ao mesmo tempo jardins das calçadas da avenida São Carlos. Recebe seus alunos, professores, funcionários e convidados por uma escadaria externa de granito e mármore, através de uma grande porta e de um saguão principal que traz nas paredes

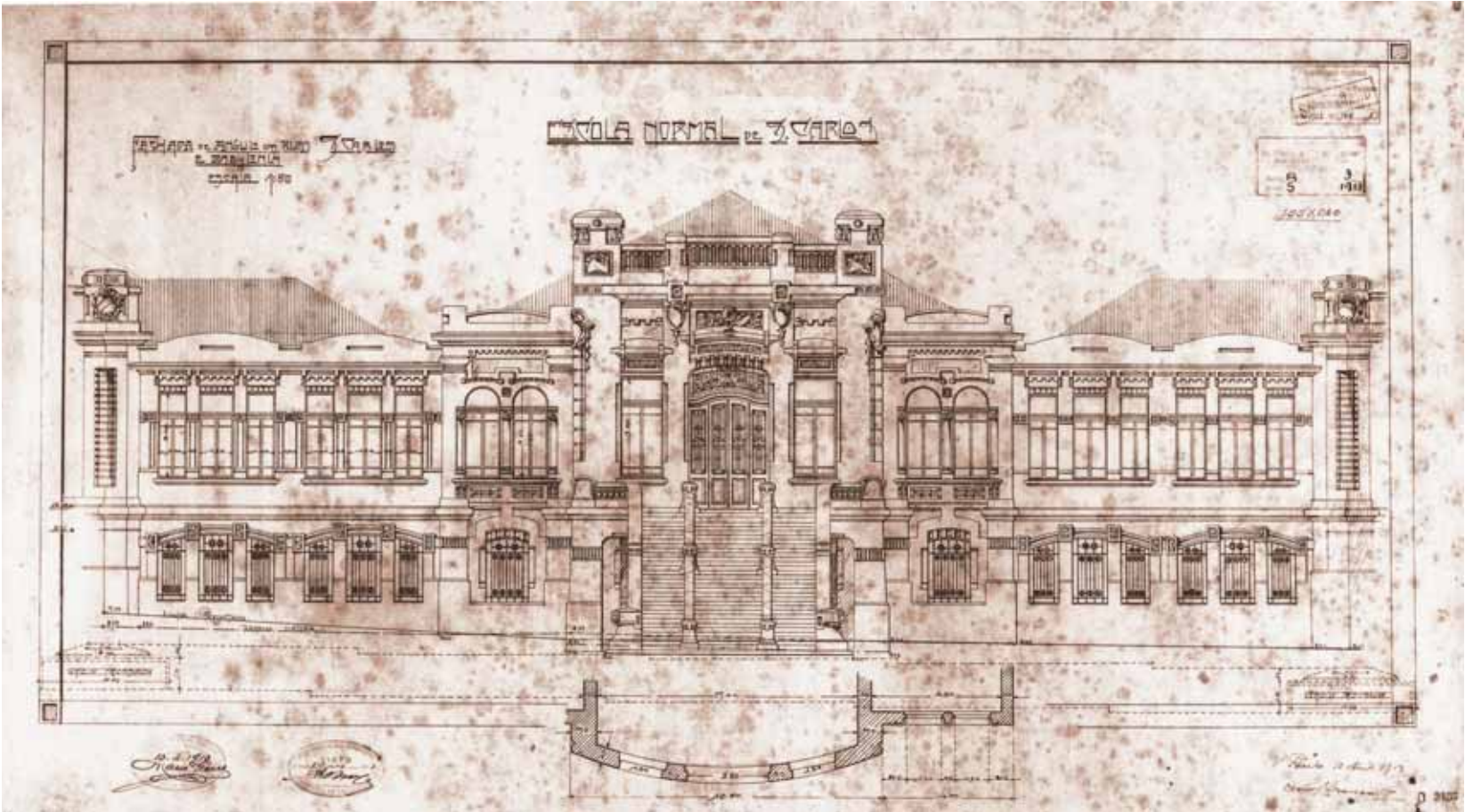


Acervo DOP-CPOS

suas placas comemorativas, no seu piso, um mosaico de cores equilibradas, no seu teto artesanatos em madeira e bela luminária.

Assim sendo, pouco houve de mudança projetual, exceto prolongar a vida desses materiais e soluções já concebidos para serem duradouros e resistentes, e valorizar a implantação do edifício e realçá-lo na paisagem urbana.

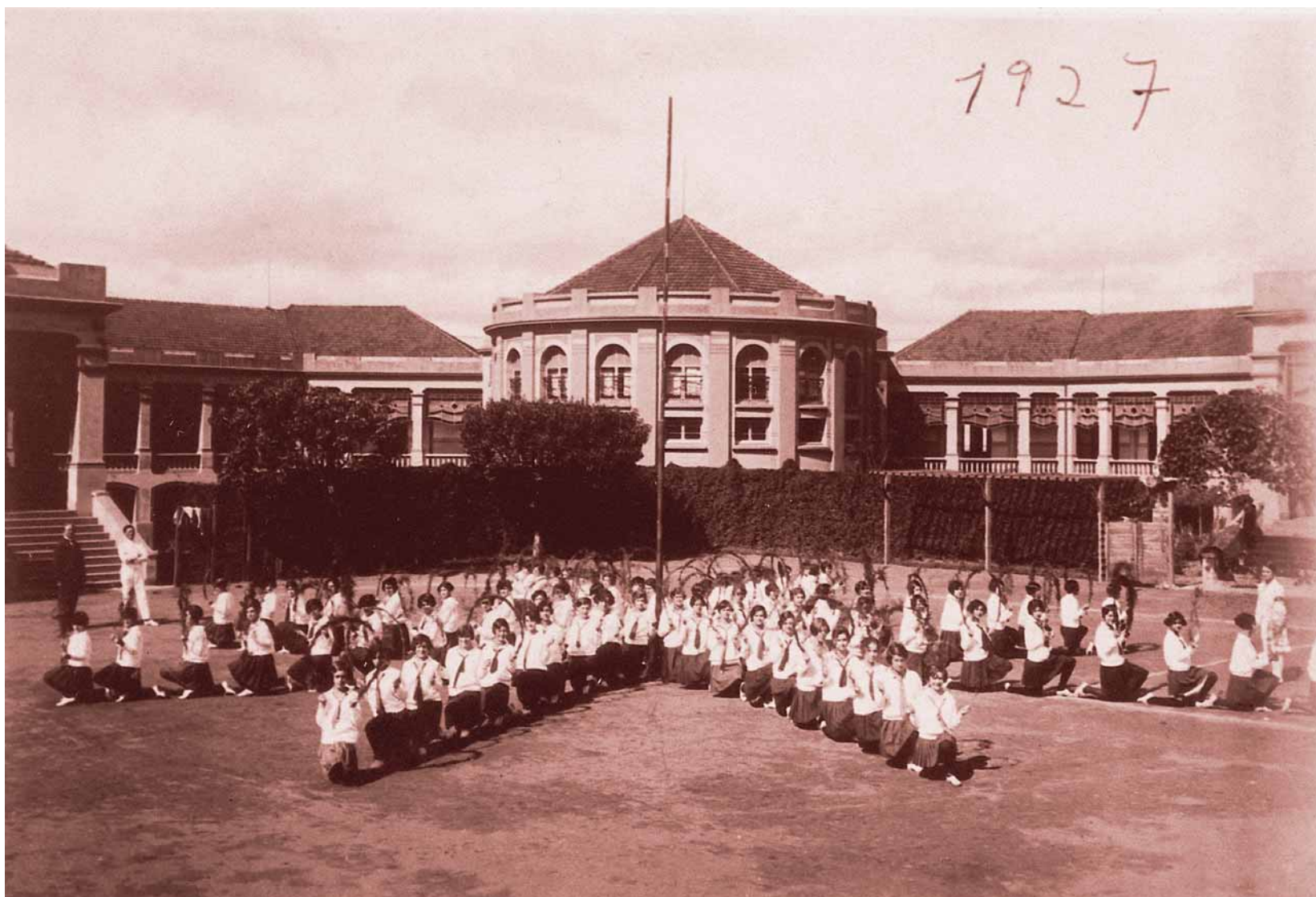
Anália Maria Marinho de Carvalho Amorim



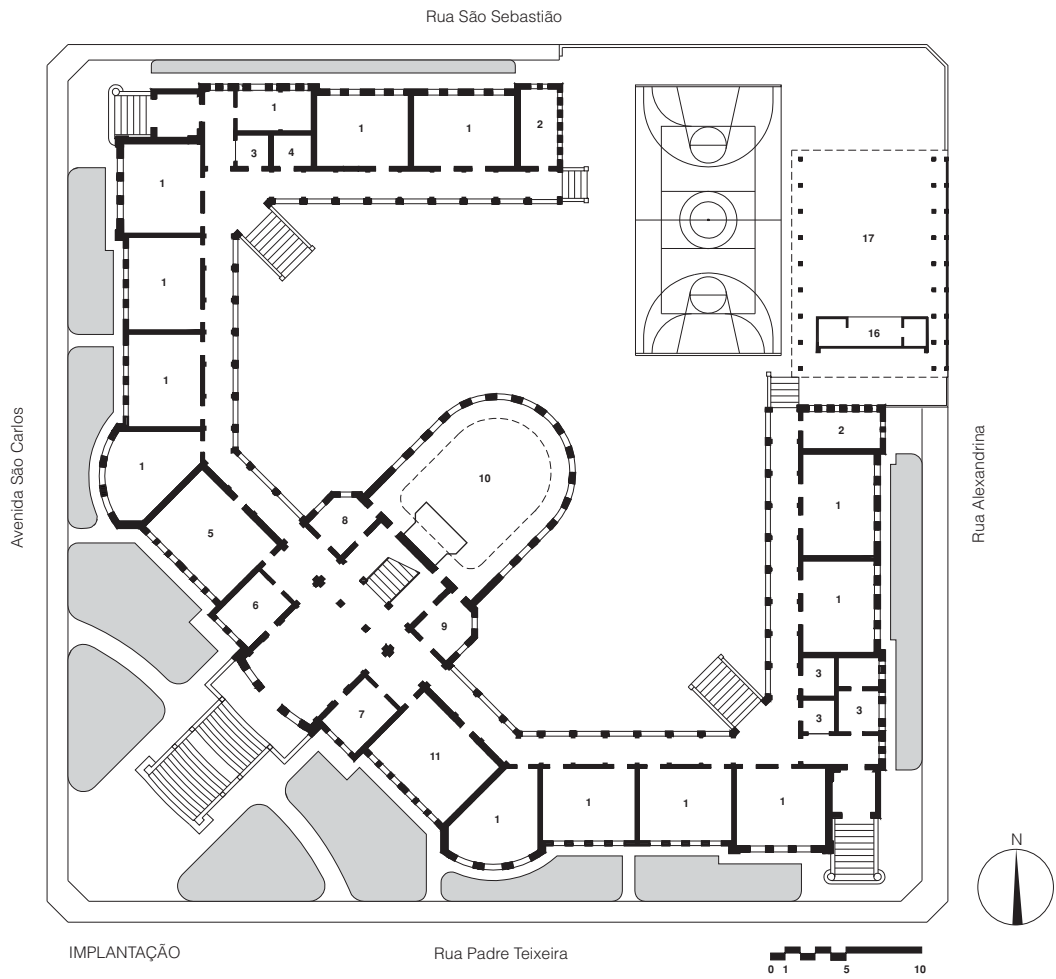
Acervo DOP-CPOS



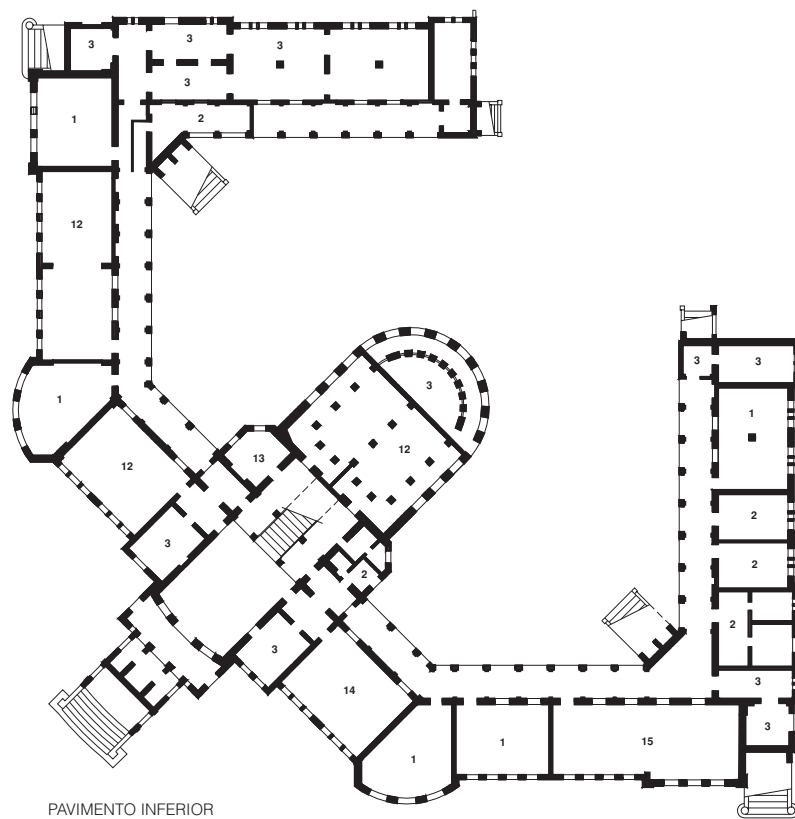
Fachada principal.



Fachada posterior.



- | | |
|----------------------------|----------------------|
| 1. Sala de Aula | 10. Auditório |
| 2. Sanitário | 11. Biblioteca |
| 3. Depósito | 12. Laboratório |
| 4. Cozinha | 13. Estudos Sociais |
| 5. Secretaria | 14. Sala de Projeção |
| 6. Diretoria | 15. Mat. Ed. Física |
| 7. Professores | 16. Cantina/Dispensa |
| 8. Som | 17. Galpão |
| 9. Orientação Profissional | |





A escola domina toda a quadra com sua imponência e sua implantação inusitada.



A forma singular desse monumental edifício cria dois pátios internos de recreação separados entre si pelo volume circular do anfiteatro resultando num espaço extremamente acolhedor.



O saguão de entrada com sua requintada ornamentação.



A escada de mármore que dá acesso ao mezanino do auditório.



Os projetos de Rosencrantz destacam-se pelo minucioso detalhamento de seus elementos construtivos.



Os forros de madeira e os guarda-corpos em ferro acompanham as formas arredondadas do auditório.

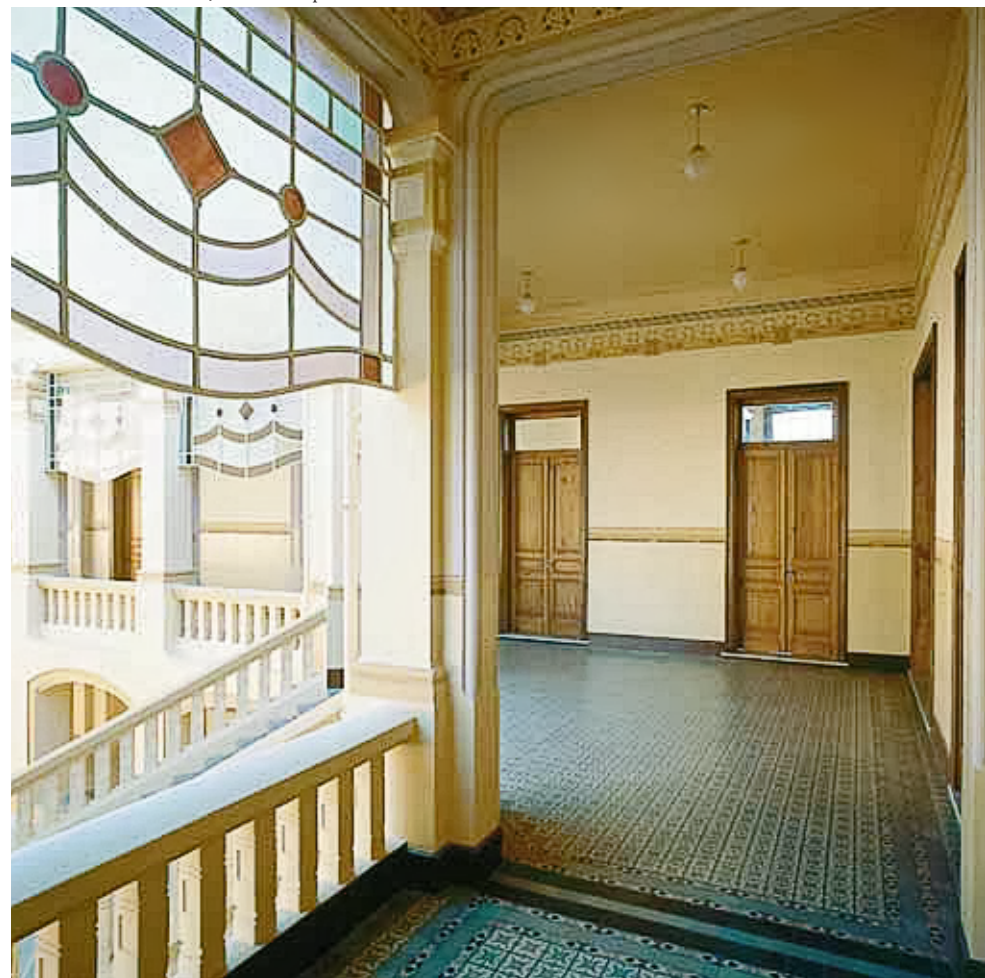


Os pátios de recreação são emoldurados por circulações avarandadas de sofisticado tratamento formal.

As portas em pinho de riga, os ladrilhos hidráulicos e os vitrais coloridos compõem os acabamentos desse edifício. Todos esses, materiais importados.



Um dos pátios internos.





Após 80 anos de sua construção, esse edifício permanece intacto, mantém todas as suas características construtivas originais e se traduz como exemplo de preservação.



Escadaria existente no final da circulação.



Desenho identificado durante os trabalhos de prospecção.

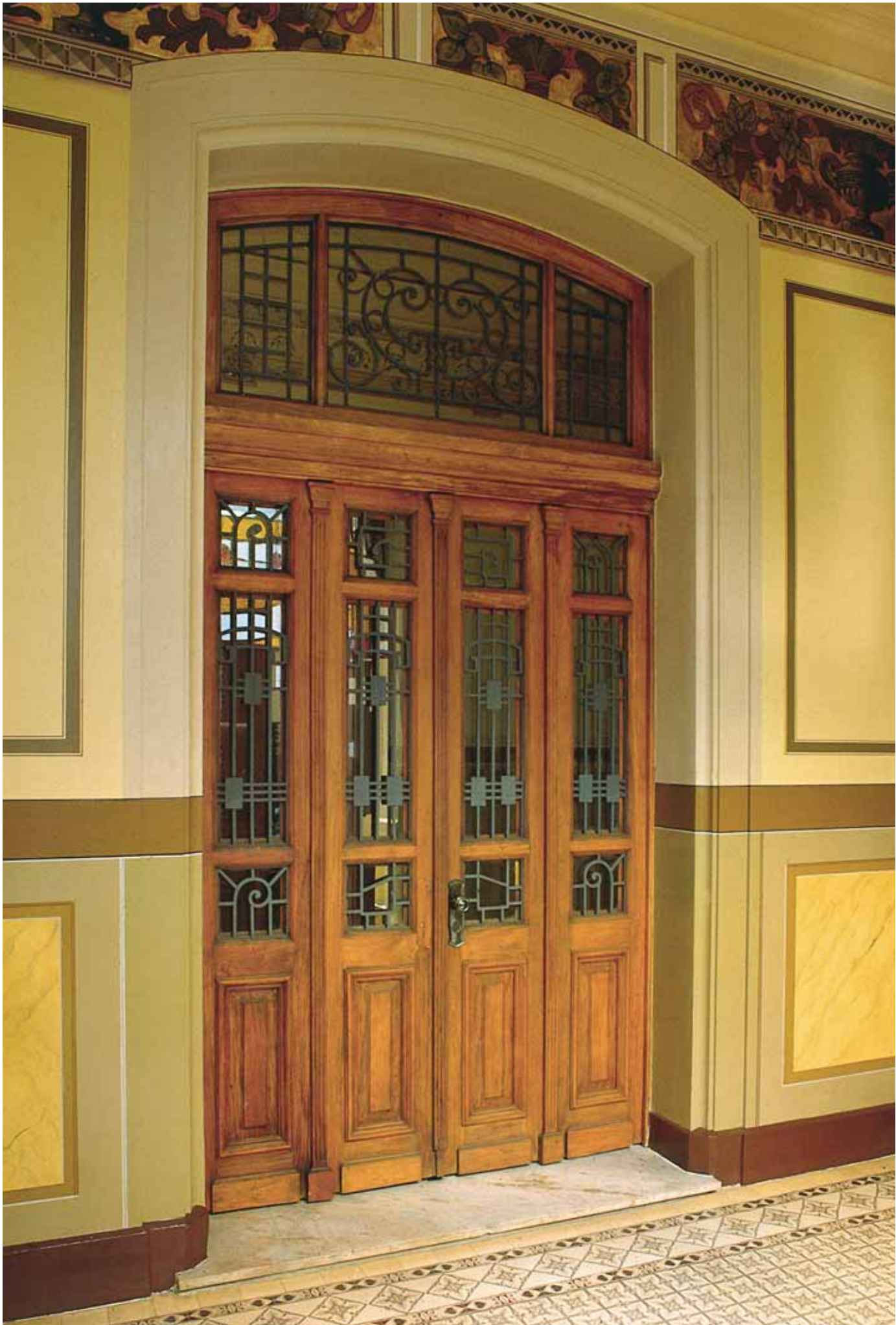


Ambiente após restauro.





Porta de acesso às varandas laterais.





Sala de aula.



As portas-janelas, os forros de madeira entabeirados com aeríferos e os pisos em tabuado de madeira compõem os materiais de acabamento dos ambientes internos.

Cesar Marchisio

EEPSG Dr. Francisco Thomaz de Carvalho
Casa Branca, SP, 1919

Cesar Marchisio é autor de importantes escolas destinadas a formação de professores. Além da escola de Casa Branca, projetou as de Campinas e Guaratinguetá, como também alguns grupos escolares. Nas de Casa Branca e Campinas há uma peculiaridade: as duas tem plantas idênticas, porém com fachadas diferentes como era usual naquela época.

O edifício projetado para Casa Branca se caracteriza pela sua imponência e sobriedade, aspecto que o diferencia dos grupos escolares. Além dessas características as escolas normais se individualizam também pela sofisticação de sua construção e por seus materiais de acabamento.

Os projetos de Cesar Marchisio, elaborados entre 1918 e 1919, apresentam sinais de mudanças se compararmos com as demais escolas normais do período.

No edifício de Casa Branca os caixilhos e as tapagens – sombreamento da circulação – são de ferro com desenho muito simplificado se compararmos às soluções dadas a esses elementos nas escolas de São Carlos e Santos. Os guarda-corpos são em

ornatos de massa e não mais em ferro trabalhado e seus ladrilhos hidráulicos são mais simples. No entanto, persistem os forros, os pisos e portas de madeira e as soleiras em mármore.

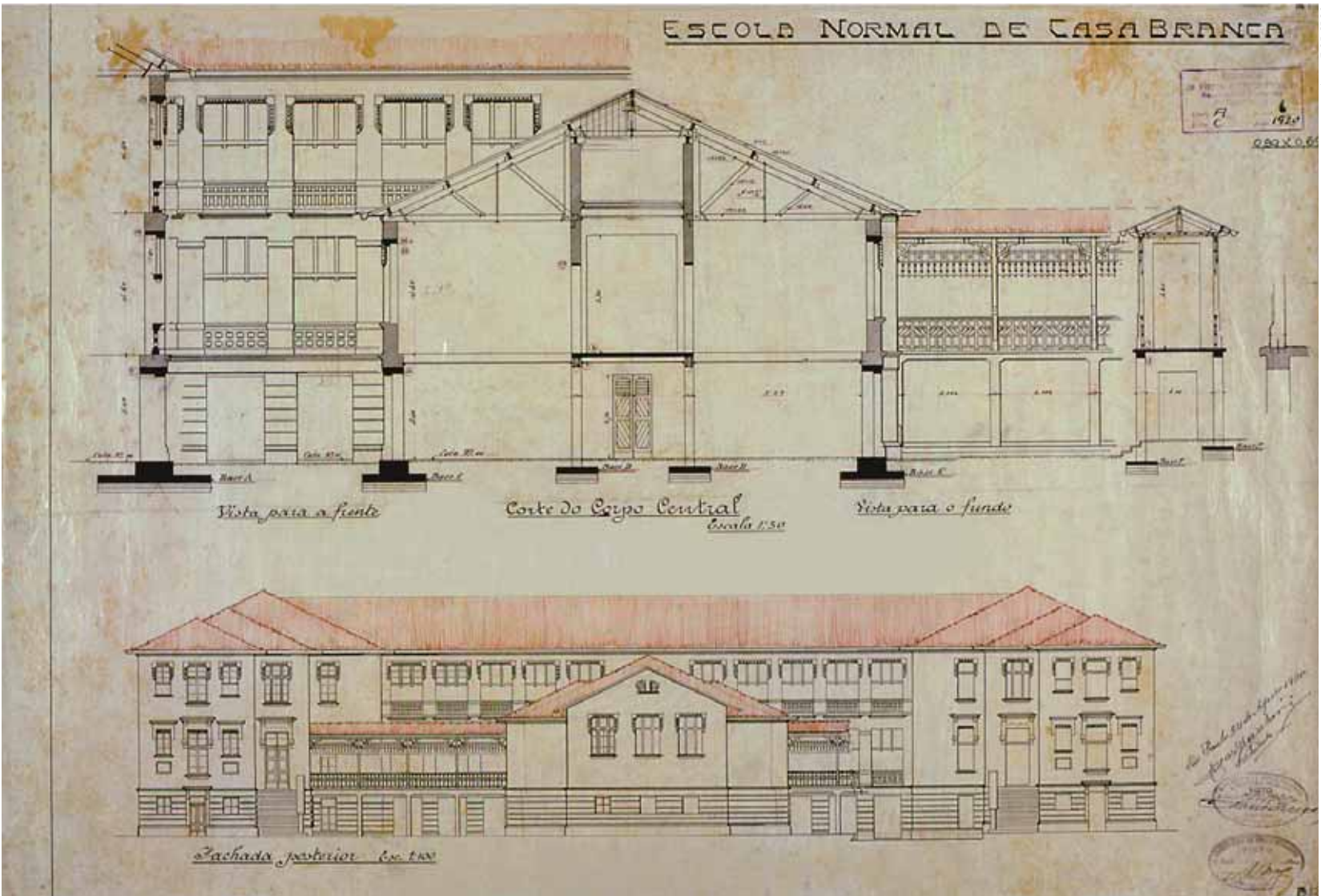
O tratamento de sua fachada também apresenta alterações em relação às demais escolas do período com restrito uso de ornatos, novas proporções de cheios e vazios, beirais, caixas de escada marcadas por generosos caixilhos.

Essas mudanças devem-se talvez ao fato de que o projeto e a obra se arrastaram por muitos anos. Sua inauguração foi somente em 1933. Assume linguagens construtivas que prenunciam algumas mudanças pelas quais a edificação escolar iria passar de forma mais significativa a partir da década de 30.

Outra característica importante é a generosidade de espaços e a diversidade de ambientes com que as escolas normais eram concebidas. Enquanto os grupos escolares tinham somente salas de aula e administração, essas escolas possuíam, além desses ambientes, biblioteca, anfiteatro e laboratórios. Passado quase um século, esses edifícios absorvem com muita facilidade as mutações do programa pedagógico devido à essas características.

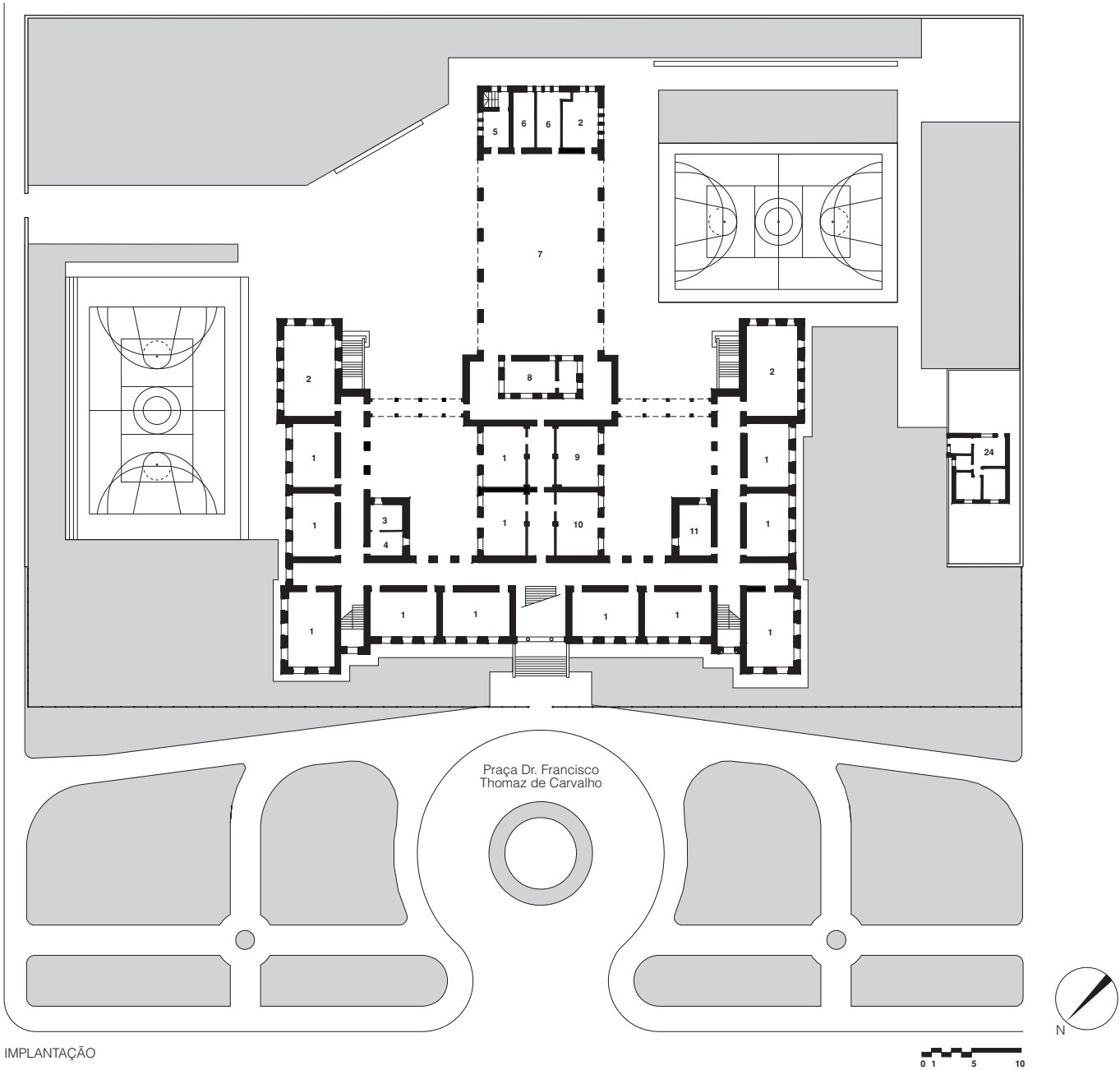
Portanto, o restauro norteou-se pela recuperação de sua linguagem construtiva original, por intervenções pontuais em alguns ambientes em função das necessidades de hoje e pelo tratamento de sua área externa.

Mirela Geiger de Mello

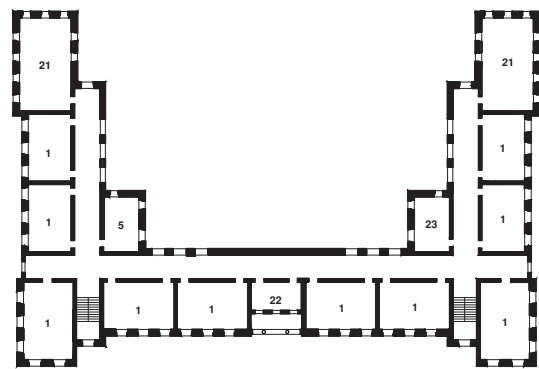
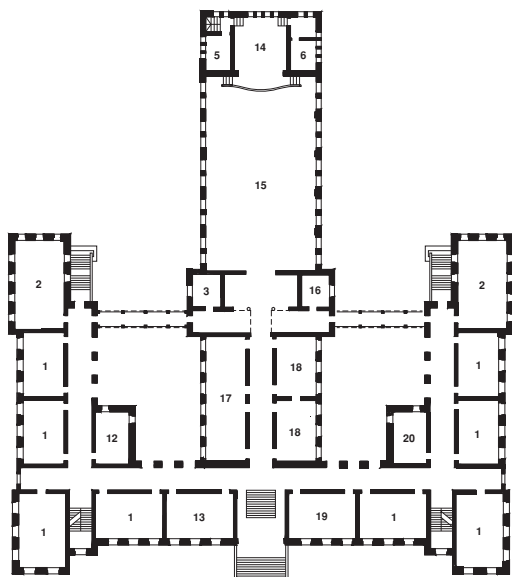


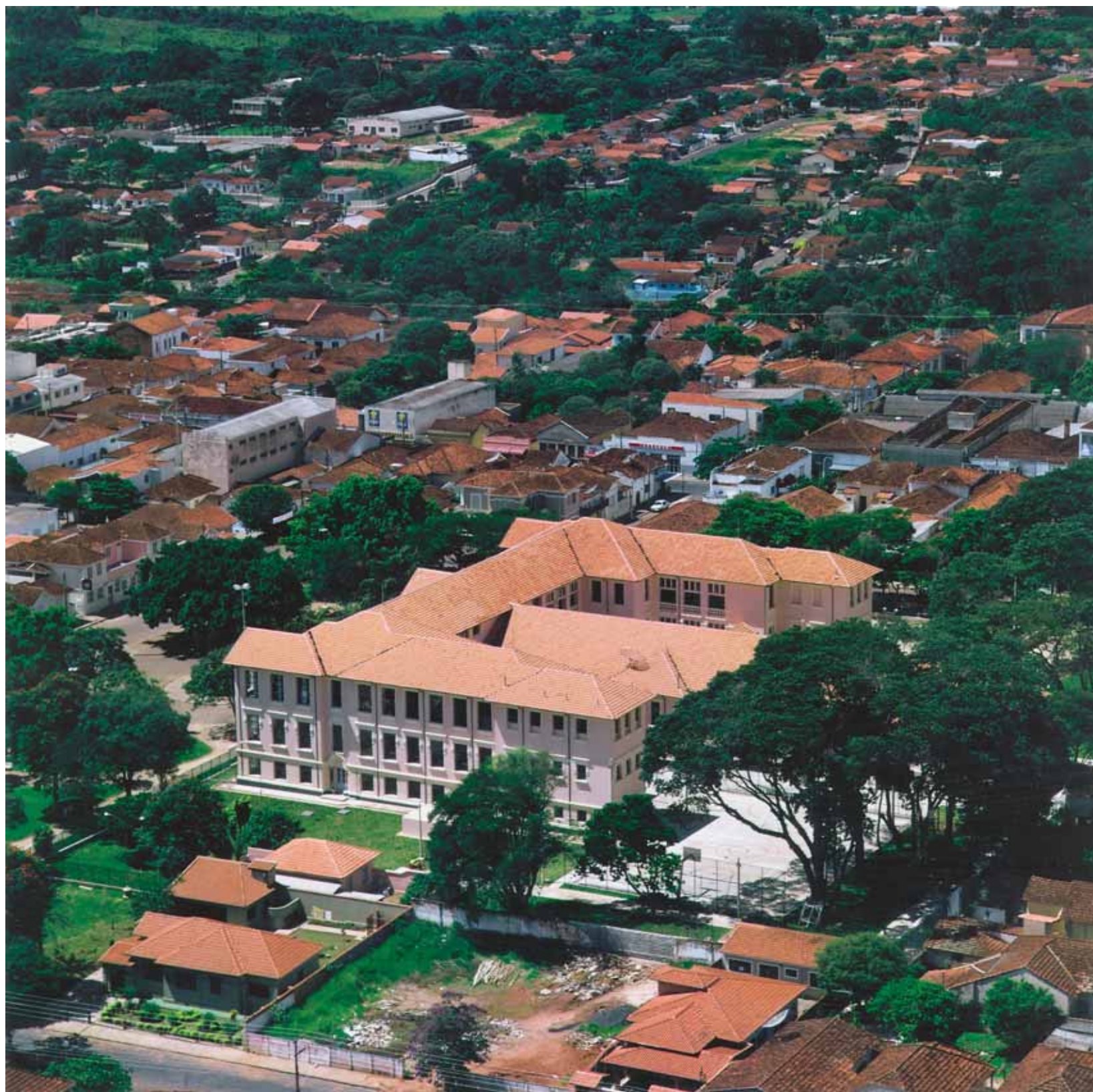


O edifício da escola se destaca na paisagem urbana de Casa Branca.



- | | | |
|---------------------|-----------------------|------------------------------|
| 1. Sala de Aula | 9. Sala de enfermagem | 17. Biblioteca |
| 2. Sanitário | 10. Grêmio | 18. Secretaria |
| 3. Copa | 11. Dentista | 19. Diretoria |
| 4. Ciclo Básico | 12. Aula Especial | 20. Sala de vídeo |
| 5. Depósito | 13. Professores | 21. Laboratório |
| 6. Vestiário | 14. Palco | 22. Coordenador |
| 7. Galpão | 15. Auditório | 23. Associação dos ex-alunos |
| 8. Cozinha/Despensa | 16. Arquivo Morto | 24. Zeladoria |





O contraste entre o edifício da escola e seu entorno evidencia sua monumentalidade.



Concebida já no final da segunda década desse século, a antiga Escola Normal de Casa Branca possui tratamento formal bastante simplificado, anunciando a linguagem que predominará nos anos seguintes.



Acesso principal.



Saguão de entrada.

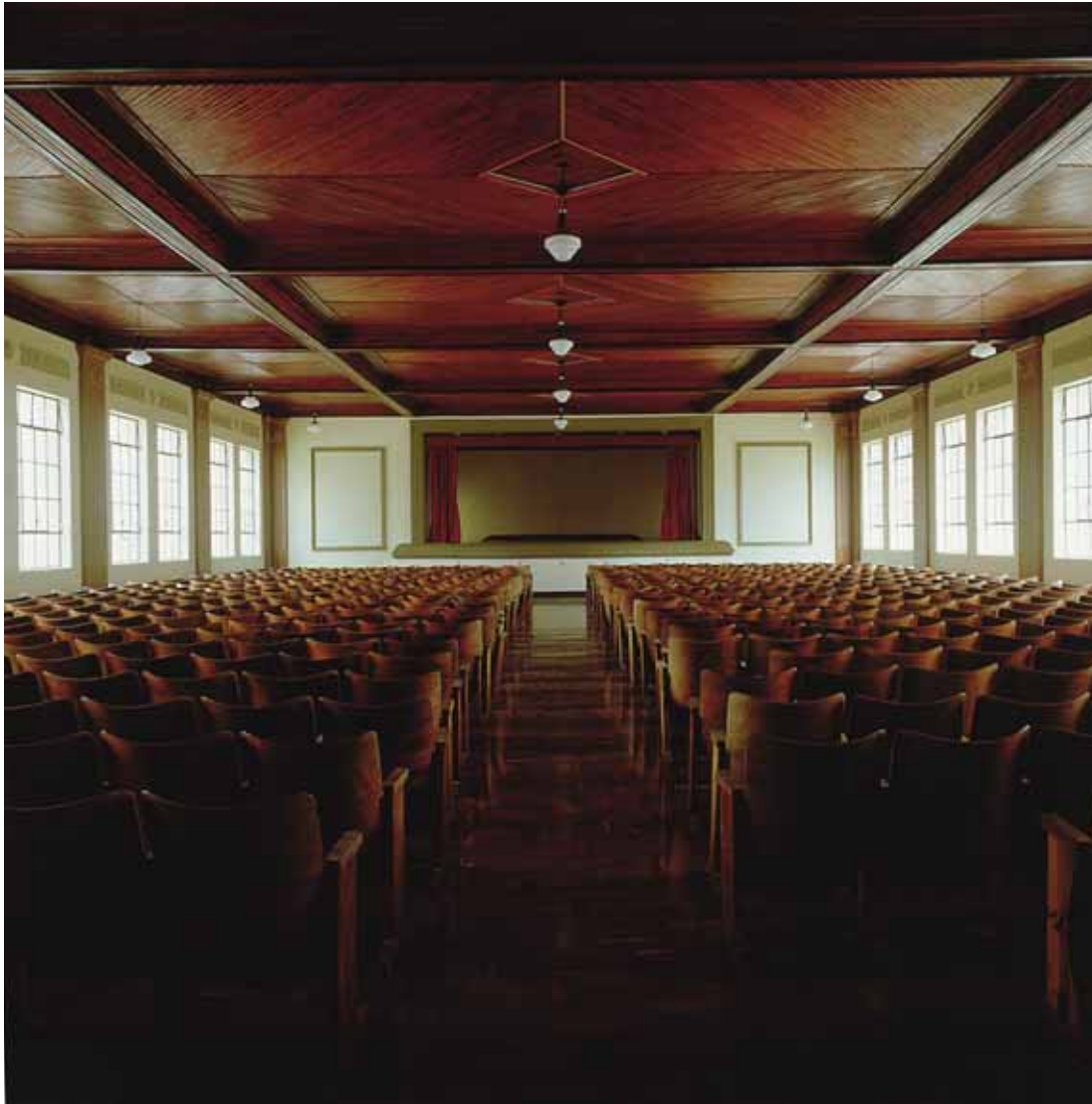


Fachada posterior.



Circulação entre as alas do edifício.





Auditório após a ampliação na década de 40.

Vilanova Artigas

Carlos Cascaldi

EEPG Prof. Jon Teodoresco
Itanhaém, SP, 1959

A década de 50 no Brasil foi marcada pelos planos desenvolvimentistas e pela esperança de que, através deles, o Brasil superaria o atraso econômico e social. No plano federal a política desenvolvimentista se consolida e se expande com a gestão Juscelino Kubistchek, e tem como símbolo a mudança da capital para o interior com a construção de Brasília.

No Estado de São Paulo, o governo Carvalho Pinto traça planos de desenvolvimento regional e pretende com eles eliminar os sintomas de subdesenvolvimento no Estado. Os planos constataam, no setor da educação, uma demanda crescente de novas escolas, bem como a necessidade de alojar adequadamente os alunos instalados em salas de emergência, construções improvisadas de madeira.

Os arquitetos, que desde a década de 40, organizados em associações de classe, vinculavam seu exercício profissional à necessidade de atender os interesses coletivos, de posse do conhecimento mais recente do ponto de vista arquitetônico e tecnológico, encontram nos planos de ação um amplo campo de atuação na construção de edifícios públicos de uso coletivo, produzidos em grande escala.

O plano de emergência para construções de escolas no Estado de São Paulo, elaborado no âmbito da Secretaria da Educação, teve como órgão promotor o IPESP (Instituto de Previdência do

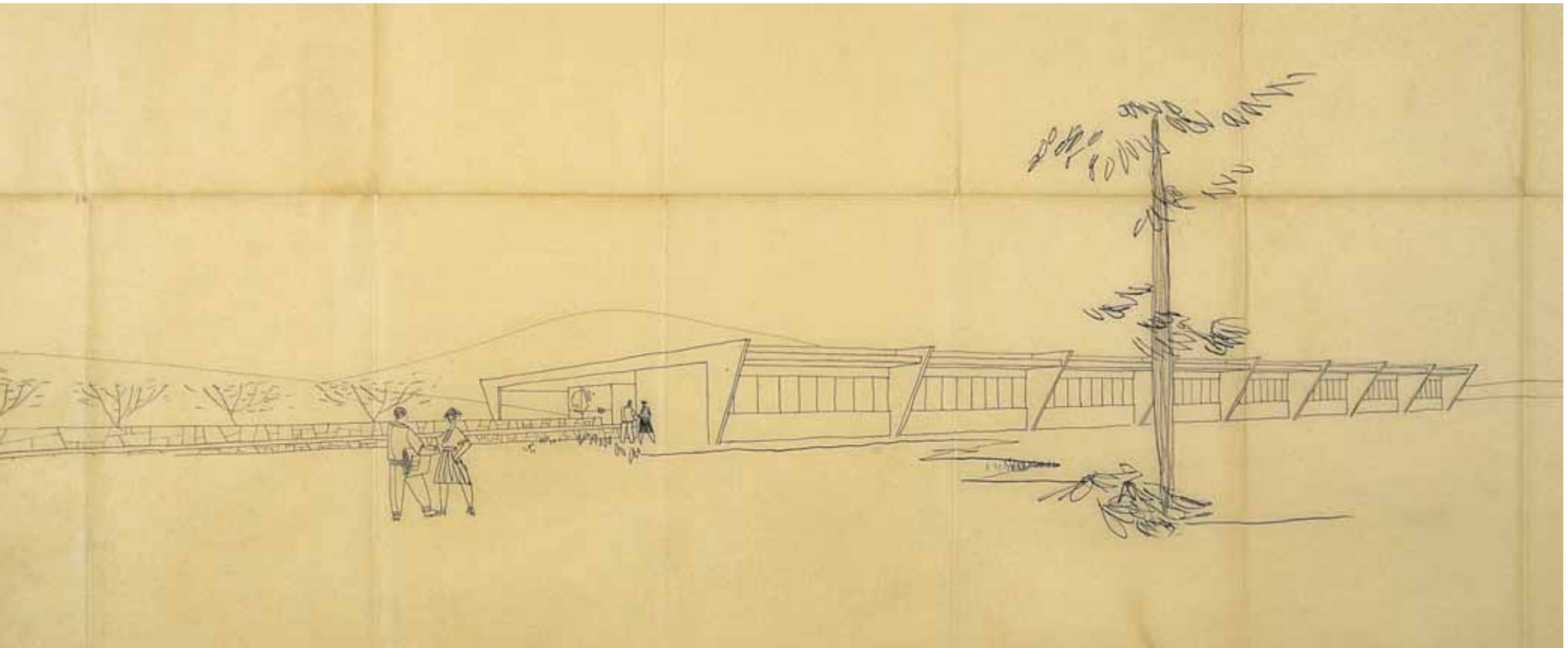
Estado de São Paulo) que convidou alguns arquitetos para elaborar os projetos dessas escolas. A partir dessa experiência constitui-se o FECE (Fundo Estadual de Construções Escolares), estabelecendo assim uma política para o setor, na qual os arquitetos tiveram um papel significativo.

O Ginásio de Itanhaém, projetado por Vilanova Artigas, em 1959, é um dos primeiros exemplos dessa política. Desenvolvido ainda no período de coordenação do IPESP, é um testemunho importante da ousadia dos arquitetos paulistas nesse período e da crença no papel histórico dos arquitetos na construção de uma sociedade livre do atraso e do subdesenvolvimento.

Tem, assim, um significado especial para os arquitetos, porque inaugura uma nova forma de ver o espaço escolar em relação ao conjunto de atividades que se desenvolve ao seu redor. E nesse sentido, a leitura daquele espaço em particular pode ser feita em vários níveis. Na macro-escala, sua implantação urbana, a disposição da área construída em relação aos limites do próprio lote, sugere a integração necessária entre atividade escolar e a convivência social mais ampla. O projeto original não inclui fechamentos, tornando ambígua a relação interior/ exterior. O amplo espaço aberto em que está situada a escola e sua proximidade com a estação ferroviária local dão aquele sítio urbano o caráter de uma grande praça, em seu significado pleno: o de lugar de relações sociais.

A transposição desse conceito para a micro-escala do edifício escolar, revela uma proposta arquitetônica surpreendente pela transcendência aos padrões da época. O edifício propriamente dito, destinado as atividades mais prolongadas, serve de abrigo contra os fatores de ordem climática. Assim, ao concentrar sob uma única laje de cobertura as salas de aula, laboratório, biblioteca, pátio de recreio e serviços, cria-se um espaço comum de convivência entre os ambientes valorizando o ensino, sua atividade principal.

A essa proposta inovadora em termos de espaço associa-se uma solução técnica arrojada: uma seqüência de pórticos, com vão



Desenho de Vilanova Artigas.

repetido, modulado de acordo com as dimensões das salas de aula. Propõe-se a construção de uma cobertura horizontal contínua, que avança para os lados, criando grande beiral que protege de uma insolação direta permanente.

A concepção arquitetônica desse projeto traz em si uma resposta moderna para o espaço escolar, onde a prioridade de uso coletivo do espaço é posta em relevo, sugerindo múltiplas associações.

A crença na qualidade que o ensino poderia adquirir em espaços dignos, chegou, no Ginásio de Itanhaém, ao requinte de possibilitar aos estudantes ter sempre presente a referência histórica no painel Anchieta de Francisco Brennand junto ao acesso principal do edifício, voltado para os espaços abertos e à cidade.

Desde então a escola sofreu diversas alterações e acréscimos que descaracterizaram completamente o projeto original de 1959. Essas modificações concentram-se no setor administrativo, que foi ampliado, ocupando a área do vestibulo junto a rampa de acesso, encobrindo o mural existente. O fechamento da escola desfigurou o pórtico principal da entrada.

Junto ao bloco hidráulico (cozinha/cantina) na parte central foram realizadas alterações, como nova composição dos sanitários, fechamento da cantina, pavimentação e fechamento do jardim interno com a construção de um muro entre os pórticos e, mais recentemente, a construção de uma estrutura independente de concreto para colocação de caixas d'água de fibrocimento em substituição a caixa d'água original.

O pátio coberto destinado a recreio foi também fechado com a implantação de salas de aula e depósitos, além de fechamento total em alvenaria do vão principal do pórtico, transformando-o em um ambiente escuro totalmente desprovido de luz natural e ventilação.

O bloco de salas de aula permanece em linhas gerais inalterado apesar da demolição da bancada do laboratório (transformado em sala de aula) e da eliminação dos quadros negros do piso até o teto.

Os vidros dos caixilhos originais foram substituídos por panos fixos de vidros canelados, impedindo a vista.

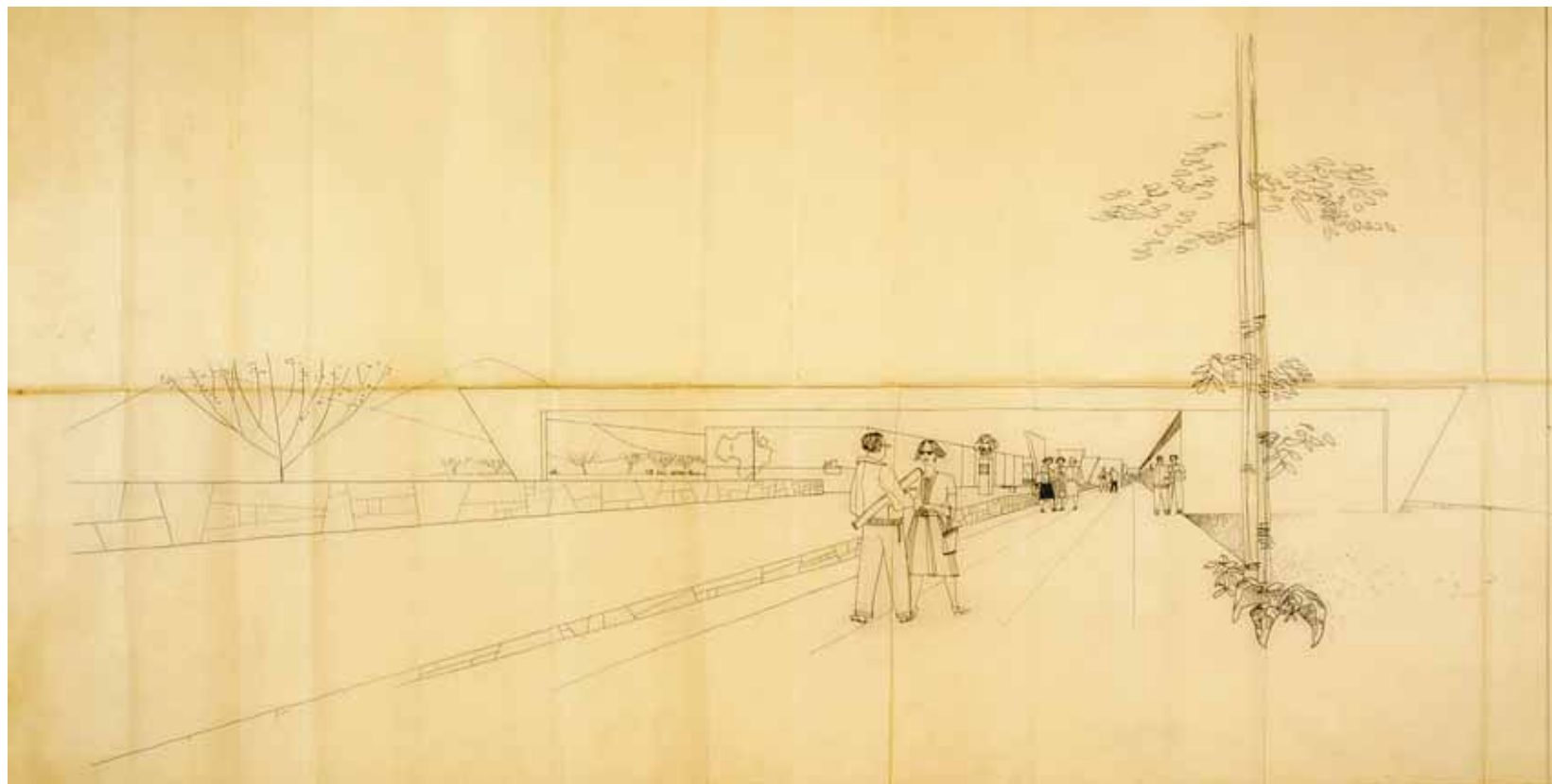
O projeto de ampliação pretende reafirmar e incorporar as propostas espaciais do Ginásio construído em 1960, através da valorização do grande corredor longitudinal interno que une o acesso principal ao pátio coberto. Esse corredor seria estendido sob nova cobertura plana, ladeando muro de concreto ciclópico, até a área a ser ocupada pela circulação vertical e espaços de convívio do novo edifício anexo, configurando desta forma, um jardim entre os mesmos.

A adição ao projeto original visa aumentar o número de salas de aula, os ambientes de apoio e serviços, incorporar novos espaços didáticos especializados e permitir a recuperação das salas, da biblioteca e do antigo laboratório da estrutura original. Tal programa foi ordenado em um bloco com dois pavimentos sobre andar térreo, impondo assim clara diferenciação volumétrica entre a estrutura nova vertical, e a existente, longitudinal.

Adotando-se a dimensão do intercolúneo dos pórticos do projeto de 1959, nas salas de aula, busca-se manter o desenho e a proporção das aberturas para o exterior, incorporando-se proteção solar composta por elementos vazados semelhantes aos pré-existentes nos peitoris da escola. Serão mantidos o desenho e a modulação da caixilharia instalada, agora reconstruída em alumínio, para o fechamento da escola original, adotando-se esse mesmo padrão de janelas para nova área projetada.

O corredor central será sublinhado espacialmente, nos seus limites, com a elevação da altura do muro em concreto ciclópico, que envolve a quadra de esportes ao lado do acesso principal, e com a construção de muro idêntico na sua outra extremidade que envolve e protege a nova zeladoria. Nos novos jardins criados e nas áreas remanescentes serão implantados espaços abertos de utilização pedagógica e nova forração vegetal.

Alvaro Puntoni
Júlio Camargo Artigas



Desenho de Vilanova Artigas.



Acesso principal do edifício com a parede cega recuada, onde foi colocado o painel de Brennand voltado para a cidade.



A sucessão de pórticos de concreto espaçados de acordo com a dimensão das salas de aula e os grandes beirais que protegem o edifício da insolação direta são algumas das características desse edifício.



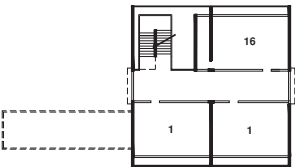
O painel "Anchieta" foi presente do artista plástico Francisco Brennand à Artigas, que resolveu colocá-lo na escola de Itanhaém. No entanto, o painel até hoje permanece incompleto, pois uma de suas peças quebrou. Vilanova mandou refazê-la, mas nunca foi recolocada, o que deverá acontecer na obra de restauro do edifício.



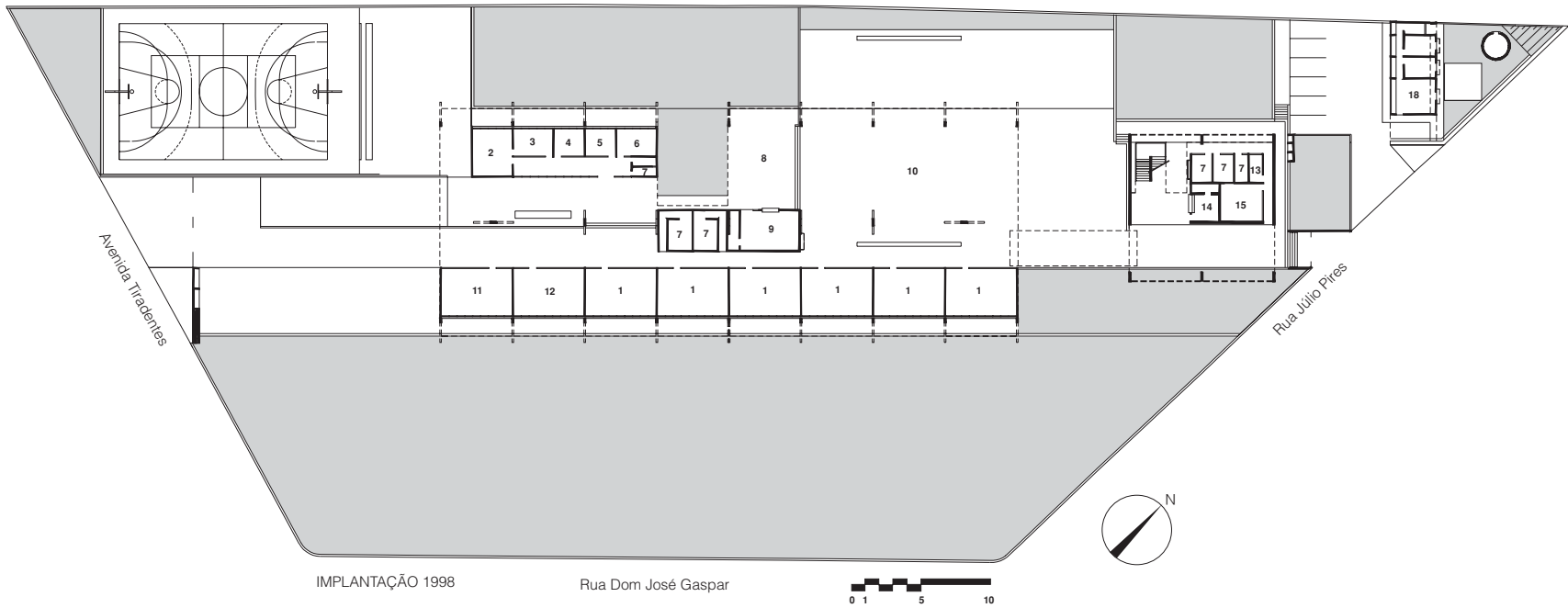
Peça de cerâmica a ser recolocada.



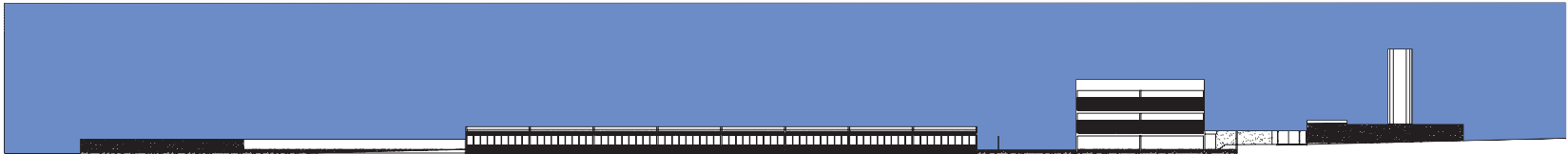
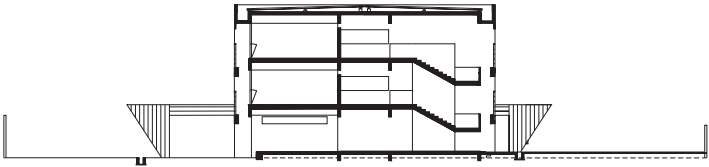
SEGUNDO PAVIMENTO

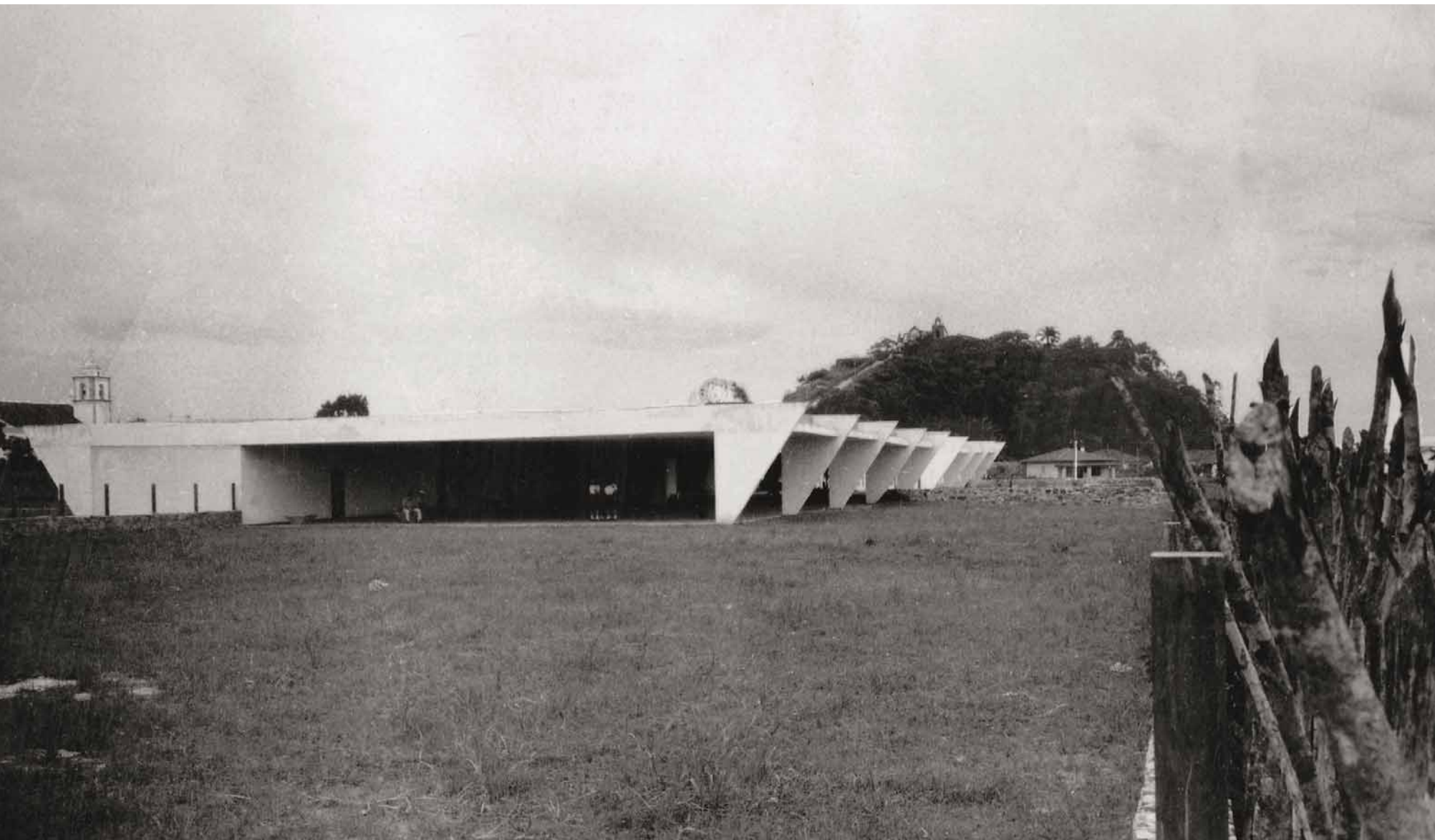


PRIMEIRO PAVIMENTO



- | | | | |
|----|------------------|-----|-------------------|
| 1. | Sala de Aula | 10. | Galpão |
| 2. | Secretaria | 11. | SaladeUsoMúltiplo |
| 3. | Almoxarifado | 12. | Sala de vídeo |
| 4. | Diretoria | 13. | Vestiários |
| 5. | Coordenadoria | 14. | Cantina/Despensa |
| 6. | Professores | 15. | Depósito |
| 7. | Sanitários | 16. | Sala de Artes |
| 8. | Refeitório | 17. | Sala Especial |
| 9. | Cozinha/Despensa | 18. | Zeladoria |





O pátio de recreação aberto originalmente foi fechado ao longo dos anos descaracterizando seu espaço e desfigurando seu pórtico de concreto.

Fotos do acervo Fundação Vilanova Artigas



Nessa simulação fotográfica aparece o novo edifício projetado em três pavimentos e que se contrapõe ao edifício horizontal projetado por Vilanova Artigas. A recuperação dos espaços abertos vai permitir a ligação entre os blocos através de uma passarela que dá continuidade ao eixo longitudinal e atravessa os edifícios, indo de um extremo ao outro.

Vilanova Artigas Carlos Cascaldi

EEPSG Conselheiro Crispiniano
Guarulhos, SP, 1961

Inaugurada em 1962, a Escola de Guarulhos, na Grande São Paulo, freqüentada por três mil alunos, em três turnos, mantém apesar da ação do tempo, suas propostas essenciais: a relação com a cidade (é um projeto aberto), a solução estrutural (afinal, Artigas era engenheiro também) e, principalmente, a iluminação natural.

O pórtico, com desenho singular e pilastras coloridas, define a modulação horizontal dos espaços que fluem com harmonia, valorizados pela luz e ventilação naturais captadas através de cobogós. Sob a grande laje (sistema laje-caixão), como se fosse um imenso abrigo, articulam-se as alas com os ambientes para atividades administrativas e didáticas, biblioteca e auditório, separadas por um pátio ajardinado e aberto. Percorrendo o grande corredor chega-se ao pátio central coberto, com iluminação zenital, em meio piso rebaixado, onde se encontra o mural de Má rio Gruber. Os degraus podem funcionar como assentos de uma arquibancada .

O visitante se surpreenderá, principalmente, com a simplificação dos detalhes construtivos propostos pelo arquiteto e construtor Artigas. Entre alguns os grandes vitrôs com placas basculantes que se abrem em cima ou embaixo de acordo com a temperatura, os batentes das portas, a lousa ocupando toda a extensão da parede, preocupação com o paisagismo e com a ventilação natural permanente, através de aberturas contínuas na parte superior das paredes. Um pequeno jardim, desenhado por Artigas, ao lado da portaria, constitui um dos espaços mais freqüentados pelos alunos.

Logo após a inauguração da escola, devido às novas demandas, foi erguido um pequeno galpão provisório, apelidado de “fazendinha”, com novas salas de aula. Na elaboração do

projeto de restauro foi decidido ampliar definitivamente as instalações, com um grande anexo longitudinal ao edifício original. Inicialmente pensou-se numa passarela semi-enterrada, frontal à fachada lateral, que fizesse interligação entre os espaços, mas a Associação de Pais e Mestres não aceitou. Decidiu-se então por um partido independente, que pudesse incorporar a realidade de hoje ao lado de um espaço histórico, dos anos 60, evitando repetir, portanto, as mesmas soluções.

Assim criou-se um grande bloco com estrutura de concreto com dois pavimentos, interligado à escola original através de uma passarela. Em cima ficaram doze salas de aula e, embaixo, cantina, cozinha e uma sala de reuniões, além de laboratórios. As paredes foram revestidas de argamassa com cores neutras, mantendo-se um distanciamento em relação ao projeto de Artigas.

Aqui, também, os pilares redondos se destacam das paredes, mas com acabamento diferenciado. A cobertura é em telha de alumínio com proteção térmica, além de lajes mistas de pré-moldados e tijolos cerâmicos.

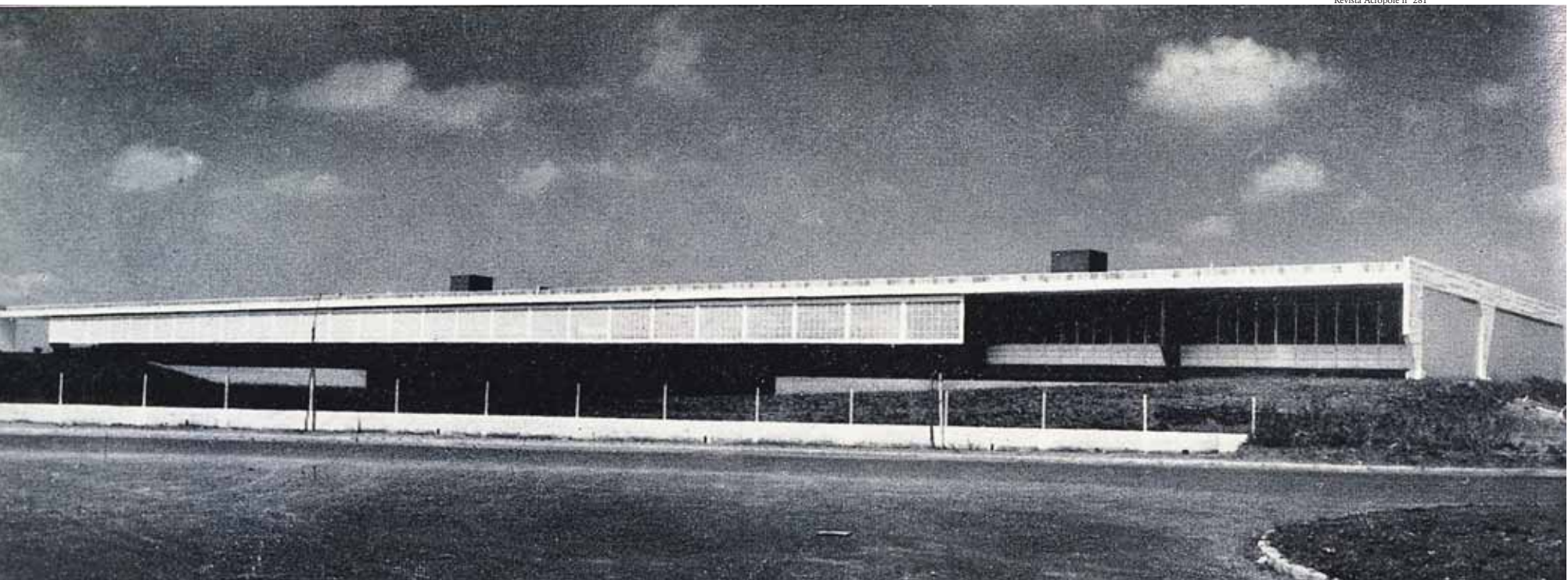
O projeto original de Artigas também sofreu pequenas intervenções de reciclagem. O piso cerâmico antigo, já fora de mercado, foi substituído pelo concreto de alta resistência, mantendo-se a mesma coloração vermelha, com efeito visual atraente. Além disso, as pilastras e paredes foram repintadas com as mesmas cores, branca, azul ou amarela. Os muros levantados por questão de segurança foram substituídos por gradis de ferro, retomando-se a transparência ou a abertura para a cidade, como havia desejado Artigas.

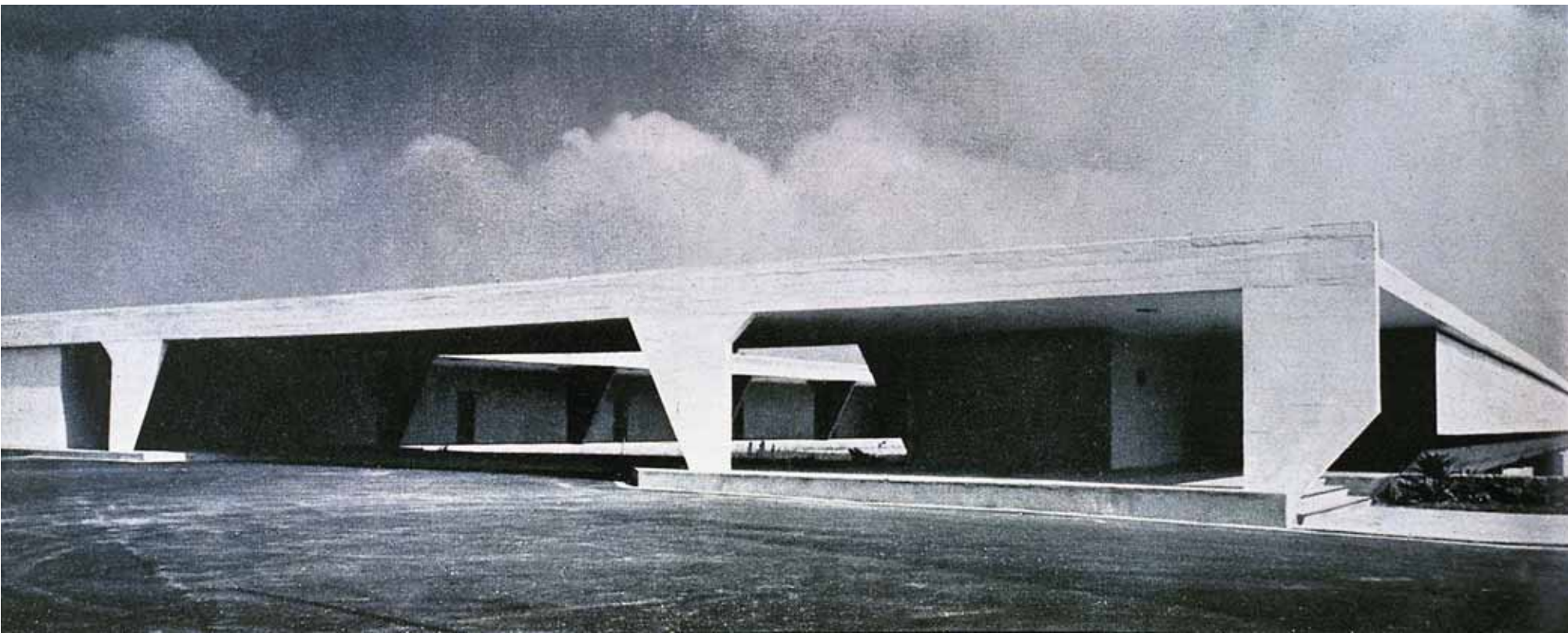
E, completando, o projeto paisagístico passou por um novo remanejamento elaborado por Rittes.

As antigas e frondosas seringueiras foram conservadas; a área onde se erguia a “fazendinha” se transformou em estacionamento para professores. Uma nova caixa d’água foi projetada, separada do conjunto e dentro das determinações da FDE. E, na parte lateral, foram construídas as novas quadras de esporte, também abertas para a rua. A intervenção no projeto de Artigas se limitou, na verdade a problemas técnicos, mantendo-se intocável a proposta “didática” original, com toda a sua pertinência e atualidade.

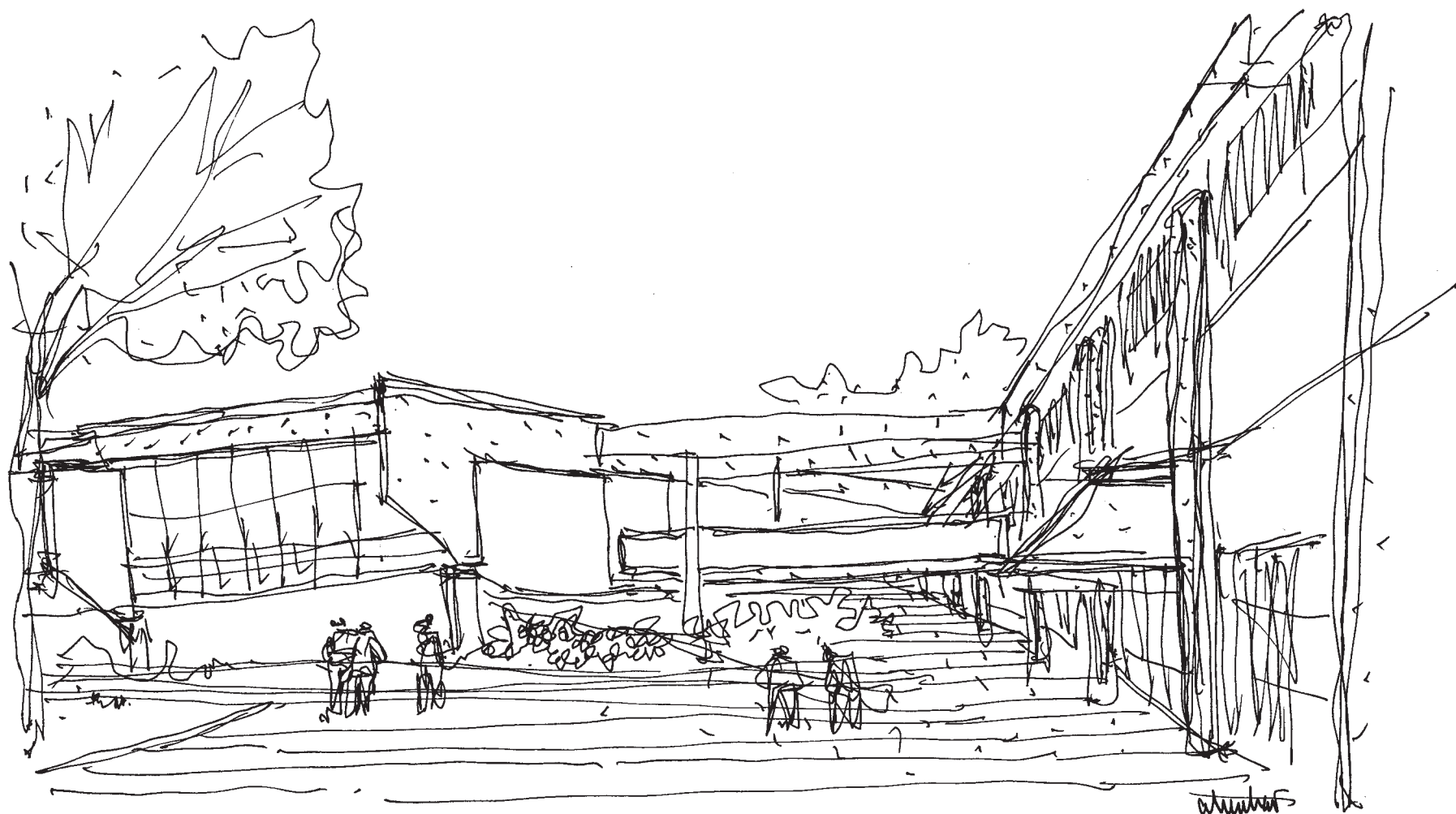
Abraão Sanovicz

Revista Acrópole nº 281

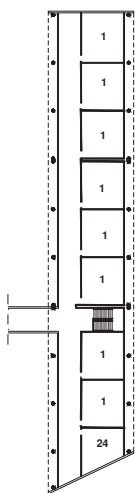
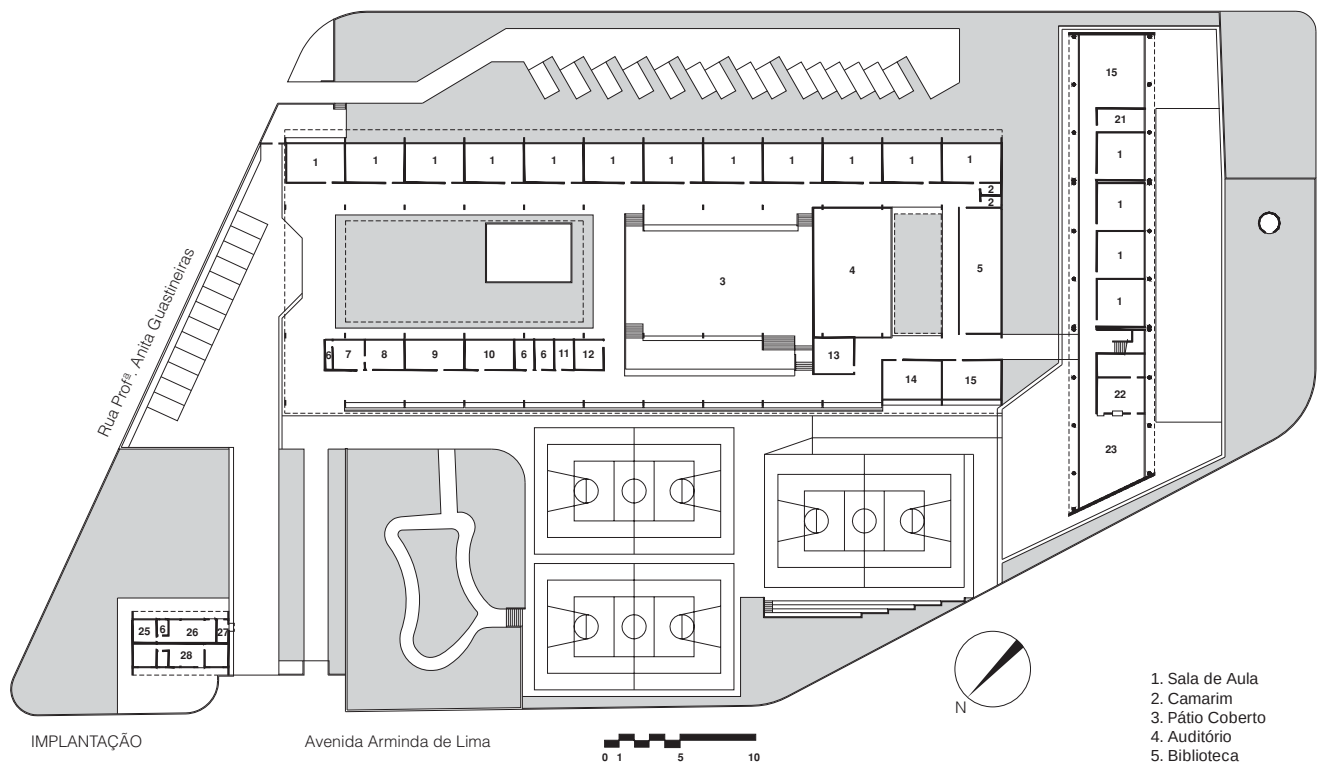




Revista Acrópole nº 281



Desenho de Abrahão Sanovicz

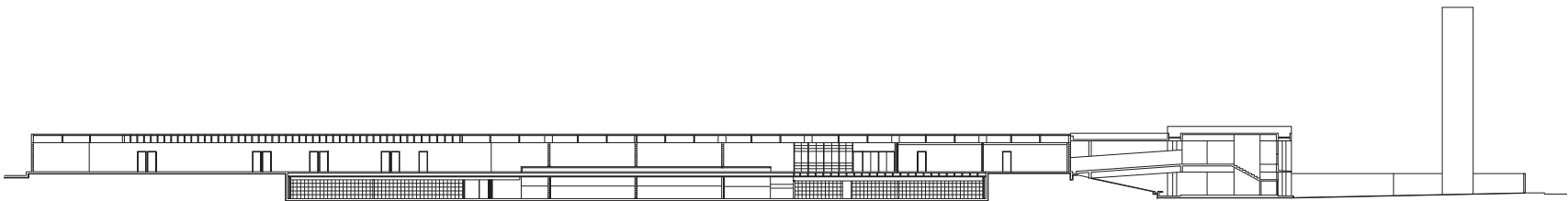
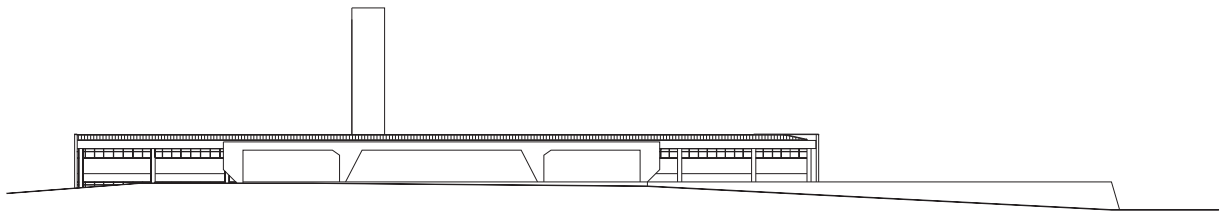


PAVIMENTO SUPERIOR

- | | |
|---------------------|------------------------|
| 1. Sala de Aula | 15. Laboratório |
| 2. Camarim | 16. Vestiário |
| 3. Pátio Coberto | 17. Vest. Funcionários |
| 4. Auditório | 18. Mat. Ed. Física |
| 5. Biblioteca | 19. Dep. Mat. Limpeza |
| 6. Sanitário | 20. Cantina/Despensa |
| 7. Diretoria | 21. Almoarifado |
| 8. Coordenador | 22. Cozinha/Despensa |
| 9. Secretaria | 23. Refeitório |
| 10. Professores | 24. Grêmio |
| 11. CPD | 25. Diretor APM |
| 12. Inspetor Alunos | 26. Salão APM |
| 13. HTP | 27. Portaria |
| 14. Sala de Vídeo | 28. Zeladoria |



PAVIMENTO INFERIOR





O prédio original à esquerda e aos fundos o novo edifício.

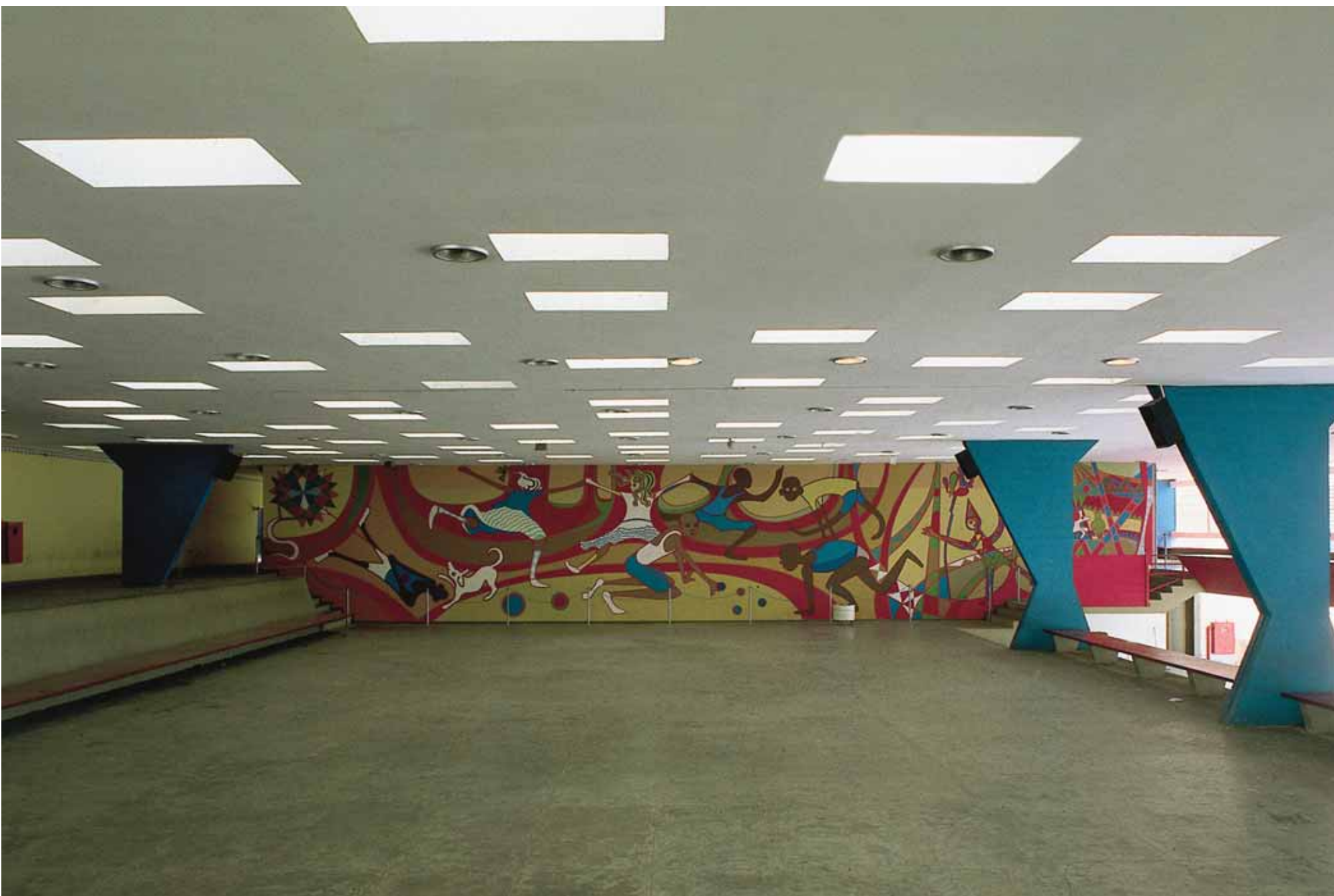




Os pórticos do edifício de 1961 e o novo bloco implantado numa cota mais baixa.



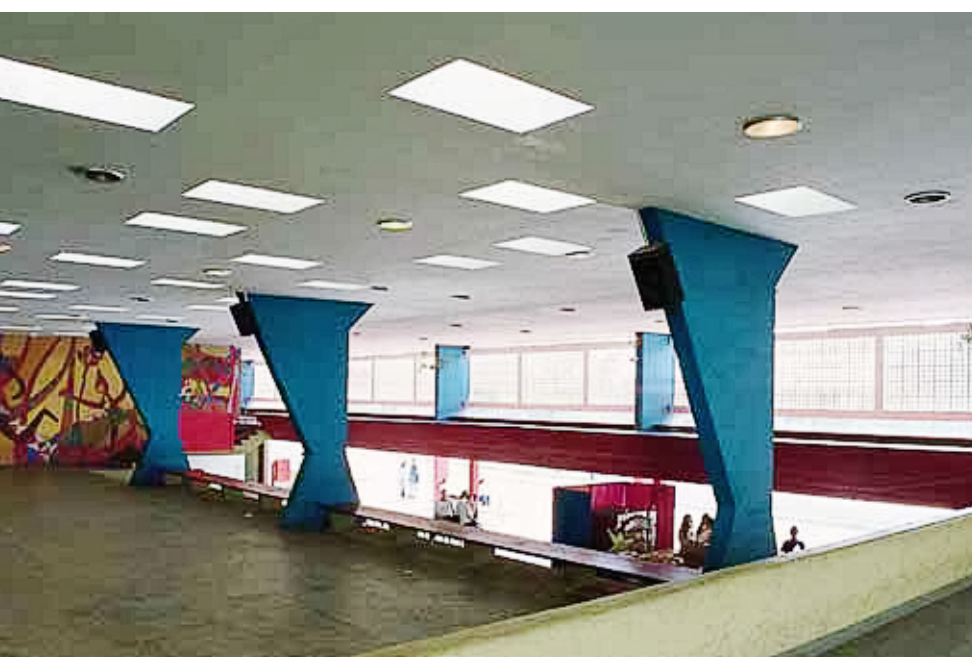
A horizontalidade tão marcante no edifício original, os pilares soltos das paredes e o vínculo entre a estrutura e o escoamento de águas pluviais são reinterpretados nessa nova intervenção.



O espaço central do edifício é o do recreio coberto em meio nível rebaixado, onde Artigas usa pela primeira vez a iluminação zenital.
Ao fundo mural de Mário Gruber. À esquerda circulação das salas de aula, do lado oposto à circulação da administração e no nível abaixo a cantina.



Ao percorrermos o edifício os espaços vão se anunciando antecipadamente pela sua fluidez, pelo seu jogo de luz e pela sequência de volumes abrigados sob uma grande laje.



A escola permanece aberta mantendo a proposta de sua concepção original. É surpreendente a identidade que a comunidade local tem com esse edifício.



As generosas dimensões das circulações, a intensidade de luz, o colorido, os bancos estrategicamente colocados visando o ponto de encontro são marcantes nas escolas de Vilanova Artigas.



Circulação das salas de aula.

Com toda essa riqueza espacial, os detalhes contrutivos são extremamente simples, no entanto cuidadosamente estudados.







Fichas Técnicas

EEPSG ADHERBAL DE PAULA FERREIRA

Avenida Peixoto Gomide, 126 Itapetininga

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

Risco Design S/C Ltda.

Hélia Maria Vendramini Neves

Eliane de Melo Brito (colab.)

Estrutura

EPEL Engenharia e Projetos Estruturais Ltda.

Jorge Kamogawa

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

ELTEN Engenharia Ltda.

Francisco de Paula Stevanato

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Paulo Elias Sobrinho

Construtora/Ano

Plínio de Toledo Moraes & Cia Ltda./1990

Fiscalização FDE

Plínio Rodrigues de Moraes

Ronaldo de Almeida Cunha

EEPSG PEIXOTO GOMIDE

Avenida Peixoto Gomide, 198 Itapetininga

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação

Avany De Francisco Ferreira

Maria Elizabeth Peirão Corrêa

Estrutura

EPEL Engenharia e Projetos Estruturais Ltda.

Jorge Kamogawa

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

ELTEN Engenharia Ltda.

Francisco Paula Stevanato

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Paulo Elias Sobrinho

Construtora/Ano

Construtora Sorocaba Ltda./1990

Fiscalização FDE

Plínio Rodrigues de Moraes

Ronaldo de Almeida Cunha

EEPSG CORONEL FERNANDO PRESTES

Avenida Peixoto Gomide, 250 Itapetininga

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

Risco Design S/C Ltda.

Hélia Maria Vendramini Neves

Eliane de Melo Brito (colab.)

Estrutura

EPEL Engenharia e Projetos Estruturais Ltda.

Jorge Kamogawa

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

ELTEN Engenharia Ltda.

Francisco Paula Stevanato

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Paulo Elias Sobrinho

Construtora/Ano

Tarumã Engenharia Ltda./1990

Fiscalização FDE

Plínio Rodrigues de Moraes

Ronaldo de Almeida Cunha

EEPG MARECHAL FLORIANO

Rua Dona Júlia, 37 Vila Mariana, São Paulo

Arquitetura

FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação

Hélia Maria Vendramini Neves

Estrutura

PRCA Engenharia Ltda.

Carlos Uemura

Parecer Técnico de Fundações

ABC Assessoria e Projetos de Fundações S/C Ltda.

Washington Alberto de Oliveira Barreto

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação

Jaime da Silva

José Miguel Nunes

Construtora/Ano

Construtora Cappellano Ltda. (obra em andamento - 1998)

Fiscalização FDE

Otílio Martins Gonçalves

EEPG DR. CARDOSO DE ALMEIDA

Praça Prof. Martinho Nogueira, s/nº. Botucatu

Arquitetura

MGA Arquitetos S/C Ltda.

Cláudia Amorim Lacerda Pinto

José Rollemberg Mello Filho

Wanderlei Ariza

Pesquisa Histórico/Iconográfica

Silvana Sousa Nilo Bahia Diniz

Estrutura

Domínio Engenharia S/C Ltda.

Carlos A. Ciorlia

Parecer Técnico de Fundações

Zaclis Salvoni Engenheiros Associados S/C Ltda.

Efraim Zaclis

Frederico F. Falconi

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

ELTEN Engenharia Ltda.

Francisco de Paula Stevanato

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Luiz Antonio Magnani

Construtora/Ano

Restauro: Longo Pereira Engenharia e Construção Ltda./1998

Ampliação: Confil Construtora Figueiredo Ltda./1994

Fiscalização FDE

José Beltrando Tórcia

EEPG DR. JÚLIO MESQUITA

Rua Campos Salles, 35 Itapira

Arquitetura

Arquiteto Paulo Bastos e Associados S/C Ltda.

Paulo de Mello Bastos

Nelson E. Xavier da Silva (colab.)

Carlos Leite de Souza (colab.)

Pesquisa Histórico/Iconográfica

Sheila Schvarzman

Estrutura

Forenge Projetos e Consultoria de Estruturas S/C Ltda.

José Novaes de Andrade (e equipe)

Parecer Técnico de Fundações

Cepollina Engenheiros e Consultores S/C Ltda.

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

SKK Projetos Instalações e Construções Ltda.

Sérgio Koiti Kasazima (e equipe)

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Augusto Froehlich

Mariana Vanzolini

EEPSG CORONEL VENÂNCIO

Avenida Coronel João Leite, 200 Mogi Mirim

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

Antenor Bertarelli Arquitetura e Planejamento S/C Ltda.

Antenor Tadeu Bertarelli

Douglas Zimback (colab.)

Priscila Ferle Endo (colab.)

Estrutura

EPEL Engenharia e Projetos Estruturais Ltda.

Jorge Kamogawa

Parecer Técnico de Fundações

Zaclis Salvoni Engenheiros Associados S/C Ltda.

Efraim Zaclis

Frederico F. Falconi

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

KML Engenharia e Projetos S/C Ltda.

Eloy Minzon

Roberto Lúcio de Oliveira

Sérgio Kater

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Prospecção: Júlio Moraes

Execução: Kátia Regina Magri e Sidney José Fischer

Construtora/Ano

GTG Engenharia e Construção Ltda./1995

Fiscalização FDE

José Carlos Annicchino

Nelson Geraldo P. Salles

EEPSG DR. ALFREDO PUJOL

Rua Barão Homem de Mello, 63 Pindamonhangaba

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

Gradil Arquitetura S/C Ltda.

Hélia Maria Vendramini Neves

Rui Tsuyoshi Hara

Estrutura

EPEL Engenharia e Projetos Estruturais Ltda.

Jorge Kamogawa

Parecer Técnico de Fundações

Cepollina Engenheiros e Consultores S/C Ltda.

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

Eurico Freitas Marques S/C Ltda.

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Paulo Elias Sobrinho

Construtora/Ano

Engelux Comercial e Construtora Ltda./1989

Fiscalização FDE

Nelson Nassif de Mesquita

EEPG CORONEL JOAQUIM JOSÉ

Praça Coronel Joaquim José, 123 São João da Boa Vista

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

Brasil Arquitetura S/C Ltda.

Francisco de Paiva Fanuchi

Marcelo Carvalho Ferraz

Marcelo Suzuki

Estrutura

Gonim Engenharia Ltda.

Fábio T. Oyamada

Parecer Técnico de Fundações

Zaclis Salvoni Engenheiros Associados S/C Ltda.

Efraim Zaclis

Frederico F. Falconi

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

Eurico Freitas Marques S/C Ltda.

Pintura Decorativa - Prospecção

Angela Marta Fraga Motta, David de Rezende, Eduardo Alves da Costa,

Helena Pereira de Queiroz, Kátia Regina Magri,

Luciana Leekninh Paione e Orlando Ramos

Pintura Decorativa - Execução

Kátia Regina Magri e Sidney José Fischer

Construtora/Ano

Alencar Lima Engenharia Pavimentação e Saneamento Ltda./1995

Fiscalização FDE

Alex Nagibe Moussa

EEPG DR. JORGE TIBIRIÇÁ

Rua Coronel Leme, s/nº. Bragança Paulista

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

S&G Arquitetura Restauro Planejamento

Antônio das Neves Gameiro e Helena Saia (coord.)

Edson Hiroyuki Murakami, Erica Yaeko Inada,

Mônica Wipfli, Tereza Cristina Rodrigues Epitácio Pereira e

Victor José Baptista Campos

Estrutura

Telli Consultoria de Projetos S/C Ltda.

Yin Li

Parecer Técnico de Fundações

Zaclis Salvoni Engenheiros Associados S/C Ltda.

Efraim Zaclis

Frederico F. Falconi

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

Pleno Projetos & Serviços S/C Ltda.

Atsuci Ikeda

Menotti Zanela Napolitano

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Prospecção: Júlio Moraes/Claudemir Ignácio e Silvia Nogueira Barbosa

Execução: Paulo Elias Sobrinho

Construtora/Ano

Construtora Ubiratan Ltda./1995

Fiscalização FDE

Antônio Tadeu Capucci

EEPG ATALIBA LEONEL

Rua Nene Freitas, 494 Piraju

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

Oficina de Arquitetura S/C Ltda.

Lêda Maria Brandão de Oliveira

Estrutura

Oficina de Arquitetura S/C Ltda.

Sérgio J. B. de Oliveira

Parecer Técnico de Fundações

Cepollina Engenheiros e Consultores S/C Ltda.

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

Caiuby Projetos e Serviços de Engenharia Ltda.

Ismael Fantucci de Paula

Nestor Dale Caiuby Neto

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Júlio Moraes Conservação e Restauro S/C Ltda.

Construtora/Ano

Construtora Varca Scatena Ltda./1994

Fiscalização FDE

Horácio Morita

EEPG JOSÉ INOCÊNCIO DA COSTA

Rua Cesário Mota, 756 Matão

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

Ricoy Torres e Colonelli Consultoria e Projetos S/C Ltda.

Eduardo Argenton Colonelli

Weliton Ricoy Torres

Marley Franco Braga (colab.)

Estrutura

Tedeschi Engenharia S/C Ltda.

Ugo Tedeschi

Parecer Técnico de Fundações

Zaclis Salvoni Engenheiros Associados S/C Ltda.

Efraim Zaclis

Frederico F. Falconi

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

Tecnoeng Engenharia e Projetos Ltda.

Antônio Cláudio Bouschet Muylaert

Márcia Twiaschor

Pintura Decorativa

Prospecção: Júlio Moraes Conservação e Restauro S/C Ltda.

Execução: Paulo Elias Sobrinho

Construtora/Ano

Construtora Mem Ltda./1994

Fiscalização FDE

Luiz Carlos Nogueira Silveira

EEPG ABÍLIO MANOEL

Rua Venâncio de Barros, 186 Bebedouro

Arquitetura

Henrique Bianchini Filho Arquitetura e Urbanismo S/C Ltda.

Pesquisa Histórico/Iconográfica

Henrique Bianchini Filho

Valquiria Chiam Chum

Estrutura

Habilcon Engenharia Ltda.

Osvaldo Yuji Yamaguti

Parecer Técnico de Fundações

Cepollina Engenheiros e Consultores S/C Ltda.

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

ELTEN Engenharia Ltda.

Francisco de Paula Stevanato

Pintura Decorativa

Prospecção: Júlio Moraes Conservação e Restauro S/C Ltda.

Execução: Paulo Elias Sobrinho

Construtora/Ano

Construtora J. Sogame Ltda./1994

Fiscalização FDE

Marcelo Ananias de Paula

EEPG CORONEL FRANCISCO ORLANDO

Rua Quatro, 146 Orlândia

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

Moara Arquitetura S/C Ltda.

Ernesto Theodor Walter

Helena Aparecida Ayoub Silva

Maria de Lourdes Carvalho

Estrutura

Engecalc Engenharia e Projetos Estruturais S/C Ltda.

Nelson Shotaro Yokoi

Parecer Técnico de Fundações

Cepollina Engenheiros e Consultores S/C Ltda.

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

Sandretec Sociedade Civil de Engenharia

Mary Hashiguchi

Minoru Yamamoto

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Júlio Moraes Conservação e Restauro S/C Ltda.

Tratamento Acústico e Conforto Ambiental

Ambiental S/C Ltda.

Luiz Carlos Chichierchio

Construtora/Ano

Coneng Engenharia Ltda./1994

Fiscalização FDE

Augusto Esteves R. de Andrade

EEPG VAZ CAMINHA

Rua Capitão Dias, 187 Iguape

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

CONESP Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo

Avany De Francisco Ferreira

Maria Elizabeth Peirão Corrêa

Estrutura

ETALP - Escritório Técnico Arthur Luiz Pitta Engenheiros Associados

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

ELTEN Engenharia Ltda.

Francisco de Paula Stevanato

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Paulo Elias Sobrinho

Construtora/Ano

Construtora Ubiratan Ltda./1989

Fiscalização FDE

Carlos Alberto Puzzi

EEPG BARÃO DE MONTE SANTO

Praça Ademar de Barros, 181 Mococa

Arquitetura

Oficina R Arquitetura e Restauro Ltda.

Samuel Kruchin

Pesquisa Histórico/Iconográfica

Sílvia Ferreira S. Wolff

Estrutura

Ernesto Tarnoczy Junior S/C Ltda. Engenharia de Projeto Estrutural e Consultoria

Parecer Técnico de Fundações

Cepollina Engenheiros e Consultores S/C Ltda.

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

Eurico Freitas Marques S/C Ltda.

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Luiz Antonio Magnani

Construtora/Ano

Ricel Engenharia e Comércio Ltda./1992

Fiscalização FDE

Alex Nagibe Moussa

EEPG CONSELHEIRO ANTONIO PRADO

Rua Vitorino Carmilo, 621 Barra Funda, São Paulo

Arquitetura

José Condé Lamparelli e Pedro Mendes da Rocha Arquitetos

Estrutura

FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação

Eduardo Pablo Dermendjian Gharadjian

Fumio Uemura

Gonim Engenharia

Fábio Oyamada

Cia. de Projetos

Heloísa Maringoni

Parecer Técnico de Fundações

Cepollina Engenheiros Consultores S/C Ltda.

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação

José Miguel Nunes

Marco Magno Ferretti

EEPG DR. CESÁRIO BASTOS

Praça Narciso de Andrade, s/nº. Santos

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

J&L Lefèvre Arquitetos Associados/1986

José Eduardo de Assis Lefèvre

Léa Vitória Lefèvre

FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação (adequação/1997)

Hélia Maria Vendramini Neves

Mirela Geiger de Mello

Estrutura

Matheus Luiz Liguori/1986

LY Engenharia e Projetos S/C Ltda. (adequação/1997)

Osvaldo Yuji Yamaguti

Parecer Técnico de Fundações

Zaclis Salvoni Engenheiros Associados S/C Ltda.

Efraim Zaclis

José Luiz Salvoni

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

ETIP Projetos de Engenharia S/C Ltda./1986

Airton de Souza Lobo Vianna

TCRE Engenharia Ltda. (adequação/1997)

Turibio Cezar A. Filho

Pintura Decorativa/Prospecção

KRM

Kátia Regina Magri

Sidney José Fischer

Construtora/Ano

Projecen Construções e Comercio Ltda./1998

Fiscalização FDE

Luiz Eduardo dos Santos

EETPSG DR. FLAMÍNIO LESSA

Rua Tamandaré, 145 - Guaratinguetá

Arquitetura/Pesquisa Histórico/Iconográfica

TRAMA Projetos e Administração S/C Ltda.

José Rollemberg Mello Filho

Wanderlei Ariza

Estrutura

EPEL Engenharia e Projetos Estruturais Ltda.

Jorge Kamogawa

Parecer Técnico de Fundações

Washington Alberto de Oliveira Barreto

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

ELTEN Engenharia Ltda.

Francisco de Paula Stevanato

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Kátia Regina Magri

Sidney José Fischer

Construtora/Ano

GTG Engenharia e Construções Ltda./1994

Fiscalização FDE

Nelson Nassif de Mesquita

EETPSG CARDOSO DE ALMEIDA

Praça Prof. Pedro Torres, s/nº. - Botucatu

Arquitetura

Acervo Assessoria Restauração Projetos S/C Ltda.

Luis Antonio Cambiaghi Magnani

Pesquisa Histórico/Iconográfica

Maria Lucia Pinheiro Ramalho

Sílvia Ferreira S. Wolff

Estrutura

AJ Frontini Engenheiros Associados

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

KML Engenharia e Projetos S/C Ltda.

Roberto Lúcio de Oliveira

Sérgio Kater

APEX Instalações Hidráulicas e Elétricas

Pintura Decorativa

Prospecção: Júlio Moraes

Execução: Kátia Regina Magri e Sidney José Fischer

Construtora/Ano

JCM Projeto e Construções Ltda./1994

Fiscalização FDE

José Beltrando Tórcia

EESG DR. ÁLVARO GUIÃO

Avenida São Carlos, 2190 - São Carlos

Arquitetura

Anália Maria Marinho de Carvalho Amorim

Benedito Lima de Toledo (consult.)

Bernardo José Castello Branco (consult.)

Estrutura

Federal Engenharia S/C Ltda.

José Carlos Peres

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

Federal Engenharia S/C Ltda.

Celso Leal

Ricardo Pereira

Pintura Decorativa/Prospecção e Execução

Kátia Regina Magri

Paulo Elias Sobrinho

Sidney José Fischer

Construtora/Ano

Comercial Construtora Torello - Dinucci Ltda./1991

Fiscalização FDE

Luiz Carlos Nogueira Silveira

EETPSG DR. FRANCISCO THOMAZ DE CARVALHO

Praça Dr. Carvalho, 281 - Casa Branca

Arquitetura

FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação

Mirela Geiger de Mello

Instalações Elétricas

FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação

Ruriko Mariti

Pintura Decorativa/Prospecção

KRM

Cláudia Yamada Araújo

Kátia Regina Magri

Sidney José Fischer

Construtora/Ano

Cozac Engenharia e Construções Ltda./1998

Fiscalização FDE

Alex Nagibe Moussa

EETPG PROF. JON TEODORESÇO

Avenida Tiradentes, 46 - Itanhaém

Arquitetura

Vilanova Artigas SCL

Júlio Camargo Artigas

Alvaro Puntoni

Estrutura

Puleo e Bentes Engenharia de Estruturas

Ibsen Puleo Uvo

Parecer Técnico de Fundações

Cepollina Engenheiros Consultores S/C Ltda.

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

Sandretec Sociedade Civil de Engenharia

Mary Hashiguchi

Minoru Yamamoto

Construtora/Ano

Flasa Engenharia e Construções Ltda. (obra em andamento - 1998)

Fiscalização FDE

Rubens Farinelli

EETPSG CONSELHEIRO CRISPINIANO

Avenida Arminda de Lima, 75 - Guarulhos

Arquitetura

Escritório Abrahão Sanovicz S/C Ltda.

Augusto Rittes Garcia (colab.)

José Carlos C. Olzon (colab.)

Wagner Tadeu Benatti (colab.)

Estrutura

ETALP - Escritório Técnico Arthur Luiz Pitta Engenheiros Associados

Fausto Amadeu Francisco Favale

Parecer Técnico de Fundações

Zaclis Salvoni Engenheiros Associados S/C Ltda.

Efraim Zaclis

Frederico F. Falconi

Instalações Hidráulicas, Elétricas e Incêndio

Sandretec Sociedade Civil de Engenharia

Mary Hashiguchi

Minoru Yamamoto

Recuperação da Pintura Mural - Paineis de Mário Gruber

Kátia Regina Magri

Sidney José Fischer

Construtora/Ano

Coneng Engenharia Ltda./1995

Fiscalização FDE

Pedro Huet de Oliveira Castro

Escolas Citadas

1890 - 1920: As escolas pioneiras da República

Escola Normal Caetano de Campos, Consolação - SP Praça da República, 53 - atual Secretaria Estadual da Educação	EEPSG Peixoto Gomide, Itapetininga Avenida Peixoto Gomide, 198
Escola Modelo da Luz, Luz - SP Avenida Tiradentes, 273 - Prédio demolido	EEPG Marechal Floriano, Vila Mariana - SP Rua Dona Júlia, 37
Grupo Escolar do Brás, atual EEPG Romão Puiggari, Brás - SP Avenida Rangel Pestana, 1482	EEPG Dr. Cardoso de Almeida, Botucatu Praça Prof. Pedro Torres s/nº.
EEPSG Barão do Rio Branco, Piracicaba Rua Ipiranga, 924	EEPSG Dr. Almeida Vergueiro, Espírito Santo do Pinhal Praça das Bandeiras, 162
EEPG Dr. Júlio Mesquita, Itapira Rua Campos Salles, 35	EMEF Dr. Augusto Reis, São Manoel Avenida Irmãs Cintra, 925
EEPSG Dr. Alfredo Pujol, Pindamonhangaba Rua Barão Homem de Mello, 63	EEPG Barão de Monte Santo, Mococa Praça Ademar de Barros, 181
EEPG Vaz Caminha, Iguape Rua Capitão Dias, 187	EEPG Conde Moreira Lima, Lorena Rua Rodrigues de Azevedo, 436
EEPG Cel. Flamínio Ferreira de Camargo, atual Biblioteca e Casa da Cultura, Limeira Rua Boa Morte, 471	Escola do Brás, atual EEPG Padre Anchieta, Brás - SP Rua Visconde de Abaeté, 154
EEPG Dr. Cesário Bastos, Santos Praça Narciso de Andrade, s/nº.	EEPG Conselheiro Antonio Prado, Barra Funda - SP Rua Vitorino Carmilo, 621
EEPG Rangel Pestana, Amparo Praça Dr. Meirelles Reis, 153	EEPSG Anhanguera, Lapa - SP Rua Antônio Raposo, 87
Grupo Escolar da Liberdade, Liberdade - SP Rua Conde de São Joaquim, 288 - atual Prédio Vago	Grupo Escolar de Guaratinguetá, atual EEPG Dr. Flamínio Lessa, Guaratinguetá Rua Tamandaré, 145
Escola Normal de Piracicaba, atual EESG Sud Mennucci, Piracicaba Rua São João, 1121	EEPSG Cardoso de Almeida, Botucatu Praça Prof. Pedro Torres, s/nº.
EEPG Convenção de Itú, Itú Praça Conde de Parnaíba, 422	EEPSG Prof. José Jorge Neto, Analândia Avenida Dois, 315
Escola Normal de Pirassununga, atual EEPG Pirassununga, Pirassununga Rua José Bonifácio, 325	Escola Normal de São Carlos, atual EESG Dr. Álvaro Guião, São Carlos Avenida São Carlos, 2190

EEPSG Conselheiro Rodrigues Alves, Guaratinguetá Rua Visconde de Guaratinguetá, 224	EEPSG Carlos Gomes, Campinas Avenida Anchieta, 80
EEPSG Dr. Francisco Thomaz de Carvalho, Casa Branca Praça Dr. Carvalho, 281	EEPG Marechal Floriano, Vila Mariana - SP Rua Dona Julia, 37
EEPG Pedro II, Perdizes - SP Rua Marta, 33	EEPSG Marechal Deodoro, Bom Retiro - SP Rua dos Italianos, 405
EEPSG Rodrigues Alves, Vila Mariana - SP Avenida Paulista, 227	

1936: A Introdução da Modernidade nas Escolas da Capital

EEPG Profª. Marina Cintra, Consolação - SP Rua da Consolação, 1289	EEPSG Godofredo Furtado, Jardim Amércia - SP Rua João Moura, 727
EEPG Padre Manoel da Nóbrega, Nossa Senhora do Ó - SP Avenida Itaberaba, 145	EEPG Visconde Congonhas do Campo, Tatuapé - SP Rua Tuiuti, 2051
EEPG Silva Jardim, Tucuruvi - SP Avenida Tucuruvi, 724	EEPG Princesa Isabel, Saúde - SP Rua Ibirarema, 341

1950: Convênio Escolar - A Disseminação da Arquitetura Moderna

EEPSG Pedro Alexandrino, Tucuruvi - SP Rua Imbirás, 49	EEPSG Nossa Senhora da Penha, Penha - SP Rua Padre Benedito de Camargo, 762
EEPG Pandiá Calógeras, Alto da Móoca - SP Avenida Paes de Barros, 1025	EEPG Prudente de Moraes, Santa Efigênia - SP Avenida Tiradentes, 273
EEPG Brasília Machado, Vila Madalena - SP Rua Morás, 630	EEPG Prof. José Carlos Dias, Casa Verde - SP Rua Vichy, 488
EEPG Visconde de Taunay, Bairro do Limão - SP Avenida Prof. Celestino Bourroul, 304	EEPG Dr. Reinaldo Ribeiro da Silva, Lapa - SP Avenida Embaixador Macedo Soares, 10.935
EEPSG Dr. Murtinho Nobre, Cambuci - SP Rua Ouvidor Portugal, 789	

1960: O Impulso Renovador nas Escolas do IPESP

EEPSG Conselheiro Crispiniano, Guarulhos Avenida Arminda de Lima, 75	EEPSG Prof. Jon Teodoresco, Itanhaém Avenida Tiradentes, 46
EEPSG Prof. Adamastor de Carvalho, Santo André Avenida Utinga, 1100	

Bibliografia

ABREU, João Clodomiro B. de. Grupo Escolar em Presidente Prudente, SP. Acrópole, São Paulo, n. 340, p. 34-36, jun. 1967.

_____. Grupo Escolar em Santos. Acrópole, São Paulo, n. 316, p. 21-23, abr. 1965.

ÁLVARES, Livia. Arquitetura, política e paixão, a obra de um humanista. A Construção São Paulo, São Paulo, n.1910, p. 14-22, 17 set. 1984.

AMADEI, José. O convênio escolar. Engenharia municipal, s. L., n. 14, p. 7-9, jul./set. 1959.

_____. O que é o convênio escolar. Habitat, São Paulo, n. 4, p. 3, 1951.

AMARAL, Aracy. As posições dos anos 50: entrevista de Vilanova Artigas. Projeto, São Paulo, n. 109, p. 95-102, abr. 1988.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. Caminhos da arquitetura. 2. ed. São Paulo: Pini, Fundação Vilanova Artigas, 1986.

_____. Ginásio Estadual de Guarulhos. Acrópole, São Paulo, n. 281, p. 156-157, abr. 1962.

_____. Ginásio Estadual de Utinga. Acrópole, São Paulo, n. 377, p. 20-23, set. 1970.

_____. Sobre escolas... Acrópole, São Paulo, n. 377, p. 10-13, set. 1970.

ARTIGAS, João Batista Vilanova; CASCALDI, Carlos. Ginásio Estadual de Guarulhos. Acrópole, São Paulo, n. 259, p. 171-173, maio 1960.

_____. Ginásio Estadual de Itanhaém. Acrópole, São Paulo, n. 271, p. 241-243, jun. 1961.

BARDI, Lina Bo. Primeiro: escolas. Habitat, São Paulo, n. 4, p. 1, 1951.

BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAMARGO, Mauro Alvaro de Souza. Projectos de grupos, escolas reunidas e ruraes. São Paulo: Casa Espindola, 1920.

CHÂTELET, Anne-Marie. Paris à l'école "qui a eu cette idée folle..." Paris: Pavillon de l'Arsenal, Picard, 1993.

CINTRA, Luís Carlos. A evolução da estrutura administrativa da Secretaria da Agricultura: 1889/1930: Cadernos Fundap, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 21-29, maio 1985.

COLÉGIO Estadual da Penha, SP.: projeto de Eduardo Corona. Habitat, São Paulo, n.13, p. 19-21, dez. 1953.

CONESP. Relatório 75/79. São Paulo: CONESP, 1979.

CONFERÊNCIA NACIONAL DA EDUCAÇÃO, 3., set. 1929, São Paulo. Edifícios escolares. s.n.t.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. São Paulo: Edart, 1972.

CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; MELLO, Mirela Geiger de; NEVES, Hélia Maria Vendramini. Arquitetura escolar paulista 1890 - 1920. São Paulo: FDE, 1991.

DOURADO, Guilherme Mazza. Dois novos velhos conhecidos. Projeto, São Paulo, n. 160, p. 90-91, jan. 1993.

DUARTE, Helio. O problema escolar e a arquitetura. Habitat, São Paulo, n. 4, p. 4-6, 1951.

ENTREVISTA concedida pelo arquiteto Eduardo Corona realizada em 05 de fevereiro de 1993. In: ORNSTEIN, Sheila Walbe; BORELLI NETO, José (Coord.) O desempenho dos edifícios da rede estadual de ensino: o caso da Grande São Paulo; avaliação técnica – primeiros resultados. São Paulo: FAUUSP, 1993. p. 54-68.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, FDE, 1994.

FERRAZ, Geraldo. Warchavchik e a introdução da arquitetura no Brasil: 1925 a 1940. São Paulo: MASP, 1965.

FERREIRA, Avany de Francisco. A escola primária na França e no Estado de São Paulo/Brasil: 1870-1914. Nancy, 1991.

FERREIRA, Avany Francisco; MELLO, Mirela Geiger de. Escolas paulistas: a introdução da modernidade nos anos 30. Projeto, São Paulo, n. 179, p. 91-95, out. 1994.

HAHNE, Celso. Dez anos de atividades. Engenharia Municipal, s. L., n. 13, p. 9, abr./jun.1959.

INFANTOSI, Ana Maria. A escola na República Velha. São Paulo: EDEC, 1983.

LEMOS, Carlos A.C. Alvenaria burguesa. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1989.

_____. Arquitetura brasileira. São Paulo: Melhoramentos, Edusp, 1979.

_____. Arquitetura contemporânea. In: ZANINI, Walter (Org.) História geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. v. 2. p. 823-865.

_____. Artigas, o mestre. A Construção São Paulo, São Paulo, n. 1910, p. 16-17, 17 set. 1984.

_____. Ramos de Azevedo e seu escritório. São Paulo: Pini, 1993.

_____. Vilanova Artigas. Pauta Cultural, São Paulo, v.1, n. 8, jun. 1985.

LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. Arquitetura e educação. Coordenado por Sergio de Souza Lima. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

MORSE, Richard M. Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

MOTTA, Flávio L. Contribuição ao estudo do art nouveau no Brasil. São Paulo, 1957. Tese (Cátedra: História da Arte e Estética) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo.

NAGLE, Jorge. A educação na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.) História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1978. t. 3, v. 2, p. 259-291.

NEVES, J. M. da Silva. Mestres da arquitetura neo-clássica, do “estilo colonial” e da “arquitetura tradicional brasileira”. Depoimentos, São Paulo: Centro de Estudos Brasileiros, n. 1, p. 26-31, 1960.

OUTRAS arquiteturas do convênio escolar. Habitat, São Paulo, n. 9, p. 4-8, 1952.

ROCHA, Paulo Mendes da. Edifícios escolares: comentários. Acrópole, São Paulo, n. 377, p.35, set. 1970.

ROCHA, Paulo Mendes da; GENNARO, João de. Grupo Escolar de Campinas, SP. Acrópole, São Paulo, n. 342, p. 24-25, ago. 1967.

_____. Grupo Escolar em São Bernardo, SP. Acrópole, São Paulo, n. 342, p. 29, ago. 1967.

_____. Grupo Escolar de São José dos Campos, SP. Acrópole, São Paulo, n. 342, p. 21-23, ago.1967.

SALMONI, Anita; DEBENEDETTI, Emma. Arquitetura italiana em São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1981.

SANCOVSKY, Israel (Coord.) Ruy Gama. In: ARQUITETURA e desenvolvimento nacional: depoimentos de arquitetos paulistas. São Paulo: Pini, IAB, s. d. p. 31-35.

SANTOS, Lena Coelho. Fragmentos de um discurso complexo: depoimento de Vilanova Artigas. Projeto, São Paulo, n. 109, p. 92-94, abr. 1988.

_____. Um paulista carioca: depoimento de Abelardo de Souza. Projeto, São Paulo, n. 105, p. 140-143, nov. 1987.

SÃO PAULO (Estado) Governador (1959-1963: Carvalho Pinto) Mensagem apresentada pelo governador Carlos Alberto A. de Carvalho Pinto à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, em 14 de março de 1959. São Paulo: s. n., 1959.

_____. Mensagem apresentada pelo governador Carlos Alberto A. de Carvalho Pinto à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, em 14 de março de 1962. São Paulo: s. n., 1962.

SÃO PAULO (Estado) A edificação escolar em São Paulo. São Paulo: Directoria Geral do Ensino, 1934.

SÃO PAULO (Estado) Directoria do Ensino. Directoria de Obras Públicas. Novos prédios para grupo escolar. São Paulo, 1936.

SAWAYA, Silvana Therezinha. Arquitetura déco na cidade de São Paulo. São Paulo: FAUUSP, 1982. Trabalho de Graduação Interdisciplinar.

SCHNEIDER, Maurício Tuck. Grupo Escolar no Guarujá. Acrópole, São Paulo, n. 318, p. 28-30, jun. 1965.

SEGAWA, Hugo. Arquitetos peregrinos, nômades e migrantes. In: ARQUITETURAS no Brasil anos 80. São Paulo: Projeto, 1988. p. 9-13.

_____. Disseminando a linguagem arquitetônica carioca em São Paulo. Projeto. São Paulo, n. 105, p. 143, nov. 1987.

_____. Hélio Duarte (1906-1989): moderno e peregrino. Projeto, São Paulo, n. 131, p. 51, maio 1990.

SILVA, Helena Aparecida Ayoub. Conceitos, processos e métodos presentes na elaboração do projeto de arquitetura. São Paulo, 1988. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo.

SILVEIRA, José. O admirável (e quixotesco) Hélio Duarte. Projeto, São Paulo, n. 131, p. 52, maio 1990.

TEIXEIRA, Anísio S. Educação não é privilégio. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Nacional, 1968.

_____. Um presságio de progresso. Habitat, São Paulo, n. 4, p. 2, 1951.

THOMAZ, Dalva. Vilanova Artigas. AU: arquitetura e urbanismo, São Paulo, v. 9, n. 50, p. 77-90, out./nov. 1993.

VAZ, Rita de Cássia Neves. As escolas públicas paulistas: 1934-1937. São Paulo: FFAUSP, 1989. Trabalho da disciplina AAU 815/89.

VILANOVA Artigas: arquitetos brasileiros. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardí, FVA, 1997.

WOLF, José. Uma pedra no caminho...: depoimento de Abrahão Sanovicz. AU: arquitetura e urbanismo, São Paulo, v. 4, n. 17, p. 55-56, abr./maio 1988.

_____. Uma pedra no caminho...: depoimento de Ruth Verde Zein. AU: arquitetura e urbanismo, São Paulo, v. 4, n. 17, p. 54-55, abr./maio 1988.

_____. O “Último Imperador”: depoimento de Edgar Dente. AU: arquitetura e urbanismo, São Paulo, n. 18, p. 74-76, jun./jul. 1988.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. Arquitetura moderna São Paulo: Pini, 1983.

Arquivos, bibliotecas e acervos fotográficos

Acervo Fotográfico Elvin Mackay Dubugras - Brasília
Companhia Paulista de Obras e Serviços - CPOS (acervo do DOP)
Departamento de Edificações da Prefeitura Municipal de São Paulo - EDIF

Departamento de Patrimônio Histórico - Divisão de Iconografia e Museus - PMSP
Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE

Crédito das Fotografias

As letras ao lado dos números indicam a posição das fotografias na página, da esquerda para a direita, de cima para baixo.

André Hyakutake : 20e, 52a

Carlos Kipnis: 20f, 24efg, 30fg, 33cdg, 42, 43, 45ab, 46, 47ab, 48ab, 49abc, 50ab, 51ab, 52b, 53abc, 54abc, 55ab, 56abc, 57, 65, 67, 68, 69abc, 70ab, 79ab, 81, 82ab, 83ab, 84ac, 85abc, 86b, 89b, 91, 93, 95, 96b, 97abc, 98abc, 99, 101c, 103abc, 104ab, 105ab, 106, 107, 108ab, 109ab, 111, 113ab, 114abc, 115, 117, 119, 120ab, 121abc, 122, 123, 127, 128, 129ab, 130, 131ab, 133a, 135, 136c, 137a, 138, 139, 140, 151, 152bc, 153a, 154ab, 155abc, 156abc, 157, 159abcd, 165, 166abc, 167abc, 168, 169, 171, 173, 175ab, 176, 177ab, 178abc, 179, 181, 182, 183abc, 184ab, 185, 186, 187, 191ab, 192ab, 193ab, 194abc, 195, 196, 197abc, 198, 199, 200, 201, 203, 205, 206abc, 207, 208ab, 209, 213b, 219ab, 220ab, 221, 222abc, 223ab, 224, 225

João Musa: 20d, 71, 72, 73

José Reinaldo Magalhães: 61, 87, 89ac, 90abc, 145ab, 146abc, 147ab

Júlio Artigas: 213a

Moara: 133b, 136ab, 137bc, 141ab

Omar Dalank: 215b (perspectiva computadorizada)

Samuel Kruchin: 152a, 153bc, 154c

Acervo EDIF: 30a

Acervo Elvin Dubugras. Álbum Projetos e Obras Públicas de Victor Dubugras: 19c

Acervo FDE: 29a, 30de, 83c, 84b, 96ac

Acervo Fundação Vilanova Artigas: 33ab

Acervo DOP-CPOS: 19de, 20c, 23cdef, 24abcd

Acervo DPH: 19a

Álbum da 3 a Conferência Nacional da Educação 1929: 19f, 20ab

Álbum de Construções. Escriptório Técnico do Eng. Arch. F. P. Ramos D’Azevedo: 19b

Novos Prédios para Grupos Escolares: 23ab

Revista Acrópole 281: 33efh

Revista Habitat 4: 26abce, 29bcdef

Revista Habitat 13: 30bc

São Paulo Fastest Growing City in the world: 26d

Agradecimentos

Agradecemos aqui às pessoas que contribuíram para a realização desta publicação:

Ernest Mange, Roberto Tibau,
Silvio Breno de Souza Santos, Telésforo Cristófani
e aos nossos colegas da FDE.

ISBN 85-87028-01-4

Catálogo na Fonte: FDE/SID

Arquitetura escolar paulista: restauro /

A772 Avany De Francisco Ferreira, Maria Elizabeth Peirão Corrêa, Mirela Geiger de
Mello (organizadoras). - São Paulo : FDE, 1998.
236 p.

1. Arquitetura 2. Restauração de edifício 3. Prédio escolar 4. Patrimônio
histórico 5. São Paulo (Estado) I. Ferreira, Avany De Francisco. II. Corrêa, Maria
Elizabeth Peirão. III. Mello, Mirela Geiger de. IV. Fundação para o
Desenvolvimento da Educação. Diretoria de Obras e Serviços.

CDU: 727.1.025.4 (816.1)



SECRETARIA
DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO



FUNDAÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA
EDUCAÇÃO